

PADRE MATTHIAS GAUDRON FSSPX

# CATECISMO CATÓLICO

DA

CRISE NA IGREJA

## **ABREVIATURAS**

AAS: *Acta Apostolicae Sedis*.

DC: *La Documentation Catholique* – A Documentação Católica

DTC: Vacant e Mangenot, *Dictionnaire de théologie catholique* – *Dicionário de teologia católica*, Paris, Letouzey et Ané, 1909.

DS: H.Denzinger e A. Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, 36ª edição, Barcelona-Fribourg-Roma, Herder, 1976. Edição bilíngüe latim-francês (aumentada com os textos conciliares e pós-conciliares), sob a direção de Peter Hünermann, Paris, Cerf, 1996.

EPS-Égl: *Enseignements pontificaux* (Solesmes), *L'Eglise*, Desclée. – Ensinamentos pontifícios.

EPS-PIN: *Enseignements pontificaux* (Solesmes), *La Paix Intérieure des Nations*, Desclée. – Ensinamentos pontifícios.

FC: Dumeige, *La foi catholique* – *A Fé Católica*, Paris, Ed. De l'Orante, 1961.

ORLF: *L'Osservatore Romano* em língua francesa.

PL: Patrologia Latina de Migne.

PG: Patrologia Grega de Migne.

## *A Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*

Indicam-se as partes por I, I-II, II-II, III, Suppl.; as questões por “q.”; os artigos por “a.” e as objeções por “ad.”. Ex: I-II, q.10, a.3, ad.1.

### Sagrada Escritura

Numeram-se os capítulos com algarismos arábicos. O versículo é indicado depois de uma vírgula. Foram utilizadas as abreviaturas da Bíblia de Jerusalém.

At: Atos dos Apóstolos

Ap: Apocalipse de São João

1Cor: primeira epístola aos Coríntios

2Cor: segunda epístola aos Coríntios

Dn: Livro de Daniel

Gl: Epístola aos Gálatas

Jo: Evangelho segundo São João

1Pd, 2 Pd: Epístolas de São Pedro.

Hb: Epístola aos Hebreus

Lc: Evangelho segundo São Lucas

Mc: Evangelho segundo São Marcos

Mt: Evangelho segundo São Mateus.

Fl: Epístola aos Filipenses

1Rs, 2Rs, 3Rs, 4Rs: primeiro a quarto Livros dos Reis. **[OBS: na maioria das Bíblias em português temos 1Rs, 2Rs, 1Cr, 2Cr (Crônicas).]**

Rm: Epístola aos Romanos.

Ts: Epístola aos Tessalonicenses

1Tm: primeira epístola a Timóteo

2Tm: segunda epístola a Timóteo.

## NOTA DOS EDITORES FRANCESES

O presente catecismo constitui a versão francesa do *Katolischer Katechismus zur kirchlichen Krise* redigido pelo Padre Matthias Gaudron, professor do seminário da Fraternidade Sacerdotal São Pio X em Zaitzkofen, na Alemanha.

A versão original foi editada em 1997 pelas Edições *Rex Et Regnum*, com um prefácio do Padre Franz Schmidberger. O seu texto foi traduzido, atualizado, completado e adaptado à situação francesa por *Le Sel de La Terre* (publicado nos números 48 a 57 desta Revista).

Cada pergunta é seguida por uma primeira resposta; depois, de uma série de perguntas e respostas em letras menores que vêm justificar e precisar a resposta geral.

## PREFÁCIO

A publicação deste “Catecismo Católico da Crise na Igreja” constitui um acontecimento importante na história da resistência católica contra a revolução religiosa que se introduziu na Igreja por ocasião da reunião do Concílio Vaticano II. É o sinal de uma reflexão que - apesar da proliferação da heresia e da confusão sempre crescente do Pensamento - foi suficientemente aprofundada para procurar a exaustividade e para oferecer uma apresentação sistemática sob a forma de um verdadeiro catecismo.

Primeiro trabalho do gênero, sobre a questão, segundo nosso conhecimento, este “Catecismo” quer corresponder a uma necessidade ardorosa de numerosos fiéis, preocupados em conservar e em transmitir, contra o vento e a corrente, o tesouro da Fé nesta época de trevas. Se não faltam livros, estudos e artigos que analisaram a Crise da Igreja, suas causas e suas conseqüências, compreende-se o desejo legítimo de muitos de ter acesso a uma obra de referência que traz respostas claras e concisas a todas as perguntas suscitadas pela mais terrível das crises à qual a Igreja já tenha se achado confrontada.

Não que este catecismo pretenda se substituir a tudo que foi escrito anteriormente sobre este assunto. Nada poderá tomar o lugar da leitura dos escritos de um Monsenhor Lefebvre, de um Romano Amerio ou dos grandes tenores de nosso combate. Trata-se somente, aqui, de dar a primeira resposta, elementar, e de poder encontrá-la rapidamente quando, por exemplo, a objeção nos for apresentada. Mas é

claro que esta leitura não toma o posto de todo um trabalho de aprofundamento e de amadurecimento sempre a empreender.

No amanhecer do Motu Proprio de 07 de julho de 2007, a utilidade deste catecismo nos aparece mais viva ainda. Fica mais manifesto, com efeito, depois desse texto, que nossa luta pela conservação da Fé não se limita à única questão da Missa . Ou, diremos melhor, uma vez que a missa é a expressão da Fé, que ela nos ponha no dever de remontar às razões teológicas que, sozinhas, dão a verdadeira chave das variações litúrgicas.

Os anos que virão serão sem dúvida de aumento crescente da confusão dos espíritos. Padres desorientados retornarão à celebração da Missa de São Pio V, porque se distanciarão da liturgia que esvaziou suas igrejas, sem, no entanto, compreender toda profundidade do combate doutrinal e de todos os seus riscos.

É importante então precaver-se dos perigos que possam provir de uma certa retomada da liturgia tradicional no aspecto em que não é acompanhada de uma renúncia aos erros mortíferos do Concílio. Além disso, esta preocupação em fornecer as explicações das posições da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e das comunidades que lhe são ligadas na crise da Igreja servirá – não duvidamos - para ajudar também padres e fiéis no encaminhamento doutrinal que deve, logicamente, seguir-se a seu retorno litúrgico.

Exprimimos nosso reconhecimento a nosso confrade, reverendo Padre Gaudron, professor em nosso seminário alemão, pelo seu interesse neste trabalho, todo ele inspirado por seu zelo pelas almas. Agradecemos igualmente ao convento dos dominicanos de Avrillé por ter dado a este trabalho uma publicação na sua revista em vários artigos sucessivos, e por nos oferecer, aliás, esta edição completa.

Desejamos de todo coração que este catecismo conheça a maior difusão e faça todo o bem a que, dele, tenha-se direito de esperar.

No Coração Doloroso e Imaculado de Maria,

Padre Régis de Cacqueray,  
Superior do Distrito da França da Fraternidade Sacerdotal São Pio X

# CAPÍTULO I

## A CRISE NA IGREJA

### *1. Há hoje uma crise na Igreja ?*

Seria preciso cobrir os olhos para não ver que a Igreja Católica sofre uma grave crise. Esperava-se, nos anos sessenta, na época do Concílio Vaticano II, uma nova primavera para a Igreja, mas foi o contrário que aconteceu. Milhares de padres abandonaram seu sacerdócio; milhares de religiosos e de religiosas retornaram à vida secular. Na Europa e na América do Norte, as vocações se tornam raras, e não se pode nem mais computar o número de seminários, conventos e casas religiosas que tiveram que fechar. Muitas paróquias permanecem sem padre e as congregações religiosas devem abandonar escolas, hospitais e asilos para idosos. “Por alguma fissura, a fumaça de Satanás entrou no Templo de Deus” – essa era a queixa do Papa Paulo VI em 29 de junho de 1972<sup>1</sup>.

*+ Sabe-se quantos padres abandonaram seu sacerdócio nos anos sessenta ?*

No conjunto da Igreja, entre 1962 e 1972, 21.320 padres foram reduzidos ao estado leigo. Não estão incluídos neste número aqueles que negligenciaram pedir uma

---

<sup>1</sup> DC nº 1631(1972), p.658.

redução oficial ao estado leigo<sup>2</sup>. Entre 1967 e 1974, trinta a quarenta mil padres teriam abandonado sua vocação. Esses fatos catastróficos podem, com algum esforço, ser comparados com os acontecimentos que acompanharam a auto-intitulada “Reforma” protestante do século XVI.

+ *Há um desastre análogo nas congregações religiosas ?*

Quebec, província francófona do Canadá, era, no início dos anos sessenta, a região que contava, proporcionalmente, com mais religiosas no mundo. O Cardeal Ratzinger conta, precisando que é só um exemplo:

*“ Entre 1961 e 1981, por causa das saídas, dos falecimentos e da paralisação do recrutamento, o número de religiosas passou de 46933 para 26294. Uma queda de 44%, que parece impossível de frear. As novas vocações, com efeito, diminuíram durante o mesmo período ao menos 98,5%. Verifica-se então que uma boa parte dos 1,5% restante é constituída por “vocações tardias”, e não por juvenzinhos. Ao ponto que as simples previsões permitem a todos os sociólogos se porem de acordo sobre esta conclusão brutal, porém objetiva: Daqui a pouco (salvo reversão de tendência muito improvável, ao menos ao olhar humano), a vida religiosa feminina tal como conhecemos não será mais que um souvenir do Canadá”<sup>3</sup>*

+ *A situação não melhora hoje, e não se poderia considerar que a crise agora ficou para trás ?*

Havia na França, nos anos cinquenta, por volta de mil ordenações sacerdotais por ano. Desde os anos noventa, não há mais de cem por ano. Havia 41000 padres diocesanos na França em 1965. Não havia mais de 16859 em 2004, e a maioria tem mais de 60 anos. O número de religiosos no mundo continua a diminuir<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> May, Georg, *Die Krise der nachkonziliaren Kirche und wir*, Viena, Mediatix-Verlag, 1979, p.50.

<sup>3</sup> Entrevista do Cardeal Ratzinger a Vittorio Messori, publicado em francês com o título *Entrevistas sobre a Fé*, Paris, Fayard, 1985, p.117-118.

<sup>4</sup> *Deutscher Tagespost*, 13 de agosto de 1998.

+ *Esta crise atinge também aos fiéis ?*

Em 1958, 35% dos franceses assistiam à missa dominical: hoje, são menos de 5%, e freqüentemente são idosos. Em 1950, mais de 90% das crianças nascidas na França eram batizadas; hoje, menos de 50% o são.

+ *Não há, porém, um aumento, na França, de Batismos de adultos ?*

Alguns milhares de Batismos de adultos não seriam capazes de compensar uma baixa de centenas de milhares de Batismos de crianças ( ainda mais porque a perseverança dos novos batizados deixa normalmente muito a desejar).

+ *O caso da França é realmente característico ?*

Encontra-se o mesmo desinteresse pela Igreja pela Europa. Entre 1970 e 1993, 1.9 milhões de alemães oficialmente abandonaram a Igreja Católica. O ódio ou a cólera não são os motivos mais freqüentes, mas tão simplesmente a indiferença. A Igreja não quer dizer mais nada aos homens, não tem mais importância em suas vidas; abandona-se a Igreja, para economizar o imposto eclesiástico. Neste ritmo, a religião católica vai virar a religião de uma pequena minoria. A Alemanha, segundo um dito de Karl Rahner, corre o perigo de virar uma terra pagã de passado cristão com alguns vestígios de Cristianismo.

+ *Não se pode dizer que esta terrível crise é apenas local, atingindo a Europa Ocidental e a América do Norte, mas poupando a América Latina, a África e a Ásia, onde, ao contrário, o Catolicismo parece particularmente dinâmico ?*

Algumas cifras poderiam fazer crer que a crise é só local. O Anuário Pontifício sublinha que o aumento de ordenações e de seminaristas nos países de Terceiro Mundo compensa grandemente a baixa constatada nos países ocidentais. Na realidade, a crise é universal, mesmo se não se manifeste por toda parte do mesmo modo ( os países pobres, onde o sacerdócio representa ascensão social, recrutam muito facilmente vocações; mas de qual qualidade ?) A América Latina, por exemplo, que

passa por bastião do Catolicismo, está atualmente em vias de passar ao protestantismo, mais rapidamente do que a Alemanha do século XVI.

+ *Temos estatísticas para ilustrar essa protestantização da América Latina ?*

Às vésperas de Vaticano II, 94% dos brasileiros eram católicos. Não eram mais que 89% em 1980; 83% em 1991; 74% em 2000 ( e menos de 60% nas grandes cidades: São Paulo e Rio). Os protestantes, que representavam 3% da população em 1900, são atualmente 18% e seu número não pára de crescer ! Cinco igrejas pentecostais são criadas em média no Rio de Janeiro a cada semana. O padre Franc Rodé, Secretário do Conselho Pontifical para o Diálogo com os não-crentes, estimava que em 1993 a Igreja perdia 600.000 fiéis latino-americanos a cada ano. Outras fontes fornecem estimativas mais graves ainda: 8000 católicos passariam a cada dia para as seitas<sup>5</sup>. Considera-se que, no Chile, desde 1960, 20% da população entrou para seitas protestantes; e, na Guatemala, cerca de 30% !

## **2. *Esta crise é uma crise de Fé ?***

**A Fé cristã parece em vias de desaparecer da Europa. As verdades fundamentais, como a fé em Deus, a Divindade de Jesus Cristo, o Céu, o Purgatório e o Inferno são cada vez menos aceitas. O mais inquietante é que esses artigos de Fé são negados mesmo por pessoas que se dizem católicas e freqüentam regularmente a igreja.**

+ *Temos números mais precisos para ilustrar esta crise de Fé ?*

Sem ser perfeitamente confiáveis, as sondagens são representativas das grandes tendências da sociedade. Segundo uma sondagem recente<sup>6</sup>, 58% dos franceses somente crêem na existência certa ou provável de Deus (contra 61% em 1994); 65% ( e 80% entre os jovens de 18 a 24 anos) dizem não crer de jeito nenhum num Deus em três Pessoas; e 67% não crêem de nenhum modo no Inferno ( contra 48% em 1994); 12% apenas dos católicos dizem ainda crer completamente no Inferno (16% crêem um

---

<sup>5</sup> Présent, 22 mai 1993.

<sup>6</sup> Sondage CSA – La Vie – Le Monde, realizada em março de 2003.

pouquinho; 72% não crêem nele). Mesmo entre os católicos praticantes regulares, os números são catastróficos: 23% apenas crêem firmemente no Inferno, enquanto 54% não crêem; ainda por cima, 34% desses praticantes regulares crêem completamente que Maomé é um profeta, enquanto que somente 28% não o crêem ( 35% crêem um pouquinho; os outros não sabem). Em 2006, apenas 7% dos católicos franceses achavam que sua religião era a única verdadeira<sup>7</sup>. “ Mede-se a amplitude da mudança se sabemos que a metade dos católicos pensavam em 1952 que existia uma só verdadeira religião” sublinha o sociólogo Yves Lambert<sup>8</sup>. Assim mesmo, 81, 3% dos católicos do Valais acham que todas as religiões levam à salvação eterna<sup>9</sup>.

+ *Que lição tirar das estatísticas ?*

Esses números manifestam que a crise é primeiro uma crise de Fé. Não somente o número daqueles que pensam pertencer à Igreja diminui, mas até a maioria daqueles que são oficialmente seus membros não possui mais a Fé Católica !!! Aquele que nega uma Verdade de Fé., perdeu a Fé, pois esta é um todo e deve ser recebida como um todo. Se, então, 72% se recusam a crer no Inferno, não há mesmo nem um católico para cada três que tenha a Fé.

### ***3. Esta crise é também uma crise moral ?***

**A crise dos costumes acompanha a crise de Fé. Enquanto São Paulo lembra aos cristãos que devem pela sua maneira de viver brilhar em meio a uma geração corrupta assim como as estrelas brilham no Universo (Fl 2,15), pode-se dizer que o gênero de vida dos cristãos atuais não difere em nada daquele dos filhos deste mundo, daquele dos incrédulos. Sua Fé fraca e esvaziada em sua substância não tem mais força para influenciar sua vida, ainda menos para transformá-la.**

---

<sup>7</sup> Sondagem CSA – Le Monde dès religions, octobre 2006.

<sup>8</sup> Reportado por l'INSEE, Donnés sociales – La société française (Ed. 2002-2003), estudo de Yves Lambert (do CNRS) sobre “ A Religião na França, dos anos sessenta aos nosso dias”. O autor nota que a grande ruptura remonta aos anos 1965, com um recuo tanto das atitudes quanto das práticas relacionadas à religião. A filiação religiosa resiste, porém, num primeiro momento e só conhece uma primeira queda nos anos 1975-76.

<sup>9</sup> Sondagem realizada pelo Instituto Link, setembro de 1990.

+ *Qual é a ligação normal entre a Fé e a Moral ?*

O homem enfraquecido pelo pecado original tem tendência de se abandonar a suas paixões, perdendo assim o domínio de si. A fé cristã, ao contrário, mostra-lhe o que Deus espera dele e como se deve conduzir a vida conforme Sua Vontade. O homem sabe pela Fé o que ele pode esperar se observar os Mandamentos de Deus, mas também as penas com as quais Deus o punirá se ele se desviar. A Fé e os Sacramentos dão-lhe a força para vencer suas más inclinações e para se entregar todo inteiro ao Bem e ao amor de Deus.

+ *Quais são as conseqüências morais de uma crise de Fé?*

Se a Fé desaparece, o homem não se vê mais chamado à perfeição moral e à vida eterna ao lado de Deus. Entregar-se-á sempre mais aos prazeres desregrados desta vida.

+ *A atual crise dos costumes também atinge aos católicos ?*

É o que nós experimentamos hoje. Fidelidade, pureza, justiça, espírito de sacrifício, etc. não são mais, até entre os cristãos, valores incontestáveis. Um casamento em três acaba hoje em divórcio depois de cinco ou de dez anos; é sabido que a segunda união depois do divórcio é demandada por um número cada vez maior de católicos. A revista *Herderkorrespondenz* de março de 1984 dava a conhecer que, no Tyrol católico, 84% da população rejeita o ensinamento da Igreja sobre a contracepção, e, que, dentre as pessoas de 18 a 30 anos, a plena adesão é quase nula (1,8%). No Valais, 81,5% dos católicos acham que as pessoas divorciadas e recasadas devem poder comungar<sup>10</sup>. Na França, em 2003, um quarto dos católicos praticantes declaram que, para eles, “ a idéia de pecado não significa mais grande coisa”.

#### ***4. Não há hoje também uma crise no clero ?***

**A falta de vocações sacerdotais e religiosas, tanto quanto as defecções manifestam uma crise profunda no clero. Muitos padres perderam a Fé; eles não estão mais em condições de comunicá-la e de entusiasmar os homens por ela.**

+ *Qual é a real ligação entre a crise de Fé e a Crise do clero ?*

---

<sup>10</sup> Instituto Link, 1990.

A crise do clero é a causa da crise de Fé entre os fiéis. Se a Fé dos católicos que assistem regularmente à missa dominical está num estado tão lamentável, a causa só pode vir duma pregação defeituosa. Se os padres ensinassem regularmente a Fé Católica, a situação seria toda outra. Os homens não perderam sozinhos a Fé, esta foi-lhes arrancada no catecismo e do alto do púlpito. Quando, no sermão, durante anos e anos, as Verdades de Fé são postas em xeque, relativizadas ou até negadas abertamente, como se surpreender se os simples fiéis perdem a Fé ? Os mais jovens até mesmo nunca a conheceram.

*+ Podeis dar um exemplo desse mau ensinamento dispensado pelo clero ?*

Hoje, não é raro que uma criança, ao fazer sua primeira Comunhão, ignora que Nosso Senhor Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente na Eucaristia; ignora porque seu pároco ele-mesmo não crê mais neste : Mistério. No “Como nós vivemos”, livro de instrução religiosa na Alemanha, pode-se ler: ‘Quando os cristãos partilham sua refeição com Jesus, vão ao altar. O padre lhes dá um pequeno pedaço de pão. Eles comem o pão.<sup>11</sup>’ Esse livro de ensino religioso recebeu o imprimatur dos Bispos alemães e por eles foi autorizado !

*+ A situação não é melhor na França ?*

Se 34% dos católicos praticantes regulares franceses crêem completamente que Maomé seja um profeta e 35% o creiam um pouquinho ( temos um total de 69%), nota-se que a cifra está muito mais baixa entre os católicos não praticantes ( 21% e 22% somando 43%). Sobre esse ponto, os não praticantes são então mais católicos do que os praticantes. Isso vem evidentemente do ensino dispensado nas igrejas. De fato, vários Bispos franceses deram igrejas aos muçulmanos e o Papa João Paulo II beijou o Corão em 14 de maio de 1999<sup>12</sup>.

*+ A crise do clero é também uma crise moral ?*

---

<sup>11</sup> Wie wir Menschen leben, Ein Religionsbuch, Herder, 1972, p.78. L'imprimatur foi dado em 17 de janeiro de 1972 pelo Vigário-Geral da diocese de Fribourg-en-Brigau, D.Schlund.

<sup>12</sup> Ver Le Sel de La Terre nº 31, p.186

A crise é antes uma crise de Fé, mas um clero cuja Fé é fraca não tem evidentemente mais a força de guardar o celibato, pois isso só é possível àquele que está animado de fé viva e de um grande amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não é um mistério para ninguém que grande número de padres entretenham hoje relações pecaminosas com uma mulher, de modo mais ou menos público; ouve-se regularmente que um padre abandonou seu posto, confessando que não guardava mais o celibato há anos. Nesse aspecto, a situação do clero do Terceiro Mundo, cujo número está em crescimento, não é, enfim, melhor...

+ *Essas defecções de padres não são voluntariamente propagandeadas pela mídia a fim de obter a supressão do celibato dos padres ?*

É evidente que o celibato afasta muitos jovens do sacerdócio; mas em lugar de polemizar esse assunto, seria preciso se perguntar por que numerosos homens ofereciam antigamente com alegria este sacrifício, enquanto que não é mais o caso hoje em dia.

##### **5. *Em que a presente crise difere daquelas que a Igreja sofreu no passado ?***

**A presente crise na Igreja se distingue das precedentes, principalmente no fato de serem as mais altas autoridades da Igreja seus deflagadores, empreendedores e aqueles que impedem que medidas eficazes sejam tomadas para resolvê-la.**

+ *Não houve já grandes crises na Igreja ?*

Sempre houve crises na Igreja. Padres, bispos até e mesmo Papas às vezes levaram uma vida contrária ao Evangelho. A imoralidade e a indisciplina do clero freqüentemente prejudicaram a Igreja. De tempos em tempos, padres e bispos se separaram da verdadeira Fé. Mas nunca os erros e a negação pública das Verdades de Fé foram propagadas como hoje em dia, graças à tolerância, à aprovação e até à atividade das autoridades romanas e do episcopado mundial. Esta é a nota particular da crise atual, que é favorecida pelas mais altas autoridades da Igreja; Papa incluso.

+ *Essa nota singular da crise atual foi reconhecida pelas autoridades da Igreja ?*

Paulo VI mesmo pronunciou em 1968 a frase bem famosa, falando de uma Igreja em estado de “autodemolição”:

*“A Igreja se acha em uma hora de inquietude, de auto-crítica, diríamos mesmo de auto-demolição. É como uma instabilidade interior, aguda e complexa, ao qual ninguém teria esperado depois do Concílio.(...). É como a Igreja se golpeasse a si mesma.”*<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Paulo VI, Discurso de 07 de dezembro de 1968, DC nº 1531(1969), p.12.

## CAPÍTULO II

### A Fé

#### **6. O que é a Fé ?**

**A Fé é uma virtude sobrenatural pela qual, apoiados sobre a autoridade de Deus mesmo; atraídos e ajudados por Sua Graça, tomamos por absolutamente verdadeiro tudo o que Ele revelou.<sup>14</sup>**

+ *A Fé pressupõe então uma revelação divina ?*

Sim, a Fé é a resposta do homem à Revelação de Deus.

+ *Como Deus se revelou aos homens ?*

Deus falou aos homens por Moisés, pelos profetas e, sobretudo, pelo seu Filho Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo.

+ *Quais são as verdades que o homem conhece graças à Revelação Divina ?*

Graças à Revelação, o homem conhece os atributos de Deus e sua essência trinitária; conhece também sua própria destinação eterna: a visão de Deus no Céu. A Revelação lhe mostra, enfim, o caminho a seguir para chegar a esse fim: a observância

---

<sup>14</sup> O Concílio de Trento ensina que a Fé é “ uma virtude sobrenatural pela qual, atraídos e ajudados pela Graça de Deus, nós cremos verdadeiro o que Ele nos revelou, não porque essas coisas, consideradas à luz natural da nossa razão, impor-se-iam por si mesmas como verdadeiras; mas por causa da autoridade de Deus mesmo, que nos revela, e, que não pode enganar-Se, nem nos enganar” (DS 3008)

dos Mandamentos de Deus e a recepção dos Sacramentos, que são os meios de salvação instituídos por Deus.

+ *Por que a Fé é dita sobrenatural ?*

As Verdades Reveladas por Deus, que são o objeto da Fé, ultrapassam a capacidade natural da nossa inteligência. Então, não é possível, sem um socorro divino, que se chama *Graça*, aderir a elas.

+ *Qual é o motivo que nos faz aderir às Verdades Reveladas por Deus ?*

O motivo da Fé é unicamente a Autoridade de Deus que Se revela. Cremos nas Verdades de Fé porque Deus as afirmou e não porque teríamos delas conhecimento por nós mesmos. Cremos, por exemplo, na Santíssima Trindade ou na Divindade de Jesus Cristo, não porque teríamos descoberto essas Verdades por nossa inteligência; mas porque Deus no-las revelou assim.

### ***7. Como a Fé nos é comunicada ?***

**Uma Fonte da Fé é a Sagrada Escritura ou Bíblia. Ela se divide em duas partes: o Antigo Testamento, que contém a Revelação de Deus ao povo judeu antes da vinda de Cristo; e o Novo Testamento, que transmite explicitamente a Revelação Cristã.**

+ *Em que a Sagrada Escritura se distingue de outros escritos religiosos ?*

A Sagrada Escritura é inspirada pelo Espírito Santo. Isso quer dizer que ela não é um simples escrito humano; mas que, por meio do autor humano, é Deus que é o autor principal. Ele guiou o homem, de modo misterioso, para redigi-La. Por essa razão, a Sagrada Escritura é, no sentido próprio, a Palavra de Deus.

### ***8. A Sagrada Escritura é a única Fonte da Revelação ?***

**Dizer que a Sagrada Escritura é a única Fonte da Revelação é um erro protestante. O ensinamento entregue *oralmente* aos Apóstolos, que se chama *Tradição Apostólica*, também é, ao lado da Sagrada Escritura, uma verdadeira Fonte da Revelação.<sup>15</sup>**

+ *Pode-se encontrar na Sagrada Escritura mesma a menção a uma outra Fonte da Revelação ?*

Nem tudo o que Jesus disse e ordenou encontra-se na Sagrada Escritura. A Sagrada Escritura mesma diz: “Há ainda muitas outras coisas que Jesus fez; se quiséssemos contá-las em detalhes, creio que o mundo não poderia encerrar todos os volumes que seria preciso escrever” (Jo 21,25). Nessa época, escrevia-se muito menos do que hoje; a Tradição oral muito recebeu um maior lugar.

+ *Que outra razão pode-se invocar para mostrar a necessidade da Tradição ?*

É unicamente pela Tradição que conhecemos certas Verdades Reveladas por Deus, e, notadamente, *quais livros* pertencem à Sagrada Escritura. Há, com efeito, outros “*evangelhos*” e pretensas cartas dos Apóstolos, que não são autênticos escritos bíblicos. Os protestantes, que querem reconhecer somente a Bíblia como Fonte da Fé, devem, ao menos nisso, referir-se à Tradição, pois é dela somente que eles recebem a Sagrada Escritura.<sup>16</sup>

+ *Qual é a primeira das duas Fontes da revelação: a Sagrada Escritura ou a Tradição Apostólica ?*

---

<sup>15</sup> O Concílio de Trento ensina que a Revelação está contida “dentro dos livros escritos ( a Sagrada Escritura) e dentro das tradições não escritas que os Apóstolos receberam da boca de Cristo mesmo; ou que eles transmitiram, de mão em mão, depois que lhes foram ditadas pelo Espírito Santo; e que chegaram até nós “ (DS 1501). Este ensinamento é retomado pelo Concílio Vaticano I (DS 3006).

<sup>16</sup> Ver o artigo “Os erros de Lutero e o espírito do mundo atual” pelo padre Franz Schmidberger, em *Le Sel de Terre* nº 4, p. 15-17 (os editores).

A Tradição é a primeira das duas Fontes da Revelação: pela *antiguidade* ( os Apóstolos começaram por pregar); pela *plenitude* (estando ela mesma na origem da Escritura, a Tradição contém todas as Verdades Reveladas por Deus) e pela *suficiência* ( a Tradição não tem necessidade da Escritura para fundamentar sua autoridade divina; ao contrário, é ela mesma que dá a lista dos livros inspirados por Deus e que permite conhecer seu sentido autêntico).

***9. Quem pode nos dizer com autoridade o que pertence à Revelação ?***

**Somente o Magistério da Igreja, que reside principalmente no Papa, pode resolver as questões disputadas e dizer com certeza o que se deve crer e o que é erro. É a Pedro, com efeito – e, nele, a seus sucessores – que Cristo disse: “ Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,18). A Pedro, igualmente, deu a missão de confirmar seus irmãos na Fé: “ Rezei por ti, para que tua Fé não pereça; mas tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos” (Lc 22,32).**

**Chama-se *dogma* uma doutrina cuja pertença à Revelação Divina foi definida pela Igreja.**

+ *A Sagrada Escritura diz alguma coisa sobre o modo como deve ser interpretada ?*

São Pedro, na segunda epístola:

“Antes de tudo, saibam-no: nenhuma profecia da Escritura é objeto de interpretação pessoal. Pois não foi por vontade humana que alguma profecia veio; mas incitados pelo Espírito Santo que uns homens falaram da parte de Deus” (2Pd 1,20-21).

Essa passagem manifesta, ao mesmo tempo, que a Sagrada Escritura é inspirada pelo Espírito Santo e que não pode interpretá-la cada um a seu bel prazer. É, no entanto, exatamente o contrário o que fazem os protestantes: cada um interpreta a Bíblia; e, naturalmente, cada um a compreende de modo diferente.

+ *Pode-se de outro modo provar a instituição de um Magistério infalível na Igreja ?*

A simples reflexão basta para mostrar a necessidade de um Magistério infalível. Cristo não quis falar somente aos seus contemporâneos da Palestina, mas a todos os

homens de todas as épocas e de todas as regiões da Terra. Ora, sua doutrina não poderia ser conservada sem alteração, no curso dos séculos, sem uma autoridade competente para resolver as disputas vindouras. Logo, essa autoridade foi instituída.

+ *Têm-se outros sinais da necessidade desta instituição?*

O exemplo dos protestantes mostra, na prática, o que acabamos de explicar. Entre eles, não há magistério; mas cada um é, de certa forma, seu próprio Papa. É por isso que os protestantes estão divididos numa multidão de grupos, que têm, todos eles, crenças diferentes uns dos outros. A Igreja Católica, ao contrário, conservou intacta a Fé dos primeiros cristãos.

### **10. Qual é a conseqüência da negação de um dogma ?**

**Aquele que nega mesmo apenas um só dogma perdeu a Fé, pois não recebe a Revelação de Deus, mas se estabelece a si mesmo juiz daquilo que se deve crer.**

+ *Não se pode negar um dogma e continuar a crer em outros, e, portanto, conservar, ao menos parcialmente, a Fé ?*

Como vimos mais acima, a Fé não repousa sobre nosso julgamento pessoal; mas sobre a autoridade de Deus que se revela e que não pode enganar-Se, nem enganar-nos. Então, é necessário receber tudo o que Deus revelou, e não tomar somente o que nos apraz. Aquele que se recusa a aceitar tudo, que opera uma escolha no Depósito Revelado, impõe a Deus um limite, pois deixa a última palavra a seu próprio julgamento. Agindo assim, não tem mais a Fé sobrenatural; mas somente uma fé *humana*; não importa o quão numerosos sejam os pontos em que ela ainda está de acordo com a Fé sobrenatural.

+ *Pode-se citar, sobre este ponto, ensinamentos de Papas?*

O Papa Pio IX, quando da definição do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, em 1854, dizia: “É por isso, se alguns tivessem a presunção, o que não apraz a Deus, de pensar contrariamente à nossa definição, que aprendam e que saibam

que, condenados pelo seu próprio julgamento, fizeram naufrágio na Fé e cessaram de estar na unidade da Igreja”.<sup>17</sup>

Leão XIII ensina a mesma coisa: “aquele que, mesmo sobre um só ponto, nega uma das Verdades de Fé; perde, na realidade, a Fé toda inteira, pois se recusa a respeitar Deus como Verdade Suprema e motivo formal da Fé.”<sup>18</sup>

E o Papa cita Santo Agostinho, que dizia sobre os hereges: “É em muitas coisas que estão de acordo comigo, e em poucas coisas que não estão. Mas, *por causa destas poucas coisas*, nas quais não estão de acordo comigo, os numerosos pontos de acordo não lhes servem de nada”.<sup>19</sup>

+ *Então, em matéria de Fé, é tudo ou nada?*

Não se pode ser 70 ou 99% católico; aceita-se toda a Revelação ou não se aceita; neste caso não se tem mais que uma fé *humana* que fabricada a si mesmo. O fato de escolher algumas Verdades dentre o conjunto das Verdades de Fé é o que se chama *heresia* ( em grego, “escolha”).

+ *Que é necessário pensar do slogan correntemente propagado, segundo o qual, nas nossas relações com os “cristãos separados”, devemos olhar mais para o que nos une do que para aquilo que nos separa ?*

Quando se trata da Fé, é absolutamente falso e contrário ao ensinamento tradicional da Igreja dizer que é preciso olhar mais para o que nos é comum do que para aquilo que nos divide. Dá-se assim a impressão que as diferenças só se referem a detalhes sem importância; enquanto que se trata, na realidade, da Verdade Revelada.

## **11. Mas a Fé não é principalmente um sentimento ?**

---

<sup>17</sup> DS 2804.

<sup>18</sup> Leão XIII, encíclica *Satis Cognitum*, 29.06.1896

<sup>19</sup> Santo Agostinho, Comentário sobre o Salmo 54, nº19 (PL36,641)

**É um dos erros do Modernismo, condenado por São Pio X, em 1907, na encíclica *Pascendi*, dizer que a Fé é um sentimento, emergente do subconsciente, que exprime a necessidade do divino. Na verdade, o ato de fé não é um sentimento, mas a recepção consciente e voluntária da Revelação Divina, tal como esta se apresenta ao homem na Sagrada Escritura e na Tradição.**

+ *O que é a Revelação para os modernistas ?*

Para os modernistas, a Revelação se produz quando o sentimento religioso passa da esfera do subconsciente àquela da consciência. A Fé só seria então algo sentimental e subjetivo. A Revelação não seria dada do exterior (do Alto), mas emergiria do interior do homem.

+ *Qual é então, para os modernistas, o papel de Cristo na Revelação ?*

Na origem do Cristianismo há, para os modernistas, a experiência religiosa de Jesus Cristo (cujas divindade é, claro, posta de lado). Cristo partilhou suas experiências com os outros, que as viveram eles mesmos e comunicaram-nas ao seu redor. A Igreja nasceu dessa necessidade dos fiéis de comunicar a outros suas experiências religiosas e de formar uma comunidade. A Igreja não é então uma instituição divina; é somente – como os Sacramentos, o Papado e os dogmas – o resultado das necessidades religiosas dos crentes.

+ *Não é verdade que o homem tem naturalmente um sentimento religioso ?*

O sentimento religioso *natural* deve ser cuidadosamente distinto da Fé sobrenatural do católico. Há certamente, no coração do homem, uma necessidade de Deus; mas que permanece um sentimento muito obscuro se Deus não intervém para Se revelar ao homem. Além do mais, como tudo o que é natural em nós, o sentimento religioso está ferido pelo pecado original: pode facilmente levar ao erro e mesmo ao pecado (superstição, idolatria, etc.).

+ *A Fé não está, porém, ligada ao sentimento religioso ?*

É exato que um sentimento de segurança e de bem-estar está ligado à Fé; mas aí não está a essência da Fé. Esse sentimento, como todos os outros sentimentos, é

cambiante e será ora mais fraco; ora mais forte; pode mesmo desaparecer completamente durante algum tempo. Grandes santos, como Vicente de Paulo, ou Tereza do Menino Jesus, foram, às vezes, privados desta certeza sensível; sem, no entanto, tornarem-se hesitantes em sua convicção sobre a verdade e a certeza da Fé.

+ *Onde se pode encontrar, sobre este ponto, o ensinamento certo da Igreja ?*

No juramento anti-modernista imposto por São Pio X, e que todos os padres deviam pronunciar antes de sua ordenação (até 1967), está dito: “ Tomo em toda certeza e professo sinceramente *que a Fé não é um sentimento religioso cego* surgido das profundezas tenebrosas da subconsciência sob a pressão do coração e o impulso da vontade moralmente informada; mas sim que ela é um verdadeiro assentimento da inteligência à verdade recebida de fora, *ex auditu*<sup>20</sup>; assentimento pelo qual cremos verdadeiro, por causa da autoridade de Deus, soberanamente verídica, tudo o que foi dito, atestado e revelado pelo Deus pessoal, nosso Criador e nosso Mestre”<sup>21</sup>.

## **12. A Fé pode mudar ?**

**Para os modernistas, a Fé pode mudar, pois os dogmas só são a expressão de um sentimento e de uma necessidade religiosos. Devem, então, ser adaptados e formulados de maneira nova, logo que mudem os sentimentos e necessidades religiosos.**

**Ao contrário, se os dogmas exprimem de maneira infalível as Verdades de Fé, como ensina a Igreja, é evidente que não podem mudar, pois o que era verdadeiro ontem não pode ser falso hoje, e vice-versa. Tanto quanto a verdade, a Fé verdadeira é imutável. É por isso que São Paulo escreve: “Se nós mesmos ou um anjo vindo do céu vos anunciarem um outro evangelho diferente deste que vos temos ensinado, que seja anátema !”(Gl 1,8). “Jesus Cristo, *heri et hodie, ipse et in saecula* – Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hb 13,8).**

---

<sup>20</sup> Ex auditu: pela audição. “Fides ex auditu” (Rm 10,17)

<sup>21</sup> DS 3542.

+ *Não há um progresso na Fé ?*

Um progresso da doutrina de Fé é possível somente no sentido de que as Verdades de Fé são mais bem apreendidas e explicadas. Um tal desenvolvimento foi predito por Jesus Cristo à Sua Igreja, quando disse: “ O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á tudo e recordar-vos-á tudo o que Eu vos disse” (Jo 14,26).

+ *O Espírito Santo não pode ensinar à Igreja novas Verdades ?*

A Revelação acabou desde a morte dos Apóstolos.<sup>22</sup> Desde então, o Espírito Santo não ensina novas Verdades, mas faz a Igreja entrar sempre mais profundamente na Verdade trazida pelo Cristo. Verdades reveladas que, até uma época, não tiveram mais que um papel de segundo plano na vida da Igreja, podem, pois, passar ao primeiro plano em outra época. As controvérsias que opuseram a Igreja aos hereges A forçaram também a expor de maneira sempre mais precisa e mais clara as Verdades de Fé – tornando *explícitas* Verdades até então *implícitas* – mas, sem nunca acrescentar nada ao Depósito Revelado aos Apóstolos.

+ *Quais são as regras deste desenvolvimento da Fé?*

O desenvolvimento da doutrina pode *precisar* o que foi ensinado no passado; mas jamais o *contradizer*, nem o *modificar*. Não pode haver oposição. Uma vez que um dogma foi definido, não pode tornar-se falso mais tarde ou tomar um sentido novo.

+ *Quando define um novo dogma, a Igreja não descobre novas Verdades ?*

Quando a Igreja define um novo dogma, não descobre novas Verdades; mas explica e põe destaque de uma nova maneira sobre o que, no fundo, sempre foi crido; é sempre “a mesma crença, o mesmo sentido e o mesmo pensamento”<sup>23</sup>. O Concílio Vaticano I ensina claramente: “O Espírito Santo não foi prometido aos Sucessores de Pedro para que eles façam conhecer sob sua revelação uma nova doutrina; mas para

---

<sup>22</sup> Entre as proposições modernistas condenadas em 1907 pelo Papa São Pio X figura o erro seguinte: “A Revelação, que é o objeto da Fé Católica, não foi terminada com os Apóstolos”.

<sup>23</sup> “ *In eodem scilicet dogmate, eodem sensu eademque sententia*” Concílio Vaticano I DS 3020. O Concílio cita aqui São Vicente de Lérins, *Communitorium primum* 23, n.3; PL 50, 668<sup>a</sup>.

que, com Sua assistência, guardem santamente e exponham fielmente a Revelação transmitida pelos Apóstolos, quer dizer, o Depósito de Fé.”<sup>24</sup>

### **13. *Várias religiões podem possuir a Verdade ?***

**Do fato de que as diversas religiões se contradizem entre si sobre pontos fundamentais, conclui-se que não pode haver várias que sejam verdadeiras. Uma só religião pode ser verdadeira, e é a Religião Católica. Deus Se revelou em Jesus Cristo, e não em Buda, nem em Maomé. E Cristo somente fundou uma só Igreja, que deve comunicar aos homens Seu ensinamento e Sua Graça, até o fim do mundo. A Fé no Deus trinitário, a Fé em Cristo e a Fé na Igreja formam, pois, uma unidade indivisível.**

*+ As diversas religiões se contradizem de verdade ?*

Ou Deus é trino, ou não. Se é Trino, todas as religiões não cristãs são falsas. Mas as confissões cristãs também se contradizem mutuamente: umas não crêem na verdadeira divindade de Cristo; muitas não crêem na presença real do Corpo e do Sangue de Cristo no Sacramento da Eucaristia, etc. Crenças tão opostas são incompatíveis.

### **14. *Como podemos reconhecer que a Fé Católica é a verdadeira ?***

**Cristo provou a veracidade de sua missão pelos milagres que operou. É por isso que diz: “Não credes que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim ? Creiam ao menos por causa de minhas obras” (Jo 14,11). Os Apóstolos também se manifestaram por seus milagres: “Eles pregavam em todo lugar, o Senhor agia neles e confirmava a Palavra pelos milagres que a acompanhavam” (Mc 16,20). Os milagres são, pois, provas da missão divina da Igreja.**

*+ Pode-se estar certo da existência de milagres ?<sup>25</sup>*

---

<sup>24</sup> DS 3070

<sup>25</sup> Deve-se ler por inteiro o excelente livro de Georges Bertrin, “Histoire Critique des Événements de Lourdes”, Lecoffre, 1905. Encontra-se nesta obra, com todo rigor crítico que

---

se impõe, o relato dos milagres feitos por Deus para convencer a mentalidade moderna, sobre os quais diz o autor com muita propriedade no seu Prefácio: “ Eles formam como um capítulo novo de apologética cristã” (p.10). Entre as numerosas observações que se acham e onde os fatos são examinados com ciência e competência, pode-se ler com proveito o parágrafo intitulado “Forças desconhecidas” (p.215-229). O autor responde à objeção clássica das forças desconhecidas da natureza. Mostra, com numerosos exemplos, que essas forças desconhecidas - que se reconhecerão talvez um dia pelo que são - não podem estar em oposição com as leis de que temos conhecimento certo ,e, é por isso que alguém se serviria em vão das “forças desconhecidas” para objetar contra a possibilidade de discernir o milagre. E no seu Apêndice, encontram-se duas reflexões interessantes. “A instantaneidade e as descobertas futuras. Para todo organismo, a pele, os músculos, os ossos, etc, as leis da restauração são as mesmas que as do nascimento e do crescimento, pois elas se confundem com as da nutrição(...). Nem a sugestão, nem um fluido qualquer(...), nada é capaz de produzir subitamente essas gerações incontáveis de blastos e de células surgidas uma da outra, indispensáveis para restaurar os tecidos danificados do organismo, e, com mais forte razão, os desaparecidos. A natureza sendo o que é; as leis da nutrição sendo o que são; nenhuma descoberta do futuro saberia desmentir essa verdade, cuja evidência salta aos olhos. Só Deus pode produzir instantaneamente a nutrição e a restauração dos tecidos, porque só Ele pode prescindir da natureza, de suas forças e de suas leis.” ( O texto citado figura na verdade no capítulo I, p.224-226); “nº30: Que uma lei desconhecida não poderia destruir uma lei estabelecida. Sobre as leis desconhecidas, um sábio médico incrédulo estabeleceu que elas não poderiam contradizer as leis atuais(...) Nunca há que se temer que uma ciência nova, irrompendo na ciência antiga, venha desconjuntar os dados adquiridos e contradizer o que foi estabelecido entre os estudiosos. (...) Noções até então desconhecidas, podem ser introduzidas que, sem fazer duvidar das verdades antigas, farão penetrar verdades novas e mudar as noções que temos das coisas, acrescentando fatos imprevistos. **Esses fatos serão imprevistos; nunca serão contraditórios.** A história das ciências nos mostra que nunca o edifício das ciências passadas foi invertido pela invasão de uma ciência nova, etc.” (p.560-561).” [Esta nota, pela sua pertinência temática, foi transposta, pelo tradutor brasileiro, para esta obra, a partir do livro de antologia de lições do Cardeal Louis Billot (1846-1931) sobre o Modernismo, “Tradition et Modernisme”, Éditions du Courier de Rome, 2007, p.101-102].

Sempre houve milagres na Igreja, e a existência destes milagres nunca foi tão certa quanto hoje, quando se pode, graças aos conhecimentos e meios de investigação científicos, excluir as explicações naturais com muito mais facilidade do que no passado. A auto-sugestão e a alucinação não têm lugar aqui. Uma multiplicação de alimentos constatada por várias pessoas que não foram de nenhum modo influenciadas; a ressurreição de um morto; ou a cura súbita de um órgão quase completamente destruído não podem ser explicadas daquele modo. A Igreja não reconhece um milagre enquanto resta alguma possibilidade, mesmo mínima, de explicação natural.

+ *Todos os milagres são de ordem física ?*

Ao lado dos milagres ditos “físicos” ( fatos que são *fisicamente* inexplicáveis pelas meras forças da natureza), há também aqueles que se chamam milagres “morais” (fatos que são *moralmente* inexplicáveis pelas meras forças da natureza).

+ *Dai-nos exemplos de milagres morais.*

A difusão do Cristianismo é um milagre moral, pois nenhuma explicação natural pode dar conta do fato de que doze pescadores sem instrução e sem influência possam ter convertido, em pouco tempo, uma grande parte do mundo; e isto, apesar da oposição dos poderosos e dos ricos. A santidade multiforme que floresce sem interrupção na Igreja, há dois mil anos, é igualmente um milagre moral.

+ *Os milagres provam as Verdades de Fé ?*

Os milagres não podem provar diretamente as Verdades de Fé, nem forçar a crer, pois então a Fé não seria mais a Fé, mas uma ciência. Eles mostram, no entanto, que a Fé não é uma confiança cega e sem fundamento, que ela não se opõe à razão, e que, ao contrário, é totalmente não razoável descreer !

+ *Além das provas de veracidade do Catolicismo, há provas diretas da falsidade do protestantismo ?*

Que as frações protestantes do Cristianismo não podem estar na Verdade deriva do simples fato de serem tardias divisões da Igreja de Cristo. Lutero não reformou a Igreja, como pretendeu; mas inventou novas doutrinas que contradizem aquilo no que os cristãos sempre creram no passado. Os cristãos sempre estiveram convencidos, por exemplo, de que a Eucaristia só poderia ser celebrada por um homem ordenado padre e

que a Santa Missa é um verdadeiro Sacrifício: Como poderia ser verdadeiro pretender, de repente, mil e quinhentos anos depois algo diferente? Como a Igreja Anglicana poderia ser a verdadeira, uma vez que ela deve sua existência somente ao adultério do Rei Henrique VIII ?

+ *Pode-se, então, facilmente, encontrar a verdadeira religião ?*

Devemos constatar com o Papa Leão XIII: “Reconhecer qual é a verdadeira religião não é difícil a qualquer um que queira julgar com prudência e sinceridade. Com efeito, provas numerosas e estupendas; a verdade das profecias; a multidão de milagres; a prodigiosa rapidez da propagação da Fé, mesmo entre seus inimigos e em detrimento dos maiores obstáculos; os testemunhos dos mártires e outros argumentos similares provam claramente que a única verdadeira religião é a que Jesus Cristo instituiu ele mesmo e cuja guarda e propagação deu à Sua Igreja como missão.”<sup>26</sup>

+ *Se é simples encontrar a verdadeira religião, como explicar que tantos homens não a reconheçam?*

Se tantos homens não reconhecem a verdadeira religião, é, sobretudo, porque muitos pecam *por negligência* neste assunto. Não se preocupam em conhecer a Verdade sobre Deus, mas se contentam com os prazeres deste mundo; com costumes e com superstições do meio em que vivem e que bastam para satisfazer seu sentimento religioso; eles não têm sede de Verdade. Muitos pressentem, além disso, que a verdadeira religião lhes exigirá sacrifícios que não desejam. Enfim, o homem é naturalmente um “animal social”: tem necessidade de ajuda em todos os domínios (físico, técnico, intelectual e moral) e depende muito da sociedade onde vive. Se esta é islâmica ou atéia (como a nossa), se a escola e as mídias o afastam do Cristianismo (e, também, embrutecem-no para o impedir de refletir), ser-lhe-á muito difícil nadar contra a maré.

### **15. A Fé é necessária para a salvação ?**

**A Sagrada Escritura ensina que a Fé é absolutamente necessária para obter a salvação eterna. “Aquele que crer e for batizado, será salvo; aquele que não crer,**

---

<sup>26</sup> Leão XIII, encíclica *Immortale Dei*, 01.11.1885.

**será condenado” diz Nosso Senhor (Mc 16,16). São Paulo ensina: “Sem a Fé, é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6).**

+ *Qual é esta Fé necessária para a salvação?*

A Fé necessária para a salvação não é qualquer fé; mas a verdadeira Fé, aquela que faz aderir de modo sobrenatural à verdadeira doutrina revelada por Deus.

+ *Esta necessidade da verdadeira doutrina é visível na Sagrada Escritura ?*

A necessidade de guardar a verdadeira doutrina é manifestada pelas advertências repetidas dos Apóstolos quanto aos incrédulos e aos hereges: “Um tempo virá em que os homens não suportarão mais a Sã Doutrina; mas, ao contrário, ao sabor de suas paixões e com o ouvido seduzindo-os ardentemente, dar-se-ão mestres em quantidade e desviar-se-ão o ouvido da Verdade para se entregar às fábulas.” (2Tm 4,3)

+ *Aqueles que, sem culpa de sua parte, não aderem às Verdades Reveladas, estão, pois, necessariamente perdidos ?*

Deus dá a todo homem a possibilidade de se salvar. Aquele que desconhece as Verdades de Fé, *sem culpa de sua parte*, obterá de Deus, num momento ou num outro, se fizer todo o possível para viver bem, a possibilidade de receber a Graça santificante. Mas é evidente que aquele que, *por sua culpa*, não professa a Verdadeira Religião, perder-se-á eternamente.

+ *A verdadeira Fé é, pois, de suprema importância ?*

Efetivamente. Não se trata, nesta questão, de uma vã controvérsia teológica; mas da salvação ou da perdição eterna das almas imortais.

## **CAPÍTULO III**

# **O MAGISTÉRIO DA IGREJA**

**16. *Quem detém, na Igreja, o poder de ensinar com autoridade (poder magisterial)?***

*Os detentores do magistério eclesial são, de direito divino, o Papa em relação à Igreja Universal; e os Bispos, em relação às suas dioceses.*

+ *Como o Papa e os Bispos recebem essa autoridade?*

O Papa é o sucessor de São Pedro, e os Bispos são sucessores dos Apóstolos, os quais, Nosso Senhor Jesus Cristo, ele mesmo, instituiu como doutores supremos da Fé. Eles receberam de Deus o dever de anunciar a Doutrina Cristã a seus súditos e o de cuidar em guardá-la pura. Eles continuam, desse modo, a obra de Nosso Senhor Jesus Cristo que, desde sua Ascensão, não permanece visivelmente entre nós.

+ *Nosso Senhor mencionou claramente esse poder de magistério transmitido aos Bispos?*

Jesus disse a seus Apóstolos: “Quem vos escuta, a mim escuta; quem vos rejeita; a mim rejeita” (Lc 10,16). Isso vale também para os Bispos, que são os sucessores dos Apóstolos.

**17. *O Magistério Eclesial é infalível ?***

**Sim, o Magistério Eclesiástico é infalível. Mas, para isso, condições precisas são necessárias. Se não forem cumpridas, os Bispos e o Papa podem cometer erros. Uma declaração ou uma homilia e, mesmo, uma encíclica pontifícia ou um texto conciliar não são necessariamente infalíveis. Somente o são, as afirmações para as quais a infalibilidade é reivindicada.**

### **18. *Quando o Papa é infalível?***

**O Papa é infalível quando fala *ex cathedra*, quer dizer, quando, enquanto supremo doutor dos povos, eleva uma verdade ao nível de um dogma, obrigando a todos os fiéis. Neste caso, a assistência do Espírito Santo está assegurada ao Papa, de sorte que ele não pode se enganar. Os teólogos atribuem, geralmente, ao Papa, o privilégio da infalibilidade em alguns outros casos; por exemplo, nas canonizações<sup>27</sup>, nas leis gerais da Igreja, ou quando faz eco a todos os seus predecessores.**

*+ Onde se podem encontrar claramente expostas as condições nas quais o Papa é infalível?*

As condições nas quais o Papa fala infalivelmente são muito claramente expostas pelo primeiro Concílio do Vaticano, que, precisamente, definiu esta infalibilidade pontifícia. Este ensina:

“Quando o Pontífice Romano fala *ex cathedra*, quer dizer, quando, no exercício de seu encargo de Pastor e de Doutor de todos os cristãos, define, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, que uma doutrina concernente à Fé ou à Moral deve ser crida por toda a Igreja; ele goza, em virtude da assistência divina que lhe foi prometida

---

<sup>27</sup> Ao menos as canonizações anteriores a 1983. As simplificações de procedimentos trazidas nesta data, assim como a verdadeira explosão no número de canonizações, permitem, com efeito, duvidar, seriamente, que João Paulo II tenha tido a mesma intenção que seus predecessores ao efetuar canonizações.

na pessoa de São Pedro, daquela infalibilidade com a qual o Divino Redentor quis prover Sua Igreja, quando Ela define a doutrina sobre a Fé ou a Moral.”<sup>28</sup>

+ *Que se pode observar nesse texto do Concílio Vaticano I ?*

Lendo atentamente esse texto do Concílio Vaticano I, observa-se que as condições de infalibilidade pontifícia são quatro:

- O Papa deve falar “no exercício de seu encargo de Pastor e de Doutor de todos os cristãos”, quer dizer, não enquanto doutor privado; mas enquanto Chefe da Igreja, engajando explicitamente “sua autoridade apostólica”, recebida imediatamente de Cristo;

- O assunto sobre o qual se pronuncia deve ser “uma doutrina concernente à Fé ou à Moral”;

- Essa doutrina não deve ser somente ensinada; o Papa deve declará-la *obrigatória* por um ato de autoridade (“define, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, que uma doutrina[...] *deve ser crida*”);

-Essa vontade de obrigar deve se dirigir a “toda a Igreja”.

+ *A manifestação da vontade de obrigar toda a Igreja é essencial para que um ato do Papa seja infalível ?*

Sim, a manifestação, pelo Papa, de sua vontade de obrigar toda a Igreja a crer em tal ponto de Doutrina ou de Moral, é necessária para que a infalibilidade esteja engajada; este ato de autoridade é mesmo o elemento essencial da definição *ex cathedra*.

+ *Como o Papa manifesta essa vontade de obrigar?*

---

<sup>28</sup> Vaticano I, Constituição Dogmática Pastor Aeternus, DS 3074.

O Papa manifesta sua vontade de tornar uma doutrina obrigatória na Igreja, declarando, claramente, que aqueles que a recusam não têm mais a Fé Católica, e estão, portanto, fora da Igreja.

+ *O Papa pode usar de sua infalibilidade para impor novidades?*

A infalibilidade pontifícia está toda inteira ao serviço da conservação da Fé, que, já vimos, é imutável e necessária para a salvação.<sup>29</sup> Vaticano I ensina:

“O Espírito Santo não foi prometido aos Sucessores de Pedro para que eles fizessem reconhecer sob sua revelação uma nova doutrina; mas para que, com Sua assistência, guardem santamente e exponham fielmente a Revelação transmitida pelos Apóstolos, quer dizer, o Depósito de Fé.”<sup>30</sup>

+ *A definição solene (infalível) de uma Verdade de Fé é freqüente?*

A definição solene de uma Verdade de Fé não é muito freqüente; muitos Papas nunca utilizaram esse poder. Houve somente um caso deste gênero no século XX: a definição do dogma da Assunção da Virgem Maria ao Céu, pelo Papa Pio XII, em 1º de novembro de 1950.

+ *Como Pio XII manifestou sua vontade de obrigar, quando da definição do dogma da Assunção?*

Pio XII proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora, declarando, na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*:

“Pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos São Pedro e São Paulo, e por Nossa própria Autoridade, afirmamos, declaramos e definimos, como um dogma divinamente revelado, que a Imaculada Mãe de Deus, a

---

<sup>29</sup> Ver supra, perguntas 12 e 15.

<sup>30</sup> Vaticano I, Constituição Dogmática Pastor Aeternus, DS 3070.

sempre Virgem Maria, depois de ter terminado o curso de sua vida terrestre, foi elevada em corpo e alma à glória celeste. Por conseguinte, se alguém, o que não apraz a Deus, ousar voluntariamente colocar em dúvida o que foi por Nós definido, saiba que abandonou totalmente a Fé Divina e Católica.”<sup>31</sup>

### **19. Quando os Bispos são infalíveis?**

**Os Bispos são infalíveis em dois casos.**

- i) Quando proclamam solenemente uma Verdade de Fé num Concílio Ecumênico<sup>32</sup> em união com o Papa, seu Chefe Supremo. Todos os antigos Concílios ecumênicos proclamaram, desta forma, Verdades de Fé. É importante, neste caso, que o Papa aprove suas decisões, mesmo se não seja preciso que ele mesmo se faça presente ao Concílio. Um Concílio cujos decretos não fossem aprovados pelo Papa não poderia ser considerado infalível.**
- ii) Os Bispos são, igualmente, infalíveis quando, dispersos por toda a Terra, são unânimes em ensinar uma Verdade como pertencendo ao Depósito de Fé. É o caso dos Artigos de Fé gerais que são, há muito tempo, ensinados, por toda parte, na Igreja, sem terem sido colocados em dúvida.**

+ *Como se chamam esses dois modos de infalibilidade dos Bispos ?*

- i) Uma afirmação infalível feita pelo Papa ou por um Concílio é chamada julgamento solene; é um ato do Magistério Extraordinário (ou solene) da Igreja;**

---

<sup>31</sup> DS 3903-3904.

<sup>32</sup> Um Concílio Ecumênico é um Concílio de toda a Igreja, cujos decretos valem para a Igreja Universal; “ecumênico”, aqui, significa “geral”. No caso contrário, fala-se de Concílio particular ou de sínodo: este só compreende os Bispos de uma certa parte da Igreja e suas decisões só valem para esta parte.

- ii) A transmissão infalível da Fé pelos Bispos dispersos chama-se, ao contrário, Magistério Ordinário Universal (por vezes, abreviado M.O.U).

+ *Um só modo de infalibilidade não bastaria ? Por que existem dois ?*

Num tempo normal, o ensinamento comum dos Bispos (M.O.U.) é suficiente para conhecer, com certeza, as Verdades de Fé. Mas, em tempos de crise, quando os Bispos se opõem entre si; ou, simplesmente, são negligentes em utilizar sua autoridade para lembrar a Verdade Revelada, não se pode mais recorrer àquele critério. É necessário, para resolver a crise, um ato do Magistério Extraordinário, isto é, um julgamento solene pronunciado por um Concílio ou por um Papa.

+ *Podeis dar um exemplo ?*

Todos os cristãos criam, com certeza, na Presença Real do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor no Sacramento da Eucaristia muito antes que isso fosse solenemente definido. Isso era ensinado, na Igreja inteira, como uma Verdade de Fé. No entanto, a negação desta Verdade pelos protestantes tornou necessária a definição solene pelo Concílio de Trento. De fato, os ataques dos hereges são, para a Igreja, com freqüência, ocasião de definir solenemente uma Verdade.

+ *Qual é a vantagem de um julgamento solene em relação ao M.O.U. ?*

O julgamento solene, levado a cabo por um Papa ou um Concílio, tem a vantagem de resolver uma dificuldade doutrinal por uma sentença *única*, de incontestável autoridade; enquanto que o M.O.U. diz respeito a *múltiplos* atos postos em termos e contextos diversos pelos diferentes Bispos. Este é, portanto, mais difícil de discernir.

+ *O que é precisamente o M.O.U. ?*

Pio IX da a seguinte definição:

“ O Magistério Ordinário Universal é o que o Magistério Ordinário de toda a Igreja dispersa pelo mundo inteiro transmite como divinamente revelado, e, que, por

consequente, é guardado por um consenso unânime dos teólogos católicos, como pertencente à Fé.”<sup>33</sup>

+ *O que manifesta essa definição ?*

Essa definição manifesta que, como o ensinamento do Papa, o ensinamento universal dos Bispos (M.O.U.) apenas é infalível em certas condições.

+ *Para que um ponto de doutrina seja infalivelmente certo, em virtude do M.O.U, não basta, então, que todos os Bispos do mundo estejam, num dado momento, unânimes em aceitá-lo ?*

Não. Não basta que todos os Bispos adotem, simultaneamente, uma nova teoria qualquer, para que esta se torne infalível. A infalibilidade do M.O.U. apenas se aplica a:

- uma Verdade no tocante à Fé ou à Moral;

-que os Bispos ensinem *com autoridade* ( é o próprio do *Magistério*);

- de modo universalmente unânime;

-como *divinamente revelado* aos Apóstolos, ou necessário para guardar o Depósito de *Fé*, e, portanto, como imutável e obrigatório;

Se essas condições não são preenchidas, não há infalibilidade.

+ *Somente uma doutrina que os Bispos ensinem como revelada aos Apóstolos e como transmitida até nossos dias pela Tradição pode, então, gozar da infalibilidade do M.O.U?*

Sim. Só uma Verdade que os Bispos são unânimes em ensinar com autoridade como pertencente ao Depósito de Fé (ou como necessariamente ligada a este) pode estar garantida pela infalibilidade do M.O.U.

+ *Qual é a razão dessa condição ?*

---

<sup>33</sup> Carta do Papa Pio IX ao Arcebispo de Munique em 21 de dezembro de 1863, DS 2880 (FC 443).

O Magistério não foi instituído para revelar novas doutrinas; mas, apenas, para *transmitir* as Verdades *já* reveladas aos Apóstolos. É essa transmissão – e não eventuais acréscimos que lhe seriam estranhos – que protege a infalibilidade.

## **20. *Que parte têm os Bispos na atual crise na Igreja ?***

**“A crise na Igreja é uma crise de Bispos” disse o Cardeal Seper<sup>34</sup>. Entre os quatro mil Bispos da Igreja Católica, há certamente os que querem ser católicos e servir à Fé; mas, pela maior parte deles, a Fé é muito maltratada. Em vez de defendê-la, permitem padres e professores que negam abertamente uma ou muitas Verdades de Fé; pior ainda, encorajam-nos. Muitos Bispos sustentam, eles mesmos, posições incompatíveis com a Fé e a Moral católicas.**

+ *Podeis citar alguns exemplos ?*

Na França, o Cardeal Lustiger, Arcebispo de Paris, falecido em 2007, ensinava publicamente que os judeus não precisam se converter ao Cristianismo. O proselitismo com eles não teria nenhum sentido.

De modo análogo, Mons. Doré, Arcebispo de Estrasburgo (e antigo decano da Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Paris), nega que os judeus, tendo recusado a Jesus Cristo, possam ser considerados como “infieis” e “cegos”: não são eles que devem se converter; mas, ao contrário, os católicos que usurparam seu lugar, pretendendo-se o “Novo Israel”.<sup>35</sup>

+ *Podeis dar outros exemplos de Bispos traindo a Fé Católica ?*

São, infelizmente, superabundantes. Em 2001, a Comissão Doutrinal dos Bispos da França encorajou publicamente a leitura da Bíblia das edições Bayard, sublinhando “sua fidelidade profunda à Revelação Divina”. Ora, essa edição da Bíblia nega a

---

<sup>34</sup> Citado por Georg May, *Gefahren, die der Kirche drohen*, St Andrä-Wörden, Mediatrix, 1990, p.27.

<sup>35</sup> Mons. Joseph Doré, mensagem dirigida à loja judaica “René Hirschler”(ligada a B’nai B’rith) e publicada no boletim diocesano *L’Eglise en Alsace*, julho-agosto de 2003, pp.1-3 ( Ver em Le Sel de La Terre nº46, pp.180-187)

historicidade dos fatos descritos nos Evangelhos.<sup>36</sup> Em 2003, o Bispo de Limoges, Mons. Dufour declarou no sermão: “Nós não sabemos se Deus existe. Não o sabemos com uma certeza científica; mas podemos saber pela Fé”<sup>37</sup> Ora, São Paulo e a Igreja ensinam que a existência de Deus pode ser conhecida com certeza, pela razão, mesmo sem a Fé.<sup>38</sup>

Em 06 de novembro de 1997, durante uma conferência em Berlim, o Presidente da Conferência Episcopal Alemã, Mons Karl Lehmann, nomeou Lutero “Doutor Comum” (*der gemeisame Lehrer*), título habitualmente dado pela Igreja a Santo Tomás de Aquino !!!

A lista desses exemplos poderia ser prolongada por lazer. É um fato, infelizmente, que numerosos Bispos contradizem Artigos de Fé fundamentais.

### **21. O Papa tem também parte na atual crise na Igreja ?**

**Como já evocamos, uma das características da crise atual na Igreja é ser fomentada pelas mais altas autoridades da Igreja. Os Papas, até o presente, favoreceram esta crise: 1º) apoiando teólogos modernistas; 2º) defendendo, eles mesmos, opiniões; e, promovendo ações, inconciliáveis com a Fé Católica; 3º) pondo obstáculos ao trabalho dos defensores da Fé.**

+ *O Papa João XXIII tem uma parte de responsabilidade pela crise atual ?*

João XXIII (1958-1963) é o Papa que fez explodir a crise que estava incubada há décadas. Apesar das vozes que o alertavam, convocou o Concílio Vaticano II. Seu *aggiornamento* virou a palavra de ordem de uma perturbação sem limites, assim como da introdução do espírito do mundo na Igreja.

---

<sup>36</sup> “ Os primeiros cristãos se interessam mais no Cristo da Fé do que no Jesus da História” (p.2988). Ver em *Le Sel de La Terre* nº39, pp.6-26.

<sup>37</sup> Mons. Dufour, homilia de Crisma, publicada em *Le Courier français*, edição de Limoges de 25 de julho de 2003.

<sup>38</sup> “ Se alguém disser que Deus Único e Verdadeiro, nosso Criador e Mestre, não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, por meio das coisas que foram criadas; seja anátema.” Concílio Vaticano I, Constituição *Dei Filius*, DS 3026.

+ *Pode-se verdadeiramente repreender a João XXIII pela convocação do Vaticano II ?*

Mais ainda do que pela convocação em si mesma, deve-se repreender, em João XXIII, a finalidade e o espírito dessa convocação. No discurso de abertura do Concílio, João XXIII, depois de ter lembrado que a Igreja nunca deixou de condenar os erros, continuou:

“Mas hoje, a Esposa de Cristo prefere recorrer ao remédio da misericórdia, de preferência a brandir as armas da severidade. Ela pensa que, de preferência a condenar, responde melhor às necessidades de nossa época, colocando mais em destaque as riquezas de Sua Doutrina. Claro, não faltam doutrinas e opiniões falsas, perigos contra que se deve alertar e que se devem rejeitar; mas tudo isso é tão manifestamente oposto aos princípios da honestidade e traz frutos tão amargos, que hoje os homens parecem começar a condená-las por si mesmos”.<sup>39</sup>

O Papa opunha-se também aos “profetas de desgraças” e pensava que os erros desapareceriam por si mesmos “como neblina sob o sol”.

+ *O que há de culpável nessas declarações?*

Esse ponto de vista ingênuo não tem nada a ver com a realidade. O Budismo, o Islã, o Protestantismo são erros que existem há séculos e nunca desapareceram por si mesmos. Ao contrário, propagam-se sempre mais, porque a Igreja hoje recusa-se a condená-los. Na Igreja mesma, apesar das previsões otimistas do Papa João, a Verdade não resplandeceu; mas, pelo contrário, uma multidão de erros se espalhou.

+ *Há outros exemplos do pacifismo de João XXIII?*

Mons. Lefebvre, membro da Comissão Preparatória do Concílio, foi testemunha de um episódio pior ainda. Quando se escolhiam os experts do Concílio, ele se surpreendia de encontrar nas listas, contrariamente ao regulamento, ao menos três padres que haviam sido condenados por Roma, por causa de sua doutrina. No fim da reunião, o Cardeal Ottaviani veio até Mons. Lefebvre e explicou-lhe que aquele havia

---

<sup>39</sup> João XXIII, Discurso de abertura do Concílio, DC nº 1387 (1962), col.1383-1384.

sido o desejo expresso do Papa. O Papa queria, então, no Concílio, experts cuja integridade de Fé estava sujeita a precaução.

+ *Qual foi a atitude do seu sucessor, o Papa Paulo VI?*

O Papa Paulo VI (1963-1978), que continuou o Concílio depois da morte de João XXIII, apoiou claramente os liberais. Nomeou quatro Cardeais – Döpfner, Suenens, Lercaro e Agagianian – como moderadores do Concílio. Os três primeiros eram liberais bem conhecidos; o quarto, uma personalidade pouco marcante.

+ *Paulo VI não se opôs, durante o Concílio, aos Bispos liberais (notadamente durante o que estes chamaram de “semana negra” em novembro de 1964)?*

Paulo VI às vezes freou os liberais extremistas; mas, geralmente, favoreceu os liberais moderados. Em 07 de dezembro de 1965, declarou aos Bispos reunidos para o encerramento do Concílio:

“A Religião do Deus que se fez homem encontrou-se com a religião – pois o é – do homem que se faz deus. O que aconteceu ? Um choque, uma luta, um anátema ? Isso poderia ter ocorrido: mas não aconteceu. A velha história do Samaritano foi o modelo da espiritualidade do Concílio. Uma simpatia sem limites invadiu-o todo inteiro. A descoberta das necessidades humanas (e elas são tanto maiores quanto o filho da terra se faz maior) absorveu a atenção do nosso Sínodo. Reconheci-lhe ao menos este mérito, vós, humanistas modernos, que renunciáveis à transcendência das coisas supremas, e, sabeis reconhecer nosso novo humanismo: nós também, mais que quaisquer outros, nós temos o culto do Homem”.<sup>40</sup>

+ *Que se deve pensar dessa declaração ?*

Pode-se compará-la com a ordem dada por São Pio X em sua primeira encíclica:

---

<sup>40</sup> Paulo VI. Discurso de encerramento do Concílio, em 07 de dezembro de 1965; DC 1462(1966), col.63-64.

“É preciso, por todos os meios e ao preço de todos os esforços, desarraigar inteiramente essa monstruosa e detestável iniquidade própria dos tempos em que vivemos, e pela qual o homem se substituiu a Deus”.<sup>41</sup>

+ *De onde pode provir aquela idéia de culto do Homem?*

A franco-maçonaria, que tem por objetivo a destruição da Igreja Católica, prega o culto do Homem. Ouvindo a Paulo VI, os maçons devem ter saboreado seu triunfo. Não é exatamente a realização dos planos que forjaram no século XIX ?

+ *Como se pode conhecer os planos traçados pela franco-maçonaria contra a Igreja?*

Os planos da franco-maçonaria são conhecidos, entre outros, pela correspondência secreta dos chefes da Alta Venda italiana, que caiu nas mãos da polícia do Vaticano em 1846, e cuja publicação foi ordenada pelo Papa Gregório XVI.<sup>42</sup>

+ *O que prevêm esses planos maçônicos?*

---

<sup>41</sup> São Pio X, Encíclica *E supremi apostolatus*. O Santo Papa designava, no passado, como uma “característica própria ao Anti-Cristo” o fato de que “o homem, com uma temeridade sem nome, usurpou o lugar do Criador, elevando-se acima de tudo o que carrega o nome de Deus. E a um tal ponto que, impotente para extinguir completamente em si a noção de Deus, ele se afasta, entretanto, do jugo de sua majestade e dedica-se, a si mesmo, o mundo visível como um templo, onde pretende receber as adorações de seus semelhantes.”

<sup>42</sup> A publicação foi feita por Jacques Crétinau-Joly (1803-1875) na sua obra *A Igreja Romana em face da Revolução*(1859). A obra foi laureada com um Breve de aprovação de Pio IX (25 de fevereiro de 1861) que garantiu implicitamente a autenticidade dos documentos. (Todos esses documentos estão reproduzidos por Mons.Delassus no Anexo de sua obra *A Conjuração Anti-Cristã*. Ver também, sobre o tema, *Le Sel de La Terre* nº28, pp.64-65.

A correspondência apreendida e publicada mostra que os maçons queriam tudo empreender para que, um dia, pudesse subir ao Trono de Pedro o que chamavam de “um Papa segundo nossas necessidades”. E explicavam:

“Esse Pontífice, como a maior parte de seus contemporâneos, estará necessariamente mais ou menos imbuído dos princípios (...) humanitários que iremos começar a colocar em circulação(...)Vós tereis pregado uma Revolução em tiara e pluvial, andando com a cruz e o estandarte, uma revolução que não terá mais necessidade de ser enfiada, para colocar fogo nos quatro cantos da Terra.”<sup>43</sup>

+ *Pode-se dizer verdadeiramente que Paulo VI foi esse Papa imbuído dos princípios humanitários ?*

O hino seguinte, que foi entoado por Paulo VI, quando o homem pisou a Lua, podia muito bem convir à boca de um maçom: “Honra ao Homem, ao Pensamento, à Ciência, à Técnica, ao Trabalho, à ousadia humana(...) Honra ao Homem, Rei da Terra e agora Príncipe dos Céus”<sup>44</sup>

+ *Paulo VI tem outras responsabilidades pela crise atual ?*

Paulo VI foi também o Papa que introduziu o novo rito da Missa, cuja nocividade analisaremos em capítulo específico desta obra.

+ *O que é preciso assinalar ainda sobre Paulo VI ?*

Foi sob o reinado de Paulo VI que começou a perseguição dos padres que queriam permanecer católicos e recusavam-se a entregar os fiéis ao protestantismo, ao modernismo e à apostasia.

+ *João Paulo II não operou uma reestruturação?*

---

<sup>43</sup> Citado por Jacques Crétinau-Joly, *A Igreja Romana em face da Revolução(1859)*, Paris, Cercle de La Renaissance Française, 1976, t.II, pp.89-90 (primeira edição em 1859).

<sup>44</sup> Paulo VI, 07 de fevereiro de 1971, DC nº1580(1971), p.156.

Dotado de um temperamento mais forte do que Paulo VI, João Paulo II(1978-2005) podia parecer mais firme em certos pontos. Mas ele também se engajou mais resolutamente na via das novidades. Promoveu ações às quais, antigamente, estava ligada a nota de apostasia ou de suspeita de heresia.

+ *Podeis dar um exemplo ?*

Em 29 de maio de 1982, João Paulo II recitou o *Credo* com o pretenso arcebispo anglicano, Mons. Runcie, na Catedral de Canterbury. Depois, ainda deu a bênção com ele. O chefe anglicano estava vestido com todos seus paramentos pontificais, enquanto que ele não passa de um leigo, em razão da invalidade das Ordens Anglicanas.<sup>45</sup>

+ *Há outros exemplos do mesmo gênero ?*

Há piores: a cooperação em ritos idolátricos. Em agosto de 1985, João Paulo II participou de um rito animista num bosque sagrado em Togo. Em 02 de fevereiro de 1986, em Bombaim, recebeu na testa o *Tylak*, simbolizando o terceiro olho de Shiva.<sup>46</sup> Em 05 de fevereiro, em Madras, recebeu o *Vibhuti* (cinzas sagradas), sinal dos adoradores de Shiva e de Vishnu.<sup>47</sup>

+ *Até aonde foi a cooperação do Papa com os falsos cultos ?*

O triste ápice dessas atividades foi atingido pela reunião de Assis, de 27 de outubro de 1986. O Papa havia convidado todas as religiões do mundo para vir rezar pela paz, em Assis, cada uma segundo seu rito. As igrejas católicas foram postas à disposição, para a celebração de ritos pagãos. Na igreja de São Pedro, fez-se mesmo entronizar uma estátua de Buda sobre o Tabernáculo.

+ *Mas não é bom promover a paz e rezar nesta intenção?*

---

<sup>45</sup> A invalidade das Ordens Anglicanas foi solenemente pronunciada por Leão XIII na Carta *Apostolicae curae et caritatis* de 13 de setembro de 1896 (DS 3315-3319).

<sup>46</sup> La Croix de 06 de fevereiro de 1986 e L'Express de 07 de fevereiro de 1986, com fotografia.

<sup>47</sup> Indian Express de 06 de fevereiro de 1986.

Não é a paz; mas a idolatria e a superstição que são más, porque atentam gravemente contra a Honra de Deus. Ora, uma boa intenção nunca pode permitir o cometimento ou o encorajamento de atos maus em si.

+ *João Paulo II parou por aí?*

Desde 1986, João Paulo II continuou a encorajar todos os anos as reuniões inter-religiosas do tipo de Assis. Mas ele também continuou com os gestos espetaculares de apoio às falsas religiões. Em 14 de maio de 1999, beijou publicamente o Alcorão.<sup>48</sup> A fotografia desse gesto, abundantemente espalhada nos países muçulmanos, somente pôde confortar os maometanos em sua falsa religião.

+ *Bento XVI não anunciou um retorno à Tradição?*

Bento XVI é, sem dúvida, mais favorável à tradição litúrgica do que João Paulo II. Deu mais liberdade à liturgia tradicional por seu *Motu Proprio* de 07 de julho de 2007, apesar da oposição de numerosos Bispos (notadamente na França e na Alemanha).

Mas se tem o coração tradicional, também recebeu uma formação modernista. Nos livros que escreveu quando era jovem teólogo, encontram-se numerosas afirmações contrárias à Fé; por vezes, no limite da heresia. Mesmo se parece que mudou de opinião sobre alguns pontos, não desautorizou seus antigos erros. Seu livro *A Fé cristã ontem e hoje*, por exemplo, ainda é editado e vendido, enquanto que coloca em questão, entre outras coisas, a Divindade de Cristo.<sup>49</sup>

Bento XVI quer também salvar, absolutamente, o Concílio Vaticano II. É por isso que tenta situá-lo na continuidade da Tradição. Veremos que isso é impossível.

+ *Bento XVI promoveu gestos tão escandalosos quanto João Paulo II?*

---

<sup>48</sup> Ver em *Le Sel de La Terre* n° 31, p.186.

<sup>49</sup> A última edição é a das Editions Du Cerf, em 2005, com um prefácio de Cardeal Ratzinger datando de abril de 2000.

O Pontificado de Bento XVI apresenta-se como mais sério do que o de seu predecessor. Apesar de tudo, já fez alguns atos que não são compatíveis com a Fé Católica:

- i) Na missa de exéquias de João Paulo II, onze dias antes de ser eleito Papa, o Cardeal Ratzinger deu a Comunhão na mão, ao irmão Roger Schutz, de Taizé, sabendo que este era protestante.<sup>50</sup>;
- ii) No curso da mesma missa, falou de João Paulo II como “apoiando-se na janela da Casa do Pai”; indicando assim que João Paulo II já estaria no Paraíso; esmigalhando o Purgatório e procedendo a uma canonização instantânea.<sup>51</sup>
- iii) Na sua primeira homilia papal, Bento XVI prometeu promover o diálogo ecumênico do qual o Papa João Paulo II ter-se-ia feito campeão;
- iv) Quatro meses apenas depois de sua eleição, visitou a sinagoga de Cologne, em 19 de agosto de 2005, deixando assim a entender que o culto que lá é rendido seria agradável a Deus (não se tratava evidentemente de um passeio turístico ou privado; mas de um gesto público, fortemente simbólico, que Bento XVI acrescentou, por iniciativa própria, à agenda de sua visita à Alemanha);
- v) Em 30 de novembro de 2006, Bento XVI se pôs descalço (e calçou calçados islâmicos brancos) para penetrar na mesquita azul de Istanbul. Ali, depois de virar-se para Meca, recolheu-se por alguns instantes, de mãos cruzadas sobre o ventre. Sua atitude deu a entender, aqui também, que o culto rendido nessa mesquita era legítimo e agradável a Deus;

---

<sup>50</sup> Contrariamente ao que, por vezes, foi dito, o irmão Roger Schutz não se converteu ao Catolicismo. Seu Sucessor no comando da comunidade de Taizé, irmão Aloïs, negou, em *La Croix* de 07 de setembro de 2006, “as afirmações(...) segundo as quais o fundador de Taizé teria se “convertido” ao Catolicismo”. “Não - afirma irmão Aloïs - Irmão Roger nunca se “converteu” ao Catolicismo.”

<sup>51</sup> Homilia do Cardeal Ratzinger na missa de exéquias de João Paulo II, *Zenit*, em 08 de abril de 2005

- vi) No dia 04 de fevereiro de 2008, Bento XVI modificou o Missal tradicional, suprimindo qualquer menção à *cegueira* dos judeus na oração feita na intenção dos mesmos, na Sexta-Feira Santa.

## ***22. Por que esses Papas passam então por conservadores ?***

**Os Papas conciliares passam geralmente por conservadores, porque continuam a defender certos princípios de moral natural que o mundo moderno nega; em matéria dogmática, procuram frear os mais progressistas dos teólogos modernistas.**

+ *Pode-se fornecer uma outra explicação desta falsa reputação de “conservadores” ?*

Uma característica da crise atual é a grande confusão de idéias e de pontos de vista que reina até dentro da Igreja Católica. Basta defender esse ou aquele ponto de Doutrina Católica para ser qualificado de *conservador*. A expressão não significa mais grande coisa.

+ *Em matéria moral, por que o Papa Paulo VI tem reputação de Papa conservador ?*

O Papa Paulo VI passa por conservador por conta da Encíclica *Humanae Vitae*, de 25 de julho de 1968, que incute a oposição da Igreja à contracepção. Essa encíclica excitou muito ódio contra ele, e numerosos episcopados a ela se opuseram mais ou menos abertamente.

+ *Tendo em vista o contexto, essa Encíclica *Humanae Vitae* não foi um ato de coragem do Papa ?*

A encíclica *Humanae Vitae* requereu, sem dúvida, uma certa coragem da parte de Paulo VI, e ela certamente é a prova da assistência de Deus à Sua Igreja, mesmo no meio da crise atual. Mas não se pode esquecer que o Papa Paulo VI era o primeiro

responsável pelo contexto em questão, uma vez que havia recusado que a contracepção fosse claramente condenada no Vaticano II. A porta não teria sido tão difícil de fechar se não houvesse sido entreaberta no Concílio.

*+ João Paulo II não foi, diante do mundo moderno, um grande paladino da Moral Cristã?*

João Paulo II – como, hoje, Bento XVI – era criticado como um conservador endurecido em razão de sua clara posição nas questões de moral conjugal e de celibato. E, mais uma vez, não nos enganemos: mesmo nestas matérias, há nele algum amolecimento doutrinal.

*+ O ensinamento moral de João Paulo II se afasta da Tradição?*

Constata-se, nas justificativas de moral cristã dadas por João Paulo II, um deslocamento de ênfase: é sempre o argumento da dignidade do homem que é colocado em primeiro plano. O Novo Catecismo da Igreja Católica diz assim:

“O assassinato de um ser humano é gravemente contrário à dignidade da pessoa e à santidade do Criador”<sup>52</sup>

Uma tal inversão de ordem mostra até onde chega hoje o Humanismo dos homens da Igreja. Lembremos a frase de Paulo VI, dizendo que a Igreja, Ela também, tem o “culto do Homem”.

*+ Em matéria doutrinal, Paulo VI não defendeu a doutrina tradicional no seu Credo do Povo de Deus? E João Paulo II na sua Carta Apostólica Ordinatio Sacerdotalis, de 22 de maio de 1994, declarando claramente que a ordenação de mulheres está absolutamente excluída ?*

---

<sup>52</sup> Novo Catecismo da Igreja Católica (1992), §2320

Os Papas atuais não são (e, graças a Deus, não podem ser) deficientes de todo. Mas basta que o sejam em alguns pontos para que as conseqüências sejam trágicas para o conjunto da Igreja. Ora, de fato, esses Papas, em numerosos casos, apoiaram os modernistas, abandonaram os defensores da Verdade católica e mesmo condenaram a estes.

+ *Podem-se citar exemplos do apoio trazido por João Paulo II aos modernistas ?*

João Paulo II nomeou Cardeais a quatro líderes neomodernistas: os teólogos franceses Henri de Lubac e Yves Congar, e os teólogos de língua alemã Hans Urs Von Balthasar e Walter Kasper.

+ *Quem é Henri de Lubac ?*

Henri de Lubac (1896-1991) é o principal líder francês do que se chama “Nova Teologia”. Esta retomou, depois da Segunda Guerra Mundial, as orientações do modernismo condenado por São Pio X, em 1907 (v.g. *confusão do natural com o sobrenatural, evolucionismo doutrinal, etc.*); porém de modo mais hábil. O jesuíta Teilhard de Chardin (1881-1955) dizia de Santo Agostinho: “Não me falem desse homem nefasto, ele fez tudo desandar ao introduzir o sobrenatural”<sup>53</sup>. Seu confrade e amigo, Henri de Lubac, que sempre o defendeu (e não hesitou, até mesmo, para isso, em falsificar correspondência, fingindo publicá-la integralmente)<sup>54</sup>, é muito mais sutil: admite em princípio a distinção entre “natural” e “sobrenatural”; porém trabalha, em seguida, sabiamente, nos seus livros, para fazê-la perder toda a sua consistência. Sem nada negar muito categoricamente, a “Nova Teologia” é “brilhante” em tornar a tudo fluido, pondo, sistematicamente, em destaque os autores menos precisos. Invoca os Padres da Igreja contra Santo Tomás; os Padres Gregos contra os Padres Latinos; e, mesmo, se for preciso, Santo Tomás de Aquino contra seus comentadores mais explícitos.

---

<sup>53</sup> Teilhard de Chardin à Dietrich Von Hildebrand em março de 1948. Ver o testemunho do professor Von Hildebrand em *Pensée catholique n°139 (1972), p.14* (tradução de um apêndice de sua obra: *The trojan Horse in the City of God, Chicago,1967,p.227-253*; esse apêndice sobre Teilhard de Chardin foi omitida na tradução francesa da obra [Paris,Beauchesne,1971]).

<sup>54</sup> Ver Henri Rambaud, “Les tricheries Du Père Lubac”, *Itinéraires n° 168*, p.69-109.

Pio XII condenou as principais teses da “Nova Teologia” em *Humanu Generis*, escrita em 1950. Todavia, a encíclica nunca foi obedecida. Henri de Lubac, que foi suspenso de cátedra por seus superiores romanos, foi teólogo no Concílio Vaticano II e nomeado Cardeal em fevereiro de 1983.

+ *Quem é Yves Congar ?*

Yves Congar (dominicano, 1904-1995) é o pai da “Nova Ecclesiolgia”, isto é, da nova maneira de conceber a Igreja. Discípulo do padre Chenu, fez cursos na faculdade protestante de Estrasburgo, logo depois de sua ordenação sacerdotal. Decidiu consagrar toda a sua vida à reaproximação da Igreja com os hereges e com os cismáticos, chegando até a pretender que: “Lutero é um dos maiores gênios religiosos de toda a História. Coloco-o, neste aspecto, no mesmo plano de Santo Agostinho e de Santo Tomás de Aquino ou Pascal. De uma certa maneira, Lutero é ainda maior. Repensou o Cristianismo (...) Estudei muito Lutero. Não passa um só mês sem que eu consulte seus escritos”.<sup>55</sup> Submetido, a partir de 1947, a uma supervisão estreita ( ele dirá mais tarde: “ Conheci, a partir do começo de 1947, até o fim de 1956, uma série de denúncias, de advertências, de medidas restritivas ou discriminatórias, de intervenções desconfiadas”<sup>56</sup>), continuou sustentando as mesmas idéias virulentamente (ele mesmo conta, no seu Diário íntimo, como foi, por duas vezes, a Roma, urinar na porta do Santo Ofício, em sinal de protesto!<sup>57</sup>) Yves Congar foi, mesmo assim, chamado como expert ao Vaticano II, por João XXIII, e influenciou o Concílio grandemente. João Paulo II o nomeou Cardeal em outubro de 1994.

+ *Quem é Hans Urs Von Balthasar ?*

---

<sup>55</sup> *Une vie pour La vérité*, entrevista de Yves Congar com Jean Puyo, Paris, Centurion, 1975, p.59 – O Papa Adriano VII, em sua Bula *Satis et plus* , designou Lutero como “apóstolo do Anticristo”; e Santo Afonso de Liguori chamava-o de “um funesto monstro do inferno”.

<sup>56</sup> *Informations Catholiques Internationales* de 1º de junho de 1964, p.28.

<sup>57</sup> Em 17 de maio de 1946, depois em 27 de novembro de 1954. Ver Yves Congar, *Journal d'un théologien (1946-1956)*, apresentado e anotado por Étienne Fouilloux, Paris, Cerf, 2001, p.88 e 293.

Na linha da “Nova Teologia”, Hans Urs Von Balthasar (Suíça, 1905-1988) empregou-se a reconstruir a teologia ao redor de filósofos e poetas modernos. Muito influenciado pela falsa mística Adrienne Von Speyr (1902-1967)<sup>58</sup>, ele igualmente desenvolveu a tese de um inferno vazio. Nomeado Cardeal, em 1988, por João Paulo II, sua morte inopinada impediu-o de receber o barrete cardinalício.

+ *Quem é Walter Kasper ?*

Presidente (desde 2001) do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, Walter Kasper é, todavia, um inimigo declarado da Fé Católica. Em seu livro “*Jesus Cristo*”, nega abertamente muitos milagres evangélicos (“[...] É-nos necessário qualificar como lendárias muitas das estórias de milagres contidas nos Evangelhos. É preciso procurar menos, nestas lendas, seu conteúdo histórico do que seu objetivo teológico.”<sup>59</sup>). Duvida da historicidade da Ressurreição (“Essa constatação de existência de um fundo histórico nos relatos concernentes à Sepultura não implica, de modo algum, uma prova em favor da Ressurreição<sup>60</sup>). E vai até pôr em dúvida a Divindade de Nosso Senhor, empregando páginas, e mais páginas, para relativizar todas as passagens escriturísticas que lhe fazem menção. No entanto, Kasper foi nomeado Cardeal, por João Paulo II, em 2001, sem ter se retratado de nenhuma de suas teses.

+ *Bento XVI apóia também esses teólogos modernistas ?*

Em 24 de setembro de 2005, Bento XVI recebeu, durante várias horas, em audiência privada, o teólogo herege Hans Küng, a quem João Paulo II havia sempre se recusado a receber, por causa de sua revolta contra o Magistério da Igreja. Em outubro de 2005, o Papa elogiou Urs Von Balthasar por ocasião de uma conferência em honra

---

<sup>58</sup> O diário italiano *Avvenire* (muito próximo ao episcopado italiano) publicou, em 15 de agosto de 1992, testemunhos comprometedores para a pretensa mística: Adrienne Von Speyr aparece neles como orgulhosa, dominadora, preguiçosa, gulosa, colérica e muito pouco devota. Ver *Le Courier de Rome Si Si No No* de dezembro de 1992, p.7

<sup>59</sup> Walter Kasper, *Jésus Le Christ*, Paris, Cerf, 1996 [5ª edição francesa], p.130.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p.193.

deste teólogo modernista”<sup>61</sup>. Ele mesmo autorizou a Comissão Teológica Internacional a publicar, em maio de 2007, um documento colocando em xeque a doutrina da Igreja sobre o Limbo.

+ *Bento XVI não tratou de nomear Cardeais conservadores ?*

Várias nomeações efetuadas por Bento XVI são catastróficas.

i) Mons. William Levada, nomeado em maio de 2005, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, protegeu padres homossexuais em suas dioceses sucessivas, nos Estados Unidos. É um dos prelados mais ecumênicos desse país. Foi o primeiro Bispo americano a visitar uma sinagoga, e patrocinou, em sua Catedral, manifestações que se enquadravam dentro do “espírito de Assis”, nas quais participaram judeus, muçulmanos, budistas, hindus, etc.<sup>62</sup> Ele, igualmente, declarou que a Transubstanciação era “uma palavra longa e difícil”, que “nós não empregamos mais”<sup>63</sup>.

ii) Mons George Niederauer, nomeado Arcebispo de San Francisco, é manifestamente um aliado dos homossexuais. Ele foi publicamente louvado por isso por Sam Sinnet e Francis DeBernardo, ambos presidentes de grupos homossexuais.<sup>64</sup>

iii) Mons. Odilo Pedro Scherer, nomeado em 21 de março de 2007, Arcebispo de São Paulo era, antigamente, o Secretário-Geral da bastante progressista CNBB ( Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil).

### **23. Os Papas pós-conciliares são hereges, então ?!**

---

<sup>61</sup> Zenit, 10 de outubro de 2005.

<sup>62</sup> J.Vennari, “Ecumenical Archbishop Levada to Head Sacred Congregation for the Doctrine of the Faith”, *Catholic Family News*, junho de 2005. Ver, também, “New san Francisco Archbishop thinks propaganda film *Brokeback Mountain* is “very powerful” “ *Lifesite*, 13 de fevereiro de 2005.

<sup>63</sup> Ver *Priest Where is Thy Mass ? Mass Where is Thy Priest ?*, Kansas, Angelus, 2004, p.64.

<sup>64</sup> Dale Vree “ Homossexuals in the seminary: Why the priesthood Will continue to become a “gay” profession”, *New Oxford review*, fevereiro de 2006, p.4.

**É herege, no senso estrito da palavra, apenas aquele que nega expressamente um dogma. Ora, os Papas Paulo VI e João Paulo II fizeram e disseram muitas coisas que prejudicaram gravemente a Igreja e a Fé, e que foram capazes de confortar os hereges em sua maneira de proceder; mas não se pode provar que os Papas tivessem consciente e voluntariamente negado um dogma. Eles devem, de preferência, ser contados no número daqueles católicos liberais, que, de um lado, querem permanecer católicos; mas, de outro, desejam agradar ao mundo e tudo fazer para ir a seu encontro.**

+ *Não pode acontecer que um católico liberal leve a conciliação com o mundo até a heresia?*

Uma das características desse gênero de católicos é que eles nunca querem se comprometer; por esta tão só razão, é-lhes muito difícil sustentar uma heresia com pertinácia.

+ *A pertinácia no erro é absolutamente necessária para ser herege ?*

Basta contradizer um só dogma para ser *materialmente* herege. Mas é preciso, para cometer realmente o pecado de heresia (ou seja, ser *formalmente* herege), que esta negação seja consciente e voluntária. Uma criança que, tendo mal aprendido seu catecismo, atribua duas Pessoas a Nosso Senhor Jesus Cristo, cometeu um pecado de negligência, mas não o pecado de heresia (ela profere uma heresia sem disso ter consciência, ela não é *formalmente* herege). Um católico liberal que multiplique as ambigüidades e as concessões para agradar ao mundo pode, de modo análogo, chegar a proferir heresias sem, disso, ter verdadeiramente consciência: ele não é *formalmente* herege.

+ *Qual é o ensinamento da Igreja sobre esses católicos liberais?*

Desses católicos liberais, Pio IX dizia:

“Estes são mais perigosos, seguramente, e, mais funestos, do que os inimigos declarados(...) porque, mantendo-se no extremo limite das opiniões formalmente condenadas, dão a si mesmos uma certa aparência de integridade e de doutrina

irrepreensível, tentando assim aos imprudentes amadores de conciliação e enganando as pessoas honestas, que se revoltariam contra um erro declarado.”<sup>65</sup>

#### **24. *Encontram-se, na história, exemplos análogos de deficiências de Papas?***

**Se houve, infelizmente, um certo número de Papas cuja vida moral não foi exemplar; todavia, nas questões de doutrina, foram, quase sempre, irrepreensíveis. Há, no entanto, alguns exemplos de Papas que caíram no erro ou que, ao menos, apoiaram o erro ao invés de o combater. Foram os Papas Libério, Honório I e João XXII.**

+ *Como o Papa Libério apoiou o erro ?*

O Papa Libério (352-366) sucumbiu à pressão dos arianos, que negavam a Divindade de Cristo. Excomungou, em 357, o Bispo Atanásio, o valente defensor da Doutrina católica, e subscreveu uma profissão de Fé ambígua.<sup>66</sup> A Igreja honra, hoje, Atanásio como um santo, e não o Papa Libério.

+ *Como o Papa Honório I apoiou o erro ?*

No século VII, Sérgio, Patriarca de Constantinopla, inventou a heresia do monotelitismo. Esse erro pretendia que somente havia em Cristo uma só vontade, enquanto que, na verdade, há duas: a vontade divina e a vontade humana. Sérgio conseguiu enganar a Honório I(625-638) e ganhá-lo para sua causa.

+ *O Papa Honório aderiu verdadeiramente ao erro do monotelitismo?*

---

<sup>65</sup> Pio IX, Breve ao círculo católico de Milão (1873), citado por padre Roussel em : *Libéralisme et catholicisme, Riddes (Suíça)*, 1987, p.142.

<sup>66</sup> Carta *Studens pacis* dirigida, pelo Papa Libério, aos Bispos do Oriente, na primavera de 357: “(...) Essa carta, que compus com a preocupação da unanimidade convosco, deve vos fazer saber que estou em paz com vós todos e com todos os Bispos da Igreja Católica; mas o dito Atanásio está excluído da comunhão comigo, isto é, da comunhão com a Igreja Romana, e da troca de cartas eclesíásticas” (DS138). O Papa Libério confirma essa excomunhão de Santo Atanásio nas cartas *Pro deifico* (DS141), *Quia scio*(DS 142) e *Non doceo*(DS 143)

Parece que Honório não partilhava verdadeiramente o erro do Patriarca de Constantinopla; porém, não compreendendo bem toda a questão, e, nela, não vendo mais que uma disputa de teólogos, tomou, no entanto, partido de Sérgio e impôs o silêncio a São Sofrônio, que defendia a causa católica. Por essa razão, Honório foi, depois de sua morte, condenado pelo Papa Leão II.<sup>67</sup>

+ *Como o Papa João XXII apoiou o erro ?*

João XXII (1316-1334) apoiava a falsa doutrina, segundo a qual, as almas dos defuntos só obtêm a visão beatífica *depois* do Juízo Universal. Antes, gozariam simplesmente da visão da humanidade de Cristo. De modo análogo, os demônios e os homens perdidos só receberiam a pena eterna do Inferno *depois* do Juízo Final. Esse Papa teve, ao menos, a humildade de se deixar corrigir, e retratou seu erro em 03 de dezembro de 1334, um dia antes de morrer.<sup>68</sup>

+ *Qual lição pode-se tirar desses três exemplos?*

Por esses exemplos, e, em particular, pelo de Santo Atanásio, vê-se que pode acontecer de um único Bispo ter razão contra o Papa.

---

<sup>67</sup> João IV, Papa, (641-642) saiu na defesa de seu predecessor Honório na carta *Dominus qui dixit* (496-498), mostrando que textos ambíguos de Honório podem ser bem interpretados. Mas o terceiro Concílio de Constantinopla (680-681) e o Papa Leão II(682-683) pronunciaram o anátema contra Honório que havia, de fato, favorecido a heresia. (DS 552 e 563).

<sup>68</sup> João XXII retratou seus erros na Bula *Ne super his i*(DS 990-991) , que foi publicada por seu sucessor Bento XII.

## **CAPÍTULO IV**

# **O CONCÍLIO VATICANO II**

### ***25. Quando aconteceu o Concílio Vaticano II ?***

**O Vaticano II foi aberto pelo Papa João XXIII, em 11 de outubro de 1962. João XXIII morreu no ano seguinte; mas o seu Sucessor, Paulo VI, continuou o Concílio e encerrou-o em 08 de dezembro de 1965.**

*+ O Concílio durou mais de três anos sem interrupção ?*

O Concílio Vaticano II compreendeu quatro sessões de menos de três meses, entre as quais, os Bispos retornavam às suas dioceses. A primeira sessão (11 de outubro a 08 de dezembro de 1962) – a única que se deu no pontificado de João XXIII – não promulgou nenhum documento: empregaram-se, sobretudo, a descartar o trabalho da Comissão Preparatória.

*+ Qual é o lugar de Vaticano II dentre os outros Concílios ?*

O Vaticano II foi o 21º Concílio Ecumênico. Foi, quanto ao número de participantes, o mais importante de toda a História: dois mil Bispos, nele, se reuniram.

**26. Em que Vaticano II difere dos Concílios anteriores ?**

**O Concílio Vaticano II declarou não querer ser mais que um “Concílio pastoral”, que não define as questões de Fé, mas que dá diretivas pastorais para a vida da Igreja. Renunciou à definição de dogmas e, assim, à infalibilidade que pertence a um Concílio. Seus documentos não são, portanto, infalíveis.**

+ *Quais são os objetivos ordinários de um Concílio ?*

Na sua carta de convocação do primeiro Concílio do Vaticano, Pio IX indica que os Concílios Gerais foram, sobretudo, convocados “nas épocas de grandes perturbações, quando calamidades de todo gênero se abatiam sobre a Igreja e sobre os povos.” Todos os Concílios Ecumênicos do passado foram convocados para vir ao encalço de uma heresia (é, notadamente, o caso dos sete primeiros), ou para corrigir um mal então dominante (simonia, cisma, corrupção do clero, etc.). Pio IX resume assim os principais fins de um Concílio:

“Decidir, com prudência e sabedoria, tudo o que poderia contribuir para *definir* os dogmas da Fé; para *condenar os erros* que se espalham insidiosamente; para *defender*, colocar à luz, explicitar a Doutrina Católica; para conservar e reorganizar a disciplina eclesiástica; para *corrigir os modos corrompidos da população*”<sup>69</sup>.

+ *Nunca houve, então, outro Concílio “pastoral” antes de Vaticano II ?*

Todos os Concílios da Igreja foram pastorais. Mas o foram, definindo os dogmas; desmascarando os erros; defendendo a Doutrina Católica, e lutando contra as desordens disciplinares e morais. A originalidade de Vaticano II foi a de querer ser

---

<sup>69</sup> “(...) *Ea omnia provide sapienterque constituerent quae ad fidei potissimum dogmata definienda, ad grassantes errores profligandos, ad catholicam propugnandam, illustrandam et evolvendam doctrinam, ad ecclesiasticam tuendam ac reparandam disciplinam, ad corruptos populorum mores corrigendos possent conducere.*” Pio IX, Bula de intimação e de convocação do primeiro Concílio do Vaticano, de 29 de junho de 1868, AAS,1868,vol.IV,p.5.

“pastoral” *de uma maneira nova*, recusando-se a definir dogmas, a condenar os erros e, mesmo, a apresentar a Doutrina Católica de modo defensivo.

+ *Vaticano II não promulgou documentos dogmáticos ?*

Vaticano II promulgou dezesseis textos: nove decretos, três declarações e quatro constituições. Dentre estas, duas são ditas “Constituições Dogmáticas”: *Lumen Gentium*(sobre a Igreja) e *Dei Verbum*(sobre a Revelação). Isso não significa que tenham proclamado dogmas ou que sejam infalíveis; mas, apenas, que tratam de uma matéria *referente ao dogma*. Vaticano II se recusou a definir o que quer que seja de modo infalível; Paulo VI o sublinhou explicitamente, em 12 de janeiro de 1966, algumas semanas depois de seu encerramento:

“Tendo em vista o caráter pastoral do Concílio, este evitou proclamar de modo extraordinário dogmas dotados da nota de infalibilidade”.

+ *A “pastoralidade” de Vaticano II caracteriza-se pela adaptação da Igreja ao nosso tempo?*

Todos os Concílios adaptaram a Igreja ao seu tempo. Mas o fizeram, anatematizando os erros do dia; punindo os desvios morais ou disciplinares da época; armando a Igreja contra seus inimigos. A adaptação não visava a se conformar ao século; mas a mais bem lhe resistir. Não se tratava de agradar ao mundo; mas de o confrontar e de o vencer, para agradar a Deus. João XXIII e Paulo VI procuraram, ao contrário, tornar a Igreja Católica sedutora para o homem moderno.

+ *João XXIII e Paulo VI exprimiram essa intenção ?*

João XXIII declarou em 14 de fevereiro de 1960:

“O fim primeiro e imediato do Concílio é o de *apresentar ao mundo a Igreja de Deus*, no seu perpétuo vigor de vida e de Verdade, e com sua legislação adaptada às circunstâncias presentes, de modo a ser sempre mais conforme à sua divina missão e estar sempre mais pronta para as necessidades de hoje e de amanhã. Em seguida, se os irmãos que se separaram e que ainda estão divididos entre si virem se concretizar o

comum desejo de unidade, poderemos lhes dizer então, com uma viva emoção: é a vossa casa; a casa daqueles que trazem o sinal de Cristo.”<sup>70</sup>

O Cardeal Montini, futuro Paulo VI, declarava em abril de 1962:

“A Igreja se propõe, pelo próximo Concílio, a entrar em contato com o mundo(...) Ela se esforçará para ser (...) amável em sua linguagem e na sua maneira de ser”.

E, durante o Concílio, Paulo VI afirmava na sua Encíclica *Ecclesiam Suam*:

“A Igreja poderia se propor a realçar os males que podem se encontrar no mundo, a pronunciar anátemas e suscitar cruzadas contra eles (...); parece-nos, *ao contrário*, que a relação da Igreja com o mundo (...) pode se exprimir melhor sob a forma de um diálogo”(§80)

+ *Vaticano II se quis, desde o início, portanto, como um Concílio de abertura e de diálogo ?*

De fato, os membros da Comissão Preparatória estabelecida por João XXIII pensavam dever organizar um Concílio normal. Fizeram um enorme trabalho para esboçar esquemas que pudessem servir de base aos debates conciliares. Mas, durante esse tempo, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, igualmente estabelecido por João XXIII (em junho de 1960), trabalhava num outro sentido. Finalmente, a verdadeira intenção de João XXIII prevaleceu: no início do Concílio, livraram-se dos esquemas preparatórios, julgados demasiado “doutriniais”, e o Concílio se comprometeu com a via preparada pelo Secretariado para a Unidade.

+ *Como o Secretariado para a Unidade preparou o Concílio ?*

---

<sup>70</sup> “*Scopo primo Ed immediato Del Concilio è di ripresentare al mondo La Chiesa di Dio nel suo perenne vigore di vita e di verità, e com La sua legislazione aggiornata(...)*” João XXIII, discurso ao Conselho Geral da Ação Católica italiana, em 14 de fevereiro de 1960. *Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparendo*, series I (antepreparatoria), vol I (acta Summi Pontificis Joannis XXIII), p.74. Ver também o discurso de 03 de agosto de 1959, DC nº1311(1959), col. 1099.

Sob a presidência do Cardeal Bea, o Secretariado para a Unidade preparou o Concílio perguntando aos não-católicos o que esperavam da Igreja. Estabeleceu contatos com os ortodoxos, os protestantes, os judeus, os comunistas e os maçons, e comprometeu-se mesmo a que alguns de seus *desiderata* fossem satisfeitos.

+ *Quais foram as exigências dos ortodoxos e dos comunistas ?*

Para obter a presença de observadores ortodoxos no Concílio, João XXIII se comprometeu à não-condenação do Comunismo pelo Concílio. Mons. Roche, amigo e confidente do Cardeal Tisserant, testemunha:

“O Cardeal Tisserant recebeu ordens formais tanto para negociar o acordo como para supervisionar sua exata execução durante o Concílio. Foi assim que, a cada vez que um Bispo queria abordar a questão do Comunismo, o Cardeal, de sua mesa do Conselho de Presidência, intervinha”.<sup>71</sup>

+ *Quais foram os pedidos dos judeus ?*

No número 1001 de *Tribune Juive* (de 25 a 31 de dezembro de 1987), Lazare Landau conta:

“Numa noite brumosa e glacial do inverno de 1962-63, atendi a um convite extraordinário no Centro comunitário da Paz, em Estrasburgo. Os dirigentes judeus recebiam, em segredo, no sub-solo, um enviado do Papa. Na saída do chabath, éramos uma dezena para acolher um dominicano de vestimenta branca, o reverendo padre Yves Congar, encarregado pelo cardeal Bea, em nome de João XXIII, de nos perguntar, no início do Concílio, o que esperávamos da Igreja Católica (...).

Os judeus, mantidos há vinte séculos à margem da sociedade cristã, freqüentemente tratados como subalternos, inimigos e deicidas, pediam sua completa reabilitação. Provindos, em linhagem direita, do tronco abrahâmico, de onde saiu o

---

<sup>71</sup> Itinéraires nº285, p.157. Sobre esse acordo, ver também: *France nouvelle* (hebdomadário do Partido Comunista francês) nº 900, 16-22 de janeiro de 1963, p.15; *La Croix*, 15 de fevereiro de 1963, p.5; *Itinéraires* nº280, p.1-15; P. Floridi, S.J, Moscou et Vatican, Paris, France-Empire,1979,p.142-148;etc.

Cristianismo, pediam para serem considerados como irmãos, parceiros de igual dignidade, da Igreja cristã (...)

O mensageiro branco – despojado de qualquer símbolo ou ornamento – retornou a Roma, portador das inumeráveis solicitações que reforçavam as nossas. Depois de debates difíceis (...), o Concílio fez jus a nossas expectativas. A declaração *Nostra Aetate* nº4 constituiu – Pe. Congar e os três redatores do texto me confirmaram – uma verdadeira revolução na doutrina da Igreja sobre os judeus(...).

Homilias e catecismos mudariam em poucos anos (...). Desde a visita secreta do Pe.Congar, num lugar escondido da sinagoga, durante uma noite muito fria de inverno, a doutrina da Igreja havia conhecido uma total mutação.”<sup>72</sup>

+ *Quais foram os pedidos dos protestantes e dos maçons ?*

Em setembro de 1961, o Cardeal Bea encontrou, secretamente, em Milão, o pastor Willem A. Visser't Hooft, secretário-geral do Conselho Ecumênico de igrejas (organismo de origem protestante, de tendência maçônica). A liberdade religiosa foi um dos temas mais importantes do encontro. Mais tarde, em 22 de julho de 1965, na véspera da última sessão conciliar, o mesmo Conselho Ecumênico de igrejas publicou a lista de suas sete exigências fundamentais em matéria de liberdade religiosa. Todas foram satisfeitas pelo Concílio, no documento *Dignitatis Humanae*.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Ver também, sobre o assunto, *Le Sel de La Terre* nº34, p.196-217 (e, notadamente, o relato da visita secreta que o Cardeal Bea fez ao Comitê judaico americano, em Nova Iorque, em 31 de março de 1963) (nota dos editores franceses).

<sup>73</sup> “Durante a última sessão conciliar, o Bispo de Mônaco, Mons. Rupp, num discurso que foi muito escutado, pediu que o Concílio se contentasse tomar, por sua conta, essas sete exigências e que as confirmasse com sua própria autoridade(...) Na realidade, o Concílio fez mais. Não somente as fez suas, em termos equivalentes, essas sete exigências, mas as fundou solidamente (...)” Mons. Willebrands, em *Vatican II – La liberte religieuse*, coleção Unam Sanctam, Paris, Cerf, 1967, pp.241-242

+ *Que conclusões se podem tirar dessa política de abertura levada a cabo pelo Concílio Vaticano II ?*

Percebe-se, claramente, que Vaticano II não foi um Concílio como os outros. Os textos que promulgou, frutos de um “diálogo” com o mundo, são mais textos diplomáticos ou “publicitários” (destinados a dar uma boa imagem à Igreja) do que textos magisteriais (ensinando com autoridade e precisão Verdades de Fé). Nenhum dos textos conciliares é, de si, infalível.

### ***27. Qual foi a influência desse Concílio na crise da Igreja ?***

**As forças liberais e modernistas, que já minavam a Igreja, conseguiram colocar as mãos sobre o Concílio Vaticano II. Pode-se, então, dizer que Vaticano II foi a faísca que fez explodir uma crise que se preparava já de longa data na Igreja.**

+ *A quando podem se fazer remontar as origens desta crise?*

São Pio X constatava já, na Encíclica *Pascendi*, que o modernismo não era mais um inimigo exterior à Igreja; mas que havia penetrado no interior, apesar de seus adeptos ainda esconderem suas verdadeiras intenções.

+ *O Papa São Pio X não combateu vigorosamente esses modernistas ?*

São Pio X combateu o modernismo energicamente. Seus Sucessores até Pio XII fizeram o mesmo, com mais ou com menos vigor; mas não conseguiram verdadeiramente os vencer. A Encíclica *Humani Generis* de Pio XII, condenando o que se chamou “Nova Teologia” (em 1950), foi aceita exteriormente; mas, na realidade, foi desprezada por muitos. Continuaram a se interessar nas teses condenadas, e, nas casas de formação, encorajavam-se os futuros padres a fazer o mesmo.

+ *Pode-se dizer que Vaticano II foi uma revolução na Igreja ?*

Que o Concílio foi uma revolução na Igreja, alguns de seus defensores clamam-no, eles mesmos. Assim, o Cardeal Suenens fez um paralelo entre o Concílio e a Revolução Francesa, dizendo que o Vaticano II havia sido o 1789 na Igreja. O padre

Yves Congar, teólogo conciliar, comparou o Concílio à Revolução Bolchevique: “A Igreja fez, pacificamente, sua Revolução de Outubro”.<sup>74</sup>

## **28. Como os liberais colocaram as mãos sobre o Concílio ?**

**Graças ao apoio de João XXIII e de Paulo VI, as forças liberais e neomodernistas introduziram, nos textos do Concílio, um grande número de suas idéias. Antes do Concílio, a Comissão Preparatória havia preparado, com cuidado, esquemas que eram o eco da Fé da Igreja. É sobre esses esquemas que a discussão e o voto deveriam ter sido feitos; mas eles foram rejeitados na primeira sessão do Concílio e substituídos por novos esquemas preparados pelos liberais.**

+ *Não houve defensores da Doutrina tradicional no Concílio ?*

Houve, no Concílio, um grupo de mais ou menos 250 a 270 Bispos decididos a defender a Tradição da Igreja. Acabaram por formar o *Coetus Internationalis Patrum*. Mas, contra, estava já constituído, e, perfeitamente organizado, um grupo de Cardeais e de Bispos liberais, que se chamou Aliança do Reno.

+ *De onde vem esse nome de Aliança do Reno ?*

O nome de Aliança do Reno vem do fato de que os dirigentes desse grupo liberal eram, quase todos, Bispos de dioceses às margens do rio Reno. Esse grupo inundou, a cada dia, o Concílio, com folhas datilografadas, nas quais se dizia aos Bispos em que sentido deviam votar. É por isso que um jornalista, o padre Ralph Wiltgen, pôde intitular seu livro que contava o Concílio, assim: *O Reno se lança no Tibre*.

+ *Os inovadores eram majoritários?*

Como toda revolução, Vaticano II não foi conduzido pela maioria, mas por uma minoria ativa e bem organizada. A maioria dos Bispos estava indecisa e bem assim pronta para seguir os conservadores. Mas quando viram que os dirigentes da Aliança do Reno eram amigos pessoais do Papa e que alguns dentre estes (os Cardeais Döpfner,

---

<sup>74</sup> Yves Congar, O.P. *Le Concile au jour Le jour. Deuxième Session*, Paris, 1964, p.215.

Lercaro e Suenens) tinham até sido nomeados moderadores do Concílio, eles os seguiram.

+ *Os textos de Vaticano II, portanto, não são representativos do que pensava a maioria dos Bispos na abertura do Concílio?*

Um teólogo do ala progressista, Hans Küng, exprimiu, um dia, sua alegria de que um sonho de uma pequena minoria havia se realizado no Concílio: “Nenhum daqueles que vieram aqui para o Concílio voltará para sua casa igual ao que era antes. Pessoalmente, nunca teria esperado que os Bispos falassem de modo tão ousado e tão explícito na *aula conciliar*.”<sup>75</sup>

+ *Quem é esse teólogo Hans Küng ?*

Hans Küng manifestou, desde o Concílio, a que espírito se filia. Além da infalibilidade pontifícia e da Divindade de Cristo, esse eclesiástico nega a maior parte dos dogmas cristãos, de tal maneira que mesmo Roma Conciliar teve que lhe retirar a autorização de lecionar.

+ *Outros teólogos hereges exerceram influência no Vaticano II?*

O jesuíta Karl Rahner (1904-1984), mesmo sendo mais prudente e menos explícito, espalhou teses análogas em suas obras. O Santo Ofício, desde 1949, impôs-lhe silêncio sobre certas questões. Teve, no entanto, sobre o Concílio Vaticano II, uma influência imensa; Ralph Wiltgen vai até dizer que foi o teólogo mais influente do Concílio:

“A posição dos Bispos de língua alemã sendo regularmente adotada pela Aliança européia (Aliança do Reno), e a posição da Aliança sendo, por sua vez, adotada a mais frequentemente adotada pelo Concílio, bastava que um só teólogo fizesse que suas

---

<sup>75</sup> Citado por Ralph Wiltgen, *O Reno se lança no Tibre*, Paris, Cèdre, 1982, p.59. (nota da tradução: o livro foi editado em Português pela editora Permanência. [www.permanencia.org.br](http://www.permanencia.org.br))

visões fossem adotadas pelos Bispos de língua alemã para que o Concílio as fizesse suas. Ora, um tal teólogo existia: era o padre Karl Rahner.”<sup>76</sup>

+ *Há outros testemunhos sobre a influência de Rahner no Concílio?*

O padre Congar conta:

“O clima virou: *Rahner dixit, ergo verum est* [*Rahner disse, então é verdade*] Eu lhes dou um exemplo. A Comissão doutrinal era formada pelos Bispos, cada um tendo a seu lado seu próprio expert, mas também por alguns Superiores gerais (como o dos Dominicanos ou dos Carmelitas). Ora, sobre a mesa da Comissão, havia dois microfones; mas Rahner, praticamente, havia tomado um para ele sozinho. Rahner era um pouco intrometido, e muito freqüentemente, além disso, o Cardeal de Viena, Franz König, cujo expert era Rahner, virava-se em sua direção e dizia-lhe, para que falasse: *Rahner, quid?* Naturalmente, Rahner intervinha (...)”<sup>77</sup>

+ *Qual era o pensamento de Karl Rahner ?*

Karl Rahner era um revoltado contra o ensinamento tradicional da Igreja que, para ele, era só “monolitismo” e “teologia de escola”. Uma carta que escreveu em 22 de fevereiro de 1962 por ocasião da tradução italiana de seu Dicionário de Teologia (*Pequeno Dicionário Teológico*) esclarece-nos sobre seus sentimentos em relação ao Magistério da Igreja:

“(…) Uma tradução italiana é claramente um problema especial, em razão da presença, em Roma, de líderes e guardiães da ortodoxia. Por outro lado, estou cada vez mais fortificado em minhas posições. Poder-se-ia também dizer que este pequeno léxico está redigido de tal modo que essas pessoas não compreendam nada e não vejam, portanto, o que está dito contra sua estreiteza.”<sup>78</sup>

+ *Karl Rahner manifestou, durante o Concílio, sua revolta contra a Tradição e o Magistério da Igreja ?*

---

<sup>76</sup> Idem, p.79.

<sup>77</sup> Yves Congar, em *Trente Jours* (edição francesa), nº3 1993, p.26.

<sup>78</sup> Herbert Vorgrimler, *Karl Rahner verstehen*, Fribourg, Herder, 1995, p.175.

Durante o Concílio, o Cardeal Ottaviani, Prefeito do Santo Ofício, exprimiu um dia, em seu discurso, sua inquietação quanto a algumas inovações. Falava sem texto, estando quase cego, e ultrapassou seu tempo para falar. Então, o microfone simplesmente lhe foi cortado. Rahner comentou o acontecimento em uma carta escrita a Vorgrimler, em 05 de novembro de 1962:

“Você já deve ter sabido que Alfrink, de novo, simplesmente cortou a palavra a Ottaviani, porque ele falava por muito tempo. Começou-se a aplaudir (o que não é habitual). Moral: A alegria sádica é a alegria mais pura.”<sup>79</sup>

+ *Encontra-se, na correspondência de Karl Rahner, outros elementos sobre seus sentimentos durante o Concílio ?*

A publicação, em 1994, da correspondência trocada entre padre Karl Rahner e a poetisa austríaca Luise Rinser (1911-2002) fez estourar o escândalo: no momento mesmo em que mandava chover e fazer bom tempo no Concílio, Karl Rahner estava em correspondência amorosa com essa mulher, escrevendo-lhe, em sua paixão, até três cartas por dia (e 276 só no ano de 1964).

+ *Outros maus teólogos influenciaram Vaticano II ?*

Podem-se citar, entre outros, o padre Congar e o padre De Lubac, já apresentados anteriormente; o padre Schillebeeckx, o padre John Courtney-Murray, etc.

+ *Qual foi a influência do padre Congar no Concílio ?*

Mons. Lefebvre conta:

“No início do Vaticano II, eu ia às reuniões [ dos Bispos franceses ] em Saint Louis-des-Français. Mas ficava estupefato de ver como aquilo acontecia. Os Bispos se comportavam literalmente como garotinhos diante dos Congar e outros experts que gravitavam. O padre Congar subia à mesa da presidência e, sem o menor pudor, dizia: “Monsenhor Fulano, o senhor fará tal intervenção sobre tal assunto. Não tenha nenhuma preocupação. Nós lhe prepararemos o texto e o senhor só terá que ler.” Não podia crer

---

<sup>79</sup> *Deutsche Tagespost*, 10 de outubro de 1992.

no que meus olhos viam, nem no que meus ouvidos ouviam! E parei de ir a essas reuniões (...)<sup>80</sup>

+ *Há outros testemunhos sobre a influência do padre Congar?*

Mons.Desmazières, Bispo-auxiliar de Bordeaux, conta:

“(...)De tarde, os trabalhos continuavam. Eu ia ao meu, dirigido pelo padre Congar, sobre a Escritura e a Tradição. Éramos uma dúzia. A nós de prever as intervenções a serem feitas a partir de amanhã(...).Pediram-me para tomar a segunda. Não me recusei, mas *com a condição de que o padre Congar preparasse o meu texto*. Estava de acordo. Ele mo passará amanhã no carro(...) Tomei conhecimento do texto dentro do carro; não estava decidido a mudar o que quer que fosse. Desembarcando em São Pedro, inscrevi-me para falar: era o vigésimo primeiro (...)<sup>81</sup>

+ *O que disse dizia o padre Congar ?*

O padre Congar, normalmente, minimizou sua influência no Concílio. No entanto, assim resumiu sua ação: “A preparação do Concílio havia estado sob a dominação dos homens da Cúria e do Santo Ofício.(...) Tudo consistiu, praticamente, em os colocar em minoria.”<sup>82</sup> Era para ele uma vitória. Dez anos antes, punido por seus Superiores, anotava em seu diário pessoal as seguintes resoluções:

“Continuar, ao máximo, a escrever no mesmo sentido, utilizando todas as chances de liberdade. Aí está, sobretudo, meu combate. Eu sei( e “eles” sabem !), que em maior ou menor escala, tudo o que digo e escrevo é a negação do sistema. Sim, aí está meu verdadeiro combate: em meu trabalho teológico, histórico, eclesiológico e pastoral. O curso que eu componho, neste momento, *de Ecclesia*, exatamente como não

---

<sup>80</sup> Mons. Marcel Lefebvre em *Fideliter* nº59, p.53.

<sup>81</sup> Mons. Desmazières, *L'aquitaine (semaine religieuse de Bordeaux)*, dezembro de 1962, p.580.

<sup>82</sup> Yves Congar O.P,em *Une vie pour La vérité, Jean Puyo interroge Le père Congar*, Paris,Centurion, 1975,p.140.

se tratasse de nada, é este uma verdadeira resposta; é este minha verdadeira dinamite sob a cadeira dos escribas.”<sup>83</sup>

Depois do Concílio, declarou:

“O Concílio liquidou o que eu chamava de incondicionalismo do sistema. Entendo, por sistema, todo um conjunto muito coerente de idéias comunicadas pelo ensinamento das Universidades romanas, codificadas pelo Direito canônico, protegidas por uma supervisão estrita e bem eficaz sob Pio XII, com resumos, apelos à ordem, submissão dos escritos a censuras romanas, etc. Pelo fato do Concílio, o sistema foi desintegrado”<sup>84</sup>

+ *Quem é o padre Courtney-Murray ?*

O padre John Courtney-Murray, jesuíta Americano (1904-1967), havia sido condenado em 1955 pelo Santo Ofício, por causa do seu estudo *The Problem of religious freedom – O problema da Liberdade Religiosa*. Foi, no entanto, convidado, como expert, ao Concílio Vaticano II, a partir de 1963. Durante os debates sobre a liberdade religiosa, propunha-se aos Bispos para redigir suas intervenções, e, assim, exerceu uma influência considerável. No fim de sua vida, tentou demonstrar que o ensinamento da Igreja sobre a contracepção podia evoluir, como havia evoluído o ensinamento sobre a liberdade religiosa.

+ *O que se pode concluir disso tudo ?*

Que tais homens como Küng, Rahner, Congar, Lubac, Courtney-Murray, etc. tenham exercido uma influência sobre o Concílio não advoga em seu favor, nem a favor de suas reformas. Infelizmente, algumas declarações do Papa João Paulo II também não lhe trazem vantagem. Tal como esta que fez em 1963 (quando não era mais que simples Bispo):

---

<sup>83</sup> Yves Congar O.P, notas manuscritas de fevereiro de 1954, citadas por François Leprieur O.P. *Quand Rome condamne*, Paris, Plon/Cerf, 1989, p.259.

<sup>84</sup> Yves Congar O.P, em *Une vie pour La vérité, Jean Puyo interroge Le père Congar*, Paris, centurion, 1975, p.220.

“Jamais um Concílio conheceu tamanha preparação, jamais se sondou de maneira tão ampla a opinião católica. Não somente os Bispos, as Universidades Católicas e os Superiores Gerais das Congregações exprimiram suas opiniões sobre os problemas conciliares; mas também uma grande porcentagem de católicos leigos e mesmo de não-católicos. Teólogos tão eminentes quanto Henri de Lubac, J.Daniélou, Y.Congar, H.Küng, R. Lombardi, Karl Rahner e outros tiveram um papel extraordinário nesses trabalhos preparatórios.”<sup>85</sup>

### **29. Todos os textos de Vaticano II devem ser rejeitados ?**

**Podem-se dividir os textos do Concílio Vaticano II em três grupos:**

- i) Alguns poderiam ser aceitos, pois estão conformes à Doutrina Católica, como, por exemplo, o decreto sobre a formação dos padres;**
- ii) Outros são equívocos, isto é, podem ser compreendidos corretamente; mas também podem ser interpretados em sentido errôneo;**
- iii) Alguns, enfim, não podem ser compreendidos num sentido ortodoxo; na sua atual formulação, não podem ser aceitos. É o caso da Declaração sobre a Liberdade Religiosa.**

**Os textos ambíguos podem ser aceitos, se forem – segundo a expressão de Monsenhor Lefebvre – interpretados à luz da Tradição.**

**Os textos do terceiro grupo não podem ser aceitos antes de terem sido retificados.**

+ *De onde vem o caráter ambíguo de alguns textos de Vaticano II ?*

Os equívocos foram introduzidos voluntariamente nos textos conciliares para enganar os Padres conservadores. Enchia-se-lhes de ilusões, insistindo sobre o fato de que o texto não queria, no fundo, dizer nada diferente do que o que a Igreja havia sempre ensinado. Mas, na seqüência, foi possível apoiar-se sobre essas passagens para defender teses totalmente heterodoxas.

+ *Há provas de que essas ambigüidades foram voluntariamente introduzidas?*

---

<sup>85</sup> Citado por M.Malinski, *Mon ami Karol Wojtyla, Paris, Le Centurion, 1980, p.189*

Karl Rahner e Herbert Vorgrimler confirmam a coisa, quando eles escreveram, por exemplo, que se “deixou aberto um certo número de questões teológicas importantes, sobre as quais não se chegaria a acordo, *escolhendo-se formulações que poderiam no Concílio ser interpretadas diferentemente* pelo grupos e tendências teológicas particulares”<sup>86</sup>

+ *Como se podia justificar uma tal imprecisão nos textos conciliares?*

Essa fluidez deliberada era justificada pelo fato de o Concílio Vaticano II se querer apenas como um Concílio “pastoral” e, que, então, não era mais necessário que se exprimisse com toda a clareza teológica requerida para um Concílio dogmático.

+ *Podeis dar exemplos destas ambigüidades calculadas ?*

Um exemplo dessa ambigüidade é dado pela famosa expressão “*subsistit in*” introduzida na Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja (I,8). Declarou-se ali que a Igreja de Cristo “subsiste na” Igreja Católica.

+ *Qual é o ensinamento tradicional sobre esse assunto ?*

O ensinamento tradicional diz, expressamente, que a Igreja de Cristo *é* a Igreja Católica. Essa palavra “*est*” se acha ainda nos primeiros projetos dessa Constituição sobre a Igreja. A palavra foi, em seguida, substituída pela expressão “*subsistit in*”. É evidente que essa mudança não foi operada sem motivo.

+ *Por que a palavra “est” é aqui tão importante?*

A Igreja Católica não é somente uma certa realização da Igreja de Cristo: Ela *é* a Igreja de Cristo. Isso significa que há uma identidade absoluta entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica. As outras comunidades eclesiais não pertencem de modo nenhum à Igreja de Cristo. Ora, a expressão “*subsistit in*” introduz uma ambigüidade justamente neste ponto.

+ *A Congregação para a Doutrina da Fé não deu a interpretação correta deste “subsistit in” nos seus documentos de 2000 (Dominus Iesus) e de julho de 2007 ?*

---

<sup>86</sup> K.Rahner e H.Vorgrimler, *Kleines Konzilskompndium. Sämtliche Texte des Zweiten Vatikanums*, Fribourg, Herder, 1986, p.21.

A Congregação para a Doutrina da Fé rejeitou a interpretação modernista mais extremista da expressão: aquela segundo a qual a Igreja Católica seria apenas uma realização, dentre outras, da Igreja de Cristo. Porém, veremos, aqui nesta obra, na pergunta nº45, que também não reafirmou, por outro lado, a doutrina tradicional: aquela segundo a qual a Igreja Católica é pura e simplesmente a Igreja de Cristo. A fórmula “*subsistit in*” permite, com efeito, sustentar que haveria, fora da Igreja Católica, “verdadeiras realidades eclesiais”.

+ *Sabe-se quem está na origem dessa expressão “subsistit in” ?*

O pastor protestante Wilhelm Schmidt reivindicou a paternidade desta nova expressão. Eis aqui seu testemunho:

“Era, então, pastor da igreja da Santa Cruz, em Bremem-Horn, e, durante a terceira e a quarta sessões, observador no Concílio, como representante da Fraternidade Evangélica Michael, a convite do Cardeal Bea. Propus, por escrito, a formulação “*subsistit in*” àquele que era, então, o conselheiro teológico do Cardeal Frings: Joseph Ratzinger, que a transmitiu, então, ao Cardeal.”<sup>87</sup>

### ***30. Quais são os principais erros de Vaticano II ?***

**Os dois erros conciliares mais nocivos são a liberdade religiosa e o ecumenismo, que serão tratados, em detalhe, nos dois próximos capítulos. A isso se junta o ensinamento sobre a Colegialidade Episcopal. Enfim, encontra-se, em diversos textos do Concílio, uma crença ingênua no progresso e um maravilhamento diante do mundo moderno, que são verdadeiramente aterrorizantes.**

+ *O que é a colegialidade episcopal?*

Segundo a Tradição, cada Bispo tem autoridade sobre sua diocese (e somente sobre sua diocese) e o Papa sozinho tem jurisdição sobre a Igreja Universal. O princípio

---

<sup>87</sup> Pastor Wilhelm Schmidt (não confundir com o etnólogo homônimo), carta de 03 de abril de 2000 ao autor deste Catecismo (o pastor Schmidt precisa em sua carta: “Nada tenho a objetar à publicação desta informação”)

da colegialidade episcopal lesa ao exercício pessoal da autoridade. O Papa e os Bispos são convidados a dirigir a Igreja em comum, de modo colegiado. Em consequência, o Bispo só é chefe de sua diocese, na teoria; na prática, está ligado, ao menos moralmente, às decisões da Conferência Episcopal, dos Conselhos Presbiterais e das diferentes assembleias. Até Roma não ousa mais se afirmar diante das Conferências Episcopais; cede freqüentemente às suas pressões.

+ *De onde vem essa idéia de colegialidade episcopal?*

O princípio da colegialidade episcopal se aproxima do modo como os cismáticos orientais concebem a autoridade na Igreja. Encontra-se também a influência da idéia de igualdade propagada por Jean-Jacques Rousseau e pela Revolução Francesa. Rousseau negava a existência de uma autoridade desejada por Deus e atribuía todo poder ao povo. Está em oposição com o ensinamento da Sagrada Escritura:

“Que cada um se submeta às autoridades instituídas. Pois, não há nenhuma autoridade que não venha de Deus. Tanto é assim que aquele que resiste à autoridade rebela-se contra a ordem estabelecida por Deus” (Rm 13,1-2)

+ *Há uma ligação entre a colegialidade e os dois erros principais do Concílio (liberdade religiosa e ecumenismo)?*

Esses três erros do Concílio – liberdade religiosa, ecumenismo e colegialidade – correspondem aos princípios da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O Cardeal Suenens dizia que o Vaticano II havia sido o 1789 na Igreja.

+ *Em que textos conciliares encontra-se uma crença ingênua no progresso?*

O exemplo mais grave de uma crença ingênua no progresso se encontra em *Gaudium et spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. Canta-se ali, de uma maneira surpreendente, o progresso do mundo moderno, que, todavia, afasta-se cada vez mais de Deus. Lê-se, no parágrafo 12: “Crentes e incrédulos estão geralmente de acordo neste ponto: tudo sobre a Terra deve ser ordenado ao homem como a seu centro e a seu cume”. No parágrafo 57, os cristãos são exortados a “trabalhar com todos os homens para a construção de um mundo mais humano”. Este mundo onde o homem é o centro e a finalidade, e no qual tudo deve colaborar para a realização do paraíso terrestre, corresponde à imagem que os maçons fazem do mundo; não à dos cristãos.

+ *Qual é a Doutrina Cristã sobre este ponto ?*

A Doutrina Cristã ensina que só Deus é o fim de todas as criaturas e que somente pode haver verdadeira paz e verdadeira felicidade na Terra, se os homens se entregarem a Jesus Cristo e seguirem seus Mandamentos.

+ *Qual julgamento, pode-se, definitivamente, ter sobre Gaudium et spes ?*

O Cardeal Ratzinger designou *Gaudium et Spes* como um “contra-Syllabus”<sup>88</sup>, e, a justo título. Esse documento de Vaticano II afirma, com efeito, positivamente, o que Pio IX havia negado e condenado no catálogo de erros contemporâneos que estabeleceu em 1864 e que leva o nome de *Syllabus*.

+ *O cardeal Ratzinger explicou por que qualificava Gaudium et spes como “contra-Syllabus”?*

O Cardeal Ratzinger justificou sua colocação, explicando que a Igreja, nos anos sessenta, apropriou-se “dos melhores valores de dois séculos de cultura liberal”. Valores que –diz ele – “nasceram fora da Igreja”; mas agora acharam, Nela, seu lugar.<sup>89</sup>

+ *É ruim que a Igreja se aproprie dos valores nascidos fora Dela?*

A real pergunta é talvez: Podem existir verdadeiros valores morais desconhecidos pela Igreja ? A Igreja recebeu de Cristo a plenitude da Verdade religiosa e do Bem. O Liberalismo apenas é a corrupção de idéias cristãs “tornadas loucas”, segundo a expressão de Chesterton. Tudo o que o liberalismo puder possuir de bom foi roubado ao Evangelho. Em contrapartida, o que o liberalismo tem de próprio (a liberdade sem freios, a rejeição da autoridade estabelecida por Deus, etc.) é , em si, anti-cristão. É por isso que Pio IX condenou o liberalismo várias vezes, e denunciou, na última proposição de seu *Syllabus*, o erro seguinte: “O Papa de Roma pode e deve se reconciliar e ligar-se por amizade com o progresso, o liberalismo e a cultura

---

<sup>88</sup> Cardeal Joseph Ratzinger, *Les principes de La théologie catholique*, Paris, Téqui, 1985, pp 426-427.

<sup>89</sup> Entrevista do Cardeal Ratzinger com Vittorio Messori, publicada em francês sob o título *Entretiens sur La Foi*, Paris, Fayard, 1985, p.38.

moderna.”<sup>90</sup> Ora, é precisamente essa reconciliação e essa amizade que propugnam Vaticano II, em geral, e *Gaudium et spes* em particular.

### **31. Vaticano II não foi infalível enquanto órgão do Magistério Ordinário?**

**Alguns pretendem que, mesmo se Vaticano II não tenha produzido atos de Magistério Extraordinário, a infalibilidade pertencer-lhe-ia enquanto órgão do Magistério Ordinário Universal, porque quase todos os Bispos do mundo nele se fizeram presentes. Além disso – dizem – o ecumenismo e a liberdade religiosa são ensinados hoje pelos Bispos do mundo inteiro, o que equivaleria também ao exercício do Magistério Ordinário Universal, que é infalível.**

**Porém essa argumentação está viciada. Vaticano II, Concílio “pastoral”, recusou-se a comprometer sua autoridade para definir o que quer que fosse; não impôs a liberdade religiosa e o ecumenismo como Verdades de Fé, por isso escapando ao Magistério Extraordinário. Mas, de uma cajadada só, escapou também ao Magistério Ordinário infalível. Pois não pode haver infalibilidade se os Bispos não certificam, com autoridade, que o ensinamento que dispensam pertence ao Depósito de Fé (ou é-lhe necessariamente ligado) e que deve ser tido como imutável e obrigatório.**

+ *Alguns ensinamentos de Vaticano II não são apresentados como “fundados na Revelação”, “conformes à Revelação”, “transmitidos pela Igreja” ou “decretados no Espírito Santo”?*

Essas são fórmulas piedosas; mas muito insuficientes para assegurar a infalibilidade. Seria preciso impor, com autoridade, esse ensinamento, como *ligado necessariamente* à Revelação Divina, imutável, obrigatório. Ora, a liberdade religiosa e o ecumenismo são novidades, contrárias ao ensinamento anterior da Igreja. De fato, os Bispos não os impõem de forma firme e precisa como Verdades imutáveis. Não comprometeram formalmente, para os propugnar, sua autoridade de guardiães do Depósito revelado aos Apóstolos; porém as propuseram de modo liberal (“pastoral”)

---

<sup>90</sup> Proposição condenada, DS 2980.

como fruto de um diálogo com o mundo moderno e como o reflexo do que criam os cristãos de hoje. Isso basta para excluir a infalibilidade.<sup>91</sup>

+ *Não se pode, pois, invocar o Magistério Ordinário Universal no que concerne ao ecumenismo e à liberdade religiosa?*

Não se pode invocar o Magistério Ordinário Universal *em favor* do ecumenismo e da liberdade religiosa; porém, poder-se-ia, a bom direito, afirmar que são as condenações trazidas no curso dos dois últimos séculos *contra* a liberdade religiosa e o ecumenismo que são infalíveis em razão do Magistério Ordinário.

+ *As autoridades atuais da Igreja reconhecem a não infalibilidade de Vaticano II?*

Vaticano II não foi infalível - é o que afirmou expressamente o Cardeal Ratzinger em 1988, dizendo:

“A verdade é que o Concílio, ele mesmo, não definiu nenhum dogma e procurou se situar num nível mais modesto, simplesmente como um Concílio pastoral. Apesar disso, numerosos são aqueles que o interpretam como se se tratasse de um “super-dogma” que sozinho tem a importância.”<sup>92</sup>

+ *Por que as autoridades atuais apegam-se tanto a Vaticano II, já que reconhecem, ao mesmo tempo, que não é infalível?*

De fato, Vaticano II é, desde a origem, o objeto de um jogo desonesto. Durante o Concílio, insistiu-se sobre seu caráter pastoral para evitar de se exprimir com precisão teológica; mas depois, deseja-se lhe dar uma autoridade igual ou mesmo superior àquela dos Concílios anteriores. Este jogo desonesto foi denunciado por um dos participantes do Concílio, Mons. Lefebvre, a partir de 1976:

---

<sup>91</sup> Ver sobre este assunto os argumentos desenvolvidos pelo padre Calderón em *Le Sel de La Terre* nº47, p.60-69 e 91-95.(nota dos editores franceses)

<sup>92</sup> Alocução do Cardeal Ratzinger diante da Conferência Episcopal chilena, em 13 de julho de 1988 (*Itinéraires* nº330, fevereiro, 1989, p.4)

“é indispensável desmistificar esse Concílio que eles desejaram pastoral em razão seu horror instintivo ao dogma, e para facilitar a introdução oficial das idéias liberais dentro de um texto da Igreja. Contudo, operação terminada, dogmatizam o Concílio, comparam-no ao de Nicéia, pretendem-no semelhante aos outros, senão superior !”<sup>93</sup>

## **CAPÍTULO V**

### **A LIBERDADE RELIGIOSA**

#### ***32. Jesus Cristo é Rei da sociedade temporal ?***

**Jesus Cristo não é apenas Rei da Igreja ou dos fiéis; mas também de todos os homens e de todos os Estados. Ele mesmo o disse antes de Sua Ascensão: “Todo poder Me foi dado no Céu e sobre a Terra” (Mt 28,18). Ele é Rei do mundo inteiro, nada pode se subtrair ao Seu poder.**

---

<sup>93</sup> Mons. Marcel Lefebvre, *J'accuse Le Concile !*, Martigny(Suíça), Editions Saint-Gabriel, 1976, p.9.

+ *Quais são os fundamentos da Realeza de Cristo ?*

O Papa Pio XI ensina na encíclica *Quas Primas* que Cristo tem um duplo direito à Realeza:

- i) Ele é Rei por natureza, em razão de um direito *inato* (Ele é o homem-Deus);
- ii) Ele é Rei por conquista, por um direito *adquirido* (tendo resgatado o mundo, adquiriu, para si, todos os homens no Seu Sangue);

+ *Essa Realeza de Cristo não se restringe apenas aos batizados ?*

Pio XI cita a esse propósito Seu Predecessor, Leão XIII:

“Seu Império não se restringe apenas, exclusivamente, às nações católicas, nem somente aos cristãos batizados (...): abrange, igualmente, sem exceção, todos os homens, mesmo estranhos à Fé Cristã, de sorte que o Império de Cristo Jesus é, em estrita verdade, a universalidade do gênero humano”<sup>94</sup>

### **33. *Jesus Cristo não disse que Seu Reino não era deste mundo?***

**Cristo afirmou diante de Pilatos que Seu Reino não era deste mundo (Jo 18,36). Isso significa que Sua Realeza não é *originária* deste mundo, e que ela é de uma natureza bem superior às realezas da Terra. Mas ela se exerce, no entanto, sobre a Terra. O Reino de Jesus Cristo não é *deste mundo*; mas este está *sim dentro deste mundo*.**

+ *Essa interpretação é certa ?*

Essas palavras são tão claras que mal precisam de interpretação. Do mesmo jeito que Nosso Senhor declarou que Ele não era *do mundo*<sup>95</sup>, mas que havia sido enviado a

---

<sup>94</sup> Leão XIII, encíclica *Annum sacrum* (25.05.1899), citada por Pio XI em *Quas Primas*(11.12.1925), EPS-PIN 542.

<sup>95</sup> Jo 17,16: *Ego non sum de mundo*. Em latim, a preposição *de* indica a origem, o ponto de partida (do mesmo jeito, no texto grego, a preposição *ék*, aqui, como em Jo 18,36).

*este mundo pelo Pai*<sup>96</sup>; afirma, diante de Pilatos, que Sua Realeza não era *deste mundo*; mas que, Rei, ele veio *ao mundo* para dar testemunho da Verdade.<sup>97</sup>

+ *O que dizem os Padres da Igreja sobre isso ?*

Os Padres da Igreja sublinham que Nosso Senhor não disse: “Meu Reino não é aqui”; mas sim: “Meu Reino não é daqui”.<sup>98</sup> Sua Realeza é exercida, certamente, *neste mundo*.

+ *Por que Jesus Cristo afirma que Seu Reino não é deste mundo?*

Jesus Cristo recusou-se a ser proclamado rei (Jo 6,15) para dissociar o Seu Reino das falaciosas esperanças messiânicas dos judeus (libertação do jugo romano e dominação mundial). Dirigindo-Se a um Governador romano, indica que Sua Realeza, essencialmente sobrenatural, não ameaça ao Imperador; não concorre com as realezas terrestres, cujos limites, cuja fragilidade e cujas mesquinhas ambições não tem. O Reino de Cristo engloba todos os reinos do mundo, como diz a segunda antífona das vésperas da festa de Cristo-Rei: “Seu Reino é um Reino eterno e todos os reis da Terra o servirão e obedecer-lhe-ão.”

+ *A Realeza de Cristo não é essencialmente espiritual?*

Pio XI ensina, com efeito, em *Quas Primas*, que o Reino de Cristo é “principalmente espiritual e concerne, antes de tudo, a ordem espiritual”.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> Jo 17,18: *Tu me misisti in mundo*. A preposição *in* seguida do acusativo indica o destino de um movimento(do mesmo modo, em grego, a preposição εἰς, aqui como em Jo 18,37).

<sup>97</sup> Jo 18,36-37: *Regnum meum non est de hoc mundo(...) Rex sum Ego. Ego in hoc natus sum, et ad hoc veni in mundum, ut testimonium perhibeam veritati*.

<sup>98</sup> Jo 18,36: *Regnum meum non est hinc*. O advérbio latino *hinc* (como no texto grego, o advérbio ἐντεῦθεν) indica a proveniência (responde à pergunta *unde*). O advérbio *hic*, ao contrário, indica a localização atual. O fato é, explicitamente, destacado por Santo Agostinho, São João Crisóstomo e *Teophilacto* (citados por Santo Tomás de Aquino na obra *Catena áurea*, sobre Jo 18).

+ *Se é essencialmente espiritual, a Realeza de Cristo estende-se aos assuntos temporais ?*

Na mesma encíclica, Pio XI continua:

“Seria um erro grosseiro recusar, a Cristo-homem, a soberania sobre as coisas temporais, quaisquer que sejam: obtém do Pai, sobre as criaturas, um direito absoluto, permitindo-lhe dispor todas conforme seu desígnio.”<sup>100</sup>

+ *Mesmo se Ele tem esse poder, Nosso Senhor, não manifestou que se desinteressava do poder temporal e que apenas queria reinar sobre as almas ?*

Nosso Senhor quer, primeiramente, salvar as almas, reinar nelas por Sua Graça. Para orientar os homens para o Céu, Ele, durante Sua vida terrestre, recusou-se a exercer qualquer governo temporal. Distinguiu, cuidadosamente, a sociedade religiosa que fundava (a Santa Igreja) da sociedade temporal. Deixou, aos reis da Terra, seu poder. Mas a Realeza de Cristo, nelas, não existe menos, e as autoridades temporais têm o dever de A reconhecer, publicamente, desde que Dela tenham conhecimento.

+ *Por que os governantes devem assim reconhecer a Realeza de Cristo?*

Para os chefes de Estado, o reconhecimento público da Realeza de Cristo é, primeiro, um dever de justiça *em relação a Nosso Senhor* (Sua Realeza está no princípio da autoridade deles). É também um dever em relação *a seus súditos*, a quem assim ajudam, poderosamente, a salvarem-se, e sobre os quais atraem a bênção toda particular do Salvador. É, enfim, um dever em relação à *Igreja*, que deve ser apoiada em sua missão.

+ *Por que insistir tanto sobre a Realeza Social de Nosso Senhor Jesus Cristo? Não basta ocupar-se do essencial: Seu Reino nas almas ?*

O homem não é puro espírito. Pio XII ensina: “Da forma dada à sociedade, em harmonia ou não com as leis divinas, depende e se infiltra o bem e o mal nas almas”.<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> Pio XI, *Quas Primas*(11.12.1925) EPS-PIN 538.

<sup>100</sup> Pio XI, *Quas Primas*(11.12.1925) EPS-PIN 540.

**34. O Estado tem, portanto, deveres em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Religião?**

**Do mesmo modo que todos os homens têm o dever de honrar a Deus, seu Criador, e, por isso, de abraçar a Verdadeira Fé, logo que a conheçam (sua salvação pessoal depende da aceitação, ou da recusa, de Jesus Cristo); o Estado também. “A felicidade do Estado não decorre de outra fonte que a dos indivíduos, visto que uma cidade não é outra coisa senão um conjunto de particulares vivendo em harmonia”<sup>102</sup>**

+ *A sociedade política deve honrar a Deus publicamente? Não basta que o façam os indivíduos?*

Leão XIII ensina: “É evidente que a sociedade política deve cumprir, por um culto público, os numerosos e importantes deveres que a unem a Deus”.<sup>103</sup>

+ *De onde vem esse dever de honrar a Deus publicamente ?*

Leão XIII explica:

“Os homens, unidos pelos laços de uma sociedade comum, não dependem menos de Deus do que quando tomados isoladamente. Tanto como o indivíduo, a sociedade deve dar graças a Deus, de Quem obteve sua existência (...) É por isso que, do mesmo modo que não é permitido a ninguém negligenciar seus deveres para com Deus - e que o maior de todos os deveres é o de abraçar a verdadeira religião (não aquela que cada um prefira; mas a que Deus prescreveu e a que provas certas e indubitáveis estabelecem como a única verdadeira entre todas) - as sociedades políticas

---

<sup>101</sup> Pio XII, Radio-mensagem de 01.06.1941, *Documents pontificaux de ua Santeté Pie XII (année 1941)*, Saint Maurice(Suíça), Ed.Saint-Augustin, p.144.

<sup>102</sup> Santo Agostinho (354-430), Carta 155 (a Macedonius),3,9; PL33, 670.

<sup>103</sup> Leão XIII, encíclica *Immortale Dei* (01.11.1885), EPS-PIN, 130.

não podem, sem crime, conduzirem-se como se Deus não existisse de nenhum modo, ou dispensar a religião como inútil, ou admitir uma conforme seu bel-prazer.”<sup>104</sup>

+ *Para honrar a Deus publicamente, a sociedade temporal deve se submeter à Religião Católica, necessariamente ?*

Jesus Cristo - que é o único Mediador entre os homens e Deus - nunca é facultativo. E a Igreja Católica, que é a única Igreja de Cristo, muito menos. Leão XIII ensina:

“Honrando a Divindade, as sociedades políticas devem seguir, estritamente, as regras e o modo segundo os quais Deus, Ele mesmo, declarou querer ser honrado.”<sup>105</sup>

+ *Mas o Estado é competente em matéria religiosa ?*

O Estado não é competente para legislar a seu alvitre em matéria religiosa. Mas o é, para reconhecer a Verdadeira Religião, a partir de seus sinais de verdade, e para se submeter a esta. Leão XIII afirma:

“Pois que é necessário professar uma religião na sociedade, é necessário professar aquela que é a única verdadeira e que se reconhece, facilmente, sobretudo nos países católicos, pelos sinais de verdade, cujo caráter reluzente leva consigo mesma. Essa religião, os chefes de Estado devem, portanto, conservar e proteger”<sup>106</sup>

+ *O Estado tem outros deveres religiosos, além do culto público a Deus ?*

Sim. O Estado deve, sempre permanecendo em sua própria seara, favorecer a salvação eterna de seus cidadãos.

+ *Não é dever da Igreja – e não do Estado – fazer com que se atinja a Felicidade Eterna ?*

---

<sup>104</sup> Leão XIII, *ibid.*

<sup>105</sup> Leão XIII, encíclica *Immortale Dei* (01.11.1885), EPS-PIN 130.

<sup>106</sup> Leão XIII, encíclica *Libertas* (20.06.1888), EPS-PIN 204. Mesmo ensinamento na encíclica *Immortale Dei* (sobre a constituição cristã dos Estados), EPS-PIN 132.

Deus quis criar uma sociedade propriamente religiosa (a Santa Igreja), distinta da sociedade temporal. O homem deve, portanto, pertencer a essas duas sociedades. Mas o homem só tem um fim último. Não pode ir por duas direções de uma vez. Ora, a vida temporal lhe é dada *para* preparar a vida eterna. O Estado, cujo domínio próprio é o temporal, não pode, pois, organizá-lo independentemente de seu fim último. Não está diretamente encarregado da Felicidade Eterna, mas deve contribuir para esta, indiretamente. Se o negligir, abandona a parte mais importante do bem comum. Tal é o ensinamento dos Padres da Igreja, de Santo Tomás e dos Papas.

+ *O que dizem os Padres da Igreja sobre esse assunto?*

Santo Agostinho afirma:

“Cada um serve a Deus em sua maneira. Este, como homem; aquele, como rei. Como homem, serve-se a Deus por uma vida piedosa e fiel; como rei, serve-se a Deus, punindo com conveniente vigor, por leis prescrevendo o bem e reprimindo o mal. Ezequias O serviu assim: destruindo as madeiras e os templos consagrados ao culto dos ídolos(...). É assim que O serviu Josias, agindo da mesma forma (...), Darius, dando a Daniel a permissão de depredar os ídolos<sup>107</sup>. Eis como os reis, enquanto reis, servem a Deus: quando fazem, para Seu serviço, aquilo que só os reis podem fazer<sup>108</sup>.”

E, além disso:

“É agindo assim que os reis, enquanto reis, servem a Deus (...): ordenando o bem dentro de seu reino, e, nele, proibindo o mal; não apenas no que se refere à sociedade humana; mas também, à Divina Religião”<sup>109</sup>

E também:

---

<sup>107</sup> Sobre esses três exemplos, ver 4Rs 18,4; 4Rs 23,4-5; Dn 3,96 ( nota dos editores franceses)

<sup>108</sup> Santo Agostinho, Carta 185, capítulo V, §19-20; PL 33, col.801.

<sup>109</sup> *In hoc enim reges, sicut eis divinitus praecipitur (Ps 2,10), Deo serviunt in quantum reges sunt, si in quo regno bona jubeant, mala prohibeant, non solum quae pertinent ad humanam societatem, verum etiam quae ad divinam religionem.* Santo Agostinho, Quatro livros contra o gramático Cresconius, capítulo 51, §56; PL 43, 517.

“Nós chamamos felizes aos príncipes que fazem reinar a justiça (...), que se servem de seu poder, sobretudo, para espalhar o culto do Senhor e para se fazerem servidores fiéis de Sua Majestade soberana; que temem a Deus, amam-No e adoram-No (...).”<sup>110</sup>

+ *O que dizem os outros Padres da Igreja ?*

Santo Ambrósio começa assim uma carta ao Imperador: “Enquanto todos os homens submissos ao poder de Roma combatem por vós, imperadores e príncipes da Terra; vós combateis, vós, por Deus Todo-Poderoso e pela Santa Fé”<sup>111</sup>

São Leão Magno escreve ao Imperador Leão I: “O poder real vos foi dado não apenas para governar o mundo; mas, sobretudo, para a proteção da Igreja”<sup>112</sup>

São Gregório Magno afirma: “A autoridade suprema foi confiada, por Deus, aos imperadores, para que eles ajudem seus súditos na procura do bem e para que lhes abram mais larga a via do Céu, de tal sorte que o reino terrestre esteja ao serviço do Reino celeste.”<sup>113</sup>

São João Crisóstomo explica: “Há gente grosseira a quem as vinganças futuras impressionam menos do que os rigores deste mundo. Ora pois, o príncipe que, pelos

---

<sup>110</sup> Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, I.5, capítulo 24.

<sup>111</sup> *Cum omnes homines, qui sub ditione romana sunt, vobis militent imperatoribus, terrarum atque principibus, tum ipsi vos omnipotenti Deo et sacrae fidei militatis.* Santo Ambrósio (340-397), Carta 17, PL 16, col.961.

<sup>112</sup> (...) *Debes incunctanter advertere regiam potestatem tibi non ad solum mundi regimen, sed maxime ad Ecclesiae praesidium esse collatam.* São Leão Magno (Papa de 440 a 461), Ep. Ad Leonem Augustum, PL 54, col.1130.

<sup>113</sup> *Ad hoc enim potestas super omnes homines dominorum meorum pietati coelitus data est, ut qui bona appetunt adjuventur, ut coelorum via largius pateat, ut terrestre regnum coelesti regno famuletur.* São Gregório Magno (Papa de 590 a 604), ad Mauritium Augustum, PL 77, col.663.

temores ou pelas recompensas, dispõe o espírito dos homens a uma maior docilidade aos ensinamentos da Verdade, merece, a bom direito, o título de ministro de Deus”.<sup>114</sup>

+ *E o que diz Santo Tomás ?*

Santo Tomás afirma em seu tratado de política, *De Regno*:

“Porque o fim da vida é a beatitude celeste, o rei tem por dever dar à multidão uma vida boa e que permita atingir essa beatitude celeste.”<sup>115</sup>

+ *São unânimes os Doutores da Igreja neste ponto ?*

Sim, os Doutores da Igreja são unânimes sobre este ponto. Às vésperas da Revolução de 1789, o grande Doutor da Moral, Santo Afonso de Liguori, mantém a mesma linguagem de Santo Agostinho:

“Um particular se salvará, observando as leis divinas; um rei, para se salvar, deve observá-las e fazê-las observar pelos súditos; isto é, reformar os maus costumes e extirpar os escândalos. Deve cumprir esse dever com coragem, e sem se impressionar com a contradição. (...) Eles não devem, pois, hesitar em banir de seu reino todo pregador de impiedade, nem a fechar as fronteiras às obras infectadas de más doutrinas. É seu imperioso dever, e é por não o ter cumprido que príncipes perderam sua coroa.”<sup>116</sup>

+ *Os Papas recentes abordaram a questão ?*

Depois da Revolução de 1789, quando os poderes temporais cessaram de cumprir sua função, os Papas tiveram que tratar longa e explicitamente deste ponto. Gregório XVI lembra assim aos príncipes que “sua autoridade lhes foi dada não apenas para o governo temporal; mas, sobretudo, para defender a Igreja (...). A causa da

---

<sup>114</sup> São João Crisóstomo (340-407), 23ª homilia sobre a Epístola aos Romanos, *Oeuvres Complètes*, Nancy-Paris, Bordes, 1868, t.5, p.388.

<sup>115</sup> *Quia(...)vitae finis est beatitudo coelestis, ad regis officium pertinet ea ratione vitam multitudinis bonam procurare, secundum quod congruit ad coelestem beatitudinem consequendam(...)*, Santo Tomás de Aquino, *De Regno*, capítulo 15.

<sup>116</sup> Santo Afonso de Liguori, *Fedeltà dei Vassali* (junho de 1777), citado por Augustin Berthe C SS R., *Saint Alfonse de Liguori, 1696-1787*, Paris, Reteaux, t.2,p.440-441.

Religião deve-lhes ser mais cara que a do trono (...). Colocados como pais e tutores dos povos, eles lhes buscarão uma paz e uma tranquilidade verdadeiras, constantes e prósperas; se comprometerem toda a sua solícitude para manter intacta a Religião e a piedade para com Deus, que traz escrito sobre suas vestes: “Rei dos reis e Senhor dos senhores”<sup>117</sup>.

+ *Os sucessores de Gregório XVI mantiveram a mesma linguagem ?*

Todos os Papas até Vaticano II são unânimes. Leão XIII explica:

“Todos, enquanto nós somos, nascemos e fomos educados em vista de um bem supremo e final, ao qual é necessário tudo fazer tender: bem, que está localizado nos Céus, além desta frágil e curta existência (...) Como, pois, a sociedade temporal foi estabelecida para a utilidade de todos; deve, favorecendo a prosperidade pública, assegurar o bem dos cidadãos não apenas se abstendo de pôr obstáculos; mas sim de modo a assegurar todas as facilidades possíveis à busca e à aquisição desse Bem supremo e imutável ao qual aspiram. A primeira de todas consiste em fazer respeitar a santa e inviolável observância da Religião, cujos deveres unem o homem a Deus”<sup>118</sup>

+ *A Igreja e o Estado não devem, pois, estar separados ?*

A Igreja e o Estado são duas sociedades *distintas*. Mas sua estrita *separação* é absurda e antinatural. O homem não está dividido em um cristão e um cidadão. Ele não deve ser cristão apenas em sua vida privada; mas em todos os domínios de sua vida. Deve, portanto, empreender uma política cristã, esforçando-se por colocar em acordo as leis civis com as leis divinas.

+ *A separação entre a Igreja e o Estado foi condenada pelos Papas ?*

---

<sup>117</sup> Gregório XVI, *Mirari vos, in fine*.

<sup>118</sup> Leão XIII, encíclica *Immortale Dei* 01.11.1885, EPS-PIN 131 (tradução levemente modificada pelos editores franceses). O Papa desenvolve a mesma idéia na encíclica *Libertas* de 20.06.1888, EPS-PIN 204.

Pio IX condenou a proposição seguinte: “A Igreja deve estar separada do Estado e o Estado da Igreja”<sup>119</sup>. São Pio X escreveu:

“Que seja preciso separar Igreja e Estado, é uma tese absolutamente falsa, um perniciosíssimo erro. Baseada, com efeito, sobre aquele princípio de que o Estado não deve reconhecer nenhum culto religioso, é gravemente injuriosa a Deus; pois o Criador do homem é também o fundador das sociedades humanas, e Ele as conserva na existência assim como nos sustenta nesta. Nós Lhe devemos, portanto, não apenas um culto privado; mas um culto público e social para O honrar. Além disso, aquela tese é a negação muito clara da ordem sobrenatural. Ela limita, com efeito, a ação do Estado à mera busca da prosperidade pública durante esta vida (...)”<sup>120</sup>

### ***35. Quais devem ser as relações entre Igreja e Estado ?***

***Na prática, as relações entre a Igreja e o Estado dependem da composição religiosa da população. Na ordem normal das coisas (integralmente aplicada, quando a população é suficientemente católica), o Estado deve ser oficialmente católico. Deve, pois, aderir à Religião Católica e proclamá-la Religião de Estado, protegê-la e favorecê-la; fazer, de sua Festas, feriados, e tomar parte, oficialmente, na pessoa dos homens públicos, nas celebrações litúrgicas. Ajuda, além disso, as escolas católicas e os estabelecimentos caritativos e vela para que os Mandamentos de Deus achem sua expressão nas leis civis, como, por exemplo, a observância do domingo e a proibição do divórcio, da contracepção e do aborto.***

*+ As relações normais entre Igreja e Estado são sempre aplicáveis ?*

A aplicação integral das relações normais entre Igreja e Estado não é sempre possível e prudente. Poderia, mesmo, às vezes, conduzir à guerra civil. Será necessário, portanto, levar em conta, prudentemente, as circunstâncias. Mas o governo deve, no mínimo, proteger a liberdade da Igreja Católica e fazer respeitar os mandamentos do

---

<sup>119</sup> É a 55ª proposição condenada pelo *Syllabus* (08.12.1864), DS 2955.

<sup>120</sup> São Pio X, encíclica *Vehementer nos*, 11.02.1906.

direito natural, proibindo o divórcio, o aborto e outras práticas imorais que foram proibidas na maior parte dos Estados até as últimas décadas.

+ *Como se podem resumir os deveres fundamentais do Estado para com a Igreja ?*

Leão XIII resume assim esses deveres:

“Os chefes de Estado devem tomar por Santo o Nome de Deus, e, colocar, entre seus principais deveres o de favorecer a Religião; de a proteger com seu altruísmo; de a cobrir com a autoridade tutelar das leis, e, de nada decidir ou estatuir que seja contrário a sua integridade. E isso, devem aos cidadãos, de quem são chefes.”<sup>121</sup>

**36. *Num Estado católico, todos os cidadãos devem ser católicos ?***

**Quando uma população é muito majoritariamente católica, o catolicismo deve ser a Religião de Estado. Porém, isso não significa que os cidadãos estejam forçados a abraçar a Fé Católica. As conversões forçadas são, ao contrário, estritamente proibidas, pois o ato de Fé deve ser um ato de vontade livre e não pode ser coagido.**

+ *O Estado católico deve deixar seus súditos livres em matéria religiosa ?*

O Estado apenas se interessa, em princípio, ao que concerne a vida *social*. Não lhe compete, pois, supervisionar as consciências, nem o exercício privado do culto. Porém, não pode se desinteressar das atividades religiosas *públicas*.

+ *Um Estado católico deve proibir o exercício público dos falsos cultos ?*

As falsas religiões são um mal de que o Estado católico deve proteger seus cidadãos. Deve, pois, proibir ou limitar tanto quanto possível o exercício público e a propaganda dos falsos cultos. No entanto, pode (e, às vezes, deve) tolerá-los se isso permite conservar um bem maior ou evitar um maior mal.

+ *O que é a tolerância ?*

---

<sup>121</sup> Leão XIII, encíclica *Immortale Dei*, 01.11.1885, EPS-PIN 131.

A tolerância é o fato de suportar pacientemente um mal.

+ *Não é injusto de assim suportar o mal ?*

A justiça não é a virtude suprema: deve estar regrada pela prudência e animada pela caridade. A tolerância não se exerce em nome da justiça, mas em nome da prudência e da caridade.

+ *Essa tolerância do mal não é, no entanto, uma imperfeição ?*

A tolerância do mal, se é realmente prudente, é, em si mesma, boa e louvável; mas é *conseqüência e sinal* de uma imperfeição da sociedade. Leão XIII ensina: “Mais é necessário tolerar o mal num Estado; mais as condições deste Estado se afastam da perfeição”<sup>122</sup>

+ *Quais são os limites dessa tolerância das falsas religiões ?*

Pertence à prudência do chefe de Estado fixar, segundo as circunstâncias, limites maiores ou menores ao exercício dos falsos cultos. O princípio geral é que só é preciso tolerar o mal, na medida que o bem comum requeira esta tolerância. Leão XIII assim declara:

“A tolerância do mal, referindo-se aos princípios da prudência política, deve estar rigorosamente restrita aos limites do que a justifica, isto é, o bem público.”<sup>123</sup>

### ***37. As religiões não têm um direito de se exercerem livremente ?***

***A verdadeira religião tem o direito absoluto de se desenvolver e de ser praticada livremente, pois ninguém pode ser impedido de servir a Deus da maneira que Ele mesmo prescreveu. É uma exigência do direito natural. Ao contrário, as falsas religiões não têm, elas, nenhum direito real de serem praticadas, precisamente porque são falsas e errôneas. O erro não pode nunca ter direitos, só a Verdade os têm. A tolerância em relação às falsas religiões não é, portanto, para***

---

<sup>122</sup> Leão XIII, encíclica *Libertas* 20.06.1888, EPS-PIN 221.

<sup>123</sup> *Confitendum est (...) tolerantiam rerum malarum, cum pertineat ad politicae praecepta prudentiae, omnino circumscribi iis finibus oportere quos causa, id est salus publica, postulat.* Leão XIII, encíclica *Libertas* 20.06.1888, EPS-PIN 221.

**um chefe de Estado, um dever de justiça (fundado sobre um direito natural); mas de prudência e de caridade cristãs.**

+ *É correto que o erro nunca tem direitos ?*

Leão XIII ensina muito claramente que o erro não pode ter direitos:

“*Sempre reconhecendo direitos somente ao que é verdadeiro e honesto, a Igreja não se opõe, entretanto, à tolerância que o poder público crê poder usar em relação a certas coisas contrárias à Verdade e à justiça, em vista de um mal maior a evitar ou de um bem maior a obter ou a conservar.*”<sup>124</sup>

E Pio XII ensina por sua vez:

“*O que não corresponde à verdade e à lei moral não tem objetivamente nenhum direito de existência, nem de propaganda, nem de ação.*”<sup>125</sup>

+ *A tolerância das falsas religiões não pode então ser garantida por lei ?*

A tolerância das falsas religiões pode encontrar uma expressão no direito positivo; um Estado católico pode, se é requerido, garanti-la por uma lei. Mas isso é completamente diferente de um direito *natural*.

+ *Podeis precisar essa diferença entre direito natural e direito positivo ?*

O direito *natural* é diretamente fundado sobre a natureza do homem e sobre os deveres que dela decorrem (um ato que se opõe a esse direito é, *em si*, moralmente mau, injusto). Contudo, o direito natural não basta para reger toda a vida social. Deve ser completado e precisado pelo direito *positivo*, decretado pela autoridade política, em vista do bem comum dessa ou daquela sociedade. Ora, a virtude da prudência entra em jogo no estabelecimento desse direito positivo (uma outra sociedade poderá, por essa ou aquela razão particular, estabelecer regras opostas, que não serão injustas para tanto).

---

<sup>124</sup> Leão XIII, encíclica *Libertas* 20.06.1888, EPS-PIN 219.

<sup>125</sup> Pio XII, *Ci riesce*, 06.12.1953, *Documents pontificaux*, ano de 1953, p.616.

Por razão de prudência (principalmente pelo bem da paz), o livre exercício dos falsos cultos pode, em certos casos, ser garantido pelo direito *positivo* de um país católico. Mas isso nunca poderá ser um direito *natural*.

### **38. O que ensina Vaticano II sobre a liberdade religiosa ?**

A declaração de Vaticano II sobre a liberdade religiosa, *Dignitatis humanae* (nº 2) afirma:

**“Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites”<sup>126</sup>.**

+ O que se pode destacar nesse texto de Vaticano II ?

- i) Primeiro, Vaticano II não diz somente que ninguém deve ser *coagido* a crer (o que a Igreja sempre ensinou); mas pretende também que ninguém possa ser *impedido* de exercer o culto de sua escolha;
- ii) Depois, e é capital, Vaticano II não fala mais somente de *tolerância*; mas reconhece aos adeptos de todas as religiões um verdadeiro *direito natural* a não serem impedidos de exercer seu culto;
- iii) Enfim, esse direito não abrange apenas o exercício *privado*; mas expressamente o exercício *público* e a *propaganda* da religião – Vaticano II promoveu, então, aquilo que a Igreja sempre condenou antes !

---

<sup>126</sup> Vaticano II, Declaração *Dignitatis humanae* (07.12.1965), 2.

+ *Vaticano II quer falar aqui, verdadeiramente, de um verdadeiro direito natural do homem( e não simplesmente de um direito positivo) ?*

Infelizmente, sim. Vaticano II apresenta o direito de não ser impedido de agir segundo a sua consciência em matéria religiosa como um verdadeiro *direito natural*. Precisa que esse direito se funda “na dignidade da pessoa humana” (e não numa determinação jurídica humana); e só, em seguida, e, por consequência, que deve também ser reconhecido como um direito positivo (§2º).<sup>127</sup>

+ *Vaticano II não fala de “justos limites” restringindo este “direito”?*

Vaticano II menciona, com efeito, “justos limites” vindo a restringir a liberdade religiosa; mas sua natureza não aparece claramente no documento. Parece, no parágrafo segundo, que se trata de uma salvaguarda da “ordem pública justa”; mais abaixo, no parágrafo sétimo, fala-se de “ordem moral objetiva”, o que é melhor; mas ilusório e, de todo modo, insuficiente.

+ *Por que essa menção de “ordem moral objetiva” é ilusória ?*

Tomada ao pé-da-letra, essa limitação da liberdade religiosa pela “ordem moral objetiva” implicaria que só a Igreja Católica pode se beneficiar sem limites da liberdade religiosa, já que somente ela conserva integralmente a lei natural (o islã autoriza a poligamia; os protestantes – e mesmo os cismáticos orientais em alguns casos – admitem o divórcio; etc.). Mas esta conclusão se opõe, evidentemente, a todo o resto do texto<sup>128</sup>. Na falta da estrita lei natural, é, pois, a ordem pública que constitui, para

---

<sup>127</sup> O Novo Catecismo da Igreja Católica afirma: “O direito à liberdade religiosa não é, nem a permissão moral de aderir ao erro, nem um suposto direito ao erro; mas um *direito natural da pessoa humana* à liberdade civil, isto é, à imunidade de coação exterior, nos justos limites, em matéria religiosa, da parte do poder político. Esse *direito natural* deve ser reconhecido na ordem jurídica da sociedade de tal maneira que constitua um direito positivo” (CIC §2108. Os itálicos são dos editores franceses).

<sup>128</sup> Especialmente, ao parágrafo sexto da própria declaração: “Se, em razão das circunstâncias particulares em que se encontram os povos, um reconhecimento jurídico especial é outorgado, na ordem jurídica da pólis, a uma comunidade religiosa, é necessário que, ao mesmo tempo, para todos os cidadãos e para todas as comunidades religiosas, o direito à liberdade em

Vaticano II, o único limite restringindo a liberdade religiosa. Contanto que o culto não seja pretexto para atentados terroristas, redes de bandidagem, atos de pedofilia ou para algum atentado aos “Direitos do Homem”, tudo deve ser autorizado.

+ *Por que a menção da “ordem moral objetiva” é de todo modo insuficiente ?*

Mesmo interpretada estritamente, essa limitação da liberdade religiosa pela “ordem moral objetiva” se confina na ordem *natural* das coisas, esquecendo a ordem *sobrenatural*. É desconhecer a Realeza Social de Nosso Senhor Jesus Cristo, os direitos sobrenaturais de Sua Igreja e a necessária consideração do fim *sobrenatural* do homem no bem comum da polis. É esquecer que as falsas religiões, pelo tão só fato de afastar da Igreja Católica, jogam as almas no inferno. Em uma palavra, é *naturalismo*. Pode-se dizer o que São Pio X dizia da separação da Igreja e do Estado:

“Essa tese é a negação muito clara da ordem sobrenatural. Limita, com efeito, a ação do Estado à mera busca da prosperidade pública durante esta vida, o que é apenas a *razão próxima* das sociedades políticas. E não se ocupa de nenhum modo, como sendo-lhe estranha, de sua *razão última*, que é a beatitude eterna proposta ao homem, quando esta vida tão curta houver chegado ao fim”.<sup>129</sup>

+ *A liberdade religiosa de Vaticano II contradiz o ensinamento da Igreja?*

A liberdade religiosa de Vaticano II não contradiz somente o *ensinamento* da Igreja; mas também, e, em primeiro lugar, a sua *prática* constante.

+ *Como Vaticano II contradiz a prática constante da Igreja?*

Os santos nunca hesitaram em depredar os ídolos, destruir os seus templos, fazer legislar contra as práticas pagãs ou heréticas. A Igreja – sem nunca *forçar* a crer ou a receber o Batismo – sempre se reconheceu o direito e o *dever* de *proteger* a Fé de seus filhos, e, de *impedir*, quando podia, o exercício público e a propaganda dos falsos cultos. Admitir Vaticano II, é admitir que, há dois milênios, os Papas, os Santos, os Padres e Doutores da Igreja, os Bispos e os reis cristãos violaram, constantemente, um

---

matéria religiosa seja reconhecido e respeitado.”(*Dignitatis humanae*, 6). [nota da tradução brasileira]

<sup>129</sup> São Pio X, encíclica *Vehementer nos*, 11.02.1906.

dos direitos naturais da pessoa humana, sem que ninguém, dentro da Igreja, tenha jamais percebido. Uma tal tese é tão absurda quanto ímpia.

+ *Podeis citar escritos de santos que teriam assim violado o “direito de liberdade religiosa” tal como apresentado por Vaticano II ?*

Podem-se citar, entre muitos outros, São Polyeucte, Santa Cristina, São Martinho, São Bento, São Gall, São Pedro de Verona, São Luiz, São Vicente Ferrer, São Casimiro, Santo Antonino de Florença, São Pio V, São Francisco Xavier, São Luiz Bertrand, São Francisco Sales, etc.<sup>130</sup> Sem contar todos os Doutores que justificaram essa prática (Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino<sup>131</sup>, Santo Afonso, etc.).

+ *Não se pode dizer que esses Santos sofriam dos preconceitos de sua época e, que, passado o tempo, compreendeu-se melhor o espírito do Evangelho ?*

Uma tal hipótese é insustentável por, ao menos, sete razões:

- i) Destrói a infalibilidade da Igreja (que teria errado, em matéria grave, durante quase dois milênios);
- ii) Insulta sua mansidão maternal (a Igreja teria se comportado, durante os séculos, como uma mãe possessiva, quase uma madrasta);
- iii) Arruína sua santidade (negando praticamente a ação do Espírito Santo que purifica os santos de suas tendências ou de suas concepções demasiado humanas, esclarece-os sobre o verdadeiro sentido do Evangelho, dá-lhes a força e a santa liberdade necessária para desprezar os preconceitos do século);
- iv) Desacredita a caridade cristã (cuja inclinação natural deveria ter impedido a violação, durante séculos, de um dos “direitos” fundamentais da pessoa humana);

---

<sup>130</sup> Ver sobre o assunto *Le Sel de La terre* nº 13,p.112-133; nº19, p.99-121; nº26,p.170-175; nº36,p.118-138;nº37,p.157-166; nº42, p.224-243. (nota dos editores franceses).

<sup>131</sup> Em Santo Tomás de Aquino, ver sobretudo II-II, q.11, a.3.

- v) Deforma a história, considerando gratuitamente como um preconceito mais ou menos inconsciente e imposto pela época o que era, ao contrário, em muitos santos, uma firme convicção, maduramente refletida e solidamente argumentada (Santo Agostinho longamente debateu contra os donatistas partidários da liberdade religiosa, e muito refletiu sobre essa questão<sup>132</sup>; igualmente, os Doutores do século XIII, contra alguns cátaros);
- vi) Constitui o que os ingleses chama de *self-refutating system*<sup>133</sup> ( Por que, com efeito, nosso século teria menos preconceitos do que os anteriores ? Se, então, os preconceitos ligados a estes séculos exerceram uma pressão invencível até mesmo sobre os Papas e os Doutores da Igreja; por que o Concílio não-infalível Vaticano II teria fugido mais aos preconceitos [liberais] de nosso tempo do que os anteriores aos dos seus ?);
- vii) Essa tese, enfim, dá aos inimigos da Igreja (donatistas, cátaros, humanistas, enciclopedistas, maçons, etc.) o extravagante privilégio de ter, sobre este ponto, penetrado o espírito do Evangelho muito antes dos Doutores católicos (Voltaire teria sido, neste assunto, melhor católico do que Santo Afonso de Liguori e que todo o episcopado da época).

+ *Nunca houve na Igreja defensores da liberdade religiosa ?*

Sempre houve, na Igreja, defensores da *verdadeira* liberdade religiosa (aquela da verdadeira religião), assim como da mansidão cristã; mas jamais da liberdade religiosa tal qual promove Vaticano II. Os primeiros defensores da liberdade para *todos* os cultos foram os hereges ou inimigos da Igreja. Seus grandes inspiradores foram os filósofos ingleses do século XVII, depois os filósofos franceses “das Luzes” do século XVIII. Os católicos que, em seguida, creram ser hábil reclamar esta liberdade contra os perseguidores formaram o grupo que chamamos de “católicos liberais”, várias vezes condenados pelos Papas.

---

<sup>132</sup> Ver “Santo Agostinho face à liberdade religiosa”, *Le Sel de La terre* nº16, p.10-54 (nota dos editores franceses).

<sup>133</sup> Sistema que se refuta.

+ *Quais Papas condenaram os católicos liberais ?*

Várias ondas sucessivas do “catolicismo liberal” foram condenadas pelos Papas dos séculos XIX e XX.

+ *Quem condenou a primeira onda “católica liberal” ?*

A primeira onda, guiada por Félicité de Lamennais (1782-1854), foi condenada por Gregório XVI, na encíclica *Mirari vos*, em 1832. Lamennais saiu da Igreja e foi abandonado por seus discípulos.<sup>134</sup>

+ *Quem condenou a segunda onda “católica liberal” ?*

A segunda onda “católica liberal”, guiada por Mons. Felix Dupanloup (1802-1878, Bispo de Orleans) e pelo conde Charles de Montalembert (1810-1870), foi condenada em 1864 pela encíclica *Quanta cura* de Pio IX e pelo catálogo de erros *Syllabus*, que lhe é anexo<sup>135</sup>.

+ *Quem condenou a terceira onda “católica liberal” ?*

A terceira onda “católica liberal” se desenvolveu nos meios que haviam resistido à segunda. Sob a pressão do mundo contemporâneo, e sem isso perceber, toda uma parte de jovens católicos franceses adotaram, pouco a pouco, no fim do pontificado de Leão XIII( principalmente a partir do *Ralliement*, em 1892) as idéias contra que seus pais haviam lutado. Os “padres democratas”, depois o Sillon de Marc Saigner (1873-1950) estiveram na liderança deste movimento<sup>136</sup> que foi parado pela Carta sobre o Sillon, de São Pio X (1910).

---

<sup>134</sup> Sobre esta primeira onda liberal, ver *Le Sel de La Terre* nº14, p.113-134. (nota dos editores franceses).

<sup>135</sup> Sobre esta segunda onda liberal, ver *Le Sel de La Terre* nº14, p.140-150,; nº15,p.120-150;nº16,p.132-174.(nota dos editores franceses)

<sup>136</sup> Sobre esta terceira onda liberal e sobre os “padres democratas”, ver *Le Sel de La Terre* nº 29,p.65-86; nº30,p.74(nota dos editores franceses)

+ *Houve uma quarta onda “católica liberal”?*

Jacques Maritain (1882-1973) foi o principal guia da quarta onda “católica liberal” na França, a partir dos anos trinta.

+ *Jacques Maritain não é um grande filósofo tomista ?*

Do mesmo jeito que, no início da Igreja, alguns traíram a verdadeira Fé depois de terem sido seus campeões (Tertuliano, por exemplo), igualmente, Maritain, campeão do tomismo, evoluiu progressivamente em direção ao liberalismo.<sup>137</sup> Chegou, até mesmo, no fim de sua vida, a duvidar da eternidade das penas do inferno.<sup>138</sup>

+ *Essa quarta onda “católica liberal” foi condenada ?*

Em 1953, o Cardeal Ottaviani, pró-secretário do Santo Ofício, refutou algumas teses liberais de Maritain num discurso solene em Latrão<sup>139</sup>. Em 1958, o Santo Ofício preparou um documento condenando certas proposições de Maritain ou do jesuíta americano John Courtney-Murray; mas a morte de Pio XII impediu sua publicação.<sup>140</sup> Finalmente, Maritain e Courtney-Murray triunfaram no Vaticano II.

+ *A liberdade religiosa de Vaticano II é atingida por todas essas condenações ao “catolicismo liberal”?*

A liberdade religiosa de Vaticano II é atingida por várias dessas condenações. Em *Quanta cura*, por exemplo, Pio IX condena “essa opinião errônea, muito fatal à Igreja Católica e à salvação das almas, e que, Nosso Predecessor, Gregório XVI chamava de delírio, a saber “que a liberdade de consciência e de culto é um direito próprio a cada homem e que deve ser proclamado em todo Estado bem constituído

---

<sup>137</sup> Sobre as teses liberais de Maritain, ver *Le Sel de La Terre* nº47, p.216-230 (nota dos editores franceses).

<sup>138</sup> Jacques e Raïssa Maritain, *Oeuvres Complètes*, vol.XIII, Fribourg, Ed. Universitaires/Paris, Ed. Saint-Paul, 1992, p.440-478 (Ver os trechos citados em *Le Sel de La Terre* nº37,p.124). (Nota dos editores franceses)

<sup>139</sup> Ver *Le Sel de La Terre* nº47, p.228. (nota dos editores franceses).

<sup>140</sup> Ver *Le Sel de La Terre* nº 39, p.74 (nota dos editores franceses).

(...)”<sup>141</sup>”. Condena, igualmente, o erro a seguir como contrário à Sagrada Escritura, à Igreja e aos Santos Padres:

“O melhor governo é aquele em que não se reconhece, ao poder, a obrigação de reprimir, pela sanção das penas, os violadores da Religião Católica, enquanto não o requerer a tranqüilidade pública<sup>142</sup>”.

+ *Podeis citar um outro Papa ?*

Leão XIII, em *Libertas*, alertava não só contra o Estado ímpio; mas também contra um Estado que quisesse “estar animado, em relação a todas as religiões, como se diz, das mesmas disposições, e outorgar-lhes, indistintamente, os mesmos direitos”, o que, finalmente, “desembocaria no ateísmo”. Um tal Estado pecaria contra a justiça e contra a razão.<sup>143</sup>

+ *Encontra-se o mesmo ensinamento dentre os Papas do século XX?*

Pio XII ensinou em 06 de outubro de 1946:

“A Igreja Católica (...) é uma sociedade perfeita que tem por fundamento a Verdade de Fé infalivelmente revelada por Deus. Tudo o que se opõe a esta Verdade é, necessariamente, um erro; e não se pode, objetivamente, reconhecer, ao erro, os mesmos direitos que à Verdade”.<sup>144</sup>

+ *Dignitatis Humanae não se apóia, no entanto, sobre textos de Papas?*

Dignitatis Humanae alega, em favor da liberdade religiosa, a encíclica *Libertas* de Leão XIII. Eis o parágrafo em questão:

---

<sup>141</sup> Pio IX, encíclica *Quanta cura*, 08.12.1864, EPS-PIN 40. O texto de Gregório XVI citado é de sua encíclica *Mirari vos* (1832).

<sup>142</sup> Proposição errônea denunciada por Pio IX em *Quanta cura*, EPS-PIN, 39.

<sup>143</sup> EPS-PIN 203.

<sup>144</sup> Pio XII, *Ecco Che già um anno*, 06.10.1946, *Documents pontificaux de Sa Sainteté Pie XII*, Saint-Maurice (Suíça), Ed. Saint Augustin, ano de 1946, p.304.

“Uma outra liberdade que se proclama muito alto é a que se chama liberdade de consciência. Se se entender, por esta, que cada um possa, indiferentemente, a seu alvitre, render ou não render um culto a Deus, os argumentos que foram dados mais acima bastam para refutar. Mas se pode entender também naquele sentido em que o homem tem, dentro do Estado, o direito de seguir, a partir da consciência de seu dever, a Vontade de Deus, e de cumprir Seus Preceitos, sem que nada o possa impedir. Esta liberdade, a verdadeira liberdade, a liberdade digna de filhos de Deus, que protege tão gloriosamente a dignidade da pessoa humana, está acima de qualquer violência e de toda opressão, sempre foi objeto dos desejos da Igreja e de seu particular afeto.”<sup>145</sup>

+ *Qual é o sentido do texto de Leão XIII?*

Leão XIII, depois de ter condenado a “liberdade de consciência” tal como é comumente entendida no mundo moderno, diz que essa expressão pode, entretanto, ser bem compreendida. Falando da “liberdade digna de filhos de Deus”, entende, sem equívoco possível, a liberdade de poder exercer *a verdadeira* religião (o direito de que ele falou tem por objeto *a Vontade de Deus* e o cumprimento de *Seus Preceitos*). É desonesto pretender aplicar esse texto às falsas religiões<sup>146</sup>.

+ *Os autores de Dignitatis Humanae admitem que seu texto contradiz os ensinamentos dos Papas anteriores ?*

Vários autores de *Dignitatis humanae* foram obrigados a admitir que esse texto colocava dificuldades. O principal inspirador do texto, Pe. Courtney-Murray, reconhece no seu comentário:

---

<sup>145</sup> Leão XIII, encíclica *Libertas* DS 3250; EPS-PIN 215.

<sup>146</sup> Para uma análise mais detalhada desta passagem de Leão XIII, assim como de algumas outras referências ao Magistério, fornecidas por *Dignitatis humanae*, ver o estudo de Mons. De Castro Mayer, em *Le Sel de La Terre* nº37, p.39-49.

“Quase exatamente um século mais tarde, a declaração sobre a liberdade religiosa parece afirmar como doutrina católica o que Gregório XVI e Pio IX consideravam como um “delírio”, uma idéia maluca”<sup>147</sup>.

O Pe. Congar confessa a seu turno:

“Não se pode negar que um tal texto diga *materialmente* uma outra coisa do que o *Syllabus* de 1864, e mesmo quase o contrário das proposições 15, 77,78, 79 deste documento.”<sup>148</sup>

E, além disso:

“(…) Colaborei nos últimos parágrafos – os que me deixam menos satisfeito. Tratava-se de mostrar que o tema da liberdade religiosa aparecia já na Sagrada Escritura. Ora, nesta, aquela não aparece.”<sup>149</sup>

+ *Como o Concílio Vaticano II pôde chegar a promulgar uma declaração que contradiz tão radicalmente a prática e o ensinamento da Igreja?*

A Comissão teológica preparatória, constituída por João XXIII para preparar o Vaticano II, havia redigido um documento totalmente tradicional, resumindo a doutrina

---

<sup>147</sup> John Courtney-Murray, S,J “Em direção a uma intelecção do desenvolvimento da doutrina da Igreja sobre a liberdade religiosa”, em *Vatican II, La liberté religieuse (Unam sanctam 60)*, Paris, Cerf, 1967, p.111.

<sup>148</sup> Yves Congar O.P, *La crise dans l’Eglise et Mgr Lefebvre*, Paris, Cerf, 1977, p.54 – Em 1984, o padre Congar reafirma: “A declaração sobre a liberdade religiosa diz o contrário de vários artigos do *Syllabus* de 1864” (*Essais oecuméniques. Les hommes, Le mouvement, les problèmes*, Paris, Centurion, 1984, p.85)

<sup>149</sup> Yves Congar O.P. interrogado por Eric Vatr , em *La Droite Du P re, Enqu te sur La Tradition catholique aujourd’hui*, Paris, Tr daniel, 1994, p.118.

da Igreja sobre essa questão.<sup>150</sup> Porém, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, presidido pelo Cardeal Bea, havia preparado um esquema alternativo, destinado a agradar aos protestantes e aos maçons. Na sessão preparatória de 19 e 20 de junho de 1962, “os textos da Comissão e do Secretariado chegaram juntos diante da Comissão central, e provocaram o mais dramático confronto que esse organismo conheceu”<sup>151</sup> Os Cardeais Ottaviani e Bea se opuseram muito vivamente. Às vésperas do Concílio, duas doutrinas contrárias estavam assim em presença. Uma se referia a toda a Tradição da Igreja; a outra invocava as expectativas do mundo moderno.

+ *O Secretariado para a Unidade dos Cristãos impôs facilmente aquele texto inovador?*

O Secretariado para a Unidade dos Cristãos só conseguiu impor seu texto depois de quatro anos de pressão sobre os Padres conciliares. Os inovadores esperavam o fazer votar em 1964, como uma sorte de arrependimento pelo Syllabus de Pio IX, que completava seu centenário. Mas, não conseguiram. Finalmente, a declaração sobre a liberdade religiosa foi votada e promulgada no fim da última sessão conciliar, em 1965. Para reduzir a oposição, moderou-se-lhe o tom e acrescentaram-se numerosas passagens de aparência tradicional. Mas a orientação fundamental permanecia liberal, e a definição dada para “liberdade religiosa” contradizia a doutrina e a prática constantes da Igreja.

### **39. Como Vaticano II tenta justificar a liberdade religiosa ?**

**O decreto sobre a liberdade religiosa funda-a sobre a dignidade da pessoa humana: “O Concílio declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa tem**

---

<sup>150</sup> Esse documento tinha por título *De relationibus inter Ecclesiam et Statum, necnon de tolerantia religiosa* ( As relações entre a Igreja e o Estado e da tolerância religiosa). Encontra-se o texto traduzido e comentado [em francês – nota da tradução brasileira] em *Le Sel de La Terre* nº 39, p.74-118. (nota dos editores franceses).

<sup>151</sup> Giuseppe Alberigo, *Histoire Du Concile Vatican II, 1959-1965, I – Le Catholicisme vers une nouvelle époque. L’annonce et La préparation*, Paris, Cerf,1997, p.334.

**seu fundamento na dignidade da pessoa humana, tal como a fizeram conhecer a Palavra de Deus e a razão mesma.”<sup>152</sup>**

+ *Por que os autores desse texto querem fundamentar o direito à liberdade religiosa na dignidade da pessoa humana ?*

Para driblar as diferentes condenações já trazidas pela Igreja (notadamente, contra a idéia de que o erro tem direitos), era preciso encontrar para a liberdade religiosa um *novo fundamento*. Tentou-se, portanto, considerar as coisas do ponto-de-vista das pessoas: para aderir livremente à Verdade religiosa, estas devem estar isentas de coerção em matéria religiosa.

+ *O que se deve pensar desta argumentação ?*

É uma tentativa de distração, armada de um triplo sofisma.

+ *Em que há distração ?*

Uma distinção teórica sobre o *fundamento* da liberdade religiosa não pode mudar nada do fato de a liberdade religiosa, *ela mesma*, ser contrária à prática e à doutrina constantes da Igreja. É um fato que a Igreja sempre agiu para reduzir (e, se possível, para fazer proibir) o culto e a propaganda das falsas religiões. Qualquer que seja o artifício empregado para fornecer, à liberdade religiosa, novos fundamentos, que não tenham sido ainda condenados explicitamente, um falso direito continuará a ser sempre um falso direito. (E esses novos fundamentos, sofismas).<sup>153</sup>

+ *Qual é o primeiro sofisma?*

---

<sup>152</sup> Vaticano II, Declaração *Dignitatis humanae* (07.12.1965), 2.

<sup>153</sup> Ver, sobre o assunto, *Le Sel de La Terre*, nº40, p.231; nº46, p.260-264(nota dos editores franceses).

Sob o pretexto de que o homem deve aderir *livremente* à Verdade religiosa, Vaticano II deseja isentá-lo de toda coerção nesta matéria. *Dignitatis humanae* afirma assim:

“A Verdade só se impõe pela força da Verdade, ela mesma, que penetra o espírito humano com tanta suavidade quanto poder [DH 1].”

E, mais abaixo:

“Todos os homens (...) estão instados, por sua natureza mesma, e, comprometidos, por obrigação moral, a procurar a verdade, e aquela, em primeiro lugar, que concerne à religião. Estão obrigados também a aderir à verdade, logo que dela tenham conhecimento, e, a reger toda sua vida conforme as exigências desta verdade. Ora, a esta obrigação, os homens *somente podem satisfazer*, de uma maneira conforme à sua própria natureza, se gozarem, além da liberdade psicológica, *da imunidade a toda coerção exterior* (...) A verdade deve ser procurada de acordo com a maneira própria à pessoa humana e à sua natureza social, a saber, por *uma livre pesquisa*, pelo meio do ensino e da educação, do intercâmbio e do diálogo; pelos quais, uns expõem aos outros a verdade que eles encontraram ou pensam ter encontrado, a fim de se ajudarem mutuamente na busca da verdade. [DH 2 e 3].”

+ *É, no entanto, verdadeiro que coerção se opõe à liberdade; onde estará então o sofisma?*

Um expert no Concílio, o padre Berto<sup>154</sup>, bem desmontou este sofisma:

“Nem todos são adultos em idade, e muitos destes que são adultos em idade não são intelectualmente adultos.

O esquema [conciliar] silencia sobre os tímidos; silencia sobre os escravos do pecado; silencia sobre a pressão das paixões; silencia sobre a difusão dos erros pelos homens perversos, para imaginar um homem supra-angélico (...) Em qual lugar do mundo, em que planeta nos põe esse esquema? (...) Desde a idade mais tenra, desde o

---

<sup>154</sup> Sobre o padre Victor-Alain Berto (1900-1968, terciário dominicano e teólogo de Mons Lefebvre no Concílio), ver *Le Sel de la Terre* nº45, p.9-46; nº48, p.243-247. (nota dos editores franceses)

primeiro uso da razão, há “problemas morais” a resolver - e bem longe de nós que a criança tenha o direito de ser deixada a si mesma, para os resolver. Ela tem o direito de não ser deixada a si mesma; mas de ser ajudada por conselhos, por ordens, por mandamentos, pela vara de seus pais e educadores; para resolver os seus “problemas morais” com retidão. *Ela tem o direito a que se limite sua liberdade*, tem o direito a que se lhe ordene o ato intimamente bom, ele mesmo. E os pais e os educadores que se abstêm de ordenar, de prescrever, de mandar, de fustigar, faltam a um dever muito grave, incriminam muito pesadamente sua consciência diante de Deus.

É preciso dizer o mesmo - guardadas todas as proporções - *da maior parte dos homens, que não são capazes de vencer mesmo os erros vencíveis, a menos que o erro seja afastado deles por aqueles que receberam o cuidado dos mesmos, e, a menos que respirem a verdade em uma certa medida*. Do mesmo modo que se colocam os doentes nas “sana”, para que um ar saudável sustente suas forças, para que o vigor das montanhas ou do mar fortifique-os; para que rejeitem os miasmas da cidade; assim também o gênero humano, doente pelo pecado original e por tantos pecados atuais, tem direito não a uma “liberdade religiosa” ilimitada; mas, ao contrário, tem direito a que sua “liberdade religiosa” seja restringida de tal maneira, que faça uso de sua liberdade para abraçar a verdade. Isso não é, de nenhuma maneira, forçar os homens a abraçar a Fé contra sua vontade; mas colocar os débeis e os fracos em condições tais de discernir e de escolher mais facilmente a verdade. A “liberdade religiosa” ilimitada, além de ser má em si, abre a porta para o erro, *em grande detrimento dos direitos dos fracos e dos ignorantes.*<sup>155</sup>”

E ainda:

“Como, neste mundo, o erro tem um tal poder, todos aqueles que estão investidos de qualquer autoridade - os pais sobre os filhos, o Estado sobre os cidadãos, a Igreja sobre os batizados – têm por gravíssimo dever, natural e sobrenatural, proteger do erro aqueles que lhes estão confiados. *Há os que dizem que a verdade pode, por si*

---

<sup>155</sup> Padre Victor-Alain Berto, trabalho sobre a liberdade religiosa, redigido em 1964 para o *Coetus Internationalis Patrum* e publicado na coleção *La Sainte Eglise Romaine*, Paris, Cèdre, 1976, p.405-406 (os itálicos são dos editores franceses, tanto nas citações de *Dignitatis Humanae* como nas do padre Berto)

*mesma e sozinha, vencer o erro, sem auxílio de nenhuma autoridade. Isso será verdadeiro no dia em que os homens não forem mais homens; mas super-homens, talvez super-anjos ! Mostrei acima, suficientemente, que o erro encontra cúmplices em nós e dentre nós.*”<sup>156</sup>

+ *Qual é o segundo sofisma ?*

Sob pretexto de não prejudicar a livre pesquisa da *verdade* [DH 2], Vaticano II promoveu a livre propaganda do erro [DH 4].

+ *O que é preciso responder ?*

Esse sofisma se refuta a si mesmo. Lembremos quando Pio IX, citando Santo Agostinho, afirma que a plena liberdade de manifestar publicamente suas opiniões é uma “liberdade de perdição” (*libertas perditionis*)<sup>157</sup> Cita também São Leão Magno:

“Se sempre é permitido às opiniões humanas entrar em conflito, nunca faltarão homens que ousarão resistir à verdade e colocar sua confiança na verborragia da sabedoria humana, vaidade extremamente prejudicial (...).”

+ *Qual é o terceiro sofisma ?*

O terceiro sofisma recai sobre a “dignidade da pessoa humana”:

“O Concílio Vaticano II (...) declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa tem seu fundamento *na dignidade mesma da pessoa humana* (...). Não é, pois, sobre uma disposição subjetiva da pessoa; mas sobre sua natureza mesma, que está fundamentado o direito de liberdade religiosa. É por isso que *o direito a esta imunidade persiste mesmo naqueles que não satisfazem a obrigação de procurar a verdade e de, a esta, aderir* [DH 2].”

+ *Onde está o sofisma ?*

Há confusão entre dignidade radical e dignidade operativa ( ou terminal).

---

<sup>156</sup> Padre Berto, *ibid.*, p.396.

<sup>157</sup> Citado por Pio IX, encíclica *Quanta cura*, 08.12.1864; EPS-PIN 40.

+ *O que é a dignidade radical ?*

A dignidade *radical* do homem está ligada à sua natureza humana. Consiste em que ele tem uma alma espiritual e que, por conseguinte, dotado é de razão e vontade livre. Consiste também no fato de que é chamado por Deus a um fim sobrenatural: a visão beatífica.

+ *Por que se chama dignidade radical ?*

Essa dignidade é dita *radical* porque é a *raiz* dos atos voluntários pelos quais o homem pode aumentar, diminuir ou perder sua dignidade.

+ *O que é dignidade operativa ?*

Na medida em que o homem adere ao bem e ao verdadeiro, aperfeiçoa-se. Adquire uma dignidade que se chama *operativa* ou *terminal*.

+ *Todos os homens não têm, então, a mesma dignidade ?*

É óbvio que um assassino não tem a mesma dignidade que um santo; e que o homem decai de sua dignidade, ao aderir ao erro ou ao mal. Nesta vida, não pode perder totalmente sua dignidade radical (mesmo o pior criminoso pode ainda se converter e mudar de vida); mas, no inferno, os réprobos (que não são nem mesmo *capazes* de bem moral) perderam totalmente sua dignidade.

+ *Onde se poder encontrar esse ensinamento sobre a dignidade do homem ?*

A Liturgia romana relembra que nossa dignidade de homem está ferida pelo pecado, e que é preciso, para a restabelecer, exercitar-se na temperança<sup>158</sup>.

+ *Os Doutores da Igreja abordaram a questão ?*

Santo Tomás de Aquino explica, na sua *Suma Teológica*:

- i) Que o homem, pecando, afasta-se da ordem da reta razão, e, por isso, decai de sua dignidade humana;

---

<sup>158</sup> Oração da Quinta-Feira Santa: *Praesta quaesumus omnipotens Deus ut dignitas conditionis humanae per immoderantiam sauciata, medicinalis parsimoniae Studio reformetur.*

ii) Que perde assim seu direito a uma certa liberdade.<sup>159</sup>

+ *Os Papas confirmaram esse ensinamento ?*

O Papa Leão XIII ensina na encíclica *Immortale Dei*:

“Se a inteligência adere a idéias falsas, se a vontade escolhe o mal e se lhe apegar; nem uma, nem outra atingem sua perfeição; todas duas decaem de sua dignidade nativa e corrompem-se. Não é, pois, permitido expor aos olhos dos homens o que é

+ *Qual é a conseqüência que se deve tirar quanto ao texto de Vaticano II ?*

O padre Berto explicava, durante o mesmo Concílio:

“Considera-se de uma maneira inadequada e, completamente insuficiente, a dignidade da pessoa humana, se se considera apenas em sua *raiz* [ o simples fato de ser dotado de razão e vontade livre]. A dignidade da pessoa humana adequadamente considerada exige que se leve em conta os *seus atos* (...) O ignorante e o homem culto não têm a mesma dignidade; e , sobretudo, a dignidade não é igual naquele que adere ao verdadeiro e naquele que adere ao erro; naquele que quer o bem, e naquele que quer o mal.

Os redatores, que construíram todo seu esquema sobre uma noção inadequada da dignidade da pessoa humana, só com isso apresentaram um *trabalho disforme de um extraordinário irrealismo*. Com efeito, que se deseje ou não, há, entre as pessoas humanas adequadamente consideradas, imensas diferenças de dignidade. E isso é tanto mais verdadeiro quando se trata do esquema sobre a liberdade religiosa: pois, com toda evidência, *a liberdade religiosa convém à pessoa não segundo sua dignidade radical; mas conforme sua dignidade operativa*, e assim, a liberdade não pode ser a mesma para a criança e para o adulto; para o idiota e para o espírito penetrante; para o ignorante e para o homem culto; para um possesso e para o inspirado pelo Espírito Santo, etc.

---

<sup>159</sup> *Homo, peccando, ab ordine rationis recedit; et ideo decedit a dignitate humana, prout scilicet homo est naturaliter liber, et propter seipsum existens; et incidit quodammodo in servitutem bestiarum (...) II-II, q.64, a.2,ad.3. É assim que Santo Tomás justifica a pena de morte para alguns criminosos.*

Ora, essa dignidade, que chamamos operativa, não pertence ao ser físico; mas decorre – é evidente – da ordem intencional [ ordem do conhecimento e da vontade]. A negligência deste elemento intencional, a saber, *a ciência e a virtude*, é, no esquema *um erro muito grave* (...).<sup>160</sup>”

Mons Lefebvre escreve então:

“Na medida que o homem adere ao erro ou apega-se ao mal, perde sua dignidade terminal ou não a atinge, não se pode fundamentar mais nada sobre ela.”<sup>161</sup>

#### **40. A liberdade religiosa não é uma consequência da liberdade do homem ?**

**A liberdade não é um valor absoluto. Foi dada ao homem para que ele pudesse, livremente, decidir-se pelo bem. Que possa se decidir pelo mal é apenas um efeito, e, ao mesmo tempo, um abuso, dessa liberdade. Mais precisamente: a liberdade não foi dada ao homem para que pudesse escolher entre o bem e o mal; mas para que possa se mover ele mesmo em direção ao bem.**

+ *Por que Deus deu a liberdade ao homem?*

A liberdade da vontade é uma consequência da inteligência. É necessária para que o homem possa amar a Deus (o que as criaturas irracionais não podem fazer). Confere, pois, aos homens uma grande dignidade, que os coloca bem acima das criaturas irracionais.

---

<sup>160</sup> Padre Berto, *ibid*, p.387-388. Mons Lefebvre desenvolve exatamente a mesma idéia nas suas *Dubia* sobre a liberdade religiosa enviadas à Congregação para a Doutrina da Fé, em outubro de 1985 (Mons. Lefebvre, *Mes doutes sur La liberte religieuse*, Etampes, Clovis, 2000, p.43-47, 56-60, 133-134).

<sup>161</sup> Mons Marcel Lefebvre, *Do liberalismo á apostasia*, Fideliter, 1987, p.192. Esta obra é, sem dúvida, o mais aprofundado e melhor estudo sobre a liberdade religiosa. [nota da tradução brasileira: existe gratuitamente, em português, um arquivo em pdf. da obra em referência, em [www.permanencia.org.br](http://www.permanencia.org.br). Esta tradução brasileira, de lavra de Ildefonso Albano Filho, da obra de D.Lefebvre, foi editada em português, em 1991, pela Editora Permanência].

+ *A liberdade não implica o poder de fazer o mal ?*

No estado atual das coisas, a liberdade implica para o homem *o poder* de fazer o mal; mas não o *direito* de o fazer (um assassino não tem o direito de matar seu próximo). O homem que escolhe o mal abusa de sua liberdade.

+ *Qual é, para o homem, a regra do bem e do mal? É sua consciência?*

É verdade que o homem deve agir segundo sua consciência; mas há também, em primeiro lugar, o dever de a esclarecer, pois a consciência não é o critério último do bem e do mal: é apenas uma intermediária transmitindo uma obrigação que dela não depende.

+ *Um homem pode ser culpado, mesmo seguindo sua consciência?*

Sim. Um homem pode ser culpado, mesmo seguindo sua consciência. Culpado não *porque* segue sua consciência; mas porque, *um dia*, falsificou-a (por exemplo, um médico estando persuadido que o aborto não é um crime); ou bem porque foi negligente a bem formá-la (por exemplo, um infiel nunca se tendo preocupado sobre a Verdade religiosa).

+ *Um homem não pode ter falseada sua consciência sem culpa própria?*

Sim. Um homem pode ter a consciência falseada sobre esse ou aquele ponto (crer que tal ação ruim seja boa), sem que isso seja sua culpa. Fala-se, então, de uma consciência *invencivelmente errônea* (ou mesmo de uma pessoa em *ignorância invencível*). Nesse caso, a ignorância impede este homem de ser culpado; mas a ação permanece má em si mesma.

+ *O Estado deve respeitar a consciência de uma tal pessoa ?*

Suponhamos que um assassino seja subjetivamente inocente, porque sua falsa religião lhe inculcou a convicção de que o assassinato é permitido em certas condições. Esta convicção subjetiva não lhe dá, no entanto, o direito enquanto tal: o policial que o impede de praticar seu ato não comete injustiça. Tomar-se-ia por louco aquele que

afirmasse que o assassinato é certamente mau; mas que o assassino tem, em razão de sua dignidade humana, um direito de não ser impedido de matar.

+ *Quem sustenta uma coisa parecida?*

É quase o que pretende *Dignitatis humanae*. Este texto ensina que todos os homens têm o dever de procurar a verdade e de a receber; mas acrescenta que, se alguém, consciente ou inconscientemente, adere ao erro, tem um direito a não ser impedido de agir segundo este erro; e isso em nome da dignidade humana.

+ *Uma pessoa, enganando-se de boa fé, não merece certa indulgência?*

Uma pessoa que se engana de boa-fé deve, sem dúvida, ser tratada com caridade e prudência; mas não adquire, no entanto, um *direito* de espalhar seu erro. Um distribuidor alimentar não pode ter o direito de espalhar produtos perigosos para a saúde, sob o pretexto de que age com boa consciência. Do mesmo modo, o erro religioso, sendo mortal para as almas; é normal que o Estado proíba sua publicidade.

+ *A difusão da heresia é um grande mal?*

A Igreja considera, a bom direito, a difusão da heresia como um assassinato cometido contra as almas.

#### **41. A nova Liturgia conservou a Festa de Cristo-Rei ?**

**A nova doutrina introduzida por Vaticano II se traduziu também na Liturgia: no novo missal (1969), a Festa de Cristo-Rei foi transferida do último domingo de outubro, para o último domingo do ano litúrgico; para significar que o Reino de Cristo-Rei só virá no fim dos tempos e que não se pode – ou não se deve – realizar no momento. Arrancaram-se do hino das vésperas desta Festa as três estrofes que falavam do Reino de Cristo sobre a sociedade:**

**Em Latim: I) Scelesta turba clamitat/Regnare Christum nolumus/Te nos ovantes omnium/Regem supremum dicimus II) Te nationum praesides/Honore tollant publico/Colant magistri, judices/Leges et artes exprimant III) Submissa regum fulgeant/Tibi dicata insígnia/Mitique sceptro patriam/Domosque subde civium.**

**Em Português: I) Uma multidão criminosa grita/”Não queremos que Cristo reine!”/Mas nós, nós Vos aclamamos/Como o Rei Supremo de todos II) Que os chefes das nações/Honrem-Vos com um culto publico/Que os mestres e juizes Vos venerem/ Que as leis e as artes expressem Vossa Realeza/ III) Que as bandeiras se glorifiquem/De se verem a Vós consagradas/Submetei também a Vosso suave Cetro/ a Pátria e todos os lares.**

+ *Por que as autoridades da Igreja desnaturaram assim a Festa de Cristo-Rei ?*

*Lex orandi, Lex credendi*, diz o adágio. As fórmulas de oração são também a expressão da Fé. Ora, a liberdade religiosa está em oposição total com os princípios professados antigamente pela Igreja. É por isso que os promotores da liberdade religiosa não podem invocar em seu favor, nem a Sagrada Escritura, nem a Tradição da Igreja. Foram sempre os inimigos da Igreja (hereges, racionalistas, filósofos das “Luzes”, maçons, etc.) que reclamaram a liberdade religiosa.<sup>162</sup>

+ *Vaticano II se opõe explicitamente à Realeza Social de Cristo?*

*Dignitatis humanae* omite-se totalmente de falar de Cristo-Rei. Tendo em vista o assunto tratado, é uma gravíssima omissão. O texto não proíbe aos Estados de professar o Catolicismo (seria contrário demais à Tradição); mas, a isso, não os encoraja de nenhum modo. Apenas tolera esta profissão pública de Catolicismo, ao mesmo título

---

<sup>162</sup> O alto dignatário maçom, Yves Marsaudon, 33º, ministro do Conselho Supremo de França do R.E.A.A (rito Escocês Antigo e Aceito), em seu livro, *L’oecuménisme vu par un franc-maçon de tradition* (Paris, Vitiano,1964,p.121), fala da liberdade religiosa como da “Revolução desejada por João XXIII”. Insiste: “pode-se verdadeiramente falar de “revolução”, que, “partida de nossas lojas maçônicas, estendeu-se maravilhosamente à Basílica de São Pedro”.

que a das falsas religiões.<sup>163</sup> Na prática, desde 1965, o Vaticano trabalhou para a supressão dos Estados Católicos.<sup>164</sup>

+ *Qual era, em relação a isso, a conduta da Igreja antes de Vaticano II?*

Logo que a Igreja houvesse obtido a liberdade, exortava os reis e os príncipes, sobretudo se fossem cristãos, a proteger e a defender a verdadeira religião. Nos países de missão, esforçava-se, principalmente, em ganhar para a Fé Católica os príncipes; para facilitar, assim, o estabelecimento de uma sociedade impregnada pelo espírito cristão.

#### **42. *Quais são as conseqüências da liberdade religiosa?***

**A primeira conseqüência da liberdade religiosa pregada pelo Vaticano II foi que os Estados ainda católicos tiveram que mudar sua Constituição. A liberdade religiosa trouxe, pois, a laicização do Estado e uma descristianização sempre mais avançada da sociedade. Como se dão os mesmos direitos a todos os erros, a verdadeira Fé desaparece sempre mais. O homem, que, por sua natureza decaída, tende, geralmente, a seguir a via mais fácil, tem necessidade da ajuda das instituições católicas. Numa sociedade toda marcada pela Fé Católica, muito mais homens salvarão sua alma do que numa sociedade em que a religião é um negócio privado e em que a verdadeira Igreja deve existir ao lado das inumeráveis seitas, que possuem os mesmos direitos que Ela.**

---

<sup>163</sup> Vaticano II se contenta em dizer: “Se, em razão das circunstâncias particulares em que se encontram os povos, um reconhecimento jurídico especial é outorgado, na ordem jurídica da pólis, a uma comunidade religiosa, é necessário que, ao mesmo tempo, para todos os cidadãos e para todas as comunidades religiosas, o direito à liberdade em matéria religiosa seja reconhecido e respeitado.” (*Dignitatis humanae*, 6).

<sup>164</sup> Ainda por cima, Vaticano II pretende proibir toda discriminação fundada sobre a religião, indo até a colocá-la no mesmo plano de uma discriminação em razão de raça, de cor, ou da classe: “A Igreja reprovava, pois, como contrário ao espírito do Cristo, toda discriminação ou vexação operada contra os homens em razão de sua raça, de sua cor, de sua classe ou de sua religião” (Vaticano II, *Nostra aetate*, 5. Ver também *Dignitatis humanae*, 7).

+ *Quais foram os países que tiveram que mudar sua Constituição depois de Vaticano II?*

Um exemplo característico é a Colômbia. A população deste país era 98% católica e a Religião Católica, a única reconhecida oficialmente pela Constituição. O presidente teve, a contragosto, que ceder à pressão exercida pelo Vaticano em nome do Concílio, e mudar a Constituição, em 12 de julho de 1973. Na mesma época, as seitas protestantes, apoiadas financeiramente pelos Estados Unidos, partiram ao assalto da América Latina. Hoje, o país está invadido pelas seitas. Algumas cidades têm mais templos protestantes do que igrejas católicas.<sup>165</sup>

+ *A liberdade religiosa conciliar foi imposta a outros países?*

Dois cantões suíços, Le Tessin e Le Valais, tiveram que mudar suas Constituições também, sob a pressão do Núncio.<sup>166</sup>

Na Itália, uma nova Concordata foi assinada em 11 de fevereiro de 1984: as falsas religiões obtiveram a igualdade de tratamento com a Igreja, etc.<sup>167</sup>

E é Roma mesma que pede essas mudanças !

+ *Podeis dar um último exemplo?*

O caso da Espanha é particularmente interessante, porque a Concordata assinada em 27 de agosto de 1953 entre a Espanha e a Santa Sé era considerada por Pio XII como um modelo do gênero. Seu artigo primeiro começava assim:

“A Religião Católica, Apostólica e Romana continua a ser a única da nação espanhola.”

---

<sup>165</sup> Mons Marcel Lefebvre, *L'Eglise infiltrée par Le modernisme*, Broût-Vernet, Fideliter, 1993, p.111-113.

<sup>166</sup> Ver DC nº1653 (1974), p.442.

<sup>167</sup> Ver DC nº1872 (1984) p.423-430; Romano Amerio, *Iota Unum*, Paris, NEL, p.148-152.

E essa Concordata ratificava o *Fuero de los españoles* [a Carta dos Espanhóis] de 13 de julho de 1945, cujo artigo sexto era particularmente claro:

“A profissão e a prática da religião católica, que é a do Estado espanhol, gozarão da proteção oficial.

Ninguém será inquietado por suas crenças religiosas nem pelo exercício *privado* de seu culto. Não se autorizarão outras cerimônias nem manifestações *exteriores* que as da Religião Católica”.<sup>168</sup>

+ *O que ocorreu em 1965 ?*

A declaração *Dignitatis humanae* contradizia frontalmente este artigo sexto !. Sob a pressão do Vaticano, a Espanha outorgou, então, em 1967, a liberdade aos outros cultos, referindo-se expressamente ao Vaticano II:

“Depois desta declaração do Concílio, a necessidade apareceu de modificar o artigo sexto do *Fuero de los españoles* (...). [Nova formulação]: “A profissão e a prática da Religião católica, que é a do Estado espanhol, beneficiar-se-ão da proteção oficial. O Estado assegurará a proteção da liberdade religiosa, que será garantida por eficaz disposição jurídica, que salvaguardará tanto a moral, como a ordem pública.”

Essa nova redação - e isso deve ser anotado expressamente - havia sido antes aprovada pela Santa Sé.<sup>169</sup>

+ *O que manifesta este exemplo da Espanha ?*

O exemplo da Espanha mostra à evidência a contradição entre a doutrina tradicional e a do Vaticano II, já que o que era louvado antes de 1965 tornou-se subitamente condenável depois desta data.

+ *O que prova a aplicação do texto de Vaticano II sobre a liberdade religiosa?*

---

<sup>168</sup> Ver DC nº948 (1945), p.691. O itálico é dos editores franceses.

<sup>169</sup> DC nº 1508 (1968), p.45-46 – Roma continuou suas pressões até obter uma nova revisão suprimindo a profissão oficial do Catolicismo pelo Estado (DC de 18 de março de 1979).

Os anos que seguiram Vaticano II mostraram a verdade das proposições de Leão XIII, afirmando que a liberdade religiosa conduzia necessariamente à impiedade. Nos nossos países, não é somente a Fé que desapareceu; mas também a moral cristã. Os casamentos naufragam, as famílias se desfazem, a criminalidade não cessa de crescer e encontra-se com dificuldade alguém que queira exercer bem a autoridade. Qualquer um que abra só um pouquinho os olhos vê que nossa sociedade despenca no caos. Esta situação não mudará verdadeiramente até que a sociedade reconheça de novo a Cristo como seu Rei e não deixe mais o campo livre para todos os erros. Pois, como afirmava o Cardeal Pie: “Quando Ele não reina pelos benefícios ligados à sua presença; reina por todas as calamidades inseparáveis de sua ausência”.<sup>170</sup>

## **CAPÍTULO VI**

### **O ECUMENISMO**

---

<sup>170</sup> Cardeal Pie, discurso em Chartres, em 11 de abril de 1858 (*Oeuvres épiscopales*, t.1, p.84)..

### **43. O que se entende por ecumenismo?**

**O nome ecumenismo designa o movimento que teve origem no século XIX, dentre os não-católicos, e que tem por objetivo a colaboração e a aproximação das diversas confissões cristãs. Este movimento conduziu, em 1948, à fundação do Conselho Ecumênico de igrejas.<sup>171</sup>**

**O mesmo contorno de espírito conduziu, em seguida, a aproximar-se das religiões não-cristãs. É o que se chama *diálogo inter-religioso*.**

+ *De onde vem o nome ecumenismo?*

“Ecumênico” significa “universal”. O padre Boyer explica:

“A renovação do emprego da palavra “ecumenismo” é devido ao fato de que os protestantes, desejando designar uma universalidade, e achando a palavra “católica” já ao serviço da Igreja romana, escolheram o seu equivalente: “ecumênico”.<sup>172</sup>”

+ *Por que os protestantes experimentaram essa necessidade de trabalhar pela unidade dos cristãos?*

Tendo rejeitado a autoridade do Magistério, que é a única que pode garantir a unidade na Verdadeira Fé, os protestantes se dividiram muito rapidamente em seitas e

---

<sup>171</sup> Este Conselho se define como “uma comunidade de igrejas, que reconhecem a Cristo como Deus e Salvador”. As confissões religiosas que fazem parte deste permanecem independentes. O Conselho não tem nenhuma autoridade sobre elas; podem estas aceitar ou recusar como quiserem suas decisões. Não é nem necessário que cada um dos membros reconheça as outras comunidades como igrejas em sentido estrito – A Igreja Católica não é membro do CEI, apesar de ter, dele, muito se aproximado.

<sup>172</sup> P. Ch.Boyer, artigo “Oécuménisme chrétien” – “Ecumenismo cristão”, em DTC – O termo ‘ecumênico’, em seu sentido mais antigo (“universal”) era empregado para designar os Concílios *Gerais* da Igreja, assim distintos dos Concílios *Particulares* (ver pergunta 19 deste Catecismo, nota 2). A palavra, hoje, tomou sentido novo.

confissões inumeráveis. Para guardar alguma credibilidade, e segurar os membros atraídos pela unidade católica (tripla unidade de Fé, de culto e de governo), era-lhes necessário encontrar um meio de se reunirem de outro modo: nasceu então o movimento ecumênico.

+ *Qual foi a atitude da Igreja para com esse movimento ecumênico?*

No início, a Igreja Católica tomou distância claramente. Só na época do Concílio Vaticano II que o ecumenismo penetrou-a oficialmente.

+ *Vaticano II tratou do ecumenismo e do diálogo inter-religioso?*

Vaticano II consagrou ao ecumenismo um decreto especial intitulado *Unitatis redintegratio*. Promulgou também a declaração *Nostra aetate*, que trata das relações da Igreja com as religiões não-cristãs.

+ *Onde se pode encontrar a verdadeira posição católica sobre o ecumenismo?*

A verdadeira posição católica sobre o ecumenismo está expressa na encíclica *Mortalium animos* (1928). Seu autor, o Papa Pio XI descrevia os esforços dos “ecumenistas” de uma maneira muito atual:

“Sabendo perfeitamente que é extremamente raro encontrar homens absolutamente desprovidos de senso religioso, nutrem a esperança de que se poderia facilmente levar os povos, apesar de suas dissensões religiosas, a se unirem na profissão de certas doutrinas admitidas como um fundamento comum de vida espiritual. Em conseqüência, obtêm congressos, reuniões, conferências freqüentadas por um número bastante considerável de ouvintes. Convidam às discussões todos os homens, indistintamente, os infiéis de toda a categoria, os fiéis, e até aqueles que têm a infelicidade de se terem separado de Cristo ou que negam áspera e obstinadamente a Divindade de Sua natureza e de Sua missão”.<sup>173</sup>

+ *Qual apreciação trazia Pio XI sobre essas atividades ecumênicas?*

O Papa prossegue:

---

<sup>173</sup> Pio XI, *Mortalium animos* (06.01.1928), EPS-Égl. 854.

“Semelhantes esforços não têm nenhum direito à aprovação dos católicos; apóiam-se sobre aquela opinião errônea de que todas as religiões são mais ou menos boas e louváveis, no sentido de que revelam e traduzem todas, igualmente, embora de modo diferente, o sentimento natural e inato que nos leva a Deus e inclina-nos com respeito diante de Seu Poder. Além de se enganarem redondamente, os que têm esta opinião rechaçam ao mesmo tempo a Religião verdadeira; falsificam sua noção e caem, pouco a pouco, no naturalismo e no ateísmo.”

+ *Como conclui o Papa ?*

O Papa conclui:

“É, então, perfeitamente evidente que se unir aos partidários e aos propagadores de semelhantes doutrinas é abandonar inteiramente a Religião divinamente Revelada.”<sup>174</sup>

**44. Qual julgamento fazer sobre o ecumenismo a partir da Fé Católica?**

**A Igreja Católica sendo a única Igreja fundada por Cristo e a única a possuir a plenitude da Verdade, a unidade dos cristãos apenas pode ser restabelecida pela conversão e pelo retorno, ao seu seio, dos indivíduos ou das comunidades separadas.**

**Tal é o ensinamento de Pio XI em *Mortalium animos*:**

**“A união dos cristãos não pode ser buscada de outro modo que não seja favorecendo o retorno dos dissidentes à única e verdadeira Igreja de Cristo, que tiveram, um dia, a infelicidade de abandonar”.**<sup>175</sup>

**É tão simplesmente a consequência lógica da reivindicação da Igreja de sozinha possuir a Verdade, pois somente pode haver verdadeira unidade religiosa na Verdadeira Fé.**

---

<sup>174</sup> Pio XI, *Mortalium animos*, EPS-Égl. 855.

<sup>175</sup> Pio XI, *Mortalium animos*, EPS-Égl. 872.

+ *Antes de Vaticano II, a Igreja se desinteressava pelas comunidades separadas?*

A Igreja sempre se esforçou a trazer de novo à unidade do Corpo Místico de Cristo os membros das comunidades cristãs separadas. Esses esforços se concentravam mais nos indivíduos; às vezes também sobre comunidades separadas inteiras. Na época dos Concílios de Lyon (1245 e 1274), e de Florença (1439), por exemplo, esforçou-se por restabelecer a unidade com os orientais separados da Igreja Católica desde 1054. Convocando o Vaticano I, em 1869, Pio IX convidou os cristãos separados a pôr fim ao cisma e a retornar ao seio da Igreja<sup>176</sup>. Leão XIII dirigiu um apelo semelhante a todas as confissões cristãs em 1894.<sup>177</sup>

+ *Em que diferiram essas tentativas do ecumenismo atual?*

Essas tentativas diferiram do ecumenismo atual, porque eram acompanhadas da firme convicção de que não é a Igreja Católica que devia mudar; mas sim aqueles que se separaram dela. A Igreja sempre esteve pronta para facilitar seu retorno; mas nunca ao preço da Fé.

#### **45. *Qual é a nova concepção de ecumenismo?***

**No Vaticano II, a Igreja adotou uma nova atitude, que corresponde a uma nova doutrina. A Igreja Católica não foi mais apresentada como a única sociedade religiosa que leva à salvação. As outras confissões cristãs, e mesmo as religiões não cristãs, foram consideradas como outras expressões (sem dúvida, menos perfeitas; entretanto, válidas) da religião divina, de caminhos levando realmente a Deus e à salvação eterna. Não é mais uma questão de *conversão* dos não-católicos à Igreja Católica; mas de *diálogo* e de *pluralismo* religioso.**

+ *Podeis dar um exemplo desta nova atitude?*

---

<sup>176</sup> Pio IX, carta *Jam vos omnes*, de 13.09.1868 (DS 2998; EPS-Égl. 313-320).

<sup>177</sup> Leão XIII, carta *Praeclara gratulationis*, de 20.06.1894.

O decreto sobre o ecumenismo emprega a palavra “Igreja” (no plural) para designar as outras comunidades cristãs. Antes, evitava-se sempre de o fazer. Quando se falava de “Igrejas”, entendiam-se as igrejas locais, como, por exemplo, a igreja (isto é, a diocese) de Lyon ou de Milão.

+ *A palavra “Igreja” não era empregada para descrever os cismáticos orientais?*

A palavra “Igreja” era, às vezes, empregada, em sentido lato, para designar as confissões cismáticas que conservam a transmissão apostólica e todos os Sacramentos<sup>178</sup>. Mas sustentava-se firmemente que só há uma única Igreja em sentido próprio, porque Jesus Cristo só tem uma única Esposa. As dissidências heréticas recebiam os nomes de “confissões” ou “comunidades”, mas não se reconhecia o título de *Igrejas*. Hoje, o contrário se tornou corrente.

+ *Qual é o fundamento teológico desta nova atitude?*

O fundamento teológico desta nova atitude já foi evocado na pergunta nº29: é o “*subsistit in*” de *Lumen gentium*.<sup>179</sup> Em vez de dizer que a Igreja de Cristo é a Igreja Católica, o texto de Vaticano II diz que a Igreja de Cristo *subsiste na* [subsistit in] Igreja Católica.<sup>180</sup>

+ *Por que Vaticano II introduziu essa expressão “subsistit in”?*

Com a expressão “subsistit in”, o Concílio Vaticano II faz uma distinção entre Igreja de Cristo e Igreja Católica (enquanto que, para a teologia tradicional, estes dois termos têm exatamente o mesmo significado: a Igreja de Cristo; isto é,

---

<sup>178</sup> Ver sobre este assunto *Le Sel de La terre* nº 40, p.85-87. (nota dos editores franceses).

<sup>179</sup> Ver *supra* p.73-74. Lembramos que o pai dessa expressão “*subsistit in*” é um protestante: o pastor Wilhelm Schmidt.

<sup>180</sup> Vaticano II, Constituição *Lumen gentium* (sobre a Igreja), 1, 8. A mesma expressão figura na declaração sobre liberdade religiosa *Dignitatis humanae*, § 1: “essa única verdadeira religião, cremos que *subsiste na* Igreja Católica e Apostólica”.

a sociedade sobrenatural fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens, é a Igreja Católica).

+ *O que significa precisamente, para Vaticano II, essa expressão “subsistit in”?*

Vaticano II quer admitir que a Igreja de Cristo tem sua realização perfeita (“sua subsistência”) na Igreja Católica<sup>181</sup>; mas pretende que não seja idêntica à Igreja Católica: estender-se-ia para fora Dela, de maneira imperfeita, graças aos “elementos de Igreja” presentes nas outras confissões cristãs.

+ *Essa interpretação do “subsistit in” é correta?*

Essa interpretação foi oficialmente confirmada pela Congregação para a Doutrina da Fé, na Declaração *Dominus Iesus*, de 06 de agosto de 2000:

“Pela expressão *subsistit in*”, o Concílio Vaticano II quis proclamar duas afirmações doutrinárias: de um lado, que, apesar das divisões entre cristãos, a Igreja de Cristo continua a existir em plenitude somente na Igreja Católica; de outro lado, “que elementos numerosos de santificação e de verdade subsistem fora de suas estruturas”<sup>182</sup>; isto é, nas Igrejas e comunidades eclesiais que ainda não estão em plena comunhão com a Igreja Católica.”

+ *O que se pode notar nesse texto ?*

Pode-se notar, de início, que esse texto designa as comunidades heréticas ou cismáticas como “comunidades eclesiais que não estão ainda em plena comunhão com a Igreja Católica.” O que implica que estariam, pelo menos, em comunhão parcial ou imperfeita.

---

<sup>181</sup> A nota 56 da declaração *Dominus Iesus* (06.08.2000) precisa que a Igreja de Cristo só tem essa realização concreta (“sua subsistência”) na Igreja Católica (ver sobre este assunto *Sel de la terre* nº35, p.1) (nota dos editores franceses).

<sup>182</sup> Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium* § 8; ver João Paulo II, encíclica *Ut unum sint*, § 13. Ver também: Vaticano II, *Lumen gentium*, §15 e o decreto sobre o ecumenismo *Unitatis redintegratio*, §3.

+ *Essa expressão “plena comunhão” é nova?*

A distinção entre comunhão perfeita e imperfeita é uma inovação capital de Vaticano II.<sup>183</sup>

+ *Qual é o ensinamento tradicional da Igreja sobre este assunto?*

O ensinamento da Igreja é muito simples: para ser salvo, é preciso pertencer à Igreja, seja *in re* (*em realidade*, isto é, preenchendo as três clássicas condições: Batismo, Fé católica, submissão à hierarquia); seja *in voto* (*por um desejo*, explícito ou implícito).<sup>184</sup> Por conseguinte, aqueles que não têm a Fé Católica ou que não estão submetidos à hierarquia, e que, além disso, não possuem nenhum desejo, nem mesmo implícito, de mudar de estado, não pertencem de nenhum modo à Igreja. Não podem assegurar sua salvação nestas disposições.

+ *Qual é a inovação de Vaticano II?*

Vaticano II tentou encontrar estados intermediários entre a filiação à Igreja e a não-filiação. Os cristãos não-católicos estariam em “comunhão imperfeita” com a Igreja (UR 3; LG 15), e todos os homens, mesmo não-cristãos, estariam “ordenados ao Povo de Deus”(LG 16). Isso implica que poderiam se salvar sem ter o desejo (ao menos implícito) de mudar de estado e de aderir à Igreja.

---

<sup>183</sup> Essa inovação figura no texto *Unitatis redintegratio* [UR] 3; ver também *Lumen gentium* [LG] 14, que fala de “plena incorporação” (Sobre esta questão, ver *Sel de La terre n°49*, p.6-14 – nota dos editores franceses).

<sup>184</sup> Aqueles que não estão incorporados à Igreja *in re* (em realidade) podem, em certas circunstâncias, sê-lo *in voto* (pelo desejo: é o que se chama, às vezes, pertencer à *alma* da Igreja). Esse desejo pode ser *explícito* (por exemplo, um catecúmeno se preparando para o Batismo) ou *implícito* (por exemplo, uma pessoa educada na heresia; mas que só adere a essa heresia por ignorância, de modo não culpável: não tem os meios de discernir que a Igreja Católica é a única verdadeira religião; mas está fundamentalmente disposta a aceitá-la).

+ *Como as comunidades heréticas ou cismáticas podem estar, segundo Vaticano II, em “comunhão imperfeita” com a Igreja?*

Para afirmar que os cristãos e as comunidades separadas da Igreja estão em “comunhão imperfeita” com a Igreja, Vaticano II invoca, como o Cardeal Ratzinger, os “elementos de santificação” de que são portadoras, e, pelos quais comunicar-se-iam com a única Igreja de Cristo.

+ *Não é verdade que as comunidades cismáticas ou mesmo heréticas conservam elementos de santificação?*

É verdade que os protestantes conservam a Sagrada Escritura (mais ou menos alterada), e que os cismáticos orientais conservam os Sacramentos. Mas a teologia tradicional não designava essas realidades roubadas da Igreja Católica como “elementos de santificação”; mas sim como “vestígios” da verdadeira Religião.

+ *A substituição do termo “vestígios” pelo termo “elementos de santificação” é importante?*

Essa mudança de vocabulário não é inocente, pois a palavra “vestígios” exprimia uma verdade capital: os elementos roubados da Igreja Católica pelas comunidades separadas cessam, por isso mesmo, de serem uma realidade viva. Viram “ruínas”.

+ *O Sacramento do Batismo dado em uma comunidade separada da Igreja pode, no entanto, ser válido; o termo “elemento de santificação” não é mais apropriado que o de “ruína”?*

É necessário distinguir, cuidadosamente, sacramento *válido* e sacramento *frutuoso*. Um sacramento pode ser válido sem ser frutuoso; isto é, sem dar a Graça, se encontra na alma um impedimento a esta Graça.

+ *Podeis precisar com um exemplo essa distinção entre sacramento válido e sacramento frutuoso?*

O Sacramento do Matrimônio seria recebido *validamente*, mas não *frutuosamente*, por uma pessoa em estado de pecado mortal. Estaria realmente

casada; mas não receberia as Graças habitualmente dadas por este Sacramento (e, além disso, cometeria um sacrilégio).

+ *Em que esta distinção entre sacramento válido e sacramento frutuoso concerne às comunidades heréticas ou cismáticas?*

A distinção entre sacramento *válido* e sacramento *frutuoso* é importante porque a filiação ao cisma, ou à heresia, é *em si* um impedimento à Graça. Isso implica que uma realidade sagrada, mesmo santa em si mesma, não pode ser um “elemento de santificação” *enquanto* está numa comunidade separada da Igreja. Esta comunidade é, em si, um impedimento à eficácia santificadora do elemento que roubou.

+ *Não há, entretanto, casos em que os sacramentos dispensados fora da Igreja podem ser frutuosos (isto é, dar a Graça)?*

Os sacramentos dados fora da Igreja apenas podem ser frutuosos nos casos em que a pessoa que os recebe não adere, formalmente, à heresia ou ao cisma. (É o caso, por exemplo, das crianças que não têm ainda o uso da razão; ou de pessoas que estão no que se chama “ignorância invencível”). Nesses casos, mesmo se o sacramento for materialmente recebido em uma comunidade separada da Igreja, a pessoa só o recebe de modo frutuoso porque *escapa*, por sua intenção (*in voto*) a esta comunidade.

+ *Esse ensinamento é correto e tradicional na Igreja?*

Santo Agostinho explica que todos os bens que estão dentro da Igreja podem se encontrar, em certa medida, fora da Igreja; salvo a Graça pela qual esses bens são salvíficos:

“Deus, por sua unidade, pode ser honrado fora da Igreja; a fé, que é uma, pode se encontrar fora Dela; o Batismo, que é único, pode ser administrado validamente fora de seu seio. E, todavia, do mesmo modo que há um só Deus, uma Fé e um Batismo, há apenas uma Igreja incorruptível: não a única em que é honrado o verdadeiro Deus; mas a única em que Deus é honrado com piedade; não a única em que a verdadeira fé é conservada; mas a única em que é

conservada junto com a caridade; não a única em que exista o verdadeiro Batismo; mas a única em que este existe para a salvação.”[*Ad.Cresc. livro 1, capítulo 29*].

+ *Podeis citar, sobre esse assunto, um outro Padre da Igreja?*

São Beda, o Venerável, em seu *Comentário sobre a primeira epístola de São Pedro*, exprime aquela verdade de uma maneira impactante. Partindo da analogia feita por São Pedro entre o Dilúvio e o Batismo, explica que, para os que são batizados fora da Igreja, a água do Batismo não é instrumento de salvação; mas sim de danação:

“O fato de que a água do Dilúvio não salva; mas mata os que estão situados fora da Arca, prefigura, sem nenhuma dúvida, que todo herege, mesmo que possua o sacramento do Batismo, não é mergulhado no Inferno por outras águas; mas precisamente pelas que elevam a Arca aos Céus.”<sup>185</sup>

+ *Não é exagerado dizer que o Batismo recebido fora da Igreja seria uma causa de danação?*

A participação ativa em uma cerimônia religiosa de uma comunidade herética ou cismática é, de si, por sua própria natureza, um assentimento à fé dessa comunidade. Mesmo o Batismo se torna, pois, nessas circunstâncias, pecaminoso e ocasião de escândalo. É por isso que São Beda, o Venerável, diz que a água mesmo do Batismo é, neste caso, causa de danação.

+ *Vaticano II se opõe a esse ensinamento?*

Sim, Vaticano II se opõe a esse ensinamento, ao afirmar que as comunidades heréticas ou cismáticas estão em comunhão imperfeita com a

---

<sup>185</sup> *Quod ergo aqua diluvii non salvavit extra arcam positos, sed occidit, sine dubio praefigurabat omnem hereticum, licet habentem baptismatis sacramentum, non aliis, sed ipsis aquis ad inferna mergendum, quibus arca sublevatur ad coelum.* São Beda, o Venerável, *Comentário sobre a primeira epístola de São Pedro* (1Pd 3,21), PL 93, col.60.

Igreja, e, ao dar a entender que há, nas comunidades cristãs separadas da Igreja Católica, uma certa presença (imperfeita) da Igreja de Cristo.

+ *Essa idéia de uma presença (imperfeita) da Igreja de Cristo nas comunidades separadas da Igreja Católica foi enunciada explicitamente?*

João Paulo II afirma na sua encíclica *Ut unum sint*: “Nas outras comunidades cristãs, há uma presença ativa da única Igreja de Cristo”.<sup>186</sup>

+ *Mas se pode encontrar essa idéia em Vaticano II?*

Lê-se, no decreto *Unitatis redintegratio*, sobre as igrejas orientais cismáticas:

“Assim então, pela celebração da Eucaristia do Senhor nessas Igrejas particulares, a Igreja de Deus (sic) se edifica e cresce, a comunhão entre elas se manifestando pela concelebração.”<sup>187</sup>

Uma comunidade que se separou da verdadeira Igreja é, pois, considerada como pertencente à “Igreja de Deus”.

+ *Como Vaticano II considera as religiões não-cristãs?*

Mesmo para com as religiões não-cristãs, Vaticano II se esforça em ter a visão mais positiva possível. A declaração conciliar *Nostra aetate* canta hinos de louvor em honra do hinduísmo, do budismo, do islã e do judaísmo.

+ *Como se pode caracterizar essa mudança de atitude para com as religiões não-cristãs?*

Enquanto que, antigamente, a Igreja trabalhava para *evangelizar* os adeptos das religiões pagãs, a Igreja pós-conciliar entretém um “*diálogo*” com estas.

---

<sup>186</sup> João Paulo II, encíclica *Ut unum sint*, §11.

<sup>187</sup> Vaticano II, decreto *Unitatis redintegratio* (sobre o ecumenismo), §15.

+ *Essa mudança de atitude é reconhecida publicamente?*

O documento *Diálogo e Missão* do Secretariado Pontifício para os não-cristãos afirma, explicitamente, desde suas primeiras linhas:

“Vaticano II marcou uma etapa nova nas relações da Igreja Católica com os crentes das outras religiões. (...) Essa nova atitude tomou o nome de *diálogo*.<sup>188</sup>”

+ *O que significa essa palavra “diálogo” na linguagem conciliar?*

O documento *Diálogo e Missão* precisa sobre a questão da palavra “*diálogo*”:

“Significa não apenas o fato de se falar; mas também o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com as pessoas e as comunidades de diversas crenças, para aprender a se conhecer e a se enriquecer uns aos outros.(nº3)”<sup>189</sup>

O mesmo documento dá, no nº 13, essa definição do diálogo:

“(...) O diálogo, graças ao qual, os cristãos encontram os crentes de outras tradições religiosas para andar juntos na busca da Verdade [!!!], e para colaborar em obras de interesse comum.”<sup>190</sup>

+ *O que é preciso concluir dessas afirmações ?*

Se os católicos trabalham com os não-cristãos na busca da Verdade e se se trata de um enriquecimento recíproco, fica claro que a Igreja abandonou a pretensão de sozinha possuir a Verdade !

+ *Os partidários do ecumenismo conciliar renunciaram explicitamente a converter os não-católicos?*

---

<sup>188</sup> DC nº 1880(1984), p.844. Esse documento foi aprovado pelo Papa João Paulo II em 10 de junho de 1984.

<sup>189</sup> DC nº 1880 (1984), p.844.

<sup>190</sup> DC nº1880 (1984) p.845.

Muitos partidários do ecumenismo conciliar renunciaram a converter os não-católicos. Lê-se, por exemplo, no *Catecismo Ecumênico*, prefaciado por Mons. Degenhardt, Arcebispo de Paderborn, e vivamente elogiado por vários Bispos:

“O fim não é o retorno; mas sim a comunhão de Igrejas-irmã; unidade na diversidade reconciliada; unidade das Igrejas. As Igrejas permanecem; mas se tornam uma só Igreja.”<sup>191</sup>

***46. As confissões cristãs não-católicas são realizações parciais da Igreja de Cristo?***

**As confissões cristãs separadas da Igreja Católica são dissidências da Igreja Católica e não lhe pertencem. Mesmo se conservam certas verdades cristãs e, eventualmente, um Batismo válido, permanecem separadas do Corpo Místico de Cristo. Por conseguinte, não poderá ser salvo aquele que, depois de ter reconhecido que a Igreja Católica é a única e verdadeira Igreja de Cristo, não entra Nela; mas permanece em uma comunidade herética ou cismática.**

+ *Como se pertence à verdadeira Igreja de Cristo?*

O Papa Pio XII ensina em *Mystici corporis* que três elementos são necessários para pertencer à verdadeira Igreja de Cristo. São o Batismo, a verdadeira Fé e a submissão à autoridade legítima:

“Só são membros da Igreja os que receberam o Batismo de regeneração e professam a verdadeira Fé e que, de outra parte, não se separaram, para sua desgraça, do conjunto do Corpo, ou, que Dela não tenham sido amputados pela autoridade legítima.”<sup>192</sup>

---

<sup>191</sup> Heinz Schütte, *Glaube im ökumenischen Verständnis, Ökumenischer Ktechismus*, Paderborn, 1994, p.33.

<sup>192</sup> Pio XII, encíclica *Mystici corporis*, 29.06.1943, Documents pontificaux de Pie XII, t.V, ano de 1943, Saint-Maurice, Suíça, Ed. Saint Augustin, 1962,p.163-164.

+ *As igrejas cismáticas que guardam os sete Sacramentos e que estão de acordo com a Igreja Católica na maior parte dos pontos de Fé não pertencem então à verdadeira Igreja de Cristo?*

As igrejas orientais cismáticas, mesmo se guardam os Sacramentos e estão de acordo com a Igreja Católica na maior parte dos pontos de Fé, não são a verdadeira Igreja de Cristo. Recusam-se a reconhecer, com efeito, o Primado e a Infallibilidade do Sucessor de Pedro. E Cristo disse que aquele que se recusa a escutar a Igreja é para ser considerado como um pagão e como um pecador público (Mt 18,17).

+ *O que dizer das comunidades heréticas?*

Se as comunidades cismáticas não pertencem à única Igreja de Cristo, *a fortiori* as comunidades heréticas – protestantes, por exemplo -, que se afastam da verdadeira Fé em numerosos pontos.

+ *Essa verdade foi posta em xeque no interior da Igreja?*

Essa verdade foi, infelizmente, posta em xeque freqüentemente. Em 06 de maio de 1983, a Comissão Mista católico-luterana, reunida em Kloster Kirchberg em Wurtemberg, declarou sobre o heresiarca Lutero:

“Juntos, começa-se a reconhecê-lo como uma testemunha do Evangelho, como um mestre na Fé, como um paladino da renovação espiritual(...) A tomada em consideração do condicionamento histórico de nossos modos de expressão e de pensamento contribuiu, igualmente, para fazer reconhecer grandemente nos meios católicos o pensamento de Lutero como uma forma legítima da Teologia Cristã (...).”<sup>193</sup>

**47. *As confissões não-católicas e as religiões não-cristãs são meios de salvação?***

**As confissões não-católicas e as religiões não-cristãs não são meios de salvação; mas sim de perdição. Claro, os adeptos das falsas religiões podem se salvar *nelas*, se, vivendo segundo sua consciência, e, esforçando-se por**

---

<sup>193</sup> DC nº1855 (1983), p.694-695.

**cumprir a Vontade de Deus tanto quanto a conheçam, recebam de Deus as virtudes teológicas; mas apenas Deus sabe quando isso se realiza. Nós podemos somente dizer que se pode eventualmente se salvar *em* religiões falsas; ou melhor, *apesar* delas; mas nunca *por* elas.**

+ *As comunidades não-católicas (protestantes, por exemplo) fornecem a seus membros um certo número de bens úteis à salvação (Batismo, Sagrada Escritura, etc.). Não são nisso um meio de salvação?*

Tudo o que se pode achar de verdadeiro e de bom no protestantismo ou no cisma pertence, de direito, à Igreja. Mesmo o decreto conciliar sobre o ecumenismo, *Unitatis redintegratio*, teve que precisar este ponto, no número 3, por pedido expresso do Papa Paulo VI.

+ *Como foi aceito esse acréscimo imposto pelo Papa?*

Adivinha-se, sem dificuldade, que os teólogos liberais não ficaram satisfeitos com isso. Rahner e Vorgrimler comentam assim a coisa:

“Que esses bens pertençam, de direito (*jure*) à Igreja de Cristo, é uma das dezenove modificações pontifícias acrescentadas em novembro de 1964 a um texto que havia já sido votado, e, que, em razão de sua bitolação, causaram uma impressão mais desfavorável justificada verdadeiramente pelo ensinamento nelas contido. (Fazemos aqui somente alusão às mudanças pela quais os não-católicos foram especialmente desagradados).<sup>194</sup>

+ *Vaticano II retoma, então, a doutrina católica sobre esse ponto?*

Esse mesmo nº 3 do decreto *Unitatis redintegratio* contém, infelizmente, uma monstruosidade, bom exemplo das contradições do Concílio:

“O Espírito de Cristo, com efeito, não se recusa a se servir delas [ as igrejas ou comunidades separadas] como meios de salvação.”<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> K.Rahner et H. Vorgrimler, *Kleines Konzilskompendium. Sämtliche Texte des Zweiten Vatikanums*, Fribourg, Herder, 1986, p.220.

<sup>195</sup> Vaticano II, *Unitatis redintegratio*, §3.

+ *Concretamente, não é por sua comunidade herética ou cismática que os cristãos separados da Igreja recebem certos meios de salvação (mesmo se esses meios pertencem, de si, à Igreja Católica)?*

As realidades santas indevidamente apropriadas pelas sociedades heréticas ou cismáticas só podem dar a Graça e a salvação na medida que aqueles que as recebem *recusem* (até implicitamente) a adesão formal a essa heresia ou a esse cisma. Dito de outro modo: na medida que, pela intenção profunda de sua vontade, escapem a essas sociedades. Longe de serem “meios de salvação”, essas sociedades, por si mesmas, tornam estéril tudo o que usurparam, mesmo os Sacramentos (que são, entretanto, em si, os meios de salvação por excelência).

+ *As comunidades separadas da Igreja e as religiões não-cristãs não podem então ser meios ordinários de salvação?*

Não apenas as falsas religiões não são meios de salvação *ordinários*; mas não são nem mesmo meios *extraordinários*. São apenas obstáculos à salvação.<sup>196</sup> Se alguns de seus membros estão em estado de graça; é unicamente porque estão na ignorância e porque não são culpados de sua separação do Corpo da Igreja. Segundo o ensinamento tradicional, podem pertencem à *Alma* da Igreja. Mas a esta pertencem individualmente e não por suas comunidades. Por si mesmas, estas, longe de conduzirem à Igreja Católica, Dela afastam. Não são desejadas por Deus.

+ *O que se deve pensar do raciocínio que afirma que as comunidades separadas são meios de salvação, por causa dos elementos de santificação de que são portadoras?*

Esse raciocínio é um sofisma porque se baseia sobre algo acontece *per accidens* (por acidente), em razão das disposições pessoais de tal ou tal membro

---

<sup>196</sup> O cardeal Joseph Ratzinger, em seus *Entretiens sur La foi com Vittorio Messori* (Paris, Fayard, 1985, p.247) contesta a idéia de que as religiões não-cristãs possam ser meios ordinários de salvação. Mas admite que sejam meios *extraordinários*.

dessas comunidades, e disso pretende tirar uma conclusão sobre o valor próprio (*per se*) dessas sociedades. Com o mesmo gênero de raciocínio, poder-se-ia dizer que Judas é um santo e que cumpriu um ato eminentemente meritório, ao entregar a Cristo, já que ele assim permitiu a Redenção do gênero humano !

+ *O que se deve pensar das apreciações positivas que o Concílio Vaticano II trouxe sobre o hinduísmo, o budismo, o islã, e o judaísmo em seu texto Nostra aetate (declaração sobre as religiões não cristãs)?*

A declaração conciliar *Nostra aetate* é voluntariamente parcial. Seu redator oficial declarou publicamente que ela tinha por princípio não dizer a verdade inteira sobre essas religiões; mas mencionar somente o que as pudesse aproximar do Cristianismo.<sup>197</sup> Essa parcialidade voluntária é tão simplesmente uma traição para com Nosso Senhor Jesus Cristo.

+ *A declaração Nostra aetate não se redime afirmando, ao lado, que a Igreja “tem obrigação de anunciar a Cristo, sem cessar, que é “o caminho, a Verdade e a Vida.”(Jo 14,6) no qual os homens devem encontrar a plenitude da vida religiosa e no qual Deus se reconciliou com todas as coisas”(NA 2)?*

Nosso Senhor Jesus Cristo não traz apenas a “plenitude” da vida religiosa; Ele é o *único* Mediador entre Deus e o homem (1Tm2,5), o único embaixador acreditado junto a Deus, e que intercede, sem cessar, por nós (Hb 7,25). “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus seja o Cristo? Eis aí o Anticristo ! Ele nega o Pai e o Filho. Quem quer que negue o Filho não possui também o Pai”(1Jo 2,22-23). “Nenhum outro nome foi dado sob o céu pelo qual se possa ser salvo” (At 4,12). Toda religião que recusa essa Mediação é intrinsecamente má. É contraditório pretender anunciar o Cristo, louvando (mesmo que parcialmente) as religiões que se opõem a Ele.

+ *Essas religiões não contém, apesar de tudo, bons elementos?*

---

<sup>197</sup> *Acta Synodalia Sacrosanti Concilii Oecumenici Vaticani II*, volumen IV, periodus quarta, pars IV (Typis polyglottis Vaticanis 1977), p.698 (resposta ao segundo *modus*) e p. 706 (resposta ao *modus* 57) – Sobre esse “princípio de parcialidade”, ver *Sel de La terre* nº 58, p.10-11.

Mesmo na ordem material, um bolo é julgado bom ou ruim não apenas em função dos elementos que contém; mas *enquanto* um todo. A má repartição dos ingredientes, em si excelentes, pode bastar para estragar o conjunto. A introdução de um só bem comestível avariado pode fazer mais mal ainda. E o acréscimo de algumas gotas de veneno arrisca de pesar mais sobre o efeito final do que muito boa manteiga, muito boa farinha e muito bom chocolate. *A fortiori*, na ordem espiritual. Uma religião não é somente uma aglomeração material de elementos. Forma *um todo* (igual a um sistema científico ou filosófico, uma demonstração, etc.). Esse todo é bom ou mau, verdadeiro ou falso, *enquanto um todo*. E se é mau enquanto um todo, pouco importam os bons elementos.

+ *Não se pode, apesar de tudo, sublinhar as parcelas de verdade que essas religiões contêm?*

Todo sistema errôneo contém parcelas de verdade. Uma idiotice evidente não teria adeptos. Mas essas verdades parciais estão reduzidas à escravidão pelo sistema falso que se apropriou delas (e que utiliza em proveito seu a sua verossimilhança e a sua força de sedução). Ademais, essas verdades estão, elas mesmas falsificadas, porque ligadas a erros que lhes deformam as perspectivas.

+ *Podeis dar um exemplo?*

O islã se apresenta como uma religião monoteísta. Esse aspecto justo e razoável (roubado da verdadeira Religião) compõe uma grande parte de sua força. Mas esse monoteísmo é ferozmente antitrinitário. Verdadeiro em si, é falsificado pelo sistema de erro de que é escravo.

+ *Não há, porém, graus no erro? E não se pode dizer que uma religião que, apesar de falsa, reconhece a existência de um Deus único e impõe uma certa moral, vale mais do que o ateísmo declarado e o amoralismo absoluto?*

Há graus no erro; mas, paradoxalmente, pode-se dizer que um sistema que retém mais elementos de verdade é mais perigoso do que um outro que retenha menos. Uma cadeira com três pés, que fica de pé, é mais perigosa do que uma cadeira com dois pés sobre que ninguém tem a idéia de se sentar. Um cheque falso muito bem imitado é mais perigoso do que um outro facilmente reconhecível.

+ *Podeis dar um exemplo?*

Escreveu-se muito justamente: “O islã é a religião que, havendo tido conhecimento de Cristo, recusou-se a reconhecê-Lo como Deus. Se é verdade que a pior forma de mentira é a que, aparentemente, contradiz menos a verdade, a mentira que consiste em dizer de Cristo todo o bem possível, exceto que é Deus, é a mais ameaçadora de todas”<sup>198</sup> De fato, os missionários sempre tiveram muito mais dificuldade de converter os muçulmanos do que os animistas.

+ *O que se deve pensar do raciocínio que afirma que Deus opera nas religiões não-cristãs, já que se pode, nelas, encontrar algum bem, e o bem só pode vir de Deus?*

Esse raciocínio é um sofisma que repousa sobre a confusão entre a ordem natural e a sobrenatural. Pois é evidente que, quando se fala de uma ação de Deus numa religião, entende-se uma obra de salvação. Isto é, Deus, que salva por Sua Graça – Sua Graça sobrenatural. Enquanto que o bem que se pode achar nas outras religiões (pelo menos nas não-cristãs), é somente um bem natural. Deus age, então, enquanto Criador, que dá o ser a toda coisa, e não enquanto Salvador. A vontade do Concílio Vaticano II de atropelar a distinção entre a ordem da Graça e a ordem natural traz aqui seus frutos mais desastrosos. Chega-se a pensar que qualquer religião pode obter os maiores bens do Bom Deus. É uma imensa enganação.

+ *Ao estimular o sentimento religioso do homem, todas essas religiões não fazem algum bem, apesar de tudo?*

Para que serve estimular, se é sobre um mau caminho? Longe de levar a Deus e à vida eterna, as religiões não-cristãs Deles afastam.

+ *O hinduísmo afasta da salvação eterna?*

O hinduísmo, pregando a reencarnação, retira a seriedade da vida terrestre. Esta não é mais a prova decisiva de que depende toda a eternidade; mas uma simples etapa, devendo a alma se reencarnar – num rato, num cachorro, ou

---

<sup>198</sup> Joseph Hours, “La conscience chrétienne devant l’islam”, *Itinéraires* n<sup>o</sup> 60, p.121.

noutro – tantas vezes quanto necessário para expiar suas faltas. Por essa mesma razão, o hinduísmo não conhece a misericórdia (mesmo se tenta atualmente copiar as obras de beneficência do Cristianismo). Passa com frieza diante dos pobres e dos que sofrem, estimando que carregam justamente o peso de seus pecados passados.

+ *O budismo afasta da salvação eterna?*

O budismo é uma religião sem Deus. O homem crê poder se salvar a si mesmo e essa salvação consiste em entrar no nada, o Nirvana. O budismo não espera uma vida eterna de união com Deus, mas apenas o fim dos sofrimentos na dissolução da existência própria.

+ *O islã afasta da salvação eterna?*

O islã rejeita como uma blasfêmia a Santíssima Trindade e, por conseguinte, a Divindade de Cristo. Encoraja a crueldade (louvando o assassinato de um cristão como uma boa obra) e a sensualidade (encorajando a poligamia e prometendo aos homens um paraíso de delícias sensuais). Citemos, como exemplo, algumas suratas do Alcorão:

“Os cristãos disseram: “O Messias é Filho de Deus!” Tal é a palavra que sai de sua boca. Eles repetem o que os incrédulos diziam diante deles. Que Deus os aniquile ! São realmente estúpidos !”<sup>199</sup>

“Quando encontrarem os incrédulos, golpeai-lhes na nuca até que os tenham abatido: amarrem-nos então fortemente; depois vocês escolherão entre sua libertação e seu resgate para que cesse a guerra.”<sup>200</sup>

Quanto ao paraíso, além das “huris com belos olhos pretos, semelhantes às pérolas em seu nacre” (surata LVI,22; etc.) achar-se-ão também excitantes efebos de perpétua juventude.<sup>201</sup>

---

<sup>199</sup> Alcorão, surata IX,30 (tradução de Denise Masson, Paris, Gallimard, 1967, p.228).

<sup>200</sup> Surata XLVII,4.

+ *Pode-se verdadeiramente dizer que o judaísmo afasta da salvação eterna?*

Os judeus atuais recusam, eles também, Nosso Senhor Jesus Cristo. Antes da vinda de Cristo, o judaísmo era a verdadeira Religião; mas não é mais, já que desconheceu sua vocação e recusou o Salvador. Os verdadeiros judeus se converteram a Cristo, pois, na Sua vinda, a Religião do Antigo Testamento perdeu sua razão de ser. É, pois, contrário à Fé afirmar, como o Cardeal Walter Kasper (Presidente da Comissão Pontifícia para as Relações com o Judaísmo), que os judeus não precisam se converter ao Cristianismo para serem salvos.

+ *O Cardeal Kasper disse isso?*

Num discurso pronunciado em 06 de novembro de 2002 no Centro de Ensino cristão-judaico na Universidade de Boston, o Cardeal Kasper começou por lembrar que Jesus Cristo é o Salvador de todos os homens. E prosseguiu em seguida:

“Isso não significa que os judeus devam virar cristãos para serem salvos. Se seguirem sua própria consciência e crerem nas promessas de Deus como eles as compreendem em sua tradição religiosa, estão na linha do plano de Deus, que, para nós, atinge seu acabamento histórico em Jesus Cristo.”

+ *Qual é a Fé Católica sobre este assunto?*

São Paulo fala explicitamente da incredulidade dos judeus (Rm 11,20) e de sua cegueira (Rm 11,25; 2Cor 3,15; etc.). Afirma que, nesse estado, “não agradam de modo algum a Deus”; mas são, ao contrário, objeto de Sua Cólera (1Ts 2,14-16). O suave São João fala “daqueles que se dizem judeus e não o são; mas que são da Sinagoga de Satanás” (Ap 2,9). São Pedro lhes diz na cara, no Dia de Pentecostes: “Que toda casa de Israel saiba muito certamente que Deus fez Senhor e Cristo esse Jesus que vós crucificastes (...) Fazei penitência, e que cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para a remissão de vossos pecados” (At 2,36-38) – Santo Tomás de Aquino explica que a prática da

---

<sup>201</sup> Suratats LXXVI, 19; LII, 24; LVI, 17 – Ver J. Bertuel, *L’islam, ses véritables origines*, Paris, NEL, p.187.

religião judaica é hoje um pecado, pois manifesta uma recusa do Messias que já veio.<sup>202</sup>

+ *Como a doutrina tradicional da Igreja sobre o judaísmo foi atacada?*

A Doutrina tradicional da Igreja sobre o judaísmo foi atacada pela declaração *Nostra aetate* (de Vaticano II), que abriu as portas aos inovadores<sup>203</sup>. Mas também pela modificação da oração da Sexta-feira Santa pelos judeus.

+ *Qual é essa oração da Sexta-Feira Santa ?*

O texto tradicional dessa oração ( que se encontra já nos sacramentários do século VII) é o seguinte:

“Rezemos também pelos judeus perjuros [*perfidis* = infiéis a Aliança com Deus]<sup>204</sup> para que o Senhor Nosso Deus remova o véu de seu coração e que eles também reconheçam a Jesus Cristo Nosso Senhor.

---

<sup>202</sup> Santo Tomás (I-II, q.103, a.4) retoma o ensinamento dos Padres da Igreja: a religião judaica, *morta* na Sexta-Feira Santa (isto é, perdendo seu valor religioso no momento em que Nosso Senhor inaugurava a Nova Aliança por Seu Sacrifício, e quando a cortina do Templo se rasgava) é, ademais, *mortífera* (isto é, matéria de pecado mortal), pelo menos, desde a destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70. (Privados de Templo, de sacerdotes e de sacrifício, os judeus tiveram, com efeito, neste momento, todos os meios de reconhecer a caducidade de sua religião e a veracidade de Cristo, que havia anunciado essa destruição).

<sup>203</sup> Uma vez aberta a porta, o ataque contra a doutrina tradicional da Igreja sobre o judaísmo foi levado a cabo por etapas. Podem-se assim distinguir quatro etapas: i) de 1965 a 1975: a engrenagem do diálogo; ii) de 1975 a 1985: a engrenagem da auto-censura; iii) de 1985 a 2000: a engrenagem do arrependimento (que culmina na cerimônia de arrependimento de 12 de março de 2000, em Roma); iv) desde o ano 2000: a engrenagem da colaboração. – Essas quatro etapas estão apresentadas em detalhe por Michel Laurigan em sua obra “Chronologie d’un engrenage”, *Editions Du sel*, 2008, 104p. (nota dos editores franceses)

Oremos. O Deus Todo-Poderoso e Eterno cuja Misericórdia se estende mesmo à infidelidade dos judeus [*perfidiam judaicam*], escutai as preces que nós vos oferecemos por esse povo cegado, para que, reconhecendo a luz de Vossa Verdade, que é o Cristo, sejam tirados das suas trevas.”

+ *Que se destaca nessa oração?*

As palavras “*perfidis*” e “*perfidiam*” indicam claramente que a filiação à religião judaica, hoje, não constitui uma fidelidade; mas, ao contrário, uma *infidelidade* à Aliança com Deus (já que esta estava orientada para Cristo). Nota-se, além disso, a tripla menção da cegueira dos judeus (“o véu de seu coração”, “esse povo cegado”, “suas trevas”).

+ *As expressões dessa oração não eram duras demais ? Não arriscariam incitar o anti-semitismo<sup>205</sup> ?*

---

<sup>204</sup> Em 10 de junho de 1948, a Sagrada Congregação dos Ritos precisou que as palavras “*perfidis judaeis*” podiam ser traduzidas por “os judeus infiéis” de preferência a “os pérfidos judeus”, por causa da evolução do sentido deste último termo nas línguas modernas.

<sup>205</sup> O anti-semitismo é um erro abominável, que atenta contra a Fé Católica. Foi condenado, no século XX, pelo Papa Pio XI, na encíclica *Mit Brennender Sorge*, escrita contra a Alemanha Nacional-Socialista, em março de 1937. Nesta época, e neste país, destacaram-se as figuras do Cardeal Clemens August Von Galen (1878-1946) e do Cardeal Michael Von Faulhaber (1869-1952). Afinal, a Sagrada Escritura ensina que “já não há judeu, nem grego; nem escravo, nem livre; nem homem, nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28), e, também, que “Com efeito, não me envergonho do Evangelho, pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê; ao judeu, em primeiro lugar, e depois ao grego” (Rm 1,16). Remetemos, ainda, o leitor à Bula “*Sicut Judaeis*” do Papa Calixto II (1119-1124), para aprofundamento do tema. [nota da tradução brasileira]

Os Apóstolos, que eram judeus, foram os primeiros a falar da cegueira de seu povo (Rm 11,25) e do “véu” que o impede de compreender o verdadeiro sentido da Bíblia (2Cor 3,15). Dezenove séculos mais tarde, foi ainda essa imagem do “véu” que veio muito naturalmente ao jovem judeu Alphonse Ratisbonne para contar a sua conversão milagrosa (20 de janeiro de 1842):

“No momento desse fato, um véu que me cobria, caiu de meus olhos. Não somente um, mas todos os véus que me envelopavam desapareceram, um após o outro, e rapidamente, como a neve, a lama e o gelo sob a ação do sol queimando. Eu saía de uma tumba, de um abismo de trevas e estava vivo.”

+ *Como a oração da Sexta-Feira Santa foi mudada?*

João XXIII censurou, em 1959, as palavras “*perfidis*” e “*perfidiam*”. Paulo VI modificou, por sua vez, essa oração em 1965 (suprimindo as três menções da cegueira dos judeus)<sup>206</sup>. Depois, substitui-a, em 1969, por uma oração totalmente nova, que diz o contrário da antiga (pede a Deus que os judeus “*progridam no amor do Seu Santo Nome e na fidelidade a sua aliança*”). O missal de 1962, não tendo sido afetado pelas decisões de Paulo VI, foi modificado por Bento XVI em fevereiro de 2008.

+ *Qual é a nova oração de 2008?*

A oração de Bento XVI é a seguinte:

“Oremos também pelos judeus, para que o Senhor Nosso Deus ilumine seu coração e para que reconheçam a Jesus Cristo, Salvador de todos os homens.

Oremos. Ajoelhemos. Levantai-vos.

Ó Deus Todo-Poderoso e Eterno, que desejais que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da Verdade, concedei-nos, em Vossa Bondade, que, entrando a plenitude das nações na Vossa Igreja, todo Israel seja salvo.”

---

<sup>206</sup> O pedido: “Que Ele retire o véu de seu coração” foi assim substituído por: “Que Ele faça resplandecer sobre eles a sua face” (07 de março de 1965).

+ *Essa oração pede, pois, a Deus a conversão dos judeus?*

Sim, a oração de 2008 pede a conversão dos judeus ( diferente da oração do missal de Paulo VI). No entanto, assim como a oração de 1965, suprime as três menções a sua cegueira.

+ *É assim tão importante mencionar a cegueira dos judeus?*

A questão é sempre a de saber se o judaísmo atual deve ser considerado da mesma forma que o judaísmo do Antigo Testamento (isto é, como uma religião agradável a Deus, mesmo que ainda imperfeita); ou, ao contrário, se deve ser considerado como uma religião tornada falsa por causa de sua recusa do Messias. A oração tradicional respondia claramente, ao falar de judeus “*perfidis*” (infiéis a sua Aliança com Deus). Uma vez esta palavra suprimida, a tríplice lembrança da cegueira dos judeus continuava a manifestar que estes estão no erro. Mas, suprimindo essa tríplice menção, abre-se a porta à idéia segundo a qual a religião judaica seria ainda agradável a Deus (apesar de privada da plena luz). Favorece-se, pois, perigosamente, um erro hoje muito comum.

+ *A religião judaica, como a religião muçulmana ou a religião budista, deve ser considerada como uma falsa religião?*

Sim, a religião judaica, por causa de sua recusa de Cristo e de sua obstinação nas práticas que só tinham sentido antes da vinda do Messias, é, hoje, uma falsa religião. Muitas de suas crenças e de suas práticas estão, além disso, muito distanciadas do Antigo Testamento. O judaísmo atual se refere mais ao Talmud do que à Bíblia.

+ *Definitivamente, o que se pode dizer sobre essas religiões não-cristãs?*

É preciso repetir sem se cansar a palavra de São Pedro: “Não há, sob o céu, outro nome [além do de Jesus] pelo qual possamos ser salvos” (At 4,12).

+ *Pode-se, apesar de tudo, ter esperança da salvação dos não-cristãos?*

A Igreja sempre admitiu que não-cristãos podem ter o Batismo de desejo implícito (se estão no erro sem culpa de sua parte e aceitam a Graça de Deus);

mas nunca foi otimista quanto ao número dos que assim são salvos. Pio IX denunciou como um erro a proposição seguinte:

“Pode-se, ao menos, esperar bem da salvação de todos aqueles que não se acham na verdadeira Igreja de Cristo”.<sup>207</sup>

**48. *As religiões não-cristãs honram o verdadeiro Deus?***

**As religiões não-cristãs não honram o verdadeiro Deus. O verdadeiro Deus é, com efeito, o Deus trinitário que se revelou no Antigo Testamento e, sobretudo, no Novo Testamento, pelo Seu Filho Jesus Cristo. “Aquele que nega o Filho não tem o Pai”(1Jo 2,23). “Ninguém vem ao Pai, se não for por Mim”(Jo 14,6).**

*+ Não se pode dizer que os judeus e os muçulmanos têm uma idéia certa, mas incompleta de Deus, e, que, por conseguinte, honram o verdadeiro Deus?*

Os judeus do Antigo Testamento estavam nesse caso. A eles, a Santíssima Trindade não havia ainda sido revelada. Nela não criam explicitamente; mas também não a rejeitavam. Hoje, os maometanos e os judeus negam expressamente a Santíssima Trindade revelada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Rezam para um Deus que seria só uma Pessoa solitária. Mas um tal Deus não existe.

*+ Os judeus e os muçulmanos entendem, entretanto, honrar o único Deus que existe; o que criou os céus e a terra; o que se revelou a Abraão, Isaac e Jacó. Assim procedendo, não se dirigem ao verdadeiro Deus?*

Os não-cristãos podem ter um certo conhecimento natural de Deus enquanto autor da natureza, e mesmo, enquanto autor de algumas revelações (a Abraão, Isaac, Jacó, etc) às quais eles aderem com uma fé puramente humana. Mas esse conhecimento puramente natural deixa-os como *estranhos* a Deus. Somente a Fé sobrenatural faz penetrar na intimidade divina e permite ter relacionamentos familiares com Ele.

---

<sup>207</sup> Décima sétima proposição condenada pelo Syllabus, DS 2917.

+ *O Papa Gregório VII não escreveu, no século XI, a um rei muçulmano que cristãos e muçulmanos têm o mesmo Deus?*

O Papa São Gregório VII escreveu, efetivamente, numa carta ao rei Anzir<sup>208</sup>:

“(...) Nós e vós que, *mesmo de uma maneira diferente*, cremos e confessamos um só Deus; que, cada dia, louvamo-Lo e veneramo-Lo como Criador dos séculos e governante deste mundo (...)”<sup>209</sup>,

+ *O que significa precisamente esse texto?*

Essa frase do Papa Gregório VII significa isto: cristãos e muçulmanos crêem, confessam, louvam e veneram um só Deus; mas, no caso dos cristãos, essa fé e esse amor são virtudes sobrenaturais, que os fazem aderir a Deus; enquanto que, para os muçulmanos, trata-se de uma virtude de religião natural, que os deixa como exteriores a Deus<sup>210</sup>. Pode-se, pois, dizer, em um sentido, que só os cristãos *têm* ou *atingem o verdadeiro Deus*, e que só eles O honram verdadeiramente, pois só eles estão em relação íntima com Ele.

+ *Uma pessoa que reza, fundando-se sobre um conhecimento simplesmente natural de Deus, não pratica uma boa ação?*

---

<sup>208</sup> Esse príncipe beduíno (En Nacir Ibn Alennas) reinou sobre a antiga província romana da Mauritânia sitífica de 1062 a 1088. Gregório VII podia considerá-lo como influenciado pelo Cristianismo de seus ancestrais, e mesmo cripto-cristão, pois havia enviado presentes ao Papa, havia lhe pedido para sagrar um Bispo e havia libertado prisioneiros cristãos, como o explica o começo da carta. A carta do Papa Gregório VII podia, pois, ter por fim sondar melhor o pensamento do rei, o que explicaria sua linguagem inabitual (é a única carta do gênero anterior a Vaticano II)

<sup>209</sup> “(...) *Nos et vos(...) qui unum Deum, licet diverso modo, credimur et confitemur, qui eum creatorem huius mundi quotidie laudamus et veneramus(...)*”

<sup>210</sup> A menos que tenham recebido o Batismo de desejo, caso, no qual não agem mais enquanto muçulmanos; mas enquanto cristãos.

Uma tal oração seria, em si, uma boa ação (embora sem valor sobrenatural), se não estivesse misturada com erros ou com ritos supersticiosos, que, longe de honrar a Deus, injuriam-No. O muçulmano que, várias vezes por dia, afirma que Deus não é engendrado e não engendra, blasfema o Deus a que crê honrar. Pode, eventualmente, estar escusado dessa blasfêmia por sua ignorância invencível; igual àquele que se entrega a um falso culto; *de fato*, não é um ato de religião que é cumprido; mas de superstição.

+ *Essas verdades fundamentais foram colocadas em xeque desde Vaticano II?*

Quando do retiro que o Cardeal Wojtyla, futuro João Paulo II, pregou, em 1976, diante do Papa Paulo VI, aquele desenvolveu uma concepção absolutamente modernista da Fé e, ainda, a tese segundo a qual todos os homens, de qualquer religião, oram para o verdadeiro Deus.

+ *Podeis citar essas proposições modernistas do Cardeal Wojtyla?*

O Cardeal Wojtyla declarou:

“O itinerário espiritual leva a Deus a partir das profundezas da criatura e do homem. A mentalidade contemporânea encontra nessa via um ponto de apoio para a experimentação e para a evidenciação da transcendência humana.”<sup>211</sup>

+ *Em que essas proposições são modernistas?*

Essas proposições são modernistas, porque a Fé não é mais a resposta à Revelação Divina; mas uma procura de Deus, vindo das profundezas do homem.<sup>212</sup>

+ *O que diz o Cardeal Wojtyla da oração das falsas religiões?*

Um pouco mais adiante, o Cardeal Wojtyla afirma:

---

<sup>211</sup> Cardeal Karol Wojtyla, *O sinal de contradição*, Paris, Fayard, 1979, p.30.

<sup>212</sup> Ver pergunta nº 11 do presente catecismo.

“O trapista ou o cartuxo confessam esse Deus por toda uma vida de silêncio. É, em direção a Ele, que se vira o beduíno peregrino no deserto, quando vem a hora da oração. E aquele monge budista se concentra em Sua contemplação, que purifica seu pensamento, orientando-o em direção ao Nirvana. Porém, será somente em direção ao Nirvana? Deus, absolutamente transcendente, ultrapassando absolutamente todo o criado, visível e tangível.”<sup>213</sup>

+ *Que se pode dizer dessas afirmações?*

Essa maneira de pensar é completamente estranha à Sagrada Escritura. O Antigo Testamento está cheio da cólera de Deus contra as falsas religiões; o povo eleito é freqüentemente punido por venerar falsos deuses.

+ *Encontra-se essa mesma visão das coisas no Novo Testamento?*

São Paulo escreveu um fórmula lapidar: “O que os pagãos sacrificam; oferecem aos demônios e não a Deus” (1Cor 10,20).

+ *Então, um não-cristão não pode honrar ao verdadeiro Deus?*

Deus é certamente atento às boas disposições que possam ter judeus, muçulmanos ou pagãos quando se dispõem a rezar. É mesmo possível que, movidos pela Graça, alguns dentre eles honrem, realmente, ao verdadeiro Deus em seu coração; mas isso se dá, *apesar das* falsas idéias que lhes dá sua falsa religião. A falsa religião, *ela*, não se dirige ao verdadeiro Deus; mas a uma ilusão. De si, ela não conduz seus adeptos a Deus; mas os afasta Dele.

#### **49. O que se deve pensar da tese do “Cristianismo anônimo”?**

**Para Karl Rahner, as religiões não-cristãs são um Cristianismo anônimo. São vias de salvação “pelas quais os homens se aproximam de Deus e de Seu Cristo”<sup>214</sup>. Claro, não professam a Fé em Cristo como os**

---

<sup>213</sup> Cardeal Karol Wojtyła, *Le signe de contradiction - O sinal de contradição*, Paris, Fayard, 1979, p.31.

<sup>214</sup> Karl Rahner, *Schriften zur Theologie*, t.3, Einsiedeln, 1978, p.350.

**cristãos; mas a procuram. Essa opinião é totalmente falsa. As religiões não-cristãs, ao contrário, impedem, aos homens, de crer em Cristo e de se fazerem batizar. Quando o islã professa que é uma blasfêmia dizer que Deus tem um Filho, impede seus adeptos de aderir à verdadeira Fé.**

+ *Os Padres da Igreja não reconheceram que as religiões pagãs continham “sementes do Verbo”?*

É o que João Paulo II afirma, depois de Vaticano II.<sup>215</sup> Mas, os Padres da Igreja nada disso reconheceram. Os textos de São Justino e de Clemente de Alexandria que são invocados naquele sentido não falam, na realidade, de nenhum modo, das religiões pagãs; mas de filósofos e de poetas. E São Justino precisa bem que essa “semente” espalhada em toda a humanidade é a da razão natural, que ele distingue, cuidadosamente, da Graça sobrenatural.<sup>216</sup>

+ *Não há, então, cristãos anônimos?*

Pode-se, no limite, chamar de *cristãos anônimos* os que, apesar das falsas doutrinas de sua religião, estão interiormente dispostos, por uma Graça especial de Deus, a receber tudo o que Deus tenha revelado. Mas é melhor empregar a expressão tradicional de “Batismo de desejo implícito”.

#### ***50. Todos os homens estão automaticamente salvos por Jesus Cristo ?***

**Cristo morreu por todos os homens, no sentido de que todos têm a possibilidade de obter a salvação. Ninguém é excluído. Mas, para ser salvo de fato, o homem deve aceitar a Graça que Cristo lhe mereceu e oferece-lhe. Se A recusa, permanece em um estado de perdição e será condenado eternamente (salvo conversão antes da morte).**

---

<sup>215</sup> João Paulo II escreve na sua primeira encíclica, *Redemptor homines*, de 04 de março de 1979: “A justo título, os Padres da Igreja viam nas diversas religiões como que vários reflexos de uma única verdade, como “sementes do Verbo” (...)” Refere-se em nota a São Justino e a Clemente de Alexandria; mas, sobretudo, aos textos de Vaticano II que lançaram essa idéia: *Ad gentes*, n.º11 e *Lumen Gentium* § 17.

<sup>216</sup> Para maiores detalhes, ver *Le Sel de La terre* n.º38, p.1-4. (nota dos editores franceses).

+ *Onde se pode encontrar o erro da salvação universal?*

O erro da salvação universal, isto é, a tese segundo a qual todos os homens receberam de Cristo não somente a *possibilidade* de serem salvos; mas mesmo a salvação *de fato*, parece muito ensinada por Cardeal Wojtyla, no retiro de que já falamos. Eis o que ele disse:

“O nascimento da Igreja que aconteceu sobre a Cruz, no momento messiânico da morte redentora de Cristo, foi, na sua essência, o nascimento do homem, de cada homem e de todos os homens; do homem que – sabendo ou não, aceitando ou não pela Fé – já se acha na nova dimensão de sua existência. Esta nova dimensão, São Paulo a define tão simplesmente pela expressão *In Christo*, em Cristo.”<sup>217</sup>

E ainda:

“Todos os homens, desde o início até o fim do mundo, foram resgatados e justificados por Cristo e por Sua Cruz.”<sup>218</sup>

+ *O que implicam essas palavras de Cardeal Wojtyla?*

Se todo homem, “sabendo ou não, aceitando ou não na Fé” possui o ser em Cristo e está justificado, conclui-se que todos estão salvos e que não haverá condenados.

+ *João Paulo II continuou a favorecer esse erro depois de sua eleição ao Soberano Pontificado?*

Tornado Papa, João Paulo II escreveu em sua primeira encíclica, *Redemptor hominis*:

“Trata-se de cada homem, porque cada um está incluído no Mistério da Redenção, e Jesus Cristo se uniu a cada um, para sempre, por meio deste Mistério (...); o homem, em toda a plenitude do Mistério de que se tornou participante em Jesus Cristo e do qual se torna participante cada um dos quatro

---

<sup>217</sup> Cardeal Wojtyla, *Le signe de contradiction*, Paris, Fayard, 1979, p.123.

<sup>218</sup> *Ibid.*, p.119.

bilhões de homens vivos sobre o nosso planeta, desde o instante de sua concepção no seio de sua mãe.”<sup>219</sup>

Se todo homem está, desde o instante de sua concepção, unido para sempre a Cristo, que necessidade pode ainda ter do Batismo e de pertencer à Igreja visível ?

+ *Pode-se verdadeiramente pensar que João Paulo II tenha desejado pregar a salvação universal?*

Reflitamos sobre o fato de que esse Papa queria fazer Cardeal a Hans Urs Von Balthasar, um teólogo que partilhava da opinião de que o inferno está vazio.

+ *Como se sabe que o inferno não está vazio?*

A Sagrada Escritura fala do inferno em numerosas passagens. Na sua parábola do Juízo Final, Cristo dá claramente a entender que homens irão para o inferno:

“Então dirá, ao dirigir-se aos que estão à sua esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e para seus anjos” (Mt 25,41).

+ *Muitos homens vão para o inferno?*

Parece, efetivamente, que muitos vão para o inferno:

“Larga é a porta e espaçoso, o caminho que leva à perdição, e muitos há que vão por ele” (Mt 7, 13)

A Igreja sempre esteve convencida de que muitos homens se perdem. Era um estímulo de sua atividade missionária, e numerosos cristãos não recuavam diante da dificuldade de pregar o Evangelho e salvar assim o maior número possível de almas.

---

<sup>219</sup> *Redemptor hominis*, 13, 3, DC nº 76 (1979), p.301-323.

+ *João Paulo II não falava, entretanto, freqüentemente de evangelização? De que servem a Igreja e a evangelização, se todos os homens estão salvos?*

Se todos os homens já estão salvos, a missão consiste em dizer aos homens: Trago-vos uma boa nova: sem o saber, vós já estáveis salvos por Cristo !

+ *Têm-se sinais de que João Paulo II interpretava assim a evangelização?*

De fato, é dessa maneira que o Cardeal Wojtyla explica o texto de *Gaudium et spes* §22, que afirma: “Novo Adão, Cristo (...) manifesta plenamente o homem a si mesmo” Isso quereria dizer que Cristo manifesta ao homem o que já lhe aconteceu; a saber, que possui o “ser no Cristo”:

“A Revelação reside em que o Filho de Deus, por sua Encarnação, uniu-se a cada homem.”<sup>220</sup>

+ *O que se pode dizer dessa interpretação?*

Jamais a Igreja compreendeu a missão dessa forma. Ser missionário sempre significou trazer aos homens a salvação pela pregação do Evangelho e pela dispensação dos Sacramentos; e não, anunciar-lhes que já possuem, há muito tempo, essa salvação. “aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer, será condenado”(Mc 16,16).

### ***51. Que juízo deve-se ter sobre o encontro das religiões em Assis?***

**O Encontro das religiões em Assis, em 27 de outubro de 1986, foi um escândalo sem precedentes, induzindo as almas em erro.<sup>221</sup> Foi também uma**

---

<sup>220</sup> Cardeal Wojtyla, *Le signe de contradiction*, Paris, Fayard, 1979, p.134.

<sup>221</sup> Essa cerimônia inter-religiosa foi renovada em Assis, em janeiro de 1993 (Ver *Le Sel de La terre* nº 49, p.82); em Roma, em 1999 (Ver *Le Sel de La terre* nº 30, p.186 e nº 32, p.208); depois, de novo, em Assis, na presença do Papa, em janeiro de 2002 (Ver *Le Sel de La terre* nº 40, p.181) (nota dos editores franceses).

**falta contra o primeiro Mandamento de Deus: “Eu Sou o Senhor Teu Deus: não terás, ao Meu lado, outros deuses além de Mim.”. Jamais a Igreja foi tão humilhada como quando o Papa se pôs no mesmo nível que os chefes de todas as religiões e de todas as seitas. Deu assim a impressão de que a Igreja Católica é somente uma comunidade religiosa dentre muitas outras, que devem trabalhar juntas pelo estabelecimento da paz sobre a Terra. Como se pudesse haver uma outra paz fora da conversão dos homens a Cristo e à Sua Igreja !!! “Não vos prendais ao mesmo jugo que os infiéis. Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Que comunidade pode haver entre a luz e as trevas? Que compatibilidade entre Cristo e Belial? Que associação entre o fiel e o infiel ? Que acordo entre o Templo de Deus e os ídolos?” (2 Cor 6, 14-16).**

+ *Como o Papa se pôs no mesmo nível que os chefes de todas as religiões e de todas as seitas?*

Quando de sua palavra de recepção, que aconteceu na Basílica de Nossa Senhora, o Papa estava sentado sobre os mesmos assentos que os chefes das outras religiões. Evitou-se tudo que pudesse dar a impressão que o Papa lhes fosse superior, todos deviam parecer iguais.

+ *O Papa não testemunhou, em Assis, a sua Fé em Jesus Cristo?*

O Papa testemunhou sua fé *pessoal* em Jesus Cristo; mas, apesar da ordem de Cristo, ao enviar Seus Apóstolos em missão, não pediu aos representantes dessas religiões que se convertessem a Cristo. Ao contrário, convidou-os a rezar para seus falsos deuses:

“Daqui, iremos nos dirigir a lugares distintos para rezar. Cada religião terá o tempo e a ocasião de se exprimir segundo o rito tradicional que é o seu. Depois, desses lugares distintos de oração, andaremos em silêncio em direção à esplanada da Basílica inferior São Francisco. Uma vez reunidos sobre a esplanada, cada religião poderá ainda apresentar sua oração, uma após a outra.

Tendo assim rezado separadamente, meditaremos em silêncio sobre nossa própria responsabilidade no trabalho pela paz. No fim deste dia, tentarei exprimir o que esta celebração única terá dito a meu coração, enquanto crente em Jesus Cristo e primeiro servidor da Igreja Católica.”<sup>222</sup>

+ *Não se tentou, em seguida, converter a Cristo os representantes das diversas religiões?*

Não apenas nada foi feito, em Assis, para a conversão dos não-cristãos; mas o Cardeal Etchegaray declarou, mesmo, sobre a esplanada da Basílica São Francisco, que era muito importante que os membros das diversas religiões permanecessem fiéis a sua falsa fé:

“Nós provimos de numerosas tradições religiosas através do mundo; nós nos encontramos dentro de uma total fidelidade a nossas próprias tradições religiosas, bem conscientes da identidade do compromisso de cada um na sua própria fé. Nós nos reunimos aqui sem nenhum traço de sincretismo. É o que faz a riqueza e o valor deste encontro de oração.”<sup>223</sup>

+ *Houve celebração de cultos não-cristãos durante a jornada de Assis?*

Não somente cultos não-cristãos foram publicamente celebrados; mas colocaram-se, mesmo, lugares de culto católicos à disposição das falsas religiões. Quando se pensa que uma igreja católica é um lugar santo, consagrado unicamente ao culto da Santíssima Trindade; não se pode impedir-se de pensar na “abominação da desolação” anunciada por Cristo. (Mt 24,15).

+ *O Vaticano não evitou, cuidadosamente, toda oração comum dos cristãos com os não-cristãos, e não precisou que se tratava, não, de orar juntos; mas de estar juntos para orar*<sup>224</sup>?

---

<sup>222</sup> João Paulo II, Alocução de 27 de outubro de 1986, na Basílica Santa Maria dos Anjos, DC nº 1929 (1986), p.1071.

<sup>223</sup> Cardeal Etchegaray, DC nº1929 (1986), p.1074.

<sup>224</sup> A fórmula é de João Paulo II, DC nº 1929(1986), p.1067.

Essa fórmula parece mais uma concessão temporária feita aos opositores de Assis do que a expressão do pensamento do Papa. Desde 1979, na sua encíclica inaugural, *Redemptor hominis*, João Paulo II anunciava sua intenção de chegar à “oração em comum” com os membros das outras religiões.<sup>225</sup> – Mas, de toda maneira, o simples fato de promover publicamente o exercício dos falsos cultos, dando a entender que são agradáveis a Deus, é já um enorme escândalo; mesmo se não se participa diretamente neles. Deus várias vezes manifestou que Ele tinha abominação pelos falsos cultos; em particular pela idolatria, *summum* de todas as superstições.

+ *Não se pode dizer que João Paulo II encorajou essas orações e esses cultos não enquanto são falsos; mas enquanto expressões da religião natural?*

Não se tratava, em Assis, de oração individual do homem na sua relação pessoal com Deus; mas sim da oração de diversas religiões *enquanto tais*, com seu rito próprio, dirigida a sua divindade particular. Esses cultos, sendo a expressão pública de falsas crenças, são, em si, injúrias a Deus. De outro lado, a Sagrada Escritura, tanto no Antigo, quanto no Novo Testamentos, ensina que Deus somente toma por agradável a oração Daquele a Quem estabeleceu único Mediador entre Deus e os homens, Nosso Senhor Jesus Cristo, e que esta oração apenas se encontra na verdadeira Religião.

+ *João Paulo II não tentou justificar sua iniciativa de Assis?*

João Paulo II se pôs várias vezes a justificar a reunião de Assis, particularmente nos discursos que dirigiu aos Cardeais, em 22 de dezembro de 1986.

+ *O que há de característico nesse discurso de 22 de dezembro de 1986?*

O mais chocante, nesse discurso, é que o Papa se refere 35 vezes ao Concílio Vaticano II, sem mencionar *nenhum* outro texto magisterial. Afirma

---

<sup>225</sup> João Paulo II, *Redemptor hominis*, nº 6.

notadamente que “a chave apropriada de leitura para um tão grande acontecimento surge do ensinamento do Concílio Vaticano II<sup>226</sup>”. Ou ainda:

“O acontecimento de Assis pode assim ser considerado como uma visível ilustração, uma lição de coisas, uma catequese inteligível a todos, do que pressupõe e do que significa o compromisso ecumênico e o compromisso para o diálogo inter-religioso recomendado e promovido pelo Concílio Vaticano II”.<sup>227</sup>

+ *Como João Paulo II, nesse discurso, justifica teologicamente o encontro inter-religioso de Assis?*

Além das 35 referências a Vaticano II, João Paulo II justifica o encontro inter-religioso de Assis, afirmando:

“Toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo, que está, misteriosamente, presente no coração de todo homem.”<sup>228</sup>

+ *O que se pode dizer dessa frase?*

Essa frase contém duas afirmações. A primeira é ambígua (“toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo”), e a segunda é manifestamente falsa (“O Espírito Santo está, misteriosamente, presente no coração de todo homem”).

+ *Por que é ambíguo afirmar que toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo?*

A sentença é ambígua, porque sua verdade ou sua falsidade depende do sentido que se dê à palavra “autêntica”. Se se entende por “oração autêntica”, uma oração que permite aderir realmente a Deus, a sentença é

---

<sup>226</sup> João Paulo II, “A situação do mundo e o espírito de Assis”. Discurso aos Cardeais e à Cúria, em 22 de dezembro de 1986. DC nº1933 (1987), p.133.

<sup>227</sup> *Ibid.*, p.134.

<sup>228</sup> *Ibid.*, p.136.

incontestavelmente verdadeira. Porém, se se entende por ela “toda oração sincera”, a sentença é gravemente errônea (a oração de um budista diante do ídolo de Buda, a de um feiticeiro animista ou, até mesmo, a de um terrorista muçulmano podem ser sinceras. Não são, no entanto, suscitadas pelo Espírito Santo).

+ *Por que é falso dizer que o Espírito Santo está, misteriosamente, presente no coração de todo homem?*

Na linguagem da teologia católica, como na Sagrada Escritura, a expressão “presença do Espírito Santo” ou “habitação do Espírito Santo” designa a presença *sobrenatural* de Deus, pela Graça santificante. Ora, mesmo se a palavra “misteriosamente” puder dar margem à mudança de sentido, é certo que o Espírito Santo não estará assim presente em todo homem.

+ *O que diz a Tradição da Igreja sobre o assunto?*

Quando ministra o Batismo, o padre ordena ao demônio: “Sai desta criança, espírito impuro, e cede lugar ao Espírito Santo Paráclito.”<sup>229</sup> Isso indica bem que o Espírito Santo não habitava nessa alma.

+ *O que se pode concluir sobre esse assunto?*

É manifesto que uma proposição falsa está na base da justificativa da jornada inter-religiosa de Assis.

+ *Se João Paulo II manifestou, em Assis, um grande respeito pelas falsas religiões, estas manifestaram um respeito análogo em relação ao Catolicismo?*

Os muçulmanos utilizaram sem vergonha o encontro de Assis para confessar sua fé em Alá como o único caminho correto. Eis o que foi sua oração pela paz:

---

<sup>229</sup> *Exi ab eo, immunde spiritus, et da locum Spiritui Sancto Paraclito. (Ritual do Batismo das crianças).*

“É a ti que adoramos; é a ti que imploramos. Conduze-nos no caminho certo, o caminho daqueles que tu cobres de bênçãos; não daqueles que te irritam; nem dos que se desviam”

Em seguida então a surata II, 136 do Alcorão:

“Cremos em Deus, no que nos revela; no que revelava a Abraão, Ismael e Jacó e suas tribos; no que o Senhor dava a Moisés e a Jesus; no que dava aos profetas. Não fazemos diferenças entre eles e somos-lhes submissos”.

E a oração dos muçulmanos pela paz se encerrou com a surata CXII, recitada em árabe por todos os muçulmanos presentes:

“Em nome de Deus, o Misericordioso, cheio de misericórdia. Dize: Ele é Deus único; Deus o implorado. Não gerou, nem foi gerado. Ninguém o pode igualar.”<sup>230</sup>.

+ *O que se destaca nessas orações muçulmanas?*

Essas afirmações *Deus não gerou, nem foi gerado, e nós não fazemos diferenças entre os profetas* estão dirigidas, expressamente, contra a Fé Cristã, que confessa que Jesus Cristo não é um profeta como os outros; mas o verdadeiro Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos.

+ *Como se encerrou a reunião de Assis?*

Quando todas as delegações haviam cumprido seu culto pela paz, ficaram em silêncio, e como que peregrinaram até a Basílica São Francisco onde cada comunidade fez uma prece pela paz. Na sua alocução de encerramento, o Papa fez alusão a esta peregrinação, da seguinte maneira:

“(…) Enquanto caminhávamos em silêncio, refletimos sobre o caminho que percorre a família humana: seja na hostilidade, se não sabemos nos aceitar uns aos outros; seja como uma estrada comum em direção ao nosso alto destino, se compreendemos que os outros são nossos irmãos e nossas irmãs. O fato mesmo de que, diversas religiões do mundo, tenhamos vindo a Assis é, em si,

---

<sup>230</sup> DC nº 1929 (1986), p.1076-1077.

um sinal desse caminho comum que a humanidade está chamada a percorrer. Ou bem aprendemos a caminhar juntos em paz e harmonia; ou bem partimos à deriva, para nossa ruína e a dos outros. Esperamos que essa peregrinação em Assis nos tenha reensinado a tomar consciência da origem e do destino comum da humanidade. Possamos nós vermos aí uma prefiguração do que Deus desejaria que fosse o curso da história da humanidade: uma estrada fraternal sobre a qual nós acompanhamos uns aos outros em direção ao fim transcendente que Ele estabelece para nós (...).<sup>231</sup>

+ *O que se pode dizer dessa alocução?*

Deixaremos para um alto dignatário da Maçonaria, Armando Corona, Grão-Mestre da Grande Loja do Equinócio da Primavera (Itália), a preocupação de comentar:

“Nosso interconfessionalismo nos valeu a excomunhão recebida, em 1738, da parte de Clemente XI. Mas a Igreja estava certamente em erro, se é verdade que, em 27 de outubro de 1986, o atual Pontífice reuniu, em Assis, homens de todas as confissões religiosas para orarem juntos pela paz. E o que procuram de diferente os nossos irmãos, quando se reúnem nos templos, senão o amor entre os homens, a tolerância, a solidariedade, a defesa da dignidade da pessoa humana; considerando-se iguais, acima do *credo* político, do *credo* religioso e da cor da pele?”<sup>232</sup>

O ecumenismo de Assis conflui para o plano maçônico: estabelecer um grande templo de fraternidade universal, acima das religiões e das crenças, “a unidade na diversidade”, tão cara à Nova Era e ao globalismo mundial.

## ***52. Quais são as conseqüências do ecumenismo?***

**As conseqüências do ecumenismo são a indiferença religiosa e a ruína das missões. É hoje uma opinião geralmente difundida entre os meios católicos que alguém se pode salvar muito bem em qualquer religião. O**

---

<sup>231</sup> João Paulo II, discurso final da jornada de Assis, DC nº 1929 (1986), p.1081.

<sup>232</sup> Armando Corona, em *Hiram*, organismo do Grande Oriente da Itália, abril de 1987.

**apostolado missionário então não tem mais nenhum sentido, e acontece mesmo, com frequência, que se recuse receber na Igreja membros de outras religiões, que, entretanto, pedem para sê-lo. A atividade missionária se tornou uma ajuda no desenvolvimento. Isso está em flagrante oposição à ordem de Nosso Senhor: “Ide, ensinai a todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; e ensinai-lhes a observar tudo o que vos ordenei.” (Mt 28,19).**

*+ Podeis então citar um exemplo desta atual recusa em converter os não-católicos?*

Um exemplo inconcebível deste ecumenismo é a Declaração de Ballamand, assinada em 23 de junho de 1993, em conclusão de uma reunião entre católicos e “ortodoxos”.<sup>233</sup>

*+ Em qual contexto aconteceu essa reunião de Ballamand?*

É necessário saber que, desde o cisma grego, várias partes da Igreja oriental se reuniram, de novo, a Roma. Sempre guardando o rito oriental, estas reconheceram o Primado do Pontífice, como fazia, antes do cisma, toda a Igreja do Oriente. Essas Igrejas católicas orientais conheceram uma grande expansão depois das mudanças políticas acontecidas na União Soviética (muitos dos “ortodoxos”, com efeito, só estavam no cisma, por causa da pressão exterior e aspiravam a se reunirem à Sé de Pedro). Compreende-se a cólera das autoridades “ortodoxas”, que ameaçaram romper relações ecumênicas. A Conferência de Ballamand foi, de fato, uma tentativa de salvar o ecumenismo.

*+ O que dizem os acordos de Ballamand?*

No número oito da declaração, as Igrejas orientais católicas são chamadas de “uma fonte de conflitos e de sofrimentos”. Afirma-se que é para justificar seu “proselitismo” – isto é, seus esforços para trazer de volta os cismáticos à unidade católica – que a “Igreja católica desenvolveu a visão teológica segundo a qual se apresentava a Si mesma como a única depositária da

---

<sup>233</sup> O texto foi tornado público em 15 de julho de 1993 pelo Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos. DC nº2077 (1993), p.711-714.

salvação”(nº 10 da declaração). Em outras palavras, o ensinamento constante da Igreja, segundo o qual todos os cristãos devem estar unidos ao Papa, Pastor Supremo, é nivelado a uma simples opinião teológica que teria sido inventada para justificar interesses egoístas.

+ *Como os acordos de Ballamand concebem as relações entre a Igreja Católica e os cismáticos?*

As igrejas cismáticas orientais são consideradas, doravante, como irmãs da Igreja Católica:

“A Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa se reconhecem mutuamente como Igrejas-irmãs. (...) Conforme as palavras do Papa João Paulo II, o esforço ecumênico das Igrejas-irmãs do Oriente e do Ocidente, fundado no diálogo e na oração, busca uma comunhão perfeita e total, que não seja nem absorção, nem fusão; mas encontro na verdade e no amor. (cf. *Slavorum apostoli*, 27) [nº 14 da declaração de Ballamand].

+ *Quais são as conseqüências práticas desses acordos de Ballamand?*

A Igreja Católica renuncia, expressamente, a tentar converter os cismáticos orientais (nº 12 da declaração). Ela se proíbe mesmo de criar estruturas católicas contra a vontade dos “ortodoxos”, lá onde Ela não estiver atualmente (nº 29 da declaração). E a declaração conclui:

“Excluindo para o futuro todo proselitismo e toda vontade de expansão dos católicos em detrimento da Igreja Ortodoxa, a Comissão espera que tenha suprimido o obstáculo que estimulou algumas Igrejas autocéfalas a suspender sua participação no diálogo teológico.” (nº 35)

+ *Como se podem resumir os Acordos de Ballamand?*

Em suma, as Igrejas orientais católicas são consideradas como um obstáculo ao ecumenismo. Já que, infelizmente, estas existem, é preciso, ao menos, proibir-lhes o desenvolvimento. – É uma traição para com todos os cristãos que, durante séculos, suportaram grandes sofrimentos e, mesmo, o martírio, para permanecerem fiéis à Sé de Pedro. Sacrificam-se seus próprios irmãos unicamente para que o diálogo ecumênico não venha a se estagnar.

+ *Que consideração prática pode-se trazer sobre o diálogo ecumênico em geral?*

Definitivamente, o diálogo ecumênico leva sempre, ao prejuízo, a Igreja Católica. É sempre Ela que recua e cede, enquanto que as outras confissões e religiões se regozijam das concessões da Igreja, sem para tanto darem, elas mesmas, nenhum passo para a Verdade.

**53. *O ecumenismo não é uma exigência da caridade fraterna?***

**O ecumenismo, tal como é pregado por Vaticano II, não é uma exigência da caridade fraterna; mas um crime cometido contra esta. O verdadeiro amor exige, com efeito, que se deseje e que se faça o bem ao próximo. Em matéria religiosa, isso quer dizer conduzir seu próximo à Verdade. É, pois, um sinal de verdadeiro amor o que davam os missionários, abandonando pátria e amigos, para pregarem Cristo em país estrangeiro, em meio a perigos e fadigas indizíveis. Muitos deram a própria vida, falecidos por causa da doença ou da violência. O ecumenismo, ao contrário, deixa os homens em suas falsas religiões; e mesmo, nelas os endurece. Abandona-os, pois, ao erro e ao imenso perigo da condenação eterna. Se essa atitude é mais confortável do que o apostolado missionário, não é precisamente um sinal de caridade; mas sim de preguiça, de indiferença e de respeito humano. Os teólogos ecumênicos agem como os médicos que estimulam uma pessoa gravemente doente em suas ilusões, em vez de adverti-la sobre a gravidade de seu estado e curá-la.**

#### LEGENDAS DE FOTOS DE ECUMENISMO

- 1) 23 de março de 1966: Paulo VI recoloca o anel no Dr. Ramsey, “arcebispo” anglicano de Canterbury ( em realidade, simples leigo e maçom).
- 2) 02 de fevereiro de 1986, em Bombaim: João Paulo II recebe, sobre a testa, o Tylak, simbolizando o terceiro olho de Shiva.
- 3) Março de 1986: encontro de João Paulo II com o dalai lama, que já havia sido recebido no Vaticano por Paulo VI, em 1973, e por João Paulo II, em 1980 e em 1982.
- 4) 27 de outubro de 1986: primeira reunião inter-religiosa em Assis
- 5) 1986: João Paulo II e o Grão-Rabino Elio Toaff na Sinagoga de Roma. Atrás do Papa, o Cardeal Willebrands, presidente da Comissão Pontifícia para as relações religiosas com o judaísmo.
- 6) 14 de maio de 1999: João Paulo II beija o Alcorão publicamente.
- 7) Tradução: Viagem do Papa à Turquia. Bento XVI reforça o diálogo com o Islã.
- 8) 12 de março de 2000: cerimônia de “arrepentimento” pelos supostos erros da Igreja (Basílica de São Pedro). O Cardeal Ratzinger acende as lamparinas do candelabro de sete braços.
- 9) 21 de outubro de 2007: Bento XVI no encontro inter-religioso de Nápoles.

#### LEGENDAS E TEXTO DE FOTOS DA MISSA NOVA

- 1) Paulo VI e os “observadores” protestantes que participaram na criação da missa nova.
- 2) 08 de maio de 1984. Em Nova Guiné. Uma mulher seminua faz a leitura na missa do Papa
- 3) Um episódio da luta contra a missa tradicional: em 30 de março de 1987, sob as ordens de Mons. Thomas (Bispo de Versailles), o padre que celebrava a missa tradicional, na igreja de Saint-Louis de Port-Marly, é arrancado do altar, molestado e levado de forma brutal para fora da igreja. Mons. Thomas também fez com que se expulsassem os fiéis e murasse-se a igreja. Prefere uma igreja vazia a uma igreja onde se celebra a missa de sempre.
- 4) Exaltação carismática (ver pergunta 87)
- 5) Confusão do papel do padre com o dos leigos. Na cerimônia de entronização do Bispo de Créteil (novembro de 2007), fiéis elevam as corbelhas cheias de hóstias
- 6) Uma das últimas etapas da revolução litúrgica: a missa dos palhaços.

“A imagem da Liturgia dada pelo Concílio é totalmente diferente do que era antes”  
dizia Annibal Bugnini. Ilustração: as páginas 14 e 15 do nº 10 (15.02.1979) do bimestral

“católico” para crianças, *Astrapi*, editado por Bayard-Press e vendido nas igrejas. (páginas reproduzidas em *Itinéraires* nº232, abril de 1979).

## **Uma festa de primeira comunhão**

### **História para refletir**

**Naquele domingo, sete crianças de dez anos festejaram sua primeira comunhão: Philippe, Delphine, Nicole, Anne, Pilou, Marine e Alexis. Durante muitas semanas, prepararam esse acontecimento importante com Michèle, sua catequista, Jean, o padre e seus pais. Convidaram toda a família e todos os amigos para a celebração.**

As crianças chegaram primeiro, e acolheram os convidados. Atrás do altar, colaram um desenho que fizeram: era um grande coração feito de pequenos corações de todas as cores. No meio, estava escrito:

#### **A Missa é uma história de amor entre Deus e os homens**

A celebração começou pelo canto de entrada. Depois, o padre leu uma passagem do Evangelho que as crianças tinham escolhido com ele. Cada um pôde dizer, em seguida, o que descobriu de Deus e de si mesmo, tendo escutado aquele episódio da vida de Jesus.

Depois todo mundo cantou: “Eu creio, tu crês, ele crê, todos juntos nós cremos.” As crianças foram pegar o pão que elas mesmas fizeram, a taça de vinho e as vestimentas litúrgicas para o padre (foto 1).

As crianças colocaram-se de pé em volta do padre. Todo mundo se deu a mão: pequenos e grandes fazem parte de um mesmo povo, o povo dos cristãos (foto 2).

Numa longa oração, a “prece eucarística”, o padre agradeceu a Deus pelo que Ele fez pelos homens (foto 3). Agradeceu-Lhe, sobretudo, por Jesus que partilhou Sua vida com eles. É por isso que o padre repetiu as palavras que Jesus pronunciou durante sua última Ceia com seus discípulos (\*), partindo o pão e o vinho: “Isto é o Meu Corpo, que será entregue por vós. Este é o meu sangue, que será derramado por vós e por todos”. Os que estavam reunidos creram que Jesus estava vivo e presente no meio dos homens hoje. Com Ele e por Ele, eles ofereceram sua vida a Deus.

As crianças comungaram então pela primeira vez (foto 4); depois, foram se apresentar a assembléia as corbelhas de pão e a taça de vinho, Corpo e Sangue do Senhor.

As crianças leram, em seguida, uma prece que elas mesmas escreveram. Enfim, todo mundo comemorou a festa de Deus vivo com suas crianças (foto 5).

(\*) Os discípulos são os que Jesus encontrou e que O seguiram.

## **Capítulo VII**

### **A MISSA NOVA**

#### ***54. O que é a Santa Missa ?***

**A Santa Missa é a renovação e a re-presentação<sup>234</sup> do Sacrifício da Cruz. Por intermédio do padre, Cristo oferece ao Pai, de maneira incruenta; isto é, não sangrenta, Seu Corpo e Seu Sangue, que havia imolado de modo cruento; isto é, sangrento, na Cruz. A Missa é, pois, um verdadeiro Sacrifício, pelo qual os méritos do Sacrifício da Cruz nos são aplicados.**

*+ Onde se pode encontrar o ensinamento da Igreja?*

O Concílio de Trento ensina:

---

<sup>234</sup> Traduzido do francês “re-présentation”. [nota da tradução brasileira].

“Na Última Ceia, “a noite quando fora entregue”(1Cor 11,23), Cristo quis deixar à Igreja, Sua Esposa bem-amada, um Sacrifício visível (como convém à natureza humana), pelo qual o Sacrifício cruento, que devia cumprir-se uma vez por todas sobre a Cruz, seria tornado presente e comemorado<sup>235</sup> até o fim dos tempos, e teria sua virtude salvífica aplicada para a remissão dos pecados que cometemos a cada dia; por isso, (...) ofereceu, a Deus Pai, Seu Corpo e Seu Sangue, sob as espécies do pão e do vinho.”<sup>236</sup>

+ *É correto que a Missa seja verdadeiramente um sacrifício em sentido próprio?*

O Concílio de Trento é formal:

“Aquele que disser que, na Missa, não é oferecido a Deus um sacrifício verdadeiro e real (...); seja anátema !”<sup>237</sup>

O mesmo Concílio declarou que, por Suas palavras: “Fazei isto em memória de Mim”, Cristo deu aos Apóstolos o Sacerdócio e o poder de celebrar este Sacrifício.<sup>238</sup>

+ *Qual é precisamente a relação entre o Sacrifício da Missa e o da Cruz?*

O Sacrifício da Missa tem a mesma vítima, o mesmo sacerdote e as mesmas intenções do da Cruz. É o mesmo Sacrifício; mas oferecido de uma maneira diferente.<sup>239</sup>

+ *Qual é a vítima do Sacrifício da Missa?*

---

<sup>235</sup> Lembremos que na linguagem litúrgica, a palavra “comemoração” não tem o sentido de festejo *jubiloso*. Na Liturgia, por exemplo, o dia 02 de novembro é chamado de “Comemoração dos Fiéis Defuntos”. Existe uma forte esperança sobrenatural, sem remover o recolhimento maior, o respeito mais solene e, mesmo, o luto próprios da ocasião. [nota da tradução brasileira].

<sup>236</sup> Concílio de Trento, 22ª sessão, capítulo 1; DS 1740.

<sup>237</sup> *Ibid*, can. 1; DS 1751.

<sup>238</sup> DS 1740.

<sup>239</sup> DS 1743.

Nosso Senhor Jesus Cristo é a vítima do Sacrifício da Missa, como também do da Cruz. É Ele que é essencialmente oferecido na Missa, e não o pão e o vinho (que cessam de existir na Consagração).

+ *Pode-se dizer que Nosso Senhor está presente na Santa Eucaristia enquanto vítima?*

Sim, é enquanto *vítima* que Nosso Senhor Jesus Cristo está presente na Santa Eucaristia.

+ *Como Nosso Senhor, cujo Corpo é, doravante, glorioso, pode estar presente em estado de vítima?*

Nosso Senhor está em estado de vítima na Santa Eucaristia, porque o Seu Corpo e o Seu Sangue, nela, são *sacramentalmente* separados, e, porque esta separação *sacramental* tem por objetivo representar a separação *física* realizada pela Paixão.

+ *Nosso Senhor não está, entretanto, presente todo inteiro – com Seu Corpo, Seu Sangue, Sua Alma e Sua Divindade – tanto sob as aparências do pão quanto sob as do vinho?*

Nosso Senhor Jesus Cristo estando, hoje, vivo (ressuscitado e glorioso); a presença de Seu Corpo ou de Seu Sangue implica, necessariamente, a de toda Sua Pessoa (Corpo, Sangue, Alma e Divindade). Seu Corpo e Seu Sangue não podem mais estar *fisicamente* separados. E, todavia, em si, *por força das palavras consecratórias*, é o Corpo que se torna presente sob as aparências do pão, e o Sangue, sob as do vinho. O Corpo e o Sangue de Cristo estão, então, de um certo modo, *separados* pelo Sacramento (por causa da dupla Consagração).

+ *Essa separação sacramental do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo constitui uma imolação?*

A separação *sacramental* do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor constitui uma imolação, enquanto representa a separação *física* que aconteceu durante Sua Paixão, e enquanto, por vontade de Nosso Salvador, aplica os frutos desta.

+ *Há então na Missa uma imolação mesmo?*

Há, na Missa, uma imolação; mas sacramental. O Concílio de Trento afirma que, na Missa, Cristo “está contido e *imolado* de forma não sangrenta”<sup>240</sup>

+ *Qual é o sacerdote do Sacrifício da Missa?*

O verdadeiro sacerdote do Sacrifício da Missa é, como sobre a Cruz, Nosso Senhor Jesus Cristo. A única diferença é que Cristo ofereceu-Se a Si mesmo sobre a Cruz; enquanto que se serve, na Missa, de um sacerdote humano, que age como instrumento de Cristo.

+ *Quais são as intenções do Sacrifício da Missa?*

Assim como o Sacrifício da Cruz, o Sacrifício da Missa é oferecido por Nosso Senhor em quatro grandes intenções: adorar a Deus, agradecer-Lhe por Suas bênçãos; reparar as ofensas que Lhe foram feitas (neste último sentido, o Sacrifício é dito *propiciatório ou satisfativo*), e obter Suas Graças para os homens.

+ *Em que o Sacrifício da Missa é oferecido de modo diferente do da Cruz?*

Sobre a Cruz, Cristo imolou-Se de modo cruento, isto é, sangrento; na Missa, Cristo o faz de modo incruento, isto é, não sangrento.

+ *Essa doutrina é a dos Padres da Igreja?*

Santo Agostinho ensina:

“Cristo foi imolado uma só vez em Si mesmo; e, todavia, é imolado, todos os dias, no Sacramento”<sup>241</sup>.

E Santo Ambrósio:

“Do mesmo modo que, com efeito, por toda parte, é oferecido um único Corpo [de Cristo] e não vários; assim também um único Sacrifício.”<sup>242</sup>

---

<sup>240</sup> DS 1743. Ver também DS 1741.

<sup>241</sup> Santo Agostinho, citado por Santo Tomás de Aquino em III, a.83, q.1.

<sup>242</sup> Texto atribuído a Santo Ambrósio, citado por Santo Tomás de Aquino em III, a.83, q.1 ad.1.  
“*Sicut enim quod ubique offertur unum est corpus et non multa; ita et unum sacrificium*”.

### **55. Quem negou que a Missa é um Sacrifício?**

**Durante mais de mil anos, ninguém ousou negar que Missa é um Sacrifício. Os católicos gozaram, pacificamente, dessa Verdade. Só foi no século XII que algumas seitas começaram a atacá-la. Mas foi, sobretudo, Martinho Lutero e o protestantismo, que levaram numerosos cristãos a rejeitar aquele dogma.**

+ *Como Deus nos revelou que a Missa é um Sacrifício?*

O fato de que a Missa seja um Sacrifício decorre, claramente, da Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, Deus, por intermédio do profeta Malaquias, anunciava nestes termos um Sacrifício vindouro:

“Do nascer ao pôr-do-sol, Meu Nome é grande entre as nações; e, em toda parte, um Sacrifício de agradável odor é apresentado, em Meu Nome, como oblação pura” (Ml 1,11).

+ O que há de notável nessa profecia de Malaquias?

Os Judeus somente tinham o direito de oferecer sacrifícios em um único lugar: o Templo de Jerusalém. Ora, o profeta anuncia uma oblação pura, que será celebrada em todos os lugares do mundo. Desde a origem, os cristãos reconheceram aí o Sacrifício da Missa.

+ *Há, no Antigo Testamento, outros anúncios do Sacrifício da Missa?*

O Sacerdócio de Cristo é prefigurado, no Antigo Testamento, pelo de Melquisedec (São Paulo diz que Jesus Cristo é “Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec”)<sup>243</sup>. Ora, Melquisedec somente é mencionado na Bíblia por ter oferecido um Sacrifício de pão e vinho (Gn 14,18). É uma figura do Sacrifício da Missa, instituído por Nosso Senhor e cumprido sob as espécies do pão e do vinho.

+ *Os Evangelhos falam da Missa como de um Sacrifício?*

---

<sup>243</sup> Hb 6,20.

Quando da Instituição da Missa, na Quinta-Feira Santa, Cristo utilizou termos referindo-se a um Sacrifício: “Meu Corpo entregue por vós”<sup>244</sup> – “Meu Sangue, Sangue da Nova Aliança, derramado por muitos para a remissão dos pecados”<sup>245</sup>.

+ *Podem-se citar ainda outras passagens da Sagrada Escritura?*

Na primeira carta aos Coríntios, São Paulo opõe “a mesa dos demônios” à “mesa do Senhor” (1Cor 10,18-21). Como a expressão “mesa dos demônios” designa os sacrifícios pagãos oferecidos aos ídolos, a expressão “mesa do Senhor” designa, pois, o Sacrifício cristão.

Do mesmo modo, a carta aos Hebreus afirma: “Nós temos um altar, do qual, não têm direito de comer, aqueles que permanecem no serviço da tenda [= o culto judaico]” (Hb 13, 10). Ora, um altar é feito, por definição, para oferecer um sacrifício.

+ *O que dizem da Missa os primeiros Padres da Igreja?*

Os mais antigos escritos eclesiásticos falam da Eucaristia como de um Sacrifício. Podem-se citar, entre muitos outros, a *Didaché* (cerca de 100 d.C), o Papa São Clemente (+ 101), São Cipriano de Cartago (+ 258).

+ *O que a Didaché ensina?*

A *Didaché* – um dos primeiros escritos cristãos – declara:

“Reuni-vos no Dia do Senhor, parti o pão e rendei graças depois terdes confessado vossos pecados, para que o vosso Sacrifício seja puro”<sup>246</sup>

+ *O que disse o Papa São Clemente ?*

São Clemente de Roma (Papa de 92 a 101) escreveu: “O Senhor prescreveu que os Sacrifícios e as ações litúrgicas sejam cumpridos em tempos e em horas precisas”<sup>247</sup>

---

<sup>244</sup> 1Cor 11, 24.

<sup>245</sup> Mt 26,28.

<sup>246</sup> *Didaché*, capítulo 14;RJ 8. Esse sacrifício é claramente designado como sendo o anunciado por Malaquias.

+ *Como São Cipriano de Cartago fala do Sacrifício da Missa?*

São Cipriano de Cartago (+258) consagrou sua carta 63 ao Sacrifício da Missa. Afirma, nesta, que Cristo ofereceu Seu Corpo e Seu Sangue em Sacrifício ao Pai (n.4); que ordenou celebrar esse Sacrifício em memória Dele (n.14) e que o sacerdote age como representante de Cristo (n.9).

+ *Podeis citar mais um Padre da Igreja sobre o Sacrifício da Missa?*

São Gregório Nazianzeno (+390) exorta assim um sacerdote:

“Não cesse, homem de Deus, de rezar e de interceder por mim, quando fizeres descer o Verbo por tua palavra; quando separares, de maneira incruenta, a Carne e o Sangue do Senhor, quando tu te servires da palavra [ as palavras da Consagração] como de um gládio”.<sup>248</sup>

+ *O que se destaca nessa passagem de São Gregório Nazianzeno?*

São Gregório Nazianzeno menciona, de modo muito claro, a imolação incruenta de Cristo, realizada pela separação de Seu Corpo e de Seu Sangue, por meio da dupla Consagração.

+ *O que se pode concluir de todas essas passagens da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja?*

As passagens citadas, e ainda muitas outras, manifestam, à evidência, que não se pode negar que a Missa seja essencialmente um Sacrifício, sem trair o ensinamento de Cristo.

+ *Essa Verdade do Sacrifício da Missa é de uma grande importância?*

Todas as Verdades reveladas por Nosso Senhor Jesus Cristo são importantes, e nenhuma pode ser, impunemente, negligenciada. Mas o Sacrifício da Missa está, verdadeiramente, no coração de toda a vida cristã. Um erro sobre este ponto teria conseqüências catastróficas.

---

<sup>247</sup> São Clemente de Roma, primeira carta aos Coríntios, capítulo 14; RJ 19.

<sup>248</sup> São Gregório Nazianzeno, carta nº 171, ad Amphilochium; RJ 1019.

+ *Como o Sacrifício da Missa está no coração da vida cristã?*

A religião judaica do Antigo Testamento estava já centrada sobre os sacrifícios oferecidos no Templo. Seria surpreendente, se esses numerosos sacrifícios não tivessem correspondência no Novo Testamento. De fato, Nosso Senhor veio, essencialmente, para Se oferecer em Sacrifício a Seu Pai. Em nome de toda a humanidade, ofereceu esse Sacrifício perfeito de adoração, de ação de graças, de reparação pelo pecado e de impetração. O essencial de nossa vida cristã deve ser nos unirmos, dia após dia, a esse Sacrifício. Ora, é precisamente pela Missa que o fazemos.

+ *Não se pode, pois, conceber o Cristianismo sem a Missa?*

Mesmo na ordem natural, o sacrifício é um elemento essencial ao culto devido a Deus. Todas as religiões antigas tinham seus sacrifícios (uma das provas da caducidade da religião judaica é precisamente o fato de que, desde o ano 70 d.C – destruição do Templo de Jerusalém – esta não pode mais cumprir seus ritos sacrificiais). Na época moderna, os protestantes tentaram inventar um Cristianismo sem Missa: é uma desnaturação completa da Fé e da Moral cristãs, que levou, muito rapidamente, ao filantropismo utópico contemporâneo. Quando o homem cessa de oferecer sacrifícios a Deus, tende rápido a se tomar por Deus.

+ *Não é sobretudo a Presença real de Nosso Senhor na Eucaristia que é negada pelos protestantes?*

Lutero não negava uma certa presença real de Cristo no Sacramento da Eucaristia; mesmo se a entendesse de modo herético. Por outro lado, rejeitava o ensinamento do Sacrifício da Missa e proferia a esse propósito as mais grosseiras injúrias.

+ *O que Lutero dizia do Santo Sacrifício da Missa?*

Lutero anunciava, claramente, que desejava destruir a Missa, para atingir o coração da Igreja Católica. Por exemplo:

“Quando a Missa for derrubada, penso que teremos derrubado o Papado, pois é sobre a Missa, como sobre uma rocha, que se apóia o Papado todo inteiro, com seus

mosteiros, suas dioceses, suas universidades, seus altares, seus ministros e sua doutrina (...); tudo isso se esfarelará, quando se esfarelar a sua Missa sacrílega e abominável.”<sup>249</sup>

+ *Lutero não admitia, todavia, que a Missa pudesse, em algum sentido, ser chamada de Sacrifício?*

Lutero admitia e empregava, às vezes, o termo “sacrifício”, para designar a Missa; mas somente em um sentido muito lato (“uma coisa sagrada”). Recusava obstinadamente que a Missa fosse um Sacrifício *em sentido próprio*:

“O elemento principal de seu culto, a Missa, supera toda impiedade e toda abominação; dela fazem um sacrifício e uma boa obra.”<sup>250</sup>

+ *O que é a Missa para Lutero então?*

Para Lutero, a Missa é somente um simples *memorial* da Paixão. Seu objetivo é instruir os fiéis; lembrar-lhes do Sacrifício do Calvário, para provocar o ato interior de fé. Se fala de sacrifício, é unicamente no sentido de sacrifício de louvor ou de ação de graças, *sem valor redentor*.

+ *O que é que Lutero recusa de modo absoluto na doutrina católica sobre a Missa?*

O que Lutero recusa de modo absoluto, é que a Missa tenha um valor *propiciatório* ou *satisfativo* – isto é, que aplique, de modo atual e eficaz, a nossas almas, os frutos do Sacrifício da Cruz, e que, assim, quite a dívida que temos para com Deus, por causa de nossos pecados.

+ *O que significam precisamente as palavras “propiciatório” e “satisfativo”?*

O Sacrifício da Missa é dito *propiciatório*, porque torna a Deus *propício* em relação a nós, destruindo os motivos de cólera que pudesse ter para conosco, por causa de nossos pecados. É dito *satisfativo* porque *satisfaz* à Justiça divina, isto é, que faz o bastante (*satis facere* = fazer o bastante) para apaziguá-lo.

---

<sup>249</sup> Lutero, em *Contra Henricum regem Angliae* (1522) (t. X, p.220).

<sup>250</sup> Lutero, em *De votis monasticis iudicium* (1521) (t. VIII, p.651).

+ *O que diz Lutero precisamente sobre esse assunto?*

Lutero ensina: “A Missa não é um sacrifício ou a ação de um sacrificador. Olhemo-la como Sacramento ou como Testamento. Chamemo-la bênção, eucaristia, ou memória do Senhor”.<sup>251</sup>

“O Santo Sacramento não foi instituído para que dele se faça um sacrifício expiatório (...) mas para que sirva para despertar a fé em nós, e para reconfortar as consciências; (...) a Missa não é um sacrifício oferecido para os outros, sejam vivos ou mortos, para apagar seus pecados; mas (...) uma comunhão em que padre e fiéis recebem o Sacramento, cada um para si mesmo”.<sup>252</sup>

“É um erro manifesto e ímpio oferecer ou aplicar a Missa aos pecados, na qualidade de satisfação, ou em favor dos defuntos (...)”.<sup>253</sup>

+ *Quais são as conseqüências litúrgicas dos erros de Lutero sobre a Missa?*

Para Lutero, a “Liturgia da Palavra” deve tomar o primeiro lugar, e a comunhão, o segundo. Modificando, progressivamente, os ritos e as cerimônias tradicionais da Missa, Lutero quis incitar, pouco a pouco, os fiéis a mudarem a sua Fé. Mas aconselhou não agir muito rápido:

“Para chegar segura e felizmente ao objetivo, é preciso conservar algumas cerimônias da antiga missa para os fracos que poderiam ficar escandalizados pela mudança muito brusca.”<sup>254</sup>.

+ *Os protestantes impuseram, pois, voluntariamente sua nova crença de modo dissimulado, modificando, pouco a pouco, a Liturgia?*

---

<sup>251</sup> Lutero, *Sermão do Primeiro Domingo do Advento* (t. XI, p.774).

<sup>252</sup> *Confissão de Augsburgo de Melanchton* (1530; confissão de fé, quase oficial dos luteranos), art.24: Da Missa.

<sup>253</sup> Lutero, *De captivitate Babylonica* (1520) (t. VI, p.521).

<sup>254</sup> Lutero, t. XII, p.212.

Os anglicanos, sobretudo, adotaram essa estratégia dissimulada<sup>255</sup>. Mas Lutero a havia anunciado de maneira muito clara:

“O padre pode muito bem arranjar-se de tal modo que o homem do povo ignore sempre a mudança operada e possa assistir à Missa, sem encontrar de que se escandalizar”.<sup>256</sup>

+ *Quais mudanças Lutero introduziu na Liturgia?*

Lutero combateu, sobretudo, o Ofertório – que fez desaparecer – e o Cânon – que modificou consideravelmente. Conservou o quadro geral da Missa; mas apagou, habilmente, o essencial. No Natal de 1521, o culto luterano se apresentava assim: *confiteor*; intróito; *kyrie*; *gloria*; epístola; evangelho; pregação - (não havia Ofertório); *sanctus*; relato em língua vulgar e em voz alta da instituição da Ceia; comunhão sob as duas espécies (na mão e no cálice) sem necessidade de uma prévia confissão; *Agnus Dei*; *Benedicamus Domino*. O latim só desapareceu pouco a pouco.

+ *O que se pode dizer do ódio com que Lutero perseguia a Missa católica?*

Lutero enxergou bem um ponto: toda a vida cristã repousa sobre o Sacrifício do Calvário renovado de modo incruento sobre o altar. Desnaturar a Missa é um dos meios mais eficazes para destruir a Igreja. Vários autores católicos destacaram que esta seria a obra do Anticristo.

+ *Podeis citar algum desses autores?*

Santo Afonso de Liguori advertiu gravemente:

---

<sup>255</sup> Ver a obra *La Réforme liturgique anglicane* de Michael Davies (Étampes, Clovis, 2004). O primeiro *Prayer Book* (1549) suprime o ofertório, modifica o Cânon e adota a versão luterana do relato da Instituição: o sacrifício propiciatório é silenciado; mas não é negado explicitamente. Foi apenas uma primeira etapa: desde que foi adotado por toda parte, um segundo *Prayer Book* foi publicado (1552) que se aproximava muito mais da Ceia calvinista.

<sup>256</sup> Lutero, citado por Jacques Maritain, *Trois Réformateurs*, Paris, 1925, p.247.

“A Missa é o que há de mais belo e de melhor na Igreja (...) Também o demônio sempre procurou, por meio dos hereges, privar o mundo de Missa, fazendo-lhes precursores do Anticristo.”<sup>257</sup>

Dom Guéranger previne do mesmo modo:

“Se o Sacrifício da Missa se apagasse, não tardaríamos a recair no estado depravado em que se achavam os povos manchados pelo paganismo, e essa será a obra do Anticristo. Tentará todos os meios para impedir a celebração da Santa Missa, para que esse grande contrapeso seja abatido, e que Deus ponha fim, então, a todas as coisas, não tendo mais motivo para as fazer subsistirem.”<sup>258</sup>

+ *A Sagrada Escritura anuncia que o Anticristo combaterá o Sacrifício da Missa?*

O profeta Daniel anunciou, sobre o tema do Anticristo:

“O poder lhe será dado contra o Sacrifício perpétuo por causa dos pecados”<sup>259</sup>

***56. O ensinamento da Igreja sobre o Sacrifício da Missa diminui a importância do Sacrifício do Calvário?***

**O Sacrifício da Missa não diminui de nenhum modo a importância do Sacrifício da Cruz, pois depende totalmente deste e funda neste toda a sua eficácia. Todo seu valor consiste em torná-lo presente, comemorando-o, e, em aplicar, aos homens, as Graças que Cristo lhes mereceu sobre a Cruz.**

+ *Quem acusou o sacrifício da Missa de diminuir a importância do Sacrifício da Cruz?*

---

<sup>257</sup> *Oeuvres Du B. Alphonse de Liguori, Avignon, Seguin, 1827, p.182.*

<sup>258</sup> Dom Prosper Guéranger, *Explication de La Sainte Messe*, Paris, 1906, p.107.

<sup>259</sup> Dn 8, 2.

Os protestantes acusaram o Sacrifício da Missa de ser um ultraje ao Sacrifício da Cruz. Segundo eles, os católicos acham que o Sacrifício da Cruz não bastou para a salvação da humanidade e que se tem, pois, necessidade permanente de outro sacrifício.

+ *O que é preciso responder a essas acusações protestantes?*

Os protestantes desconhecem totalmente o ensinamento da Igreja. Cristo mereceu sobre a Cruz todas as Graças necessárias para a Salvação de todos os homens de todos os tempos.<sup>260</sup> O Sacrifício da Missa não é *um outro* Sacrifício que o da Cruz; mas o *mesmo* Sacrifício, tornado presente a todos os cristãos. Seu papel não é o de *adquirir* novas Graças; mas o de *aplicar*, aos homens, as Graças já merecidas sobre a Cruz.

+ *Por que há assim necessidade do Sacrifício da Missa para nos aplicar as Graças merecidas sobre a Cruz?*

Segundo a vontade de Cristo, a dispensação dos frutos da Redenção não é automática; mas está ligada aos Sacramentos: “Aquele que crer e for batizado, será salvo”(Mc 16,16); “Se não comerdes a Carne do Filho do Homem, e não beberem o Seu Sangue, não tereis, mesmo, a vida em vós mesmos” (Jo 6, 53).

+ *Mas por que um Sacrifício é necessário para essa dispensação de frutos da Redenção?*

A vida cristã é uma participação na vida de Cristo. Ora, Ele Se encarnou para poder oferecer em Sua Pessoa, e, em nosso nome, um Sacrifício perfeito a Seu Pai. O essencial da nossa vida cristã deve ser nos unirmos a esse Sacrifício de Cristo, conforme a palavra de São Paulo “Termino, em minha própria carne, o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo Seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1, 24). Na Missa, a Igreja, o sacerdote e os fiéis unem continuamente sua vida ao Sacrifício de Cristo; dão-se a Ele; Nele procuram as Graças para se darem sempre mais.

---

<sup>260</sup> “Cristo entrou uma vez por todas no Santuário, não com sangue de carneiros ou novilhos; mas com Seu próprio Sangue, tendo-nos adquirido uma Redenção eterna” (Hb 9, 12)

### **57. A Santa Missa é também uma refeição?**

**Na sua essência mesma, a Missa não é uma refeição; nem uma refeição incluindo um sacrifício; mas simplesmente um Sacrifício. A Santa Comunhão, que se pode, no limite, chamar de refeição, é um fruto desse Sacrifício; mas não pertence à sua essência.**

+ *O que diz o Magistério da Igreja sobre o tema?*

O Concílio de Trento afirma, claramente, que a Missa é um Sacrifício. Nunca diz que seria também uma refeição. A tese, segundo a qual a Santa Missa, em sua natureza essencial, seria, ao mesmo tempo, um Sacrifício e uma refeição, foi, explicitamente, condenada por Pio XII:

“Afastam-se, pois, do caminho da Verdade, aqueles que somente querem realizar o Santo Sacrifício quando o povo cristão se aproxima da Santa Mesa. E, afastam-se ainda mais aqueles que, pretendendo que é absolutamente necessário que os fiéis comunhem com o sacerdote, afirmam, perigosamente, que não se trata apenas de um Sacrifício; mas sim de um Sacrifício e de uma refeição de comunidade fraterna, fazendo da Comunhão realizada em comum o ponto culminante de toda a cerimônia.

É preciso, ainda mais uma vez, ressaltar que o Sacrifício eucarístico consiste, essencialmente, na imolação incruenta da Divina Vítima; imolação que é misticamente indicada pela separação das santas espécies e por sua oblação feita ao Eterno Pai. A Santa Comunhão assegura-lhe a integridade, e tem por finalidade, nela, fazer participar sacramentalmente; porém, enquanto que é absolutamente necessária da parte do ministro sacrificador, é somente vivamente recomendável aos fiéis.”<sup>261</sup>

+ *Como se pode ver, na prática, que a Missa não é, essencialmente, uma refeição?*

A Igreja mandou participar, todos os domingos, no Sacrifício da Missa; mas nunca obrigou os fiéis à Comunhão dominical. Se a Santa Missa fosse, essencialmente, uma refeição, os fiéis presentes deveriam todos comungar; pois aquele que assiste a uma refeição sem comer nada, nesta não tomou parte !!!

---

<sup>261</sup> Pio XII, Encíclica *Mediator Dei*, 20 de novembro de 1947.

+ *Pode-se, pois, participar, realmente, do Sacrifício da Missa, sem comungar?*

Sim, pode-se participar muito realmente do Sacrifício da Missa sem comungar (mesmo se, evidentemente, a comunhão faz com que se participe muito mais). O Concílio de Trento precisou:

“Se alguém disser que as Missas em que só o sacerdote comunga são ilícitas e devem ser abolidas; seja anátema !”<sup>262</sup>

+ *Há outras provas de que a Missa não é, essencialmente, uma refeição?*

O rito da Missa todo inteiro mostra que a Missa não é, essencialmente, uma refeição. Que refeição bem singular seria essa em que depois de longas cerimônias, acaba-se por receber um alimento tão pequeno ! Se a Missa fosse uma refeição, seriam aqueles que a querem organizar sob a forma de um verdadeiro almoço que teriam razão.

**58. *Quem ensina que a Missa é, ao mesmo tempo, um Sacrifício e uma refeição?***

**É hoje uma teoria difundida por numerosos teólogos “católicos” que a Missa é uma refeição, no curso da qual um Sacrifício se realiza. Seria, então, - dizem eles - antes uma refeição; mas que compreenderia também um Sacrifício, porque Cristo se dá a nós em alimento. É este dom que Cristo faz de si mesmo em uma refeição que daria à Missa seu caráter sacrificial.**

**Mas isso não tem nada a ver com a Teologia Católica, pois a realidade foi completamente deformada. O Sacrifício consiste em um oferecimento feito a Deus, e não aos homens. Sobre a Cruz, Cristo Se ofereceu a Seu Pai, e não a nós. Se essa nova teoria fosse verdadeira, o Sacrifício da Missa seria oferecido a nós, e não a Deus.**

+ *Onde se podem achar essas novas teorias sobre a natureza da Missa?*

Essa teoria é sustentada, por exemplo, na Declaração comum da Comissão Mista católico-luterana, que trabalhou de 1976 a 1982.

---

<sup>262</sup> DS 1758.

+ *Quais são os católicos que participaram dessa Comissão?*

Dentre os católicos membros dessa Comissão, podem-se citar, entre outros, os futuros Cardeais Karl Lehmann e Walter Kasper, e os Cardeais Hermann Volk e Joseph Ratzinger.

+ *O que diz a Declaração católico-luterana?*

A Declaração católico-luterana afirma:

“O sinal sensível do oferecimento de Jesus Cristo na celebração da Eucaristia e o da nossa incorporação neste Sacrifício é (...) a refeição (...). Isso significa que, na realização desta refeição, o Sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo é tornado presente e realizado. É por isso que a distinção tradicional, que somente se tornou habitual depois do Concílio de Trento, segundo a qual se distingue, na Eucaristia, de um lado o Sacramento, e de outro, o Sacrifício; não pode ser retida pela Teologia, pois ela falsifica sua estrutura fundamental. É no fato de se oferecer em alimento que o Sacrifício de Jesus Cristo encontra sua expressão em nível litúrgico.”<sup>263</sup>

+ *O que se pode dizer desse ensinamento?*

Trata-se, verdadeiramente, de um ensinamento novo, que implica a rejeição da teologia tradicional. Deve ser, pois, firmemente recusado.

### **59. A Missa tridentina foi abolida?**

**Desde 1969, data da introdução da Missa nova (a Missa de Paulo VI), esforçou-se por fazer crer que a Missa tradicional havia sido abolida e proibida. Mas, em seu *Motu Proprio Summorum Pontificum* (07 de julho de 2007), o Papa Bento XVI reconheceu publicamente que a Missa tridentina nunca havia sido abolida. Todos aqueles que haviam sido acusados de desobediência e perseguidos, durante quase quarenta anos, por causa de sua fidelidade a esta Missa, sofreram, pois, perseguição por causa da justiça.**

+ *A Missa tradicional podia ser abolida?*

---

<sup>263</sup> Lehmann Schlink, *Des Opfer Jesu Christi und seine Gegenwart in der Kirche*, Herder, 1983, p.223.

A Missa tradicional podia dificilmente ser proibida, pois a Igreja sempre respeitou os ritos multisseculares, em vez de tentar proibi-los. Ademais, São Pio V, tendo promulgado o Missal tridentino (pela Bula *Quo primum tempore* de 14 de julho de 1570), havia outorgado um privilégio perpétuo, segundo o qual, nenhum padre poderia jamais ser impedido de ser fiel a este rito para celebrar a Missa.

+ *As decisões da Bula Quo primum tempore de São Pio V não foram abolidas pela Constituição Apostólica Missalem romanum de Paulo VI (03 de abril de 1969), promulgando a Missa nova?*

É difícil determinar o alcance jurídico exato da Constituição *Missalem romanum* de Paulo VI, por causa das ambigüidades que contém. O que é seguro é que não pretendia abolir o privilégio outorgado por São Pio V. Os defensores da Missa tradicional viram isso e disseram-no imediatamente; mas os Bispos, e mesmo o Papa Paulo VI, procuraram fazer crer que a Missa nova era obrigatória.

+ *Foi preciso, pois, esperar quase quarenta anos para que Roma percebesse que a Missa tradicional não estava abolida?*

As autoridades romanas sabiam exatamente, ao menos desde 1986, que a Missa tradicional não havia sido abolida. Mas, foi preciso esperar ainda mais de vinte anos para que a coisa fosse tornada oficial. O Cardeal Stickler contou:

“Em 1986, o Papa João Paulo II fez duas perguntas a uma comissão de nove Cardeais. Primeiramente: “O Papa Paulo VI ou uma outra autoridade competente proibiu a celebração, em nossa época, da Missa tridentina?” A resposta dada por oito dos nove Cardeais, em 1986, foi: Não, a Missa de São Pio V nunca foi proibida. Posso dizê-lo, pois eu era um dos Cardeais. Houve também uma outra pergunta interessante: “Um Bispo pode proibir a um padre que tenha boa reputação de continuar a celebrar a Missa tridentina?”. Os nove Cardeais foram unânimes em dizer que nenhum Bispo poderia proibir a um padre católico de celebrar a Missa tridentina. Não há proibição oficial e eu creio que o Papa nunca trará alguma...justamente por causa das palavras de São Pio V, que disse que esta Missa valia perpetuamente.”<sup>264</sup>

---

<sup>264</sup> Cardeal Alphonse Stickler, em *Latin Mass Magazine*, 05.05.1995.

**60. O novo rito da Missa é uma expressão adequada do ensinamento católico sobre o Sacrifício da Missa?**

**Conforme o juízo dos Cardeais Ottaviani e Bacci, o novo rito da Missa, promulgado em 1969, “distancia-se, de modo impressionante, no todo, como no detalhe, da teologia católica da Santa Missa.”<sup>265</sup>. Todas as mudanças tendem a silenciar o Sacrifício propiciatório, para se aproximar da Ceia protestante.**

+ *Como, concretamente, a Missa nova se aproxima da Ceia protestante?*

As mudanças mais graves são as que tocam ao Ofertório e ao Cânon. Pode-se dizer que as reivindicações de Lutero, que pediam a abolição do Ofertório e do Cânon foram, substancialmente, satisfeitas no novo Ordo.

+ *O que dizia Lutero do Ofertório?*

Lutero afirmava: “Essa abominação (...) que se chama Ofertório. É daí que quase tudo ressoa e faz sentir vivamente o Sacrifício.”<sup>266</sup>

+ *Por que Lutero odiava tanto o Ofertório da Missa?*

O antigo Ofertório exprime, claramente, que a Missa é um Sacrifício de propiciação pelos pecados. O sacerdote reza assim:

“Recebei, Pai Santo, Deus Onipotente e Eterno, esta Hóstia imaculada, que eu, Vosso indigno servo, ofereço-Vos, a Vós, meu Deus vivo e verdadeiro, pelos meus inumeráveis pecados, ofensas e negligências; por todos os que estão aqui presentes e por todos os fiéis, vivos e defuntos; para que tanto a mim, como a eles, aproveite para a salvação e vida eterna. Amém.”

---

<sup>265</sup> Cardeais Ottaviani e Bacci, Carta entregue a Paulo VI, em 29 de setembro de 1969, acompanhada de um *Breve exame Crítico do novo Ordo missae*, redigido por um grupo de teólogos.

<sup>266</sup> Lutero, em *formula missae et communionis* (1523) (t.XII, p.211).

+ *O que virou esse Ofertório no rito novo?*

No novo rito, o Ofertório foi suprimido e substituído por uma preparação das oferendas, cujo texto é tirado de uma oração judaica para a bênção da mesa:

“Sois bendito, Senhor, Deus do Universo, Vós, que nos dais este pão, fruto da terra e do trabalho do homem. Nós Vo-lo apresentamos; ele virará o pão da vida.”

+ *O que se pode destacar nesta nova oração?*

Além de sua tonalidade muito naturalista (nada nela alude às Verdades sobrenaturais reveladas por Deus), nota-se que essa oração esvazia totalmente as idéias de Sacrifício e de propiciação. É o equivalente a uma simples bênção antes de uma refeição.

+ *O mais importante não é que o Cânon da Missa – o muito antigo e muito venerável Cânon romano – tenha sido conservado?*

Não se pode, realmente, dizer que o Cânon romano tenha sido conservado pela nova Liturgia.

- i) Primeiro, porque perdeu seu caráter de *Cânon*, isto é, de regra fixa e obrigatória: não é mais que uma possibilidade entre várias (virou a “oração eucarística nº 1”, à qual, de fato, prefere-se, freqüentemente, uma das outras três “orações eucarísticas” introduzidas, em 1969, ou mesmo uma das múltiplas outras autorizadas pela Santa Sé).
- ii) Em seguida, mesmo essa “oração eucarística nº 1” deforma o Cânon romano.

+ *A “oração eucarística nº 1” da nova Liturgia não retoma o Cânon romano?*

A “oração eucarística nº 1” da nova Liturgia pode parecer, à primeira vista, retomar o antigo Cânon romano. De fato, introduziu neste várias modificações. É preciso sublinhar dentre elas:

- i) A recitação em voz alta ( que implica uma dessacralização do Cânon);

- ii) A modificação da fórmula consecratória (aproximada do rito luterano);
- iii) A banalização dessa fórmula consecratória (doravante pronunciada em tom narrativo, como um relato, e não em tom intimativo);
- iv) A supressão da genuflexão do sacerdote entre a Consagração e a elevação (o que favorece a heresia segundo a qual seria a fé dos fiéis, e não as palavras consecratórias que causariam a Presença Real);
- v) A supressão de numerosos sinais-da-cruz;
- vi) O acréscimo de uma aclamação ambígua depois da Consagração.

+ *Todas essas novas maneiras de agir são, verdadeiramente, más?*

Tomadas separadamente, todas essas práticas não são necessariamente más *em si mesmas* (pode-se mesmo encontrar uma ou outra entre estas em um ou outro rito oriental). Mas, tomadas em seu conjunto e comparadas com o que se fazia antes, todas vêm no sentido do enfraquecimento da Fé.

+ *As outras três “orações eucarísticas” são também contestáveis?*

As outras três “orações eucarísticas” acrescentam, às faltas da primeira, várias graves deficiências que o Pe. Calmel resume assim:

“Começa-se por transferir para depois da Consagração a maior parte das *Preces Eucharisticae*; só há uma breve invocação ao Espírito Santo encravada entre o *Sanctus* e o relato da instituição. Deseja-se, a toda força, que o sacerdote desemboque na Consagração, sem lhe deixar o tempo conveniente para tomar consciência do que vai fazer, sem lhe permitir que se prepare para o Mistério infinito que vai realizar. (...) Enfim, mesmo se foram guardadas – mal ou bem - certas idéias do Cânon romano sobre a natureza da Missa e sobre seus efeitos; estas, foram, sistematicamente, amolecidas e enfraquecidas por omissões bem calculadas: o Senhor Deus, a Quem o Sacrifício é oferecido, não é mais invocado com os títulos de Sua Onipotência ou de Sua Clemência infinita; - nenhuma só palavra sobre nossa condição de servos e de pecadores, obrigados

por esses dois títulos a oferecer o Santo Sacrifício; - nada sobre a Igreja enquanto católica e apostólica (...).<sup>267</sup>

+ *Essas críticas não são muito severas?*

Essas críticas são *verdadeiras*. E podem-se passar em revista ainda muitas omissões comuns às três novas “orações eucarísticas”: a finalidade *propiciatória* do Sacrifício da Missa nunca é explicitamente afirmada (mesmo se as palavras *sacrifício* e *vítima* figurem na orações nº 3 e nº 4); todas as figuras do Sacrifício de Cristo (*Abel, Abraão, Melquisedec*) desapareceram; a Virgem Maria nunca é chamada de *sempre* Virgem; os *méritos* dos santos são ignorados (estes sendo reduzidos ao anonimato: mesmo São Pedro não é mencionado); o inferno é inteiramente silenciado, etc.

+ *A “oração eucarística nº 2” não é muito antiga?*

A “oração eucarística nº 2” merece, efetivamente, uma menção especial, pois pode, como se escreveu, “ser empregada, com toda tranqüilidade de consciência, por um sacerdote que não creia mais nem na transubstanciação, nem no caráter sacrificial da Missa: essa “oração eucarística” pode muito bem servir para a celebração de um ministro protestante”.<sup>268</sup> A noção de Sacrifício, nela, não aparece nenhuma só vez. É, todavia, a mais empregada, porque se faz passar por antiga e venerável, e, sobretudo, porque é a mais curta das quatro (apelidaram-na de *mini-canon*).

+ *Essa “oração eucarística nº 2” não é o cânon de São Hipólito (século III)?*

Pretende-se que essa oração seria o antigo cânon de Hipólito; mas:

- i) Seria apenas uma forma *mutitada* desse cânon (a passagem afirmando que Cristo se entregou, voluntariamente, ao sofrimento “para destruir a

---

<sup>267</sup> Pe. Roger-Thomas Calmel, O.P. “Apologie pour le canon romain”, *Itinéraires* nº 157 (novembro de 1971), p.38. Pe. Calmel desenvolve, abundantemente, no resto do artigo, os fatos enumerados aqui.

<sup>268</sup> *Breve Exame Crítico do novo Ordo missae*, apresentado a Paulo VI, em 1969, pelos Cardeais Ottaviani e Bacci, cap. VI.

morte, destruir a servidão ao demônio, pisotear o Inferno, esclarecer os justos” foi, por exemplo, suprimida);<sup>269</sup>

- ii) Esquece-se de dizer que Hipólito foi o segundo Anti-Papa e que não está comprovado de forma nenhuma que sua Liturgia tenha sido celebrada na Igreja Católica.

+ *Esse Hipólito não era, entretanto, um santo?*

O padre Roguet, que é insuspeito de hostilidade para com a nova Liturgia, explica:

“Hipólito não dá seu texto como um cânon; isto é, uma fórmula fixa e obrigatória; mas sim como um modelo para improvisação: seu texto não foi, sem dúvida, pronunciado tal qual é. Enfim, era um personagem muito reacionário, oposto à hierarquia romana ao ponto de se ter erigido em Anti-Papa (o que reparou pelo martírio) e é bem possível que tenha apresentado sua anáfora, contra a oração eucarística então empregada em Roma”.<sup>270</sup>

+ *Quais são as conseqüências das deficiências dessas novas orações eucarísticas?*

O padre Calmel explica:

“Por conseqüência dessas alterações e manipulações, as riquezas inesgotáveis; mas bem definidas, do rito consecratório não estão mais convenientemente explicitadas. As disposições interiores requeridas para receber os frutos sobreanturais do Santo Sacrifício não estão mais favorecidas como convém. Como evitar que sacerdotes e fiéis,

---

<sup>269</sup> Ver Hipólito de Roma, *A Tradição Apostólica, texto latino, introdução, tradução e notas de Dom Bötte OSB*, Paris, Cerf, “Sources Chrétiennes”, 1946, p.32.

<sup>270</sup> Aimon-Marie Roguet O.P, *Pourquoi le canon de la messe en français?*, Paris, Cerf, 1967, p.23.

pouco a pouco, cessem de perceber o significado da Missa, e, que a Missa católica caminhe em direção à Ceia protestante ?”<sup>271</sup>

+ *Todas essas deficiências da Missa nova são fortuitas ou correspondem a um espírito de conjunto?*

A nova Liturgia é portadora de um espírito próprio, que é um espírito novo. Seu autor principal, padre Annibal Bugnini, podia declarar:

“A imagem da Liturgia dada pelo Concílio é totalmente diferente do que ela era antes”.<sup>272</sup>

+ *Como se pode resumir o espírito que inspirou a redação da Missa nova?*

O espírito que inspirou a redação do novo rito da Missa está claramente visível na *Introdução Geral* do novo missal. Manifesta-se, sobretudo, no seu artigo 7º, que declara:

“A Ceia do Senhor ou Missa é uma sinaxe (reunião) sagrada; isto é, a reunião do Povo de Deus, sob a presidência do padre, para celebrar o memorial do Senhor. É por isso que a reunião da Igreja local realiza de modo eminente a promessa de Cristo: “Quando um ou dois estiverem reunidos em Meu nome, estarei lá no meio deles”.

+ *O que se destaca nesse artigo 7º?*

A descrição que esse artigo 7º faz da Missa não tem nada de especificamente católico, e poderia muito bem se aplicar à Ceia protestante. Se toma-se esse artigo como uma definição, deve mesmo ser considerado como herético.

+ *Em que esse artigo 7º se opõe ao ensinamento da Igreja?*

O artigo 7º se opõe ao ensinamento da Igreja sobre os três pontos essenciais que separam a Missa católica da Ceia protestante:

---

<sup>271</sup> Roger-Thomas Calmel O.P., “Apologie pour Le Canon romain”, *Itinéraires* n° 157 (novembro de 1971), p.38.

<sup>272</sup> Annibal Bugnini, DC n° 1491 (1967), col. 824.

- i) A Missa é essencialmente um sacrifício (propiciatório), não uma assembléia de fiéis reunidos para celebrar um “memorial”;
- ii) O sacerdote é essencialmente um instrumento (livre e voluntário) pelo qual Cristo renova Seu Sacrifício – e não um simples presidente de assembléia;
- iii) Nosso Senhor está presente na Eucaristia com Seu Corpo e Seu Sangue, e não somente de modo espiritual (como quando duas ou três pessoas estão reunidas em seu nome).

+ *Pelo menos não é verdade que a Missa é uma reunião de fiéis?*

A presença de fiéis não é necessária para a celebração da Santa Missa (embora seja desejável). A terceira oração eucarística favorece o erro sobre este ponto, afirmando: “Até o fim dos tempos Vós reunis o Vosso Povo, para que Vos ofereça em Vosso Nome uma oblação pura”.

+ *Essa má apresentação da Missa é própria ao artigo 7º ou se encontra em toda a Introdução Geral do novo missal?*

Essa má apresentação da Missa se encontra em toda a *Introdução geral* do missal de 1969, da qual o artigo 7º é perfeito resumo:

- i) A palavra “sacrifício” figura algumas vezes, de modo vago, nos 341 artigos dessa introdução; mas nunca se fala de Sacrifício *propiciatório* (a Missa é apresentada mais como um banquete, um festim, etc.);
- ii) O fato de o sacerdote ser –e somente ele – o instrumento pelo qual Nosso Senhor, na hora da Consagração, renova o Seu Sacrifício, também nunca é mencionado;<sup>273</sup>

---

<sup>273</sup> Pio XII ensina muito claramente: “A imolação incruenta, por meio da qual, depois das palavras da Consagração, Cristo se torna presente, sobre o altar, em estado de vítima, é levada a cabo *somente pelo sacerdote*, enquanto representa a pessoa de Cristo; não enquanto representa a pessoa dos fiéis” (*Mediator Dei*) – Ora, a Introdução Geral afirma que o sacerdote, na Missa, exprime-se seja em nome dos fiéis, seja em seu próprio nome (art 13);

- iii) A expressão “Presença real” está igualmente ausente. Menciona-se a “presença” de Cristo na Eucaristia; mas da mesma maneira que se fala de Sua “presença” na Sagrada Escritura. – E, a expressão “transubstanciação”, que é a única que exprime sem nenhuma ambigüidade a Fé Católica, foi também omitida<sup>274</sup>.

+ *O simples fato de que a palavra “transubstanciação” não figure na Introdução Geral do missal de 1969 não é, entretanto, suficiente para concluir-se que seus autores não acreditavam nela?*

Não se trata de julgar a fé pessoal dos autores do novo missal; mas de saber se, objetivamente, a Fé Católica está expressa no mesmo. Em 1794, Pio VI condenou uma proposição do Sínodo jansenista de Pistóia, que exprimia de modo exato a doutrina católica sobre a Eucaristia, *unicamente pela razão* de que omitia o emprego da palavra *transubstanciação*. Essa única omissão bastou a Pio VI, para declarar que essa proposição favorecia os hereges.<sup>275</sup> Ora, a *Introdução geral* do missal de 1969 é muito menos clara, sobre este assunto, do que o Sínodo de Pistóia. E, ao mesmo tempo, este missal suprime muitos sinais de respeito para com a Santa Eucaristia. É evidentemente perigoso para a Fé.

+ *A Introdução Geral do novo missal não foi depois corrigida?*

A *Introdução Geral* do novo missal, e especialmente seu artigo 7º, suscitaram tal comoção, que foi modificada em 1970. Notadamente, acrescentaram-se (uma vez) as palavras “transubstanciação” e “propiciatório”, a fim de que não se pudesse mais dizer

---

mas se omite em dizer que, no momento essencial, na Consagração, é representante só de Cristo.

<sup>274</sup> Alguns protestantes admitem, no limite, a expressão “presença real”; mas não “transubstanciação”, que designa, de modo muito preciso, a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo glorioso de Nosso Senhor – só restando as aparências exteriores.

<sup>275</sup> DS 2629.

que estas não estivessem no documento.<sup>276</sup> Mas *o novo rito mesmo* – cujo espírito o artigo 7º exprimia perfeitamente – *não mudou !!!* Continua a dar aos fiéis que nele participam a mesma idéia da Missa: uma assembléia do Povo de Deus, para celebrar um memorial, sob a presidência do padre. É quase a concepção protestante.

### **61. A protestantização do rito da Missa foi intencional?**

**O acadêmico Jean Guitton, grande amigo e confidente de Paulo VI, declarou que o Papa quis deliberadamente remover da Missa tudo o que pudesse desagradar aos protestantes. De fato, Paulo VI pediu a seis pastores protestantes para colaborarem na redação da Missa nova. Uma célebre fotografia mostra-o em companhia desses ministros protestantes. Um deles, Max Thurian, de Taizé, explicou mais tarde: “Nessa Missa renovada, nada há que possa realmente incomodar os protestantes evangélicos”<sup>277</sup>. Mais tarde, em 1988, ele foi ordenado padre, sem ter antes abjurado o protestantismo.**

+ *Quando Jean Guitton evocou essa vontade de Paulo VI?*

Numa transmissão radiofônica, consagrada a Paulo VI, (em 19 de dezembro de 1993, na *Radio-Courtoisie*), Jean Guitton evocou, nestes termos, a intenção com que Paulo VI mandou realizar o novo rito:

“A Missa de Paulo VI, primeiramente, apresenta-se como um banquete, e insiste muito sobre o aspecto de participação em um banquete, e muito menos sobre a noção de Sacrifício ritual em face de Deus - com o sacerdote somente mostrando as costas. Então, creio não me enganar ao dizer que a intenção de Paulo VI, e da nova Liturgia, que leva seu nome, é a de pedir aos fiéis uma maior participação na Missa, a de dar maior espaço para a Escritura, um menor espaço a tudo que há...; alguns dirão, de mágico, outros,

---

<sup>276</sup> Essa adição das palavras “transsubstanciação” e “propiciatório” foi feita na edição típica (isto é, oficial) do novo missal, promulgada em 26 de março de 1970, pela Congregação do Culto Divino.

<sup>277</sup> Max Thurian em *La Croix* de 30 de maio de 1969.

Consagração transubstancial, e que é a Fé Católica. Dito de outra forma, há, em Paulo VI, uma intenção ecumênica de apagar; ou, ao menos de corrigir; ou, ao menos de suavizar o que há de católico demais, no sentido tradicional, na Missa, e de aproximar a Missa - eu o repito - da Ceia calvinista.”

+ *Há outros testemunhos da orientação ecumênica da nova Liturgia?*

O principal autor da reforma litúrgica, o padre Annibal Bugnini (1912-1982), nunca escondeu suas intenções ecumênicas. Delas fez a confissão mais significativa, em 1965, em uma pequena frase surpreendente, que merece ser lida duas vezes:

“A Igreja foi guiada pelo amor às almas e pelo desejo de tudo fazer para facilitar a nossos irmãos separados o caminho da união, removendo toda pedra que poderia constituir qualquer sombra de risco de obstáculo ou de desprazer”<sup>278</sup>.

Releiamos: remover toda pedra, 1) que *poderia* constituir (no futuro do pretérito); 2) *sombra*; 3) de um *risco*; 4) de *desprazer*...

+ *Como os protestantes avaliaram a Missa nova de Paulo VI?*

Muitos protestantes – que, evidentemente, recusavam a Missa tradicional – afirmaram que não viam nenhuma dificuldade em utilizar o novo rito para celebrar sua Ceia protestante. Além de Max Thurian (em *La Croix* de 30 de maio de 1969); podem-se citar, entre outros, G. Siegvall (*Le Monde* de 22 de novembro de 1969); Roger Mehl (*Le Monde* de 10 de setembro de 1970); Otfried Jordahn (conferência de 15 de junho de 1975, a Maria Laach); enfim, a Declaração oficial do Consistório Superior da igreja da Confissão de Augsburgo da Alsácia-Lorena, de 08 de dezembro de 1973.

+ *Os protestantes foram os únicos não-católicos a influenciar a preparação da Liturgia nova?*

Além da influência protestante, a reforma litúrgica de 1969 sofreu a influência da Maçonaria.

+ *Como se exerceu essa influência maçônica sobre a reforma litúrgica de 1969?*

---

<sup>278</sup> Annibal Bugnini, DC nº 1445(1965), col.604. Annibal Bugnini comentando as modificações trazidas à Liturgia da Sexta-Feira Santa.

A influência da Maçonaria sobre a reforma litúrgica se exerceu, primeiramente, de modo indireto, graças à abertura ao mundo pregada por Vaticano II, no momento mesmo em que a sociedade civil se deixava dominar pelos slogans maçônicos: progresso, culto do homem, liberdade, secularização, tolerância, igualdade, etc. Tudo o que manifestava a transcendência divina, o senso do sagrado, o respeito pela autoridade, o desprezo do mundo, a confissão de nosso estado de pecadores, a importância do combate espiritual, a necessidade do sacrifício e da reparação, ou mesmo apenas o claro reconhecimento de uma ordem *sobrenatural*, tudo isso pareceu inadaptado ao “homem moderno”, e foi eliminado ou edulcorado.

+ *Podeis dar exemplos dessas mudanças?*

A nova Liturgia modificou ou expurgou textos que falavam claramente demais:

- a) do *inferno* ou do *diabo* (*Dies irae* na missa dos defuntos; coletas do XVIIº domingo depois de Pentecostes, de São Nicolau, São Camilo de Lelis, etc.);
- b) do *pecado original* (coleta de Cristo-Rei);
- c) da *penitência* (coletas de São Raimundo de Peñafort, de São João Maria Vianney cura d’Ars, da Quinta-Feira depois das Cinzas);
- d) do *desprezo das coisas da terra* (coleta de São Francisco de Assis, pós-comunhão do IIº domingo do Advento; secreta do IIIº domingo depois da Páscoa);
- e) da necessária *satisfação* pelos pecados ( Coleta da Festa do Sagrado Coração de Jesus);
- f) dos *inimigos* da Igreja (comunhão da Festa da Exaltação da Santa Cruz, coletas de São Pio V, São João Capistrano, etc.);
- g) dos *perigos do erro* (oração da Sexta-Feira Santa pela conversão dos hereges e cismáticos; coletas de São Pedro Canísio, São Roberto Bellarmino, Santo Agostinho de Cantorbéry);
- h) dos *milagres* dos santos (coletas de São Nicolau, São Francisco Xavier, São Raimundo de Peñafort, São João de Deus, Santa Francisca Romana, etc.).<sup>279</sup>

+ *Essas supressões eram, verdadeiramente, a expressão de um espírito novo?*

Paulo VI declarou, nesse mesmo ano de 1969:

---

<sup>279</sup> Resumimos aqui o estudo de Dom Edouard Guillou O.S.B “*Les oraisons de La nouvelle messe et l’esprit de La reforme liturgique*”. Encontra-se, neste, o texto completo dessas orações e exemplos complementares (estudo publicado em *Fideliter* nº 86, março-abril de 1992, p.58ss.).

“A partir do Concílio, propagou-se, na Igreja, uma onda de serenidade e de otimismo, um Cristianismo estimulante e positivo, amigo da vida, dos valores terrestres (...). Uma intenção de tornar o Cristianismo aceitável e amável, indulgente e aberto, desprendido de qualquer rigorismo medieval, de toda interpretação pessimista dos homens, de seus costumes.”<sup>280</sup>

+ *Houve também uma influência direta da Maçonaria sobre a reforma litúrgica de 1969?*

Em 1975, o grande arquiteto da missa nova, Annibal Bugnini, foi denunciado a Paulo VI como maçom. O eclesiástico que o acusava fornecia provas e ameaçava tornar a coisa pública. Paulo VI levou a coisa muito a sério, e, para evitar escândalo, demitiu imediatamente Mons. Bugnini de suas funções de Secretário da Congregação para o Culto Divino, antes de nomeá-lo pró-núncio em Teerã (janeiro de 1976).<sup>281</sup> Em 1976 e 1978, encontrou-se o nome de Annibal Bugnini nas listas de prelados maçons publicadas pela imprensa italiana.<sup>282</sup>

## **62. A promulgação de um rito não pertence à infalibilidade da Igreja?**

**Afirma-se, às vezes, que a promulgação de um novo rito ou a publicação de uma lei universal (por exemplo, uma lei litúrgica) estariam automaticamente no âmbito da infalibilidade da Igreja, de sorte que nada nestes se poderia encontrar de falso ou de prejudicial à Igreja. Mas não é verdade. É o mesmo com a Liturgia e com o ensinamento do Papa. Do mesmo modo que nem toda palavra do Papa é infalível; mas que a infalibilidade só lhe pertence em certas condições; igualmente,**

---

<sup>280</sup> Paulo VI, DC nº 1538 (1969), col.1372.

<sup>281</sup> Ver, entre outros, as memórias de Mons. Bugnini (*The Reform of the Liturgy, 1948-1975*, p.91) e a pesquisa de Michäel Davies (*Liturgical Revolution, Pope Paul's New Mass*, Augustine Publishing Company, Devom, 1981, part 3, p.505).

<sup>282</sup> Listas publicadas em *Panorama* nº538 (10.08.76), depois em *L'Osservatore Politico* de Mino Pecorelli (12.09.1978). Notemos que o jornalista Mino Pecorelli era , ele mesmo, maçom. Foi assassinado a tiros alguns meses mais tarde (20 de março de 1979). Sobre esse caso, ver a pesquisa do professor Carlo-Alberto Agnoli, *La Maçonnerie à La conquête de l'Eglise*, Versailles, Publications Du Courier de Rome, 2001.

**nem toda ordenança litúrgica é, em si mesma, infalível. Esta o será apenas se a autoridade eclesiástica promulgá-la com toda a sua autoridade e engajar a sua infalibilidade.**

+ *Já ocorreu, no passado, que a Santa Sé publicasse livros litúrgicos que podiam favorecer o erro?*

Sim, já ocorreu (embora excepcionalmente) que a Santa Sé publicasse livros litúrgicos que podiam favorecer o erro.

+ *Podeis dar um exemplo?*

O Pontifical Romano conteve, por muito tempo, uma rubrica recomendando ao Bispo de bem velar, na hora da ordenação do sacerdote, para que este tocasse o cálice e a patena, pois seria através disso que o caráter sacerdotal seria impresso. Essa rubrica foi suprimida por Pio XII (*Sacramentum ordinis* 1947) precisando que somente a imposição das mãos é matéria essencial da ordenação sacerdotal.

+ *Podeis dar outro exemplo?*

O Pontifical Romano do século XIII continha um erro ainda mais surpreendente. Afirmava que a Consagração do vinho no Sangue de Cristo poderia ser realizada, mesmo sem as palavras da Consagração, tão só pelo contato do vinho com uma Hóstia consagrada.

+ *Como se pode explicar a presença de tais erros nos livros litúrgicos aprovados pela Santa Sé?*

Esses erros são possíveis porque a Santa Sé, ao aprovar as rubricas, não lhes entendia dar valor de definições dogmáticas. É óbvio para todo mundo. (Os teólogos discutiram até Pio XII sobre a matéria do Sacramento da Ordem; não consideravam essas rubricas suficientes para resolver a questão).

+ *O que se pode concluir desses exemplos?*

Esses exemplos mostram à evidência que a Santa Sé não engaja sempre sua infalibilidade em matéria litúrgica. Para saber em que medida a infalibilidade está

engajada, é necessário considerar atentamente a natureza, o conteúdo essencial, as circunstâncias e o grau de autoridade das decisões tomadas.

+ *Não é surpreendente que a Igreja não engaje sempre sua infalibilidade na Liturgia?*

Os Concílios mesmos, e os documentos pontifícios, ficam longe de engajar a infalibilidade, em todas e cada uma de suas partes; mesmo quando têm por objetivo *direto* e primeiro ensinar a doutrina. É, pois, lógico que os ritos litúrgicos – que só a ensinam de modo *indireto* – também não a engajem sempre.

+ *Se não engaja sempre a infalibilidade, pode-se, pois, criticar livremente a Liturgia estabelecida pela Igreja?*

Embora não envolva sempre a infalibilidade (e que possa, então, excepcionalmente, conter erros), a Liturgia estabelecida pela Igreja deve ser venerada e respeitada. Seria temerário, escandaloso e ímpio pretender submetê-la, **por princípio**, ao nosso julgamento **particular**.<sup>283</sup>

+ *A disciplina e a Liturgia estabelecidas pela Santa Sé devem, então, ser sempre aceitas; mesmo quando não engajam a infalibilidade?*

Como regra geral, sim; a disciplina e a liturgia estabelecidas pela Santa Sé devem sempre ser integralmente aceitas (do mesmo modo que é preciso aderir ao todo de seu ensinamento, sem se limitar ao que é infalível). Em caso de crise excepcional, todavia, *se há a evidência* de que uma decisão que não engaja a infalibilidade é perigosa para a Fé; pode-se, e *deve-se* mesmo resistir-lhe.

+ *É, então, possível que um Papa tente promulgar uma Liturgia perigosa para a Fé?*

---

<sup>283</sup> O Papa Pio VI, em sua Bula *Auctorem fidei*, assim condenou o sínodo jansenista de Pistóia (1786), que havia declarado que, na disciplina estabelecida e aprovada pela Igreja, era necessário fazer uma triagem, distinguindo o que era necessário ou útil do que era inútil, pesado, perigoso ou nocivo. Pio VI declarou que essa proposição era “falsa, temerária, escandalosa” (DS 2678).

A situação presente indica – infelizmente, aliás - que não é impossível que um Papa, em tempo de crise excepcional, pretenda promulgar uma Liturgia que, sem ser propriamente herética, seja perigosa para a Fé. Uma tal catástrofe é facilitada pela mentalidade liberal dos Papas pós-conciliares, que repugnam, visivelmente, engajar sua infalibilidade. Por outro lado, é impossível que uma tal Liturgia seja aceita, pacificamente, por toda a Igreja (isso sim significaria que as “portas do Inferno teriam prevalecido”)<sup>284</sup>. De fato, o caráter nocivo da nova Liturgia foi solenemente denunciado, em Roma mesmo, por Cardeais (dentre os quais, o Cardeal Ottaviani, que havia sido Pró-Prefeito do Santo Ofício – e, pois, número dois do Vaticano –sob três Papas sucessivos). Em todo o orbe, Bispos, padres e fiéis recusaram, publicamente, celebrá-la ou de se lhe associar.

*+ Pode-se estar certo de que a nova Liturgia de Paulo VI não engaja a infalibilidade pontifícia?*

No que concerne à Missa nova, o Papa Paulo VI declarou que seus ritos podem receber diversas qualificações teológicas:

“O rito e a correspondente rubrica não são, em si mesmos, uma definição dogmática. Podem ter qualificações teológicas de valor diverso, segundo o contexto litúrgico ao qual se refiram. São gestos e palavras aplicados a uma ação religiosa vivida, vivendo de um Mistério inexprimível de presença divina, e que não é sempre realizada

---

<sup>284</sup> Pio VI, na Constituição *Auctorem fidei*, 28.08.1794, condenou os jansenistas que se exprimiam “como se a Igreja, que é regida pelo Espírito Santo, pudesse estabelecer uma disciplina (...) perigosa, nociva (...)” (DS 2678). Esse texto, que não tem nem a autoridade, nem a precisão de uma definição dogmática, mostra bem que as autoridades eclesiásticas gozam de uma certa infalibilidade em matéria disciplinar e litúrgica; mas não indica as condições, nem os limites exatos desta infalibilidade. Esperando que a Igreja resolva, os teólogos estão reduzidos, nesta questão, às hipóteses.

sob uma forma unívoca. Somente a crítica teológica pode analisar essa ação e exprimi-la em fórmulas doutrinárias logicamente satisfatórias”.<sup>285</sup>

+ *O que é necessário concluir?*

A afirmação segundo a qual a Missa nova seria objeto da infalibilidade da Igreja é insustentável.

### **63. *O que pensar da Missa versus populum?***

**A celebração de frente para o povo tem por objetivo apresentar a Missa como uma refeição (o altar, de frente para o povo, toma geralmente a forma de uma mesa). O sacerdote, neste caso, é aquele que preside a mesa, e vira-se, naturalmente, em direção ao povo. Mas, porque a Missa não é, essencialmente, uma refeição, esta prática deve ser rejeitada.**

**Ademais, a celebração *versus populum* dá a impressão de uma cerimônia puramente mundana, em que o homem está no centro. A oração se torna mais difícil, pois esse face a face humano não orienta em direção ao Senhor (*ad Dominum*).**

+ *A Missa versus populum não é um retorno aos usos da Igreja primitiva?*

É, em realidade, muito duvidoso que a Missa tenha sido celebrada de frente para o povo na Antigüidade Cristã. Mas, mesmo se for o caso, um retorno a formas litúrgicas abandonadas *desde muito tempo* não seria boa coisa. Uma tal atitude se opõe à verdadeira Tradição (que se apegava ao que foi *transmitido* [em latim: *tradere*] e não ao que foi removido). É o arqueologismo, que Pio XII denunciou na encíclica *Mediator Dei*, como uma “excessiva e mal-sã paixão pelas coisas antigas”.

+ *Pio XII precisou sua condenação ao “arqueologismo”?*

Pio XII explica:

---

<sup>285</sup> Paulo VI, Audiência Geral de 19 de novembro de 1969; DC nº 1552 (1969), p.1056.

“Por exemplo, seria sair do reto caminho querer dar ao altar sua primitiva forma de mesa (...) Quando se trata da Liturgia sagrada, quem quer que desejasse retornar aos antigos ritos e costumes, rejeitando as normas *introduzidas sob a ação da Providência*, em razão das circunstâncias, não estaria movido, evidentemente, por uma solicitude sábia e justa.”<sup>286</sup>

É preciso acrescentar que as práticas litúrgicas da Antigüidade são apenas imperfeitamente conhecidas. Expõe-se, pretendendo-se a estas retornar, a muitos erros.

+ *A disposição das Basílicas romanas não prova, de modo indubitável, que, na Antigüidade, a Missa era celebrada de frente para o povo?*

É, ao contrário, muito verossímil que a celebração *versus populum* nunca tenha existido na Antigüidade. É verdade que algumas Basílicas dão a impressão de que o sacerdote celebrava virado para o povo. Na realidade, é para o Oriente que ele queria se virar, e não ao povo. Se a Basílica estava dirigida para o oeste, o sacerdote se virava para o leste durante o cânon, pois se via no sol que nascia um símbolo de Cristo ressuscitado. Tinha, então, o povo diante de si; mas este, igualmente, virava-se em direção ao leste e tinha, pois, o sacerdote *detrás* de si. Todos rezavam, virados juntos para o Senhor (*ad Dominum*).

+ *Não houve então, na Antigüidade Cristã, celebração versum populum?*

O que é seguro é o seguinte:

- i) Que não era a regra geral;
- ii) Que se ocorreu, não era *na intenção* de colocar sacerdote e fiéis face a face. A idéia segundo a qual o celebrante deveria celebrar virado para os fiéis é uma idéia de origem luterana. Não se a encontra jamais antes.

#### **64. A Missa nova é válida?**

**A validade da Missa depende da validade da Consagração (transubstanciação do pão no Corpo de Cristo, e, do vinho no Seu Sangue).**

---

<sup>286</sup> Pio XII, encíclica *Mediator Dei*.

A Missa nova é válida, se é celebrada por um sacerdote *validamente ordenado*, que emprega a *matéria* requerida (pão de trigo e vinho de vinha), pronunciando as *palavras* requeridas (as da Consagração) e tendo a *intenção* requerida. O sacerdote deve, com efeito, querer fazer o que fazem Cristo e a Igreja, quando da celebração da Missa (deve ser um instrumento consciente a Seu serviço). Se ele se colocar em contradição consciente com a intenção da Igreja (recusando-se, por exemplo, a celebrar um sacrifício, e querendo apenas fazer memória da Última Ceia), a Missa seria inválida. Ora, pelo fato mesmo de que o rito novo possa facilmente ser compreendido num sentido protestante, pode muito facilmente ser usado por sacerdotes que não teriam mais a intenção requerida para a celebração da Missa. A coisa não tem nada de improvável, quando se vê a imagem totalmente falsa da Igreja, do sacerdócio e da Missa, que foi comunicada a muitos dos futuros sacerdotes, nos novos seminários.

Além disso, o emprego de um pão diferente do pão de trigo; de um vinho diferente do vinho de vinha ou a omissão das palavras da Consagração tornariam também inválida a Missa.

*+O fato de que as palavras da Consagração tenham sido modificadas no novo missal não pode pôr em dúvida a validade da Missa nova?*

Essa modificação da fórmula de Consagração – que a aproxima do culto luterano – é lamentável; mas não basta, em si, para pôr em dúvida a validade da Missa nova (o significado essencial das palavras da Consagração está conservado). Por outro lado, certas traduções colocam um problema particular.

*+ Certas traduções da fórmula consecratória podem levar a duvidar da validade da Missa?*

O problema vem do fato de que, em vários países, as palavras da Consagração do vinho foram mal traduzidas. O texto latino diz: “Meu Sangue, que é derramado por vós e por muitos. [*pro multis*]”. O francês adota uma tradução ambígua (“por vós e pela multidão”). Mas muitos idiomas (notadamente o inglês) adotaram uma tradução francamente falsa: “Meu Sangue, que é derramado por vós e por todos” ( em inglês: *for all*). Ora, esta tradução modifica o sentido do texto. Não se acham as palavras “por

todos”, nem nos relatos da instituição da Eucaristia na Sagrada Escritura, nem nas palavras consecratórias de nenhuma Liturgia tradicional.

+ *Não é verdade que Jesus Cristo derramou Seu sangue por todos os homens?*

É muito verdadeiro que Cristo derramou Seu Sangue por todos, e que, por isso, todos os homens têm a possibilidade de obter a salvação (a salvação é proposta a todos). Mas, na Missa, trata-se da Nova Aliança (“Este é o cálice do Meu Sangue, Novo e Eterno Testamento”), e a esta Aliança não pertencem *todos* os homens; mas somente *muitos*; a saber, aqueles que recebem a Salvação. Na Missa, não se trata do *oferecimento* da salvação; mas de sua efetiva *obtenção*.

+ *Essa falsa tradução tem conseqüências ?*

É óbvio que essa falsa tradução está ligada à teoria moderna da salvação universal (nenhum homem se perde). Essa má tradução, que é um erro de fato, favorece, pois, uma verdadeira heresia !!!

+ *Essa falsa tradução torna a Missa inválida?*

Não é certo que essa falsa tradução torne inválida a Consagração (já que o sacerdote pode compreender “por todos” em um sentido que não vá contra a Fé; a saber, o de que a salvação é *proposta* a todos). Mas, torna, ao menos, *duvidosa* essa validade (sobretudo se o sacerdote entende a fórmula no sentido herético: todos os homens estão salvos).

+ *Não é dar muita importância a um pequeno erro de tradução?*

Não se trata de um “pequeno erro de tradução”; mas de uma modificação voluntária, à qual os *inovadores mesmos* dão muita importância. Na Hungria, por exemplo, os missais tinham ainda, há alguns anos, a tradução “por muitos”. Depois da abertura das fronteiras, novos missais foram editados, nos quais se encontra, doravante, a fórmula “por todos”. Se os inovadores se apegam tanto a uma única palavra, é porque eles lhe outorgam muita importância.

+ *Há outros sinais da importância que os inovadores outorgam à substituição da expressão “por muitos” pela expressão “por todos”?*

Um sinal da importância que os inovadores outorgam a esta fórmula errônea é que, depois de terem tentado impô-la por meio de más traduções, chegaram mesmo a falsificar o texto latino. O texto latino da Missa nova compreendia, com efeito, ainda a fórmula “*pro multis*” (“por muitos”). Ora, esta fórmula foi substituída pela fórmula “*pro omnibus*” (“por todos”) no texto latino da encíclica *Ecclesia de Eucharistia* de João Paulo II, de 17 de abril de 2003, §2º; tal como fora difundido pela Sala de Imprensa da Santa Sé (e no site do Vaticano na internet).

+ *Uma tal falsificação não gerou protestos?*

Essa falsificação gerou tantos protestos que, finalmente, a versão oficial (a que está publicada em *Acta Apostolica Sedis*) foi corrigida, e traz a expressão “*pro multis*”.<sup>287</sup> Mas, o episódio permanece muito significativo. Os partidários da salvação universal querem dobrar a Liturgia à sua heresia. Foram parcialmente bem-sucedidos nisso, com a Missa nova de 1969 (que suprimiu ou atenuou as menções ao Inferno), e prosseguem em seus esforços.

**65. *É permitido tomar parte na Missa nova?***

**Mesmo se a Missa nova é válida, desagrada a Deus, enquanto é ecumênica e protestantizante. Representa, ademais, um perigo para a Fé no Santo Sacrifício da Missa. Deve, então, ser rejeitada. Quem compreendeu a problemática da Missa nova não deve mais assistir-lhe, pois colocaria em perigo a sua Fé, voluntariamente, e, ao mesmo tempo, encorajaria os outros a fazer o mesmo, parecendo dar seu assentimento às reformas.**

+ *Como uma Missa válida pode desagradar a Deus?*

Mesmo a Missa sacrílega que um sacerdote apóstata celebrasse para se rir de Cristo poderia ser válida. É, todavia, evidente que ofenderia a Deus, e que não seria permitido tomar parte nela. Do mesmo jeito, a Missa de um sacerdote grego cismático

---

<sup>287</sup> *Acta Apostolica Sedis*, 07 de julho de 2003, p.434. – Sobre este episódio, ver *Le Sel de La terre* n°48, p.211. (nota dos editores franceses).

(válida, e celebrada segundo um rito venerável) desagrada a Deus, enquanto que é celebrada em oposição a Roma e à única Igreja de Cristo.

*+ Não se pode, entretanto, assistir á Missa nova quando é celebrada de modo digno e piedoso por um sacerdote católico de fé absolutamente correta?*

Não é aqui o celebrante que está em questão; mas o rito que este emprega. É, infelizmente, *um fato* que o novo rito deu a muitos católicos uma falsa noção da Missa, mais próxima da Ceia protestante do que do Santo Sacrifício. A Missa nova é uma das fontes principais da atual crise de Fé. É imperativamente necessário se distanciar dela.

***66. Pode-se assistir á Missa nova em certas circunstâncias?***

**É preciso aplicar à Missa nova regras análogas às que valem para a assistência a uma cerimônia não-católica. Pode-se lá estar presente por razões familiares ou profissionais; mas deve-se comportar-se passivamente, e, sobretudo, não se vai comungar.**

***67. O que se deve fazer, quando não é possível assistir todos os domingos à Missa tradicional?***

**Aquele que não tem a possibilidade de assistir à Missa tradicional está escusado da obrigação da Missa naquele domingo. O preceito da Missa dominical somente obriga, com efeito, à assistência de uma verdadeira Missa católica. Deve-se, todavia, nesse caso, esforçar-se para assistir à Missa tradicional, ao menos, em intervalos regulares. Ademais, mesmo se está-se dispensado da assistência da Missa (que é um Mandamento da Igreja), não se está do Mandamento de Deus (“Tu santificarás o Dia do Senhor”). É necessário então substituir, de uma maneira ou de outra, essa Missa que não se pôde ter: por exemplo, lendo seu texto no missal, unindo-se de intenção a uma Missa celebrada em outro lugar, durante o tempo da mesma, e praticando a Comunhão espiritual.**

***68. Como se deve receber a Santa Comunhão?***

**A Santa Comunhão deve ser recebida com respeito, pois contém Nosso Senhor Jesus Cristo com Seu Corpo, Seu sangue, Sua Alma humana e Sua**

**Divindade. A melhor forma de exprimir esse respeito é receber a Santa Comunhão sobre a língua, da mão do sacerdote, e de joelhos.**

+ *Jesus Cristo afirmou que está realmente presente na Eucaristia?*

Sim, Jesus Cristo afirmou solenemente Sua Presença Real na Eucaristia:

“Minha Carne é *verdadeiramente* alimento e Meu Sangue é *verdadeiramente* bebida. Quem come a Minha Carne e bebe Meu Sangue permanece em Mim e Eu, nele.”(Jo 6, 55).

+ *Nosso Senhor exprimiu essa Verdade em outras ocasiões?*

Nosso Senhor muito claramente exprimiu o que é a Santa Eucaristia logo mesmo na Sua Instituição, quando celebrou a primeira Missa, no curso da Última Ceia:

“Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e deu-o a seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei, isto é Meu Corpo”. Depois, tomou o cálice, deu graças, deu-o a seus discípulos, dizendo: “Bebei todos, pois isto é Meu Sangue da Aliança, que é derramado por muitos em remissão dos pecados” (Mt 26,26).

+ *Quem negou a Presença Real de Cristo na Eucaristia?*

Durante quinze séculos e, salvo algumas raríssimas exceções (o herege Béranger de Tours, no século XI, que terminou por abjurar seu erro), os cristãos creram unanimemente na Presença Real de Cristo na Santa Eucaristia. Tinham em grande honra esse Sacramento, considerando-o como o mais precioso presente do Senhor. Foi somente no século XVI que os líderes da revolta protestante conseguiram levar multidões a negar a Fé na Eucaristia.

**69. A Comunhão na mão é uma maneira digna de comungar?**

**Tal como é hoje praticada, a Comunhão na mão não respeita a Nosso Senhor Jesus Cristo realmente presente na Hóstia. Contraria a Fé na Presença Real, e deve ser rejeitada. Nunca existiu, sob esta forma, na Igreja.**

+ *A distribuição da Comunhão na mão não é uma prática da Igreja primitiva?*

A Santa Comunhão foi distribuída na mão, em certas partes da Igreja primitiva; mas de modo completamente diferente do de hoje. O comungante se inclinava para a

receber; e , ao menos, em algumas regiões, devia ter a mão recoberta por um véu. O sacerdote depositava a Hóstia na mão *direita*, e o fiel A levava à boca, sem pegá-La com a outra mão.

+ *Essas diferenças de detalhe são verdadeiramente importantes?*

Essas diferenças manifestam um estado de espírito completamente diferente do que prevalece hoje. A maneira hoje difundida de tomar a Hóstia se assemelha a um gesto de apossamento e de dominação inteiramente inoportuno para com o Corpo de Cristo.

+ *Essa diferença de espírito entre a prática da Igreja primitiva e a prática atual se manifesta de outro modo?*

Essa diferença de espírito se manifesta na grandíssima atenção dada às partículas. São Cirilo de Jerusalém exorta os fiéis a estarem atentos para que nenhuma delas caísse por terra:

“Toma cuidado para que nada caia por terra. O que tu farás cair, seria como a perda de um dos teus membros. Dize-me, pois: se alguém te desse ouro em pó, não o recolherias cuidadosamente a fim de que nada fosse perdido em tua desvantagem? Não deverias ser muito mais atento para que nenhuma migalha se perca daquilo que é bem mais precioso do que o ouro ou do que o diamante ?”<sup>288</sup>

+ *O que manifesta essa exortação de São Cirilo?*

Aqui tudo inspira o respeito ! Onde se escutam hoje tais advertências ? Com a Comunhão na mão, numerosas parcelas caem por terra, sem que ninguém se atente. É uma falta de respeito objetivo para com Cristo.

+ *Se, todavia, a Comunhão na mão já foi praticada na Igreja, como se pode recusá-la hoje?*

---

<sup>288</sup> São Cirilo de Jerusalém, quinta catequese mistagógica, 21; PG 33, 1126.

Esse argumento reproduz um dos sofismas máximos da Revolução Litúrgica: o sofisma do *arqueologismo*, já denunciado e condenado por Pio XII.<sup>289</sup>

+ *Em que esse argumento é um sofisma?*

Esse argumento supõe que aquilo que era bom na Antigüidade cristã seja necessariamente o melhor para hoje, e deva ser preferido a tudo que a Igreja instituiu no curso dos séculos. É evidentemente falso. O que era, originalmente, sem perigo, graças ao fervor primitivo, e porque não houvera ainda heresia contra a Presença Real, pode ser perigoso, desde que os protestantes negam a Transubstanciação. Ademais, o amor é inventivo, e o desenvolvimento progressivo é a lei da vida das criaturas. É, então, normal que a Igreja tenha desenvolvido bastante, com o tempo, a expressão da Fé e de Seu respeito para com o Santíssimo Sacramento. Querer retornar às práticas (*materiais*) da Igreja primitiva é, na realidade, trair o Seu *espírito*, pois é recusar todo o desenvolvimento que trazia em germen e ao qual Ela mesma deu impulso.

+ *Não se pode dizer que recusar hoje a Comunhão na mão é também recusar o impulso e o desenvolvimento progressivo de que é portadora a Igreja?*

Uma mudança somente pode ser qualificada de “progresso” de acordo com critérios de avaliação (A proliferação anárquica das células em um organismo vivo caracteriza bem um certo *progresso*; mas o do câncer, não o da vida). Ora, trata-se aqui de manifestar a Fé e o respeito para com Nosso Senhor. É, pois, evidente que a Comunhão na mão não constitui um progresso; mas uma regressão. Ademais, essa prática foi introduzida de modo revolucionário e subversivo no seio da Igreja.

+ *Por que dizeis que a Comunhão na mão foi introduzida na Igreja de modo revolucionário e subversivo?*

A Comunhão na mão foi, primeiramente, praticada sem autorização, contra as regras explícitas da Santa Igreja, por alguns grupos muito progressistas. Em 29 de maio de 1969, a instrução *Memoriale Domini* indicava essas desobediências, e lembrava, em detalhes, todas as vantagens da Comunhão na boca.<sup>290</sup> Assinalava que uma enquete feita

---

<sup>289</sup> Ver a pergunta nº 63 deste catecismo.

<sup>290</sup> DC nº1544 (1969), p.669-671; ver sobre este assunto *Itinéraires* nº 163 (maio de 1972).

junto aos Bispos de rito latino manifestava que a grande maioria deles era contra a introdução da Comunhão na mão.<sup>291</sup> Concluía que o uso tradicional devia ser mantido e exortava vivamente os Bispos, os padres e os fiéis a respeitá-lo com atenção.

+ *Como a Comunhão na mão se difundiu depois ter sido assim condenada?*

A Comunhão na mão se difundiu porque esse texto (redigido em nome de Paulo VI pelo Cardeal Gut e pelo inevitável Annibal Bugnini) era liberal. Depois de ter exposto todas as razões da necessidade da manutenção do costume tradicional, e ter afirmado que o Papa queria essa manutenção, terminava permitindo fazer o contrário !!! Agora que a questão parecia regulada por tudo o que precedia, o texto acrescentava, com efeito, que, lá onde *já* havia o hábito de comungar na mão (quer dizer, lá onde já se havia desobedecido !!!), as Conferências Episcopais podiam, se os fiéis o pedissem, e, com certas condições, autorizar essa nova prática.

+ *Quais foram as conseqüências dessa instrução Memoriale Domini ?*

A instrução *Memoriale Domini* autorizava, de fato, a Comunhão na mão, ao parecer proibi-la. Na Europa ocidental, e na América do Norte, as conseqüências foram imediatas: a nova prática, que o Papa afirmava somente autorizar com reservas, como uma tolerância, e por causa do pedido instantâneo dos fiéis, foi, por quase toda parte, imposta *em nome da obediência ao Papa* a fiéis que nunca a haviam pedido.

### ***70. Quais são as conseqüências da Comunhão na mão?***

**Além de favorecer os sacrilégios, a Comunhão na mão (e em pé) é, no mínimo, co-responsável pela perda, por muitos fiéis, da Fé na Presença Real de Cristo no Sacramento da Eucaristia. Aquele que, seriamente, crer receber o Homem-Deus na Santa Comunhão não pode se aproximar deste Sacramento sem manifestar seu respeito. A Comunhão na mão conduziu, pois, primeiramente, à tibieza e à indiferença; depois, à perda da Fé.**

---

<sup>291</sup> Em 2115 respostas válidas, 1233 Bispos se opunham categoricamente à introdução da Comunhão na mão, enquanto que somente 567 aprovavam-na sem reservas.

+ *Pode-se, verdadeiramente, atribuir à Comunhão na mão a perda atual da Fé na Presença Real de Nosso Senhor?*

A Comunhão na mão, sem dúvida, não é a causa única. Os erros e as lacunas da catequese e da pregação têm certamente sua parcela de responsabilidade, já que se apresentou, freqüentemente, a Presença Real como uma simples presença simbólica, negando a conversão real do pão no Corpo de Cristo. Mas a Comunhão na mão preparou os fiéis a aceitar esses falsos ensinamentos, pois se a Hóstia é só um símbolo de Cristo, nada há de surpreendente em receber a Comunhão sem um sinal particular de respeito.

### ***71. É preciso celebrar a Missa em latim?***

**Do mesmo jeito que não se usa a roupa do dia-a-dia para uma cerimônia importante, é grandemente conveniente que o idioma da Santa Liturgia não seja o da rua. A língua vulgar não combina com a ação sagrada. No Ocidente, o latim foi, durante séculos, a língua da Liturgia. Mas, em outras partes da Igreja, e mesmo em numerosas religiões não-cristãs, há também uma língua sagrada.**

+ *Os não-católicos utilizam também uma língua sagrada?*

A fixação da língua litúrgica, enquanto a língua corrente evolui, parece uma constante da humanidade. Os cismáticos gregos empregam na sua Liturgia o grego antigo; os russos utilizam o eslavônio. No tempo de Cristo, os judeus utilizavam já para a Liturgia o hebreu antigo, que não era mais a língua corrente (**e nem Jesus, nem os Apóstolos criticaram essa maneira de agir**). Encontra-se a mesma coisa no islã (o árabe literário, língua de oração, não é mais entendido pelas multidões) e em certas religiões orientais. Os pagãos romanos tinham, também, no seu culto, fórmulas arcaicas tornadas incompreensíveis.

+ *Como se pode explicar esse uso universal de uma língua sagrada no culto divino?*

O homem tem senso do sagrado naturalmente. Compreende instintivamente que o culto divino não depende de si; que deve respeitá-lo e transmiti-lo tal como o recebeu,

sem se permitir subvertê-lo. O emprego de uma língua fixa e sagrada, na religião, está conforme à psicologia humana, assim como à natureza imutável das realidades divinas.

**72. Os fiéis não compreendem melhor a Missa celebrada em seu idioma pátrio?**

**A Missa realiza Mistérios inefáveis que nenhum homem pode compreender perfeitamente. Esse caráter misterioso encontra sua expressão no emprego de uma língua misteriosa, que não é imediatamente compreendida por todos. (É também por isso que algumas partes da Missa são ditas em voz baixa).**

**A língua vernacular, ao contrário, dá a impressão superficial de uma compreensão que, na realidade, não existe. As pessoas imaginam compreender a Missa, porque é celebrada na sua língua materna. De fato, não sabem, geralmente, nada sobre a essência do Santo Sacrifício.**

*+ A função do latim é, pois, a de colocar uma barreira entre os fiéis e os Santos Mistérios?*

Não se trata de edificar um muro *opaco* que mascararia tudo; mas, ao contrário, de fazer apreciar melhor as perspectivas. É preciso, para isso, manter uma certa distância. Para penetrar um pouco no Mistério da Missa, a primeira condição é reconhecer humildemente que se trata, efetivamente, de um *Mistério*; de algo que nos supera.

*+ Se o caráter misterioso do latim é tão benéfico, é necessário dissuadir os fiéis de aprendê-lo, e lamentar por aqueles que o compreendem?*

O emprego do latim na Liturgia conserva o senso do Mistério mesmo para aqueles que conhecem esta língua. Somente o fato de que se trate de uma língua especial, distinta da língua materna e da língua da rua (uma língua que, *de si*, não é imediatamente compreendida por todos, embora, *de fato*, alguém a compreenda) basta para causar *um certo recuo*, que favorece o respeito. O estudo do latim cristão deve, pois, ser vivamente encorajado. O esforço que demanda contribuirá a elevar em direção ao Mistério – enquanto que a Liturgia em língua vulgar tende a rebaixá-lo ao nível humano.

+ *O emprego do latim não arrisca, entretanto, de deixar certos fiéis na ignorância da Liturgia?*

O Concílio de Trento tornou para o sacerdote uma obrigação pregar, com freqüência, sobre a Missa e explicar seus ritos aos fiéis. Os fiéis têm, ainda por cima, missais em que as orações latinas estão traduzidas. Podem, pois, ter acesso às belas orações da Liturgia, sem que as vantagens do latim sejam perdidas. A experiência prova, ademais, que, nos nossos países latinos, a compreensão do latim litúrgico (senão em todos os seus detalhes, ao menos de modo global) é, relativamente, fácil para quem se interessa em aprender.<sup>292</sup> O esforço de atenção requerido favorecerá a verdadeira participação dos fiéis na Liturgia: aquela da inteligência e da vontade. Enquanto que a língua vernacular arrisca, ao contrário, encorajar à preguiça.

+ *O emprego de uma língua sagrada na Liturgia não introduz um corte arbitrário entre a vida de todos os dias (“profana”) e a vida espiritual, enquanto que o papel do cristão deveria ser, ao contrário, de tudo consagrar a Deus (inclusive sua língua quotidiana)?*

Para viver o espírito de oração em todas as suas atividades, é necessário saber, por alguns instantes, abandonar essas mesmas atividades, para se consagrar apenas à oração. Aqui é a mesma coisa: utilizar, por alguns instantes, uma língua sagrada para melhor tomar consciência da transcendência de Deus será uma ajuda, e não um impedimento, à oração de cada instante.

### ***73. Que razões militam ainda em favor do emprego do latim?***

**Três outras razões em favor do emprego do latim são:**

- i) Sua imutabilidade (ou, ao menos, sua grande estabilidade);**
- ii) Seu emprego quase bimilenar na Liturgia;**
- iii) O fato de que simboliza e favorece a unidade da Igreja.**

---

<sup>292</sup> Ver, em *Le Sel de La terre* n°44, p.219-234 e p.252-255, o exemplo do padre Emmanuel, na sua paróquia camponesa de Mesnil-Saint-Loup. (nota dos editores franceses).

+ *Em que a imutabilidade do latim é uma vantagem?*

A Fé imutável requer, como instrumento proporcionado, uma língua que seja a mais imutável possível, e assim possa servir de referência. Ora, o latim, que não é mais uma língua corrente, não muda mais (ou quase não muda mais). Em uma língua corrente, ao contrário, as palavras podem sofrer mudanças de significado ou de registro muito rapidamente (podem tomar uma conotação pejorativa ou ridícula que não possuíam antes). O uso de uma língua assim pode então, facilmente, levar a erros ou a ambigüidades, enquanto que o uso do latim preserva, de uma só vez, tanto a dignidade quanto a ortodoxia da Liturgia.<sup>293</sup>

+ *Em que o uso quase bimilenar da língua latina na Liturgia é uma vantagem?*

Empregada na Liturgia durante quase dois mil anos, a língua latina foi como que santificada. É reconfortante poder rezar com as mesmas palavras que nossos antepassados e que todos os sacerdotes e monges desde séculos. Sentimos, de modo concreto, a continuidade da Igreja através dos tempos, e unimos nossa oração à Dela. O tempo e a eternidade se reúnem.

+ *Como o latim simboliza a unidade da Igreja?*

O latim não manifesta apenas a unidade da Igreja através do tempo; mas também no espaço<sup>294</sup>. Favorecendo a união com Roma (preservou a Polônia do cisma eslavo), une também entre si todas as nações cristãs. Antes do Concílio, a Missa de rito romano

---

<sup>293</sup> “O emprego da língua latina (...) é uma proteção eficaz contra toda corrupção de doutrina” (Pio XII, *Mediator Dei*) – “A dogmas imutáveis, é necessária uma língua imutável que proteja de qualquer alteração a própria formulação desses dogmas (...) Os protestantes e todos os inimigos da Igreja Católica sempre lhe reprovaram duramente o latim. Sentem que a imobilidade desta couraça defende, maravilhosamente, de toda alteração, essas antigas tradições cristãs, cujo testemunho os esmaga. Desejariam estilhaçar a forma, para atingir o fundo. O erro fala, com prazer, uma língua variável e cambiante” (Mons. De Ségur)

<sup>294</sup> “O emprego da língua latina, em uso em uma grande parte da Igreja, é um sinal de unidade manifesto e evidente (...)” (Pio XII, *Mediator Dei*).

era, por toda parte, celebrada na mesma língua. Os fiéis encontravam nos cinco continentes a Missa de sua própria paróquia. Hoje, essa imagem de unidade está estilhaçada. Não há mais nenhuma unidade na Liturgia: nem na língua, nem nos ritos. Ao ponto de que aquele que assiste a uma Missa celebrada numa língua que não conhece tenha muita dificuldade até mesmo em acompanhar as partes principais.

+ *Como se pode resumir a utilidade do latim?*

Nossa Igreja é Una, Santa, Católica e Apostólica. A língua latina contribui, a seu modo, para cada uma dessas características.<sup>295</sup> Por seu gênio próprio (língua imperial), seu caráter hierático (língua “morta”), e, sobretudo, a consagração que recebeu, junto com o hebraico e o grego, sobre o *titulum* da Cruz<sup>296</sup>, serve, excelentemente, à *santidade* da Liturgia. Pelo seu uso universal e supranacional (não é mais a língua de nenhum país), manifesta a *catolicidade* da Igreja. Por sua ligação com a Roma de São Pedro, e com tantos Padres e Doutores da Igreja, que foram, por sua vez, o eco dos Apóstolos e os artesãos do latim litúrgico (forjaram não apenas suas orações, hinos e respostas; mas o próprio latim cristão, que é, por muitos traços, uma completa renovação do latim clássico), é o garante de Sua *apostolicidade*. Por seu emprego oficial, enfim, que lhe faz a língua de referência tanto do Magistério, quanto da Liturgia e do Direito Canônico, concorre, eficazmente, para a tripla *unidade* da Igreja: unidade de Fé, unidade de governo e unidade de culto.

---

<sup>295</sup> “Com efeito, já que agrupa, em Seu seio, todas as nações; já que está destinada a existir até a consumação dos séculos, e já que exclui, totalmente, de Seu governo os simples fiéis, a Igreja, por sua própria natureza, tem necessidade de uma língua universal, definitivamente fixada, que não seja uma língua vulgar” (Pio XI, Carta Apostólica *Officiorum omnium*, 01.08.1922 – *Actes de Pie XI* (anos 1922-23), Paris, Bonne Presse, p.87-88).

<sup>296</sup> “Jesus Nazareno Rei dos Judeus (...); a inscrição estava em hebraico, em grego e em latim” (Jo 19,20).

## **CAPÍTULO VIII**

# **O SACERDÓCIO CATÓLICO**

**74. *O que é o sacerdote católico?***

**O sacerdote católico é, sobre a terra, o ministro do Sumo Sacerdote Eterno, Jesus Cristo – único Mediador (*pontífice: o que faz a ponte*) entre Deus e os homens. Pela ordenação sacerdotal, participa de Seus poderes. Só ele pode, validamente, celebrar o Sacrifício da Missa, perdoar os pecados, abençoar e consagrar.**

**O sacerdote não é, então, antes de tudo, o presidente de uma assembléia; mas possui faculdades que o simples fiel não tem. Foi, com efeito, aos Apóstolos somente, e não a todos os discípulos, que Cristo disse: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22,19).**

+ *Onde se pode encontrar uma definição do sacerdócio?*

A Epístola aos Hebreus ensina:

“Todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, está estabelecido para intervir em favor dos homens nas suas relações com Deus, a fim de oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” (Hb 5,1).

+ *O que essa definição manifesta?*

Essa definição manifesta que o sacerdote é:

- i) Tomado dentre os homens, e, pois, colocado à parte para ser *consagrado* a Deus;
- ii) Estabelecido, em favor dos homens, e, pois, encarregado de uma função *pública*: as relações dos fiéis com Deus;
- iii) Constituído como *sacrificador*.

+ *O sacerdote é então, essencialmente, um mediador?*

Sim, o sacerdote é, essencialmente, um *mediador*, um intermediário, entre Deus e os fiéis. (É, então, absurdo pretender, com Lutero, que todos os fiéis sejam sacerdotes!).

+ *Qual é a função mais importante do sacerdote?*

O sacerdote é, antes de tudo, o homem do Sacrifício, como indica a Epístola aos Hebreus. Ora, só há um Sacrifício válido no Novo Testamento: o de Nosso Senhor Jesus Cristo, que o sacerdote tem a possibilidade de oferecer em Seu nome – enquanto *ministro* – ao celebrar a Missa. O sacerdote é, primeiramente, o homem da Missa.

+ *Onde se pode achar a expressão dessa Verdade?*

No rito da ordenação, o Bispo diz ao novo ordenado, quando lhe dá o cálice e a patena:

“Recebe o poder de oferecer a Deus o Sacrifício e de celebrar a Missa tanto pelos vivos quanto pelos mortos. [Pontifical Romano].”

+ *Por que insistir tanto sobre esse nexos entre o sacerdote e o Sacrifício?*

O sacerdócio católico sofreu, desde o Concílio Vaticano II, uma verdadeira crise de identidade. Muitos sacerdotes não sabem mais o *porquê* de terem sido ordenados. Somente se pode sair desta crise, insistindo sobre o essencial: o sacerdote é separado dos outros homens e ordenado para render a Deus, pelo Sacrifício da Missa, o culto que Lhe é devido, e, para comunicar, aos fiéis, pelos Sacramentos, os frutos deste Sacrifício – notadamente, o perdão dos pecados.

+ *Como o sacerdote pode perdoar os pecados?*

O poder de perdoar os pecados foi dado por Cristo, aos Apóstolos e a seus sucessores, depois de Sua Ressurreição:

“Jesus lhes disse: A paz esteja convosco ! Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. Depois destas palavras, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo ! Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes; serão retidos àqueles a quem os retiverdes” (Jo 20, 21-22).

+ *Quem ataca, hoje, o sacerdócio católico?*

O sacerdócio católico é, infelizmente, atacado, no seio mesmo da Igreja, e por sacerdotes!!! Um sacerdote, o padre Pesch não hesita em escrever:

“Muitas coisas que nos parecem, hoje, evidentes, eram desconhecidas das primeiras comunidades cristãs. Não havia nem Papa, nem Bispos, nem sacerdotes, nem

ordens maiores, nem ordens menores. Não havia nexos entre a validade da Missa ou da absolvição e algumas ordens.”<sup>297</sup>

+ *Esses ataques contra o sacerdócio católico são novos?*

Essas afirmações heréticas não têm nada de original, pois os protestantes diziam já a mesma coisa no século XVI. O Concílio de Trento condenou-lhes, solenemente, os erros:

“Se alguém disser que a Ordem ou a ordenação sagrada não é, verdadeiramente e propriamente, um Sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo; ou que é apenas uma invenção humana, imaginada por homens ignorantes nas coisas eclesásticas; ou somente um rito pelo qual se escolhem os ministros da Palavra e dos Sacramentos; seja anátema.”<sup>298</sup>

“Se alguém disser que não há, na Igreja Católica, hierarquia instituída por uma disposição divina e que se compõe de Bispos, de sacerdotes e de outros ministros; seja anátema.”<sup>299</sup>

+ *Vaticano II tem alguma responsabilidade na atual crise do sacerdócio?*

Vaticano II contribuiu para a crise do sacerdócio, ao insistir, exageradamente, sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”.

+ *É falso que todos os cristãos participem, por causa de seu batismo, no Sacerdócio de Cristo?*

A expressão “participar no sacerdócio de Cristo” pode designar duas coisas muito diferentes:

- i) *Beneficiar-se* dos efeitos desse Sacerdócio; poder se inserir no Sacrifício de Cristo para *ser oferecido* com Ele, e *receber* os frutos desse Sacrifício.

---

<sup>297</sup> VM-Zur Zeite, revista dos redentoristas alemães, julho-agosto de 1980, p.91.

<sup>298</sup> Concílio de Trento, 23ª sessão, can.3; DS 1773.

<sup>299</sup> *Ibid.*, can.6; DS 1776.

– É a participação principalmente *passiva*, que não torna, de modo nenhum, sacerdote (no sentido próprio do termo).

- ii) *Exercer*, como ministro, esse sacerdócio; poder *oferecer*, realmente, o Sacrifício de Cristo, e *transmitir* os seus frutos. É uma participação *ativa*: aquela do sacerdote no sentido próprio.

+ *Essa distinção entre participação ativa e participação passiva no sacerdócio de Cristo é tradicional?*

Santo Tomás de Aquino explica que o Sacramento do Batismo “envia ao culto divino na qualidade membro *passivo* do Sacerdócio de Cristo”, enquanto que o Sacramento da Ordem “envia ao culto divino, enquanto membro *ativo* do Sacerdócio de Cristo”.<sup>300</sup>

+ *Os fiéis não têm, mesmo assim, uma atividade para exercer?*

Os fiéis devem se preparar, ativamente, para a união ao Sacrifício de Cristo, trabalhando em se sacrificarem a si mesmos: têm, pois, uma *atividade* importante para exercerem<sup>301</sup>; mas que não é a do sacerdote. Permanecem *passivos* com relação ao ato essencial do culto divino, que é o Sacrifício de Cristo: o seu próprio sacrifício é *assumido* pelo de Cristo, sem ter nenhuma influência sobre ele. O sacerdote ordenado, ao contrário, oferece, real e ativamente, enquanto *ministro*, o Sacrifício de Cristo.

+ *Os fiéis, na Missa, não oferecem também a Divina Vítima?*

Nosso Senhor Se ofereceu, em nome de todo Seu Corpo Místico; ao Se oferecer com Ele, e, nas mesmas intenções Dele, os fiéis participam no oferecimento que faz de Si mesmo; e diz-se, nesse sentido, que oferecem, eles também, a Divina Vítima. Mas, no sentido *próprio*, somente o sacerdote, enquanto ministro de Cristo, oferece esse

---

<sup>300</sup> III, q.63,a.6, ad.1.

<sup>301</sup> “Eu vos exorto, meus irmãos, pela Misericórdia de Deus, a oferecer vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus: eis aí o culto espiritual que Lhe deveis” (Rm 12,1).

Sacrifício – somente ele é a sua *causa eficiente* (instrumental). O Papa Pio XII relembrou essas Verdades na encíclica *Mediator Dei*, em 1947.<sup>302</sup>

+ *Pode-se dizer que os fiéis exercem algum sacerdócio?*

No sentido próprio, é falso que os fiéis exerçam um sacerdócio (a palavra *exerça* indica uma ação, e os fiéis apenas se beneficiam *passivamente* do Sacerdócio de Cristo). Entretanto, é, às vezes, permitido falar por imagens: diz-se, por exemplo, de um homem corajoso que é “um leão”; ou de um cristão que vive como asceta, que é “um verdadeiro monge”. É um modo de dizer que não é falso, *com a condição de que* seja tomado pelo que é: um simples modo de dizer, uma metáfora, uma imagem – e não uma definição exata. É igual, com o que se chama, às vezes, “sacerdócio dos fiéis”. Como todo cristão é chamado a render um certo culto a Deus e a fazer sacrifícios (que deverão estar inseridos No de Cristo), pode-se dizer, visto sob esse ângulo, que age *como* um sacerdote.

+ *O “sacerdócio dos fiéis” não tem um fundamento na Sagrada Escritura?*

O “sacerdócio dos fiéis” tem por fundamento alguns textos da Sagrada Escritura, que são, precisamente, metáforas. Assim, São Pedro compara os cristãos às pedras vivas de um templo e a “um sacerdócio real”: são imagens expressivas; mas são imagens, como o próprio contexto indica.<sup>303</sup>

+ *Como Vaticano II insistiu, exageradamente, sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”?*

---

<sup>302</sup> DS 3849-3854.

<sup>303</sup> “Vós mesmos, como pedras vivas, entraís na estrutura do edifício, para formar um templo espiritual, *um sacerdócio santo*, a fim de oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo (...) Vós que credes(...)vós sois uma raça escolhida, *um sacerdócio real*, uma nação santa, um povo que Deus adquiriu para Si, a fim de que anunciéis as perfeições Daquele que vos chamou das trevas à Sua admirável Luz” (1 Pd 2, 5-10). Do mesmo modo, São João afirma, duas vezes, no Apocalipse, que Jesus Cristo fez de nós “um reino e sacerdotes” para Deus Seu Pai (Ap 1, 6 e Ap 5,10).

Vaticano II insistiu, exageradamente, sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”, na estrutura mesma de sua Constituição *Lumen gentium* (sobre a Igreja). Antes de falar da hierarquia e do sacerdócio no sentido próprio, a Constituição Conciliar trata do “Povo de Deus” e de seu sacerdócio universal (capítulo 2). É apenas depois (capítulo 3), ao falar das vocações particulares e das funções no seio da Igreja, que trata do sacerdócio ministerial, como de uma forma especial do sacerdócio universal de que o laicato (capítulo 4) seria, este também, uma forma particular !!!

+ *O que significa essa ordem de exposição escolhida por Lumen gentium?*

A “ordem” escolhida por *Lumen gentium* é, na realidade, uma grande desordem, já que coloca, sobre um mesmo plano, o sacerdócio em *sentido próprio* e o sacerdócio em sentido *metafórico*, como se se tratasse de duas espécies de um mesmo gênero. É evidentemente contribuir para confundir tudo.

+ *A insistência exagerada de Vaticano II sobre o “sacerdócio comum dos fiéis” teve conseqüências ?*

A insistência exagerada de Vaticano II sobre o “sacerdócio comum dos fiéis” foi difundida, no mundo inteiro, pelo ensinamento e pela pregação; mas também pela Missa Nova (1969); o Novo Código de Direito Canônico (1983) e o Novo Catecismo (1992). Teve, pois, imensas conseqüências.

+ *Como a Missa nova insiste sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”?*

Uma das idéias mestras da Missa nova foi, precisamente, manifestar que a Liturgia é a ação de todo o Povo de Deus –e não só do clero. Era preciso promover a “participação ativa” dos fiéis. Ora, essa expressão é ambígua, como já se viu (os fiéis devem *ativamente se dispor a estarem unidos* ao Sacrifício de Cristo; mas permanecem essencialmente *passivos* com relação a esse Sacrifício – cujo único sacerdote é o *ministro*). De fato, em vez de favorecer a participação *espiritual* e sobrenatural dos fiéis, a nova Liturgia insiste sobre sua participação *exterior*, e confia-lhes funções, antigamente reservadas aos ministros sagrados (leituras, etc.). O padre é muito mais o delegado e o animador da assembléia do que o ministro de Nosso Senhor Jesus Cristo.

+ *O Novo Catecismo favorece também esse erro?*

O Novo Catecismo da Igreja Católica (1992) retoma as idéias de Vaticano II. Afirma assim: “É toda a assembléia que é “liturges” segundo sua função”(§1144). Ora, a palavra “*liturges*” não é francesa, mas grega (*leitourgos*) e , na liturgia bizantina, somente designa o Bispo, o sacerdote e o diácono; jamais a assembléia.

+ *O Novo Código de Direito Canônico insiste também de modo exagerado sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”?*

O Novo Código de Direito Canônico (1983) foi apresentado por João Paulo II, como “um grande esforço para traduzir em linguagem *canônica* a doutrina mesma da eclesiologia conciliar”, e, notadamente, “a doutrina, segundo a qual, todos os membros do Povo de Deus, cada um segundo sua modalidade, participam na tripla função de Cristo: as funções sacerdotal, profética e real”.<sup>304</sup>

+ *Como se traduz, na prática, no Novo Código, essa insistência sobre o “sacerdócio comum dos fiéis”?*

A estrutura do Novo Código (como a estrutura da Constituição *Lumen gentium*) é muito significativa. O Código tradicional (1917), depois de um primeiro livro, apresentando as *normas gerais*, tratava das *pessoas*, no segundo livro. Fazia-o em três partes: i) dos clérigos; ii) dos religiosos; iii) dos leigos. – O Novo Código consagra também seu primeiro livro às *normas gerais*. Mas, intitula seu segundo livro: “*O Povo de Deus*”. E ali trata: i) primeiro, dos fiéis em geral; ii) depois, somente da hierarquia; iii) enfim, dos religiosos.

---

<sup>304</sup> João Paulo II, Constituição Apostólica *Sacrae disciplinae leges* (25 de janeiro de 1983), promulgando o Novo Código de Direito Canônico. – O Papa acrescentou: “Poder-se-ia mesmo dizer que é a partir daí que o Código toma esse caráter de complementaridade com relação ao ensinamento do Concílio Vaticano II e, em particular, com relação às duas Constituições: a Constituição dogmática *Lumen gentium* e a Constituição pastoral *Gaudium et spes*. Disso, resulta que aquilo que constitui a *novidade* essencial do Concílio Vaticano II, na continuidade com a tradição legislativa da Igreja - sobretudo no que concerne à eclesiologia - constitui, igualmente, a *novidade* do Novo Código” (Os itálicos estão no texto original).

+ *Essa mudança de estrutura é, verdadeiramente, a marca de uma mudança de doutrina?*

A mudança de estrutura operada pelo Novo Código é explicada pelo cânon 204 (que é, precisamente, o primeiro cânon do livro II):

“Os fiéis de Cristo são os que, enquanto incorporados a Cristo pelo Batismo, estão constituídos em Povo de Deus, e que, por esta razão, feitos participantes, à sua maneira, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, estão chamados a exercer, cada um segundo sua condição própria, a missão que Deus confiou à Igreja, para que esta a cumprisse no mundo.”

+ *O que manifesta a definição dada nesse cânon 204?*

Como a Constituição *Lumen gentium*, o Novo Código começa por afirmar que *todos* os cristãos são sacerdotes – embora de maneira diversificada. O sacerdócio ministerial (próprio aos padres) seria somente uma modalidade especial do sacerdócio universal. Do mesmo modo, *todos* os cristãos são apresentados como participando do poder de governo (“função real”). O papel da hierarquia é apresentado só em seguida, como um “serviço” prestado à comunidade.

+ *Essa nova maneira de apresentar as coisas se opõe, verdadeiramente, à Tradição?*

Basta comparar com o ensinamento de São Pio X:

“(…) A Igreja é uma sociedade, por essência, *desigual*; isto é, uma sociedade que compreende duas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho; os que ocupam uma posição nos diferentes níveis da hierarquia e a multidão dos fiéis. E essas categorias são *de tal modo* distintas entre si que, *apenas no corpo pastoral*, reside o direito e a autoridade necessárias para promover e dirigir todos os membros em direção ao fim da sociedade. Quanto à multidão, não tem outro dever que de se deixar conduzir e, rebanho dócil, de seguir seus pastores.”<sup>305</sup>

+ *Quais são as conseqüências dessa insistência exagerada sobre o “sacerdócio dos fiéis”?*

---

<sup>305</sup> São Pio X, encíclica *Vehementer nos* (11.02.1906).

A insistência exagerada sobre o “sacerdócio dos fiéis” favorece, evidentemente, a penúria de sacerdotes. Que jovem homem vai abraçar uma vocação tão exigente, se não percebe sua grandeza ?

**75. Os ministros das comunidades protestantes podem ser assimilados ao sacerdócio?**

**Os “ministros do culto” das comunidades protestantes não são sacerdotes; mas leigos. Isso vale também para as comunidades anglicanas. Esses ministros do culto não têm, pois, o poder de converter o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo, nem o de perdoar os pecados.**

+ *Como se pode afirmar que os ministros protestantes não são sacerdotes?*

Os poderes sacerdotais foram transmitidos pelos Apóstolos a seus sucessores, e, assim por diante, até aos Bispos e aos sacerdotes atuais. É o que se chama sucessão apostólica. Se essa sucessão é, uma vez, interrompida, como é o caso dos protestantes, esses poderes são perdidos.

+ *Como a sucessão apostólica foi interrompida no caso dos protestantes?*

A sucessão apostólica foi interrompida, no caso dos protestantes, porque cessaram de crer nela (recusando que a Ordem seja um Sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo) e, pois, cessaram de desejar transmiti-la. De fato, abandonaram os ritos litúrgicos pelos quais é transmitida.

+ *A sucessão apostólica foi, igualmente, interrompida, no caso dos anglicanos?*

Alguns anglicanos crêem, hoje, no sacerdócio e pretendem tê-lo conservado. Entretanto, o ritual adotado pelo anglicanismo, a partir da década de 50 do século XVI, modificava, consideravelmente, os ritos de ordenação, ao ponto de nem mesmo exprimir mais a Graça própria que esses ritos deviam conferir. Tais ordenações foram, pois, inválidas, e, Roma denunciou-as como tais, desde aquela época.

+ *Os anglicanos não corrigiram o seu rito de ordenação?*

Mesmo supondo que essas mudanças fossem satisfatórias, de toda maneira, vieram tarde demais: a hierarquia já tinha desaparecido. *Nemo dat quod non habet*, diz o

adágio (ninguém pode dar o que não tem), e os anglicanos já não possuíam mais o sacerdócio.

+ *Essa ausência do sacerdócio, entre os anglicanos, é absolutamente certa?*

A nulidade das ordenações anglicanas tendo sido contestada no século XIX, o Papa Leão XIII ordenou uma investigação, que concluiu, igualmente, pela invalidade. Publicou, em 13 de setembro de 1896, a Carta *Apostolicae curae et caritatis* que resolve, definitivamente, a questão.<sup>306</sup>

+ *Essas verdades são atacadas nos nossos dias?*

O clima ecumenista, que reina desde Vaticano II, conduziu a atacar, de modo escandaloso, essas verdades elementares. Na primavera de 1977, cento e oitenta eclesiásticos da diocese de Rottenburg escreveram uma carta a seus “colegas” (homens e mulheres) protestantes da igreja evangélica de Wurtemberg, na qual os reconhecem como “eclesiásticos tendo os mesmos poderes e a mesma responsabilidade”. É óbvio que esses “teólogos” não tinham mais a concepção católica de sacerdócio.

+ *Que concepção do sacerdócio tinham, pois, esses eclesiásticos de Rottenburg?*

Os signatários de Rottenburg afirmavam:

“(…) ter abandonado uma teoria do Sacrifício que podia dar a impressão de que o Sacrifício de Jesus sobre a Cruz devesse, de novo, ser oferecido ou renovado, em vista de nossa reconciliação com Deus. (...) No fundo, pensamos ter, hoje, uma prática da Ceia inteligente e fundada sobre a Escritura, que poderia ter existido antes dos reformadores.”

+ *O que manifesta essa declaração?*

---

<sup>306</sup> DS 3315-3319. Nessa época, alguns Bispos anglicanos tentaram fazerem-se reordenar por Bispos cismáticos (mas realmente Bispos), a fim de “recuperar” uma sucessão apostólica que, por esse fato mesmo, reconheciam já haver perdido. A regra geral não deixa de ser aquela que foi enunciada por Leão XIII, e é preciso, pois, ter, por *a priori* inválida, toda ordenação anglicana, enquanto não se tiver a prova formal que é diferente em tal ou qual caso particular.

Vê-se bem, aqui, a relação que une o sacerdócio ao Sacrifício da Missa: quem abandona o Sacrifício em proveito da Ceia protestante, não pode mais ter uma idéia exata do sacerdócio, e não vê, pois, mais diferença entre os “presidentes” católicos e os pastores protestantes.

+ *Os signatários de Rottenburg foram punidos pela hierarquia?*

Os “teólogos” de Rottenburg enunciavam heresias caracterizadas. O Bispo se contentou em fazer notar que havia ali uma redução da doutrina católica; mas não tomou nenhuma medida.<sup>307</sup>

+ *Quem atacou ainda essas Verdades?*

O escândalo foi ainda maior, quando essas Verdades foram atacadas pelo próprio Papa. Ora, foi o que fez, muitas vezes, o Papa João Paulo II, ao exercer funções litúrgicas, em companhia de ministros protestantes revestidos de paramentos sacerdotais ou episcopais. Em 29 de maio de 1982, notadamente, deu a bênção, ao mesmo tempo que o “Mons.” Runcie, “arcebispo” anglicano de Cantorbéry, munido de suas insígnias pontificais. Quanto ao Cardeal Ratzinger, presidiu, em 03 de fevereiro de 1998, em Hamburgo, “vésperas ecumênicas”, em companhia de uma “episcopisa” protestante revestida com a estola.

#### ***76. Uma mulher pode ser ordenada sacerdotisa?***

**Somente, um homem (indivíduo de sexo masculino) batizado pode receber, validamente, a ordenação sacerdotal. Isso decorre, claramente, da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja. Do fato de que a Igreja não possui nenhum poder sobre as condições essenciais dos Sacramentos, decorre que não pode autorizar a ordenação de mulheres. Seria, de todo modo, inválida.**

---

<sup>307</sup> Ver Rudolf Krämer-Badoni, *Revolution in der Kirche. Lefebvre und Rom*, München, Herbig, 1980, p.91.

+ *Como se sabe que, somente, um homem (indivíduo de sexo masculino) pode ser, validamente, ordenado sacerdote?*

É um fato indubitável, estabelecido pela Sagrada Escritura, que Cristo somente chamou homens para serem seus Apóstolos. A Igreja não poderia modificar essa escolha.

+ *O respeito das convenções da época não basta para explicar porque Cristo escolheu apenas homens?*

Jesus Cristo, que é Deus, e que fundava uma Igreja destinada a durar até o fim do mundo, não podia se deixar sujeitar pelas convenções de uma época. De fato, sempre se mostrou livre em relação a estas, e não hesitou em contradizê-las em várias ocasiões (quanto ao sábado, ao perdão dos pecados, à atitude para com os pecadores públicos, etc.). Se houvesse desejado estabelecer mulheres apóstolas, nada O teria impedido de o fazer. O só fato de a Santíssima Virgem Maria jamais ter sido considerada como “sacerdotisa” basta para provar que não pode haver sacerdotisas na Igreja fundada por Jesus Cristo.

+ *A Sagrada Escritura proíbe, explicitamente, o estabelecimento de mulheres sacerdotisas?*

São Paulo escreve aos Coríntios:

“Como em todas as igrejas dos santos, que as mulheres se calem nas assembléias, pois não lhes é permitido tomar a palavra; que se mantenham na submissão, assim como a Lei mesma o diz. Se quiserem se instruir sobre algum ponto, que interroguem seu marido em casa; pois é inconveniente para uma mulher falar em uma assembléia. Proveio de vós a Palavra de Deus ? É só a vós que veio ? Se alguém se crê profeta ou inspirado pelo Espírito, que reconheça no que vos escrevo um Mandamento do Senhor” (1Cor 14, 33-37).

As mulheres não estão, pois, autorizadas a falar, quando das cerimônias religiosas, nem a ocuparem uma função diretiva. São Paulo justifica, expressamente, a coisa pela prática geral da Igreja (*como em todas as igrejas dos santos*), pela Lei do Antigo Testamento (*assim como a Lei mesma o diz*), pela conveniência (*é inconveniente para uma mulher*) e, antes de tudo, por um Mandamento do Senhor.

+ *O que a Tradição da Igreja diz sobre o assunto ?*

Encontra-se, na Tradição da Igreja, um consenso unânime a esse propósito. Tertuliano (+220) escreveu:

“É proibido a uma mulher falar na igreja. Não tem o direito de pregar, de batizar, de oferecer o Sacrifício, de ambicionar um ofício masculino, ainda mais o serviço sacerdotal”.<sup>308</sup>

+ *Nunca houve, verdadeiramente, ordenações de mulheres na Igreja?*

No século IV, houve ordenações de mulheres na seita dos Coliridenses. São Epifânio reagiu muito vivamente:

“Em uma cerimônia ilícita e blasfematória, ordenam mulheres e oferecem, por elas, um sacrifício em nome de Maria. Isso quer dizer que todo esse negócio é blasfematório e ímpio; é uma alteração da mensagem do Espírito Santo. De fato, tudo isso é diabólico e é obra de um espírito impuro.”<sup>309</sup>

Um pouco depois afirmou:

“Em nenhum lugar, uma mulher exerceu o ofício de um sacerdote”<sup>310</sup>

De fato, nunca houve sacerdotisas na Igreja Católica.

+ *Apesar de não ter havido sacerdotisas, não houve, na Igreja, diaconisas?*

As diaconisas, que existiram durante um certo tempo, não realizavam as funções litúrgicas do diácono. Eram unicamente escolhidas para fazer as unções de óleo sobre as mulheres antes do Batismo e para o cuidado das mulheres doentes. É dito nas Constituições Apostólicas:

---

<sup>308</sup> Tertuliano, *De virginibus velandis*, 9,1.

<sup>309</sup> Santo Epifânio, *Adversus haereses*, 78,13 PG 42, 736.

<sup>310</sup> Santo Epifânio, *Adversus haereses*, 79,2; PG 42, 744.

“A diaconisa não benze, nem preenche nenhuma das funções que são do sacerdote ou do diácono. Ela faz, somente, o ofício de portadora e ajuda os sacerdotes, quando dos batismos de mulheres, por uma razão de decência.”<sup>311</sup>

+ *Existem documentos recentes sobre a impossibilidade da ordenação de mulheres?*

Retomando o ensinamento dos diferentes sínodos, o Código de Direito Canônico enuncia o princípio:

“Somente um homem (*vir*) batizado recebe validamente a ordenação sagrada”.<sup>312</sup>

Em sua Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, de 22 de maio de 1994, João Paulo II também lembrou a doutrina tradicional:

“A fim de que não subsista nenhuma dúvida sobre uma questão de grande importância, que concerne à própria constituição divina da Igreja, eu declaro, em virtude de minha missão de confirmar meus irmãos (Lc 22, 32), que a Igreja não tem, de nenhuma maneira, o poder de conferir a ordenação sacerdotal a mulheres e que essa posição deve ser, definitivamente, mantida por todos os fiéis da Igreja”.<sup>313</sup>

+ *Qual é o grau de autoridade desse ensinamento?*

Como todos os Papas posteriores a Vaticano II, João Paulo II repugnava engajar sua autoridade de modo infalível. Apesar de certas aparências, não o fez aqui. Lembrou a doutrina tradicional, mas invocando a autoridade do Magistério Ordinário da Igreja, em vez de exercer, pessoalmente, o carisma do ensinamento infalível de que é dotado, enquanto Papa.

+ *Esse ensinamento é falível ou infalível?*

---

<sup>311</sup> *Constituições Apostólicas*, VIII, 28, 6; RJ 1236.

<sup>312</sup> Código de 1917, can. 968, I. (Código de 1983, can. 1024).

<sup>313</sup> DC nº 2096 (1994), p.551-552.

O ensinamento da Igreja sobre a impossibilidade de ordenação de mulheres é muito bem infalível. Mas esse caráter infalível vem de que essa Verdade foi sempre objeto de seu Magistério Ordinário, e não do documento de João Paulo II.<sup>314</sup>

**77. *Qual é a razão profunda da impossibilidade de sacerdócio de mulheres?***

**A razão profunda pela qual a mulher não pode virar sacerdote se acha na ordem da Criação<sup>315</sup>. A relação entre homem e mulher reflete, com efeito, a ordem da Criação. O homem é o símbolo de Deus, e a mulher, o da Criação. Por conseguinte, a mulher, por sua natureza, não é capaz de ser o representante autorizado de Deus.**

+ *Uma tal posição não é discriminatória para com as mulheres?*

Não se trata de colocar princípios *a priori* (de discriminação ou de não-discriminação); mas de observar a realidade tal como é, e de agir de modo conforme ao real. Só uma atitude ideologizada recusa ver a diferença que existe entre os sexos.

+ *Em que essas diferenças entre o homem e a mulher interessam para o culto divino?*

Para quem tem um olhar sem *a priori*, é claro que o homem tem uma índole mais ativa, produtora e realizadora. É a ele que cabe agir sobre o mundo e transformá-lo. Também é a ele que cabe o papel de governar e de dirigir a sociedade. A mulher, ao contrário, tem uma índole, que é mais passiva e receptora. Seu domínio é, antes de tudo, o círculo restrito da família e dos filhos. O seu papel é mais o de ser dirigida do que o de dirigir. É por isso que São Paulo diz: “O homem é a cabeça da mulher” (Ef 5, 23). É também por essa razão que Deus, na Sagrada Escritura, é representado com os traços de um homem.

---

<sup>314</sup> Sobre o Magistério Ordinário Universal (M.O.U.) e sua infalibilidade, ver a pergunta nº 19 deste catecismo.

<sup>315</sup> Sobre a exegese católica dos três primeiros capítulos do Gênesis, consultar a resposta da Pontifícia Comissão Bíblica, de 30 de junho de 1909, Dz. 2121-2128. [nota da tradução brasileira].

+*Deus transcende a distinção de sexos: não é, em Si, nem masculino, nem feminino. Não poderia ser representado também com a figura de uma mulher?*

De fato, na Sagrada Escritura, Deus é representado com traços masculinos. É Pai e Esposo do Povo escolhido. É opor-se à Revelação, e, é parodiar o Evangelho, de forma blasfematória, rezar “Mãe Nossa”, como se faz em alguns lugares. Todas as religiões que crêem em um Deus Criador fazem, Dele, uma imagem masculina, ao menos a que concerne ao deus principal. As divindades femininas se encontram, ao contrário, nas religiões panteístas, que não fazem nenhuma diferença entre Deus e o mundo. Não é um acaso se, ao encarnar-Se, Deus Se fez homem, e não mulher.

+ *O fato de que Jesus Cristo seja um homem implica que os sacerdotes devam ser homens?*

Desde o pecado de Adão – que, enquanto chefe de toda a humanidade, levou-a consigo, toda inteira, em sua queda – Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens, o único Pontífice, o único Sumo Sacerdote. Os sacerdotes do Novo Testamento apenas são instrumentos que Ele escolheu para Si, para continuar a Sua obra, que fez participarem de Seu Sacerdócio. Do fato, então, de que o Verbo de Deus, para ser o “novo Adão”, encarnou-Se em uma natureza masculina, somente um homem pode participar de Seu Sacerdócio.

+*O que revelam as reivindicações atuais de ordenação de mulheres?*

As polêmicas em torno da ordenação de mulheres manifestam a falsa idéia do sacerdócio, que hoje predomina. Se somente se vê no sacerdote um animador social presidente de assembléias locais do Povo de Deus, que consola os aflitos e entretém o sentimento religioso dos fiéis, não se vê bem, porque uma mulher não poderia preencher essa função. Mas um sacerdote é alguém completamente diferente: um *alter Christus* (um outro Cristo)<sup>316</sup>.

---

<sup>316</sup> Obviamente, não se trata aqui de atribuir natureza divina, nem impecabilidade, aos sacerdotes, pois são simples criaturas, indelevelmente marcados, em sua alma, pelo caráter do Sacramento da Ordem. A nomenclatura tradicional de *alter Christus* quer aludir ao seu papel como sacrificadores, na renovação do Sacrifício da Cruz, cujo Sacerdote é Cristo. Assim, no Sacrifício da Missa, o sacerdote, que empresta a sua voz masculina a Nosso Senhor,

**78. Não se pode acusar a Igreja de manter a mulher num estado de inferioridade?**

**A mulher era mantida num estado de inferioridade no paganismo. É ainda o caso, hoje, no judaísmo e no islã. O Cristianismo, ao contrário, devolveu a nobreza à mulher: ela goza da mesma dignidade que o homem, de quem ela é – especialmente no matrimônio – a companheira, e não a serviçal. Mas isso não exclui que ela seja diferente dele e que tenha outros ofícios a cumprir.**

+ *Não se disse que o homem simboliza o Criador e a mulher, a Criação?*

Trata-se aqui, como a palavra indica, de um simples *símbolo*. Em sua natureza, o homem é tão criatura quanto a mulher, e deve, pois, assim como ela, aprender a obediência e a submissão.

+ *Como a Igreja devolveu à mulher a sua dignidade?*

A Igreja Católica honra a mulher, sem medida, na pessoa de Maria, Virgem e Mãe de Deus !!! A Igreja a venera como Rainha de todos os Santos, elevada acima de toda criatura, Apóstolos, Bispos, Papas e mesmo anjos de toda natureza. A honra rendida a Maria, naturalmente, recai sobre todas as mulheres – na medida em que elas se assemelhem a Maria.

---

notadamente no momento da Consagração, como Seu instrumento, age, pois, *in persona Christi* – na pessoa de Cristo – para renovar o Sacrifício da Cruz. Neste sentido, é que se diz que é como que um *alter Christus* ( *um outro Cristo*). Essa expressão quer aludir também um dever-ser para o padre: o de que, por sua conduta, seja um imitador de Nosso Senhor e afervore a piedade do povo, pelos seus atos e pelo exemplo de santidade, mais do que por palavras. A crise atual na Igreja pode ser verificada, justamente, no fato de a maioria dos clérigos contemporâneos trair, por seus atos escandalosos, a Nosso Senhor. [nota da tradução brasileira]

+ *O que se pode destacar sobre o tópico da honra tributada à Santíssima Virgem?*

O principal título de glória de Maria, aquele que lhe permite ser honrada acima de toda criatura, é especificamente *feminino*: ela é *Mãe* de Deus (e, depois, Mãe de todos os homens, enquanto estes são chamados a se incorporarem a Seu Filho Jesus Cristo). Diferentemente das “feministas”, a Igreja exalta a mulher na linha de sua especificidade feminina, e não negando a esta. Por outro lado, Maria não é sacerdotisa. O Papa Inocêncio III escreveu, sobre o assunto, ao Bispo de Burgos:

“Apesar de a Virgem Maria ser superior a todos os Apóstolos tomados em conjunto; não foi a ela; mas a eles, que o Senhor confiou as chaves do Reino dos Céus.”<sup>317</sup>

+ *O que se pode dizer do feminismo contemporâneo?*

Na sua pretensa “emancipação da mulher”, o feminismo contemporâneo manifesta, na realidade, o maior desprezo pela mulher, já que deseja conformá-la ao modelo masculino, em vez de desenvolver os valores propriamente femininos. De fato, a mulher se encontra, então, em desvantagem: uma mulher será, sempre mal, um homem !!!

**79. Por que a Igreja exige o celibato dos sacerdotes?**

**Sendo um outro Cristo, o sacerdote deve pertencer todo inteiro a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo. Como sobe ao altar, a cada dia, para oferecer o Sacrifício do Amor divino, deve ele também oferecer seu coração a Deus, com um amor indiviso. Uma razão suplementar é que o sacerdote deve estar à disposição de todas as almas, como pai e como irmão de todos: o que não seria possível, se devesse tomar conta de sua própria família.**

**O sacerdote católico assemelha-se, perfeitamente, pois, a Jesus Cristo, que, Ele mesmo, não foi casado e viveu, todo inteiro, no Amor de Seu Pai e das almas imortais.**

---

<sup>317</sup> Decretalis Nova quaedam, X.

*+Existem outras razões que requerem o celibato do sacerdote?*

Pode-se destacar que Nosso Senhor, que era Virgem, quis que São José e Nossa Senhora, com quem viveu trinta anos, fossem ambos virgens; que Seu precursor, São João Batista, fosse virgem; que Seu discípulo bem-amado, São João, fosse também virgem. Pode-se daí tirar a regra de que é preciso ser virgem para se aproximar, mais de perto, de Nosso Senhor. Ora, o sacerdote é o ministro da Santa Eucaristia.

*+O celibato não é um grande sacrifício para o sacerdote?*

O celibato é, sem dúvida, um sacrifício; mas o sacrifício é a lei da vida natural (não se pode escolher nada, sem, por esse mesmo fato, renunciar a outra coisa) e, ainda mais, da vida e da fecundidade sobrenaturais. Do mesmo modo que Cristo resgatou o mundo por Sua Paixão; assim, o sacerdote somente poderá fazer muito pela Igreja e pela salvação das almas, se viver uma vida de sacrifício. Nossa época, que se inclina a ver, no amor humano e na sexualidade, as únicas alegrias da vida, tem, justamente, a maior necessidade do exemplo de sacerdotes e de religiosos que lhe lembrem os valores e os ideais superiores.

**80. *O celibato não é uma coerção antinatural e desumana?***

**Segundo o ensinamento do Novo Testamento, o celibato vivido por causa de Deus é um ideal elevado. Cristo diz que, além dos que são incapazes de se casarem, há aqueles que se abstêm do casamento “em vista do Reino dos Céus” (Mt 19,12). “Que aquele que puder compreender, compreenda !”.**

*+ O casamento não é, todavia, uma imagem da união da alma com Deus ?*

O casamento é uma imagem do amor que deve existir entre Deus (ou Cristo) e a alma. Mas é apenas uma imagem, e não a realidade. É por isso que o casamento é dissolvido pela morte. No Céu, não haverá mais casamento (Mt 22,30). Todos viverão somente no amor de Deus, que é já, para as almas consagradas, o único amor. O celibato é, pois, já uma antecipação do que será a vida na eternidade.

+ *O casamento não responde, profundamente, às necessidades da natureza humana?*

A natureza humana dá, também, ao homem, uma inteligência e uma vontade livre, que lhe permitem dominar suas paixões, e, em certas circunstâncias, combatê-las em prol de um ideal mais elevado. O animal não o pode: age sempre segundo seus instintos. Mas o homem pode (e, freqüentemente, *deve*) renunciar, em prol de um bem maior, à satisfação de suas paixões sensíveis. Se não o faz, rebaixa-se ao nível do bicho.

+*Por que não se encontra o celibato absoluto dos sacerdotes fora da Igreja Católica?*

Quando jovens renunciam à felicidade de fundar um lar para se entregarem totalmente a Deus, dão uma bela prova da vitalidade da Igreja e do entusiasmo que a Fé pode comunicar. Se as comunidades que se separaram da Igreja, rapidamente, abandonaram o celibato, é que elas não podiam comunicar essa força a seus aderentes.

**81.A supressão do celibato não ajudaria a solucionar a falta de sacerdotes?**

**A supressão do celibato levaria, a curto prazo, talvez, a um certo aumento do número de ordenações; mas o mal não seria curado, no entanto: haver-se-ia somente capitulado diante deste. Seriam, então, ordenados muitos que não seriam, verdadeiramente, chamados por Deus, ou que não teriam usado, suficientemente, os meios para responder ao Seu chamado. É preciso, isto sim, perguntar-se por que, antigamente, havia homens prontos o bastante para fazer o sacrifício do celibato, enquanto que hoje já não é mais o caso.**

+ *O celibato não permanece, contudo, sendo uma barreira?*

O celibato é uma barreira bem útil para aqueles que não são chamados. Sem o mesmo, muitos homens aspirariam ao sacerdócio por razões fúteis: um posto de trabalho estável, que goza de uma boa reputação; ascensão social (é o caso em vários países do Terceiro Mundo), etc. Para o maior bem da Igreja e dos fiéis, essas pessoas são mantidas longe do sacerdócio, ao menos em grande parte, pela obrigação do celibato.

## **82. O celibato é de origem apostólica?**

**O celibato é de origem apostólica (é, ao menos, muito provável). Foi, por conseguinte, a regra, na Igreja, desde o início. Homens casados puderam, nos primórdios da Igreja, virar sacerdotes e Bispos; mas deviam, depois de sua ordenação, se abster do casamento. Se podiam ainda coabitar com suas esposas, era apenas como irmão e irmã.**

*+São Paulo não fala, explicitamente, da mulher do Bispo?*

Quando São Paulo cita, dentre as qualidades requeridas para virar Bispo ou diácono, o fato de haver desposado apenas uma mulher (1Tm 3, 2; 3,12); isso não quer dizer que o diácono ou o Bispo podiam continuar a viver maritalmente, depois de sua ordenação. Isso indica, ao contrário, que o fato de ter se casado de novo era considerado como o sinal de uma incapacidade de viver na continência. Aquele que, após a morte de sua esposa, sente ainda a necessidade de um novo casamento, não parece capaz de viver no celibato. Essa prescrição não pode ter outro sentido, pois, se o eclesiástico pudesse continuar a viver maritalmente, um segundo casamento não poderia ser um impedimento à ordenação.

*+ Os Padres da Igreja abordaram a questão?*

Um Padre da Igreja, Santo Epifânio de Salamina (315-403), testemunha:

“Os sacerdotes são escolhidos, primeiramente, dentre os homens virgens, ou senão, dentre os monges; mas, se, dentre os monges, não se encontrarem pessoas aptas a cumprir esse serviço, costumam-se escolher os sacerdotes, dentre aqueles que vivem, na continência, com sua esposa ou que, depois de um único casamento, ficaram viúvos.”<sup>318</sup>.

*+ Essa regra era observada por toda parte?*

O mesmo Padre da Igreja se queixa de que essa regra não fosse observada por toda parte, e faz este comentário:

---

<sup>318</sup> *Expositio fidei* 21; PG 42, 824.

“Em vários lugares, os sacerdotes, os diáconos e os sub-diáconos ainda geram filhos. Respondo que não está conforme à regra; mas que isso acontece por causa da indolência dos homens”.<sup>319</sup>

+ *As leis sobre o celibato eclesiástico não datam do século IV?*

As primeiras leis *explícitas* que conhecemos sobre o celibato dos clérigos foram, com efeito, promulgadas no século IV. É preciso, todavia, notar que não foram apresentadas como uma novidade; mas como uma retomada da antiga disciplina. Os Padres do Concílio africano de 390 se referem, explicitamente, à Tradição apostólica, quando inculcam, de novo, a obrigação do celibato.<sup>320</sup>

+ *Como explicar que alguns autores façam datar do século XII o celibato dos sacerdotes?*

A afirmação, segundo a qual, o celibato seria uma invenção do século XII, contém apenas um elemento verdadeiro: o Concílio de Latrão II decidiu, em 1139, que os casamentos contraídos por clérigos que já tinham recebido as Ordens Maiores não seriam mais, somente *proibidos*; mas também, doravante, *inválidos*. (Antes, o casamento de um sacerdote ou de um diácono era gravemente pecaminoso; mas, entretanto, válido.).

**83. *Por que os sacerdotes das Igrejas orientais católicas podem viver maritalmente?***

**A Igreja do Oriente, num Concílio realizado, no século VII, em Constantinopla (o Concílio de Trullo de 691), fez concessões à prática que já tinha se espalhado: permitiu, aos sacerdotes, continuar a usar de um casamento contraído antes da ordenação. Esse Concílio somente conservou a antiga disciplina do celibato para os Bispos. Essa regra foi, depois, tolerada pelos Papas para os sacerdotes da Igreja Oriental que retornaram à unidade com Roma.**

---

<sup>319</sup> *Adversus haereses*, 54, 9; PG 41, 1024.

<sup>320</sup> Ver, a esse propósito, o excelente livro do padre Christian Cochini S.J., *Origines apostoliques Du célibat sacerdotal*, Paris-Namur, Lethielleux, 1981.

+ *O uso oriental é, pois, apenas uma tolerância?*

Esse uso oriental é só uma tolerância, e marca uma ruptura com o ideal primitivo. A Igreja do Oriente conservou, todavia, restos desse ideal: o diácono ou o sacerdote pode continuar a usar de um casamento contraído *antes* da sua ordenação; mas não pode contrair casamento. Se sua esposa morre, deve, pois, observar o celibato. Os Bispos são escolhidos, na maior parte das vezes, dentre os monges, pois estes são sempre celibatários. Se, todavia, um homem casado virasse Bispo, deveria se separar de sua esposa.

+ *Como os fiéis consideram esses sacerdotes casados?*

Os fiéis da Igreja oriental consideram, muito freqüentemente, os sacerdotes casados como inferiores aos sacerdotes-monges. Sentem mais ou menos que só o sacerdote celibatário realiza, perfeitamente, o ideal sacerdotal e é a este que preferem se confessar.

## **CAPÍTULO IX**

### **OS SACRAMENTOS**

#### **84. O que é um Sacramento?**

**Um Sacramento é um sinal sensível instituído por Jesus Cristo para nos comunicar a Sua Graça.**

+ *Por que Cristo quis comunicar a Sua Graça por sinais sensíveis?*

Jesus Cristo ligou, a sinais sensíveis, a comunicação de Sua Graça (não-sensível), pois levou em conta a natureza humana. Todo homem conhece, primeiramente, por seus cinco sentidos. Mesmo para apreender e para comunicar as realidades espirituais, o homem tem necessidade de sinais perceptíveis exteriormente.

+ *Os Sacramentos são símbolos da Graça?*

Os Sacramentos são símbolos; mas não são apenas símbolos: operam *realmente*, na alma, o que manifestam por sinais exteriores.

+ *Podeis dar um exemplo dessa eficácia dos Sacramentos?*

No Batismo, a água derramada sobre a testa *significa* que a alma é purificada do pecado. Mas, ao mesmo tempo, o Batismo *realiza* essa purificação da alma, dando-lhe a Graça santificante. Faz, do homem, um filho de Deus.

+ *Quantos Sacramentos Jesus Cristo instituiu?*

Jesus Cristo instituiu sete Sacramentos: o Batismo, a Crisma, a Eucaristia, a Penitência, a Extrema Unção, a Ordem e o Matrimônio.

#### **85. Hoje, a maneira de conceber os Sacramentos mudou?**

**Na catequese moderna, os Sacramentos são, raramente, considerados como causas eficazes da Graça. Faz-se deles sinais que manifestam a redenção e o fato de que somos, de novo, agradáveis a Deus. Não se sabe mais muito bem se**

**transmitem, realmente, a Graça da redenção ou se apenas lembram o que já está operado em nós. Nessa concepção, o Batismo, por exemplo, não tem por efeito libertar do pecado original e fazer-nos filhos de Deus: seria apenas um sinal de que Deus nos perdoou os pecados em Cristo Jesus e de que nos é favorável de novo. Assim, o Batismo não é mais necessário para transmitir a Graça da redenção, visto que todos os homens já estão salvos (é a teoria da salvação universal).**

+ *Quem, primeiramente, negou a eficácia dos Sacramentos?*

Os protestantes foram os primeiros a negar a eficácia dos Sacramentos. Viam nestes, geralmente, apenas meios de exprimir e de fortalecer a fé. Os modernistas, condenados por São Pio X, no início do século XX, sustentavam uma teoria similar. Viam, nos Sacramentos, apenas uma expressão da fé e um meio de mantê-la.

+ *Os teólogos modernos negam, também, a eficácia dos Sacramentos?*

O que Rahner diz sobre os Sacramentos não parece muito diferente, embora em uma linguagem mais complicada:

“Quando a Igreja, em face de uma situação humana existencialmente decisiva, engaja-se, Ela mesma, toda inteira, proclamando-Se o Sacramento fundamental e a resposta principal e vitoriosa de Deus para o mundo e para cada homem, eis o que, em linguagem cristã, chamamos de Sacramentos.”<sup>321</sup>

Sobre a Confissão, o mesmo Rahner escreveu:

“Essa palavra de perdão [de Deus em Jesus Cristo] é prometida, de novo, pela Igreja, a cada um, de maneira especial, cada vez que alguém – tendo permanecido pecador mesmo depois do Batismo e capaz de recair numa falta grave – confessa à Igreja, diante de seu representante, sua grande falta e sua miséria; ou mesmo, em certas circunstâncias, leva-as, diante de Deus e Seu Cristo, na Confissão coletiva de uma comunidade [trata-se aqui das cerimônias penitenciais]. Quando essa palavra de perdão divino é pronunciada por um representante autorizado da Igreja, depois da confissão de

---

<sup>321</sup> Karl Rahner, *Grundkurs des Glaubens*, Fribourg, Herder, p.398.

um batizado, essa ação da palavra de Deus, que opera o perdão, é chamada por nós de administração do Sacramento da Penitência.”<sup>322</sup>

+ *O que se destaca nesses textos de Rahner?*

É, sobretudo, aqui, uma questão de compromisso e de promessa. Deus, em Jesus Cristo, comprometeu-Se diante do mundo, e essa promessa é renovada, para com os homens, pela Igreja. Não é dito se algo é realmente operado no homem. Ademais, na citação acima, cerimônia penitencial e Confissão são postas quase no mesmo plano. Enfim, parece, o sacerdote não perdoa os pecados, enquanto representante da Igreja; mas de Cristo, em nome de Quem, pronuncia a palavra de perdão.

+ *Rahner desenvolveu alhures as mesmas idéias?*

Rahner não é sempre fácil de entender; mas se acham, em sua obra, sempre, as mesmas idéias. Lê-se, por exemplo, na palavra “Sacramento”, no léxico *Sacramentum mundi* (de que Rahner é co-autor):

“Assim, os Sacramentos se manifestam como símbolos reais, pessoais e atuais, fundados, por Deus, na Criação, e formados, humanamente, na História da Salvação, por meio do acontecimento de Cristo, derivando da Igreja, enquanto Corpo de Cristo e primeiro Sacramento; por meio dos quais (com outros gêneros de comunicação indispensáveis e Cristiformes) se pode (e se deve) conhecer, compreender e experimentar quem é Deus e o que Ele é e será para o homem, para sua salvação: são sinais para a divina aceitação e reabilitação de todo homem, na sua condição pessoal-física – com seu mundo material e mental -; mas por meio dos quais, o homem assim agraciado pode se realizar na Igreja, em vista de Deus-Pai e graças à Sua Palavra na vida eterna do Espírito Santo.”<sup>323</sup>

+ *O que essa passagem significa?*

Sob essa verborragia, encontra-se a idéia de que os Sacramentos são símbolos, com cuja ajuda, o homem deve reconhecer e experimentar que é, de novo, agradável a Deus. Quanto a saber se os Sacramentos *operam*, realmente, esse retorno à Graça com

---

<sup>322</sup> *Ibid.*, p.406.

<sup>323</sup> *Sacramentum mundi*, Herder, 1969, t.4, col.340.

Deus, isso não é precisado. Mas, fica suficientemente duvidoso, já que os Sacramentos são apenas intermediários dentre outros.

**86. Os Sacramentos são celebrações comunitárias?**

**É verdade que o Cristianismo tem um caráter comunitário. Os cristãos, membros do Corpo Místico de Cristo, estão, a esse título, intimamente unidos entre si. Do fato de que os Sacramentos nos inserem no Corpo de Cristo e unem-nos sempre mais intimamente a Ele, estimulam também a comunhão entre cristãos. Mas, o efeito principal é, primeiramente, a união com Cristo, de que decorre a união dos cristãos entre si.**

**Ora, essa ordem é, com freqüência, invertida hoje em dia. Considera-se, primeiro, os Sacramentos como celebrações comunitárias que, enquanto comunitárias, favorecem a união dos homens com Deus. Dir-se-á, por exemplo, que o efeito principal do Batismo é a recepção do batizado na comunidade paroquial – o que é falso.**

+ *Essas novas teorias estão muito difundidas?*

Lê-se, com surpresa, sob a pluma do Cardeal Ratzinger:

“A concepção dos Sacramentos como instrumentos de Graça que eu recebo, a título de remédios sobrenaturais a fim de, por assim dizer, assegurar, unicamente, minha saúde eterna pessoal, constitui o desprezo por excelência em matéria sacramental.”<sup>324</sup>

+ *Em que essa frase do Cardeal Ratzinger é surpreendente ?*

Essa frase é surpreendente, porque os Sacramentos são, e muito bem, remédios sobrenaturais destinados à nossa cura e à nossa saúde espirituais; embora não sob aquela forma caricatural. Mas o deboche é sempre o meio mais fácil de apresentar alguma coisa sob um ângulo desfavorável, quando faltam argumentos de verdade.

+ *O Cardeal Ratzinger tem, pois, uma falsa concepção dos Sacramentos?*

O Cardeal Ratzinger insiste muito sobre o caráter comunitário dos Sacramentos, como o mostram as seguintes citações:

---

<sup>324</sup> Joseph Ratzinger, *Les principes de La théologie catholique*, Paris, Téqui, 2005, p.51.

“A unidade com [Deus] está ligada à nossa própria unidade e se realiza por esta.”<sup>325</sup>

“A Graça é sempre realização de unidade; o Sacramento, como rito litúrgico, é sempre obra comunitária; o Sacramento é, por assim dizer, a marca cristã da festa, aquela capacidade de alegria que provém da comunidade e dos poderes de que esta está investida.”<sup>326</sup>

+ *Essas passagens são contestáveis?*

A ênfase está falsamente deslocada, pois se faz, da consequência, elemento principal. A união dos cristãos entre si, a alegria da Fé e da Salvação (etc.) são as *consequências* e não, a essência da Graça que une a Deus.

### ***87. A Igreja pode suprimir ou acrescentar Sacramentos?***

**Os sete Sacramentos foram instituídos pelo próprio Cristo Jesus. A Igreja não tem, pois, o poder, nem de suprimir, nem de acrescentar novos. Está vinculada à ordem de Cristo.**

+ *Foram suprimidos ou acrescentados Sacramentos depois de Vaticano II?*

Sem ter sido, explicitamente, supresso, pode-se dizer que o Sacramento da Confissão está quase morto, na prática, em numerosas partes da Igreja. E por outro lado, sem o apresentar como Sacramento explicitamente, alguns introduziram, na Igreja, o rito pentecostal da *efusão no Espírito* (ou “Batismo no Espírito”) que é dado pela imposição das mãos e que se assemelha, estranhamente, a um oitavo Sacramento.

+ *O Sacramento da Penitência não é, hoje, administrado, sob forma de cerimônias penitenciais?*

A cerimônia penitencial que pretende, em muitos lugares, substituir a Confissão não é idêntica ao Sacramento. Essa cerimônia não tem o poder de perdoar os pecados, em particular os pecados mortais.

---

<sup>325</sup> *Ibid.*,p.52.

<sup>326</sup> *Ibid.*,p.52.

+*Por que as absolvições coletivas dadas nas cerimônias penitenciais não podem perdoar os pecados mortais?*

O Concílio de Trento definiu, solenemente, que é necessário confessar, em detalhe, os pecados mortais cometidos depois do Batismo, para poder receber a absolvição quanto aos mesmos, e que essa obrigação vem do próprio Deus (a Igreja não pode, pois, mudá-la):

“Se alguém disser que, no Sacramento da Penitência, para obter a remissão dos pecados, não é necessário, por direito divino, confessar todos e cada um dos pecados mortais (...); seja anátema.”<sup>327</sup>

+ *Nunca pode ser dada, de modo coletivo, a absolvição?*

Essa absolvição coletiva só é possível em casos de necessidade grave. Aqueles que a recebem apenas obteriam a remissão de seus pecados, na medida em que estivessem prontos a confessar, individualmente, seus pecados a um sacerdote, se o pudessem. (e, por essa razão, permanecerão obrigados a fazê-lo se escaparem do perigo que justificou a absolvição coletiva).

+*Quais são os casos de grave necessidade que justificam a absolvição coletiva?*

Os casos de grave necessidade que justificam a absolvição coletiva são, principalmente, os perigos de morte iminente (num navio que afunda, por exemplo, ou num campo de batalha). Durante a Segunda Guerra Mundial, referindo-se às desgraças da época (deportados e prisioneiros privados de sacerdotes), a Sagrada Penitenciária permitiu dar a absolvição coletiva a multidões que – sem que fosse por sua culpa – arriscariam, sem isso, de ficar por muito tempo (e, pois, de morrer) sem Sacramentos.<sup>328</sup>

+*As atuais cerimônias penitenciais não são uma simples extensão dessa permissão dada em 1944?*

As absolvições coletivas só podem ser válidas nos casos de grave e urgente necessidade, quando a confissão individual é *realmente* impossível. Apenas a

---

<sup>327</sup> Concílio de Trento, 14ª sessão, can.7; DS 1707.

<sup>328</sup> Nota da Sagrada Penitenciária de 25 de março de 1944; AAS, 1944, p.156.

necessidade pode, com efeito, dispensar de um Mandamento Divino. Ora, é flagrante que as atuais cerimônias penitenciais não entram nesses casos de necessidade. Na nota de 25 de março de 1944, de que acabamos de falar, a Sagrada Penitenciária lembrava, ademais, o ensinamento já dado por Inocêncio XI, em 1679: a simples afluência de fiéis (quando de uma festa, por exemplo) não teria o condão de autorizar dar a absolvição a penitentes que não tivessem se confessado individualmente; nem mesmo aos que tivessem se confessado pela metade.<sup>329</sup>

+ *De onde vem essa necessidade de confessar as faltas para obter seu perdão?*

Para evitar que os homens tratassem os pecados brandamente, e por lhes permitir receber os conselhos apropriados, Nosso Senhor Jesus Cristo estabeleceu, como juízes e médicos das almas, os sacerdotes (Jo 20, 22-23). É necessário, para obter a absolvição, vir manifestar-lhes o estado da alma.<sup>330</sup>

+ *As cerimônias penitenciais não podem, ao menos, perdoar os pecados veniais, enquanto convidam aqueles que cometeram pecados mortais a vir confessá-los, individualmente, a um sacerdote?*

Esse convite a vir confessar, em privado, os pecados especialmente graves, terá, necessariamente, um efeito dissuasivo. Depois de tal anúncio, quem terá ainda a coragem de vir se ajoelhar no confessionário, manifestando assim aos olhos de todos que cometeu faltas particularmente pesadas ?

+ *Quais são as conseqüências dessas novas cerimônias penitenciais?*

Pode-se temer que numerosos católicos permaneçam em estado de pecado mortal e corram o perigo de se perderem eternamente.

+ *De onde vem esse desamor geral pela confissão?*

O desamor geral pela confissão vem, em grande parte, de que os católicos não têm mais, hoje, o senso do pecado.

---

<sup>329</sup> Decreto de 02 de março de 1679, DS 2159.

<sup>330</sup> Santo Tomás de Aquino, Suppl., q.6, a.1.

+ *Por que os católicos não têm mais o senso do pecado?*

Os católicos não têm mais o senso do pecado, porque, bem freqüentemente, seus próprios sacerdotes e seus próprios Bispos não o têm mais. Em vez de denunciarem a gravidade das ofensas a Deus, de pregarem a penitência e de encorajarem a fuga das ocasiões perigosas, reduzem tudo ao nível humano (só contam os atentados à dignidade humana), negligenciam a *Justiça* de Deus, minimizam as conseqüências do pecado e esquecem-se da necessidade de repará-lo.

+ *Podeis dar um exemplo da maneira como certos sacerdotes e Bispos destroem o senso do pecado?*

Numa reunião do conselho de decanos de Wangen, em Allgäu, em 17 de outubro de 1983, o cônego Hubert Bour fez uma conferência sobre o tema “pecado e perdão”. Afirmava notadamente:

“Abusou-se da noção de pecado mortal. Fez-se, de bagatelas, pecados mortais. O pecado mortal não é o caso normal. Sobre a questão da freqüência do pecado mortal, um teólogo bem conhecido respondeu que cometia um por dia em Paris e um de tempos em tempos na nossa diocese.”<sup>331</sup>

+ *O Sacramento da Penitência foi, expressamente, atacado?*

Na mesma conferência, o cônego Bour declarou que o chamado à penitência e à conversão não tinha para Jesus um “papel central”; que Jesus não havia “instituído, expressamente, o Sacramento da Penitência, embora duas passagens do Novo Testamento o fizessem crer”; que o texto do Evangelho de São João, tradicionalmente, entendido como a Instituição do Sacramento da Penitência (“Os pecados serão perdoados àqueles a quem perdoardes (...)” (Jo 20,23) se referia, sim, ao Batismo.

+ *Qual é o ensinamento da Igreja sobre todos esses pontos?*

Eis as condenações trazidas pelo Concílio de Trento:

---

<sup>331</sup> Ata da reunião do Conselho de decanos de Wangen, de 22 de novembro de 1983.

“Se alguém disser que, na Igreja Católica, a Penitência não é, verdadeira e propriamente, um Sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, para reconciliar os fiéis, com Deus, cada vez que caírem no pecado depois do Batismo; seja anátema.”<sup>332</sup>

“Se alguém, confundindo os Sacramentos, disser que o Sacramento da Penitência é o Sacramento mesmo do Batismo, como se esses dois Sacramentos não fossem distintos (...); seja anátema.”<sup>333</sup>

“Se alguém disser que estas palavras de Nosso Senhor: “Recebei o Espírito Santo; os pecados serão perdoados a quem os perdoardes, e retidos a quem os retiverdes” (Jo 20, 22) não devem ser entendidas como o poder de perdoar e de reter os pecados no Sacramento da Penitência (...); seja anátema”<sup>334</sup>

+ *O que é o rito da “efusão do Espírito”?*

O rito da “efusão do Espírito” (ou “Batismo no Espírito”)<sup>335</sup> era, originalmente, a marca distintiva de uma seita protestante, a dos “pentecostais”. É uma imposição de mãos, feita com o objetivo de dar uma experiência sensível do Espírito Santo e uma participação nos carismas dos primeiros cristãos – particularmente, no falar em línguas.

+ *De onde vem esse rito pentecostal?*

O pentecostalismo nasceu na noite entre 31 de dezembro de 1900 e 01 de janeiro de 1901, em Topeka, no Kansas.<sup>336</sup> Na esperança de reencontrar os carismas dos

---

<sup>332</sup> Concílio de Trento, 14ª sessão, can. 1; DS 1701.

<sup>333</sup> *Ibid.*, can. 2; DS 1702.

<sup>334</sup> *Ibid.*, can.3; DS 1703.

<sup>335</sup> Os pentecostais se referem à palavra de São João Batista: “Eu vos batizei com água; mas Ele vos batizará no Espírito Santo” (Mc 1,8). Mas, na realidade, São João Batista fala aqui do *Sacramento* do Batismo, que Nosso Senhor vai instituir e que, diferentemente do batismo de João Batista – simples batismo de penitência – dará o Espírito Santo. Essa diferença entre os dois batismos está, claramente, afirmada nos Atos dos Apóstolos (At 19,3-6).

<sup>336</sup> Foi também nos Estados Unidos que nasceu o espiritismo, em 1847, quando as moças da família Fox, na pequena cidade de Hyderville (Estado de New York), tentaram entrar em

Apóstolos (sobretudo o falar em línguas), o pastor metodista Charles Parham (1873-1929) impôs as mãos sobre uma moça chamada Agnès Ozman.<sup>337</sup> Esta se pôs, logo, a falar em uma língua desconhecida – que um oriundo da região da Bohemia reconheceu, no dia seguinte, como sua língua materna. A experiência se espalhou nos dias seguintes, e o pastor Parham partiu a pregar sua descoberta. Perseguido mais tarde por questão de costumes (acusavam-no de homossexualismo), o pastor Parham foi eclipsado por alguns de seus discípulos, com William Seymour (1873-1929).<sup>338</sup>

+ *Como se espalhou o novo rito pentecostal?*

Os “pentecostais” foram, primeiro, rejeitados, mesmo pelos protestantes (chamavam-nos de “trêmulos” por causa de suas contorções, os “rolantes” – alguns rolavam no chão durante o culto). Criaram suas próprias igrejas e organizaram-se em círculos muito fechados. Foi somente a partir dos anos 30, na Europa, e, dos anos 50, nos Estados Unidos, que seu rito saiu das igrejas estritamente pentecostais, para penetrar em todas as denominações protestantes. O pastor David du Plessis (1905-1987) foi o principal artífice dessa difusão “ecumênica” do “Batismo no Espírito”. No fim do século XX, contavam-se, no mundo, cerca de cem milhões de pentecostais.

---

contato com o *espírito golpeador* que assombrava sua residência. Dez anos mais tarde, o espiritismo contava com mais de dez milhões de adeptos.

<sup>337</sup> Agnès Ozman havia, ela mesma, pedido essa imposição das mãos, referindo-se aos Atos dos Apóstolos (At 8,17-19;9,17;19,6).

<sup>338</sup> Incomodados com a personalidade de Charles Parham – que foi membro da Ku Klux Klan – alguns pentecostais preferem, hoje, fazer seu movimento remontar à pregação de Seymour em Los Angeles, em 09 de abril de 1906. Naquela noite, seus ouvintes receberam o “Batismo no Espírito” e começaram a falar em línguas, rir, gritar, cantar, bater mãos e bater com o pé com tal impetuosidade que a velha casa que os abrigava desmoronou. – Uma outra inflamação pentecostal (análoga à primeira, porém independente) aconteceu na Grã-Bretanha, em 1904, e influenciou, consideravelmente, o protestantismo francês. Mas o carisma “católico”, mesmo na França, filia-se mais ao pentecostalismo norte-americano. Ver A. Delassus, *Le Renouveau Charismatique aujourd’hui*, suplemento ao nº 162 de *L’Action familiale et Scolaire* (31 rue Rennequin, 75017 Paris), p.48; p.61-65; p.135.

+ *Existem precedentes do fenômeno pentecostal?*

O rito propriamente dito do “Batismo no Espírito” é novo; mas as seitas heréticas conheceram, regularmente, fenômenos análogos no curso das eras. No fim do século XVII, uma onda de pietismo agitava assim os “Camisards” protestantes do sul da França: afirmava-se sentir o Espírito Santo, exprimia-se em línguas, chorava-se copiosamente. As mesmas excentricidades se encontram, a partir de 1731, em Paris, no cemitério de Saint-Médard, sobre a tumba de um diácono jansenista: convulsões frenéticas atingindo turbas inteiras, êxtases, discursos em línguas desconhecidas, “profecias”, etc.

+ *Como se pode explicar esse gênero de fenômenos?*

Esses fenômenos estranhos podem, em parte, ser explicados, de modo natural (histeria descontrolada, exaltação psíquica mórbida, alucinações); mas é verossímil que o diabo nelas intervenha com freqüência. O fato de se exprimir em línguas nunca aprendidas antes é sinal de possessão diabólica indicada pelo ritual tradicional dos exorcismos.<sup>339</sup>

+ *Pessoas que invocam o Nome de Cristo com um tal fervor podem, realmente, ser manipuladas pelo diabo?*

Nosso Senhor mesmo o disse:

“Guardai-vos dos falsos profetas (...) Não são todos os que Me dizem *Senhor, Senhor*, que entrarão no Reino dos Céus; mas sim aquele que faz a Vontade de Meu Pai, que está nos Céus. Muitos me dirão naquele Dia: *Senhor, Senhor*, não foi, em Vosso Nome, que profetizamos? Não foi, em Vosso Nome, que expulsamos os demônios? E não fizemos, em Vosso Nome, muitos milagres? Então, Eu lhes direi em alta voz: nunca vos conheci. Retirai-vos de Mim, operários da iniquidade.”(Mt 7, 15-23).

---

<sup>339</sup> *Ritualem Romanum*, tit. XI, c.1, § 3: “*Signa autem obsidentis daemonis sunt: ignota lingua loqui pluribus verbis (...)*”

+ *Como o rito pentecostal penetrou na Igreja Católica?*

O rito pentecostal da *efusão do Espírito* foi difundido na Igreja pelos católicos ditos “carismáticos”. A “Renovação Carismática” pode ser definida como o “ramo católico do corrente pentecostalismo”.<sup>340</sup>

+ *Qual é a origem do carismatismo “católico”?*

O carismatismo “católico” nasceu, nos Estados Unidos, em Pittsburgh (Pennsylvania), em 20 de fevereiro de 1967, dia em que dois católicos da Universidade de Duquesne receberam a imposição das mãos, em um grupo de oração dirigido por uma presbiteriana, e começaram a falar em línguas. Utilizaram, em seguida, o mesmo rito para transmitir a outros católicos os poderes assim recebidos. Em 18 de fevereiro de 1972, um engenheiro, retornando dos Estados Unidos, transmitiu a *efusão do Espírito* a Pierre Goursat, que fundou, em 1973, a comunidade Emmanuel (principal comunidade carismática francesa).<sup>341</sup>

+ *Qual foi o efeito do rito pentecostal sobre os primeiros católicos que o receberam?*

A imposição das mãos produziu sobre os estudantes católicos da Universidade de Duquesne os mesmo efeitos bizarros que sobre os protestantes. Um dos dois contou: “Minha alegria era tão grande que não podia fazer nada além de rir, estendido por terra”. Um outro: “O sentimento que eu tinha da presença de Deus era tão forte que me recordo de ter ficado sentado uma meia hora na capela, rindo de alegria no pensamento do amor Deus”. Um terceiro: “Desde que me impuseram as mãos, pareceu-me que todo

---

<sup>340</sup> Essa definição é dada pela revista *Tychique* (revista da comunidade carismática do “Chemin neuf”), no seu número 50 (julho de 1984).

<sup>341</sup> Os fundadores das outras comunidades carismáticas francesas receberam “a efusão do Espírito”, seja diretamente dos protestantes (Gérard Croissant, dito “irmão Ephraïm”, fundador da comunidade des Béatitudes), seja por intermédio dos carismáticos norte-americanos (Laurent Fabre, fundador do Chemin neuf, recebeu-a de um jesuíta americano).

meu peito iria estourar. Meus lábios começaram a tremer e meu espírito a girar em turbilhão. Depois, eu sorria beatamente, não podia me impedir de fazer isso.”<sup>342</sup>

+ *O que manifestam essas reações ?*

Essas reações chocantes revelam uma intervenção demoníaca. Enquanto que o Espírito Santo faz reinar a ordem e a discricção, o espírito demoníaco, mesmo quando se disfarça em anjo de luz, trai-se, geralmente, por alguma manifestação grotesca.<sup>343</sup>

+ *O demônio pode, então, inflamar as almas de amor a Deus?*

O demônio não pode inflamar as almas de amor a Deus; mas pode *dar essa impressão* àqueles que querem *sentir* demais a ação da Graça:

“Não é necessário mais para permitir ao diabo fazer-lhes ver falsas luzes ou escutar falsas melodias (...) e espalhar um fogo ou um calor extraordinário dentro de seu peito, de suas costas, de seus rins ou de seus membros. Entretanto, em meio a todas essas coisas fantasmagóricas, imaginam, erroneamente, conservarem no repouso a lembrança de Deus, sem serem detidos por nenhum pensamento vão. E têm razão sobre esse ponto, em certo sentido, pois estão tão mergulhados no erro que as vaidades não os podem tentar. E por quê? Porque esse mesmo demônio que procuraria excitar neles pensamentos vão, se estivessem no bom caminho, é o principal agente da obra que

---

<sup>342</sup> Testemunhos citados na obra de Kevin e Dorothy Ranaghan, *Le Retour de l'Esprit*, Paris, Cerf, 1972.

<sup>343</sup> O místico inglês do século XIV, autor da obra *Le Nuage de l'inconnaissance* (um dos livros de base dos noviços cartuxos) escreveu assim: “Há, com efeito, esses iludidos todos saturados de manias incomuns em sua atitude exterior. [... Alguns] não cessam de sorrir ou de rir a toda palavra que pronunciam, como meninas de riso solto ou como jograis a quem falta postura e que se entregam a todas as palhaçadas. E, todavia, a atitude que deveriam conservar seria a de uma perfeita decência, com muita ponderação e com muita reserva em sua postura e na expressão de sua alegria – Não quero dizer que esses hábitos pouco decentes sejam, por si mesmos, grandes crimes; nem que aqueles que os adquirem sejam grandes pecadores; mas se esses hábitos tomam conta de um homem tão fortemente que ele não possa se desfazer deles quando quiser, eles são *sinais* (...) É por eles que o operário espiritual manifestará o que é a sua obra.” (tradução para o francês de Dom Noetinger, O.S.B., Mame, 1925, cap.53).

executam. Adivinhas bem que ele não se faz obstáculo a si mesmo. Evita bem de lhes tirar a lembrança de Deus, temendo que suspeitem da verdade.”<sup>344</sup>

+ *Acham-se alertas análogos nos escritos dos Santos?*

São Vicente Ferrer ensina, no seu tratado de vida espiritual:

“Aqueles que querem viver na Vontade de Deus não devem desejar obter (...) revelações ou sentimentos sobrenaturais que superem o estado ordinário daqueles que têm, por Deus, um temor e um amor muito sinceros. Pois, um semelhante desejo só pode vir de um fundo de orgulho e de presunção, duma curiosidade vã em relação a Deus ou de uma Fé muito frágil. A Graça de Deus abandona a alma tomada por esse desejo e deixa-a cair nessas ilusões e nessas tentações do diabo, que a seduz em visões e em revelações enganosas. É desse modo que o demônio semeia a maior parte das tentações espirituais de nosso tempo e que as enraíza nos corações daqueles que são os precursores do Anticristo (...)”.<sup>345</sup>

+ *Esse texto de São Vicente se aplica ao pentecostalismo e ao carismatismo?*

É precisamente na intenção de “falar em línguas” que Agnès Ozman pediu ao pastor Parham para lhe impor as mãos. Foi também para se beneficiarem de “carismas”

---

<sup>344</sup> *Le Nuage de l'inconnaissance, Ibid., cap. 52* – O mesmo autor explica: “Será o demônio, seu inimigo espiritual, que lhes fará experimentar um fogo interior cuja causa é seu orgulho, a fraqueza da carne e a inquietude de seu espírito. Mas imaginarão, erroneamente, sentir o fogo do amor e obtê-lo da Graça e da Bondade do Espírito Santo. (...) A ilusão que procede desse falso sentimento, e do falso conhecimento que a acompanha, reveste formas variadas e estranhas, conforme a diversidade dos estados e das condições particulares daqueles que sucumbem a ela.” (cap. 45).

<sup>345</sup> São Vicente Ferrer, *Tratado da vida espiritual*, 2ª parte, cap.VIII. –São João da Cruz, Doutor da vida mística, ensina do mesmo modo: “Assim o demônio fica muito contente de que uma alma deseje revelações ou que a veja inclinada a isso. Porque tem bem então uma ocasião fácil de lhe sugerir seus erros e de a desviar da Fé tanto quanto puder. Pois (como eu disse) a alma que deseja essas revelações se coloca em uma disposição muito contrária à Fé e atrai para si muitas tentações e muitos perigos” São João da Cruz, *A subida do Carmelo*, livro II, cap.11.

extraordinários manifestados pelos pentecostais que os católicos de Pittsburgh lhes pediram essa mesma imposição das mãos.

+ *A Renovação Carismática não realiza um certo bem, trazendo de volta ao Catolicismo um certo número de almas e mantendo a piedade em outras?*

O demônio, que enxerga a longo prazo, sabe perder um pouco para ganhar muito. É o ensinamento da bem-aventurada Maria da Encarnação:

“Os êxtases, as visões e as revelações não são de jeito nenhum um argumento incontestado da permanência ou da assistência de Deus em uma alma. Quantos se viram que foram enganados com esses tipos de visões? Embora tenham sido a causa da conversão ou mesmo da salvação de algumas almas, é um estratagemma do espírito maligno que fica contente em *perder um pouco para ganhar muito.*”<sup>346</sup>

+ *Qual vantagem o demônio pode encontrar nessas manifestações de piedade?*

O pentecostalismo não apenas despertou e revitalizou um protestantismo moribundo que arriscava deixar o campo livre para a Igreja Católica; mas lhe permitiu, hoje em dia, conquistar, progressivamente, a América Latina<sup>347</sup>. O demônio nisso encontrou vantagens evidentes. Do mesmo modo, o carismatismo “católico” perpetua, no próprio seio da Igreja, erros que a destroem.

---

<sup>346</sup> Bem-aventurada Maria da Encarnação (Madame Acarie), citada por A. Delassus, *Ibid.*, p.154 – O bem-aventurado Jourdain de Saxe (1190-1236) teve que exorcizar um certo irmão Bernard. Possuído pelo demônio, este pregava de uma maneira tão penetrante, com uma entonação tão tocante, um ar tão piedoso e palavras tão profundas que arrancava lágrimas de todos os que o escutavam. Logo que foi descoberto, por outro lado, mudou o tom e não pronunciava mais que palavras imundas. Como o bem-aventurado o interrogava: “Onde estão, então, teus belos discursos?”, ele respondia: “Já que minha farsa foi descoberta, quero me mostrar tal qual sou”. (Jourdain de Saxe, O.P.. *Libellus de principiis ordinis praedicatorum*, § 110-119).

<sup>347</sup> Ver a oitava sub-pergunta da pergunta principal nº 1 deste catecismo.

+ *O carismatismo não se opõe á dessacralização pós-conciliar?*

É precisamente porque reage contra certos excessos que o carismatismo atrai católicos perplexos com a crise; mas para reconduzi-los aos erros conciliares !!! (Do mesmo modo que o pentecostalismo reconduziu ao protestantismo aqueles que seu excessivo rigorismo fazia fugir em massa).

+ *Podeis dar um exemplo?*

A comunidade Emmanuel reintroduziu, em vários lugares, a adoração ao Santíssimo Sacramento, o terço, a Confissão, etc. Essas devoções “conservadoras” fizeram cair muitos católicos desorientados. Mas esse conservadorismo serve, sobretudo, para conservar ... as novidades conciliares !!! Quem poderia negar que as teatralidades sentimentais de que os carismáticos têm o segredo são as principais muletas que ainda sustentam a nova Liturgia ?

+ *Qual é o nexó entre Vaticano II e o carismatismo?*

Vaticano II é plenamente responsável pela introdução do rito pentecostal no seio do Catolicismo. Não somente porque João XXIII queria, no Concílio, “um novo Pentecostes”<sup>348</sup>, ou porque o pastor pentecostalista David du Plessis – que havia tão eficazmente trabalhado na infiltração do “Batismo no Espírito” em todas as confissões protestantes – tivesse sido convidado ao Concílio como “observador” (deve-se a ele a introdução de algumas passagens sobre os carismas nos textos conciliares)<sup>349</sup>; mas , sobretudo, porque foi o decreto de Vaticano II sobre o ecumenismo - *Unitatis redintegratio*- que levou os católicos da Universidade de Duquesne ao “Batismo no Espírito”.

---

<sup>348</sup> João XXIII, Constituição *Humanae salutis* convocando, oficialmente, o Concílio Vaticano II (25 de dezembro de 1961).

<sup>349</sup> Constituição *Lumen gentium* (sobre a Igreja), nº 12 – Decreto sobre o apostolado dos leigos, §3º: “da recepção desses carismas, mesmo dos mais simples, resulta, para cada um dos crentes, o direito e o dever de exercer esses dons na Igreja e no mundo, para a edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo, que sopra onde quer”.

+ *Como esse decreto pode conduzir católicos ao “Batismo no Espírito”?*

Falando das comunidades separadas da Igreja Católica, o decreto *Unitatis redintegratio* afirma que “o Espírito de Cristo não recusa se servir delas como meios de salvação”<sup>350</sup>. Diz também que “tudo o que é realizado pela Graça do Espírito Santo nos irmãos separados pode contribuir para a nossa edificação”.<sup>351</sup> Essas passagens foram decisivas para os católicos da Universidade de Duquesne pedirem, aos protestantes, a imposição das mãos, em 20 de fevereiro de 1967.<sup>352</sup>

+ *Como o carismatismo favorece os erros de Vaticano II?*

O carismatismo contribui, como Vaticano II:

- i) para estimular um falso ecumenismo (o carismatismo *nasceu* ecumenista);
- ii) para confundir, em todos os domínios, a ordem da natureza e a da Graça;
- iii) para enfraquecer a autoridade hierárquica querida por Deus;
- iv) para esquecer toda parte *ascética* da vida espiritual.

+ *Como o carismatismo contribui para confundir natureza e Graça?*

Querer *sentir* a ação da Graça (de si não-sensível) é expor-se a confundir Fé e sentimento religioso (assim como os modernistas)<sup>353</sup>; mas também inspiração divina e

---

<sup>350</sup> Vaticano II, decreto *Unitatis redintegratio* (sobre o ecumenismo), § 3. Ver a pergunta nº 47 deste catecismo.

<sup>351</sup> *Ibid.*, § 4º

<sup>352</sup> “Enquanto católicos, estavam respaldados pelo Concílio, que havia afirmado: “tudo o que é realizado pela Graça do Espírito Santo nos irmãos separados pode contribuir para a nossa edificação”. Depois de se terem informado bem, decidiram pedir a um grupo de pentecostistas para orarem por eles e sobre eles”. Mario Panciera em *Présence chrétienne* nº12 (abril de 1989), citado em *Courrier de Rome (Si Si No No)* nº 111 (fevereiro de 1990), p.2.

<sup>353</sup> A confusão entre fé e sentimento religioso é o erro de base do modernismo condenado por São Pio X. Ver a pergunta nº 11 deste catecismo.

imaginação; Esperança teologal e otimismo; vida da Graça e bem-estar psicológico. A psicologia ocupa, ademais, um lugar muito grande nas comunidades carismáticas.<sup>354</sup>

+ *O que se pode dizer, em definitivo, do rito da efusão do Espírito ?*

Os próprios carismáticos não sabem muito bem como explicar o rito da *efusão do Espírito*. Não pode ser um Sacramento, já que Jesus Cristo só instituiu sete. Vêm nele, pois, um caminho de conversão, uma reativação dos Sacramentos do Batismo e da Crisma, ou mesmo uma experiência espiritual. Mas nenhuma dessas explicações dá conta da *eficácia* de um rito que parece agir por si mesmo, como um Sacramento.

+ *Pode-se, realmente, comparar essa efusão do Espírito com um Sacramento?*

Ao vincular efeitos espirituais a um rito determinado, a *efusão do Espírito* se assemelha aos Sacramentos. Mas estes transmitem uma Graça não-sensível (deixam-nos na ordem da Fé), enquanto que esse rito pretende fazer *sentir* a ação de Deus. Pode-se, então, defini-lo como uma *caricatura* de Sacramento que transmite, não a Graça de Deus, mas a *ilusão sensível* dessa Graça. Sabe-se que o demônio tem o poder de criar essa ilusão naqueles que procuram experimentar, de modo sensível, a ação divina.

+ *É preciso considerar, então, os carismáticos como possuídos pelo demônio?*

Todos aqueles que recebem a *efusão do Espírito* não são, só por esse fato, possuídos pelo demônio; nem mesmo, necessariamente, culpados de pecado mortal (por causa de uma certa ignorância do que fazem). Mas se abrem, assim mesmo, para uma influência diabólica que os coloca na ilusão, que arrisca falsificar sua vida espiritual e cegá-los tanto para a crise na Igreja, quanto sobre seu dever de estado pessoal. Alguns

---

<sup>354</sup> Os membros da Comunidade do *Puits de Jacob* fazem sessão de P.R.H. (Personalidade e Relações Humanas) no espírito do psicólogo norte-americano Carl Rogers (que teve importante papel na elaboração das técnicas de dinâmica de grupo) [A. Delassus, *ibid*, p.69-70]. A Comunidade do *Chemin neuf*, que recruta muitos dentre os profissionais da saúde, propõe uma medicina integrada na espiritualidade. A Comunidade *des Béatitudes* dá muita importância também à psicoterapia. – É paradoxal que um movimento que se diz *carismático* tenha necessidade, para se perpetuar, de se especializar nessa psicologia humana que os carismas do Espírito Santo deveriam, ao contrário, moverem sozinhos e sem esforço.

abandonam completamente a vida cristã quando, alguns anos depois, as miragens desaparecem.

+ *É necessário atribuir ao demônio as curas e prodígios operados pelos carismáticos?*

O demônio não pode fazer *milagres* no sentido estrito (que manifestem um poder absoluto sobre a natureza); mas sim *prodígios* (que utilizam as leis da natureza de modo particularmente engenhoso). Ora, não se acham milagres patentes entre os carismáticos. Eles mesmos reconhecem que um bom número de curas, efetuadas no curso de suas reuniões, não duram<sup>355</sup>. Ademais, as declamações em línguas desconhecidas proferidas em certas reuniões carismáticas foram, por vezes, identificadas como blasfêmias por pessoas que conheciam essas línguas e estavam presentes por acaso.

#### **88. A Igreja pode mudar o rito dos Sacramentos?**

**A Igreja não pode tocar na *essência* dos Sacramentos (isto é, no que é absolutamente necessário para sua validade). Pode modificar os ritos *acidentais*; mas isso deve ser feito com a finalidade de exprimir mais claramente a essência dos sacramentos e de facilitar sua digna recepção.**

+ *Por que a Igreja não pode tocar na essência dos Sacramentos?*

Pio XII explica:

“A esses sacramentos instituídos por Cristo Nosso Senhor, a Igreja, no curso dos séculos, não substituiu por outros Sacramentos, e não o podia fazer, pois, segundo a expressão do Concílio de Trento, os sete Sacramentos da Lei nova foram todos

---

<sup>355</sup> Um dentre eles explica assim: “Viu-se, às vezes, uma pessoa começar uma cura, depois recair alguns dias depois. Preferia seu estatuto de doente assistida a uma autonomia de pessoa saudável, ou talvez recusasse fazer os esforços para perseverar e progredir em direção à plena saúde física, psíquica e espiritual” (Yves Jéhanno, *L'Enjeu Du renouveau charismatique*, Paris, Fayard, 1988, p.93). Não se pode manifestar melhor que não se trata de milagres; mas de simples prodígios (que ajudam a natureza a produzir esse ou aquele efeito, mas que não têm pleno poder sobre ela).

instituídos por Cristo Nosso Senhor, e a Igreja não tem poder sobre a substância dos Sacramentos (*substantia sacramentorum*); isto é, sobre aquilo que, conforme o testemunho das Fontes da Revelação Divina, o próprio Cristo ordenou manter no sinal sacramental.<sup>356</sup>

+ *Com que objetivo a Igreja pode modificar os ritos acidentais?*

O Concílio de Trento declarou:

“Na administração dos Sacramentos – e sem tocar em sua substância – a Igreja sempre teve o poder de estabelecer ou de modificar o que julgasse convir melhor à utilidade daqueles que os recebem e ao respeito aos próprios Sacramentos, conforme a diversidade das coisas, dos tempos e dos lugares.”<sup>357</sup>

+ *Quais são os Sacramentos cujos ritos foram modificados desde Vaticano II?*

Todos os Sacramentos foram modificados em seguida a Vaticano II. Há, pois, um novo rito de ordenação (1968)<sup>358</sup>; uma Missa nova (1969)<sup>359</sup>; um novo Batismo (1969)<sup>360</sup>; um novo Matrimônio (1969)<sup>361</sup>; uma nova Crisma (1971)<sup>362</sup>; uma nova

---

<sup>356</sup> Pio XII, *Sacramentum ordinis*, DS 3857.

<sup>357</sup> Concílio de Trento, 21ª sessão, cap. 2; DS 1728.

<sup>358</sup> Constituição Apostólica, *Pontificalis romani*, de 18 de junho de 1968. A forma da ordenação sacerdotal e a da sagração episcopal foram modificadas. DC nº 1520 (1968), col. 1165-1169.

<sup>359</sup> O Novo Ordo Missae foi promulgado em 03 de abril de 1969. DC nº 1541 (1969), p. 515-517.

<sup>360</sup> 15 de maio de 1969; AAS, vol. LXI, p.548. – Para o Batismo de adultos: 06 de janeiro de 1972, AAS, vol. LXIV, p.252.

<sup>361</sup> Março de 1969. Ver DC nº 1541 (1969), p.518. Mas um novo ritual do matrimônio foi ainda publicado por João Paulo II em 1990.

<sup>362</sup> Constituição Apostólica *Divinae consortium naturae*, de 15 de agosto de 1971, DC nº 1594 (1971), p.852-855; decreto de 22 de agosto de 1971, AAS, vol. LXIV, p.77.

Extrema Unção (1972)<sup>363</sup>; uma nova Confissão (1973)<sup>364</sup>, como há, ademais, um novo Breviário (1970)<sup>365</sup>, um novo calendário (1969)<sup>366</sup>, novos óleos santos (1970)<sup>367</sup>, um novo Direito canônico (1983)<sup>368</sup>, uma nova Via Sacra (1991)<sup>369</sup>, um novo Catecismo (1992)<sup>370</sup>, um novo rito de exorcismo (1998)<sup>371</sup>, um novo martirologio (2001)<sup>372</sup> e um novo Rosário (2002)<sup>373</sup> – sem contar a “nova evangelização”<sup>374</sup> ou, na França, o novo Pai-Nosso, o novo *Credo* (em que se substituiu a expressão “consustancial ao Pai” por

---

<sup>363</sup> Constituição Apostólica de 30 de novembro de 1972, DC nº 1625 (1973), p.101-102; decreto de 07 de dezembro de 1972, AAS, vol. LXV, p.275.

<sup>364</sup> Decreto de 02 de dezembro de 1973, AAS, vol. LXVI, p.172.

<sup>365</sup> Constituição Apostólica *Laudis canticum* de 01 de novembro de 1970; decreto de 11 de abril de 1971, AAS, vol. LXIII, p.712.

<sup>366</sup> Motu Proprio *Mysterii paschalis* de 14 de fevereiro de 1969, DC nº 1541 (1969), p.519-520.

<sup>367</sup> Decreto de 03 de dezembro de 1970, AAS, vol. LXIII, p.711.

<sup>368</sup> Constituição Apostólica *Sacrae disciplinae leges* de 25 de janeiro de 1983.

<sup>369</sup> Inaugurada por João Paulo II, em 1991, essa nova Via Sacra conta quinze estações, em vez de catorze, e modificou várias. Foi ainda este que foi utilizado para o Jubileu do ano 2000.

<sup>370</sup> Constituição Apostólica *Fidei depositum* de 11 de outubro de 1992.

<sup>371</sup> Ver Dc nº2198 (1999), p.159-160.

<sup>372</sup> Publicado em 29 de junho de 2001, esse novo martirologio contém o nome de 6538 Santos e bem-aventurados, dos quais 1717 (quase um terço) foram proclamados como tais pelo próprio João Paulo II.

<sup>373</sup> Encíclica *Rosarium Virginis Mariae* de 16 de outubro de 2002, DC nº 2280 (2002), p.951-969.

<sup>374</sup> Lançando essa fórmula “Nova Evangelização”, em 03 de março de 1983 (dirigindo-se ao Conselho Episcopal latino-Americano), João Paulo II explicava que devia ser *nova* não somente em seu ardor; mas também “em seus métodos e em sua expressão” [DC nº 1850 (1983), p.438]. As Jornadas Mundiais da Juventude são uma ilustração típica dessa “nova evangelização”.

“de mesma natureza que o Pai”<sup>375</sup>; o novo *Réjouis-toi, Marie* (lit. Alegrai-vos, Maria), etc. – Vaticano II fez novas todas as coisas, como que para fundar uma nova religião.

### **89. Os novos ritos exprimem melhor a essência dos Sacramentos?**

**Longe de fazerem compreender melhor a ação sacramental e de facilitar a digna recepção dos Sacramentos, os novos ritos fazem o completo inverso: relativizam as Verdades de Fé, banalizam o Mistério, enfraquecem o respeito devido aos Sacramentos.**

+ *As deficiências dos novos ritos afetam todos os Sacramentos?*

As deficiências dos novos ritos afetam não somente todos os Sacramentos (mais ou menos conforme o caso); mas também outras cerimônias como os funerais ou os

---

<sup>375</sup> Em fins de 1965, o filósofo Etienne Gilson publicou em *France catholique* um artigo de título provocativo ( “Sou cismático ?”) no qual colocava em xeque essa falsa tradução. O artigo fez muito barulho; mas nada foi mudado. Gilson retornou ao assunto em 1967: “O novo Símbolo omite-se em afirmar a unicidade da Trindade. Certamente não a nega; mas também não a ensina e, ao impor essa omissão aos fiéis, proíbe-lhes de continuar a professar como sempre fizeram, desde o Concílio de Nicéia. Pois se o Filho é de mesma natureza que o Pai, Ele é Deus como Aquele; mas se não é da mesma substância que o Pai, Ele pode ser um segundo Deus, e em breve o Espírito Santo será um terceiro (...) Para [o judaísmo e o islã], o Cristianismo é um politeísmo. O cristão podia até aqui responder que não, já que as três Pessoas Divinas são apenas um só e mesmo Deus. Não o pode mais, se for francês, pois se as Pessoas só tiverem em comum a natureza, não a substância ou o ser, cada uma delas seria um Deus como as Outras duas. Do mesmo modo que um pai e seu filho são dois homens de mesma natureza, o Pai e o Filho seriam dois deuses (...) O objeto do Símbolo não é o de fazer compreender o Mistério, é o de defini-Lo. Ora, não se define, dizendo que o Filho é de mesma natureza que o Pai, pois isso é verdade para todos os filhos. O que seria um mistério insondável seria que um filho não fosse de mesma natureza que o seu pai. Ao afirmar que o são, não se diz absolutamente nada, senão uma verdade da mesma ordem daquelas tornaram célebre o nome de Monsieur de La Palisse” (Etienne Gilson, *La société de masse et as culture*, Paris, Vrin, 1967, p.128-129)

exorcismos ( que não são Sacramentos; mas sacramentais)<sup>376</sup>. Para não ser longo demais, nós nos contentaremos com quatro exemplos:

- i) O novo rito do Batismo;
- ii) O novo rito da Extrema Unção;
- iii) O novo rito do exorcismo;
- iv) O novo rito dos funerais.<sup>377</sup>

+ *Quais foram as modificações trazidas pelo novo ritual do Batismo?*

O novo ritual atenua o que evoca os efeitos sobrenaturais do Sacramento; suprime vários ritos preparatórios ao Batismo, notadamente o triplo exorcismo, que arranca, com autoridade, a criança da influência de Satã.

+ *Por que o Batismo tem necessidade de ritos preparatórios?*

“Quem quer que queira realizar sabiamente uma obra, começa por eliminar os obstáculos que se opõem à mesma”, diz Santo Tomás, que cita Jeremias: “Não semeai entre espinhos”<sup>378</sup>. Grandes transformações requerem grandes preparações. É por isso que os catecúmenos dos primeiros séculos não eram somente instruídos sobre o Credo; mas submetidos a um tempo de prova, provas e toda uma série de ritos e de exorcismos,

---

<sup>376</sup> Diferentemente dos *Sacramentos* (instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo), os *sacramentais* foram instituídos pela Igreja. Não causam, eles mesmos, diretamente a Graça; mas favorecem a recepção Desta.

<sup>377</sup> Para o que é da Santa Eucaristia (atacada pela Comunhão na mão, pela redução dos sinais de adoração, pela diminuição do jejum eucarístico, etc.), ver o capítulo deste catecismo sobre a Missa Nova.

<sup>378</sup> Jr 4, 3, citado por Santo Tomás de Aquino, III, q.71, a.2.

de acordo com seu progresso.<sup>379</sup>Tudo isso sobreviveu no ritual tradicional do Batismo.<sup>380</sup>

+ *Os ritos preparatórios ao Batismo têm uma eficácia própria ou só fazem significar o que o Batismo realiza de toda maneira?*

Vários ritos preparatórios ao Batismo – sobretudo os exorcismos – têm uma eficácia própria, distinta da do Batismo propriamente dito. É necessário, pois, diz Santo Tomás, administrá-los depois àqueles que, batizados de urgência, não os puderam receber.<sup>381</sup>

+*Qual é a eficácia própria dos ritos preparatórios ao Batismo?*

Os ritos preparatórios *eliminam os obstáculos* ao pleno efeito do Batismo:

- i) Obstáculo *externo*: o demônio, que possui um certo poder sobre a natureza;
- ii) Obstáculo *interno*: a resistência oposta às realidades da salvação pela sensibilidade desregrada (os sentidos estão como que fechados ao sobrenatural).<sup>382</sup>

---

<sup>379</sup> Ver sobre o assunto, *Le Baptême*, por Dom Bernard Maréchaux OSB, disponível nas Editions Du sel. (nota dos editores franceses).

<sup>380</sup> É precisamente o que os inovadores quiseram destruir: Annibale Bugnini se gabou de que “pela primeira vez na história da Liturgia católica” havia-se preparado um rito para o Batismo das crianças que não fosse o modelo abreviado do Batismo dos adultos” [DC nº 1544 (1969), p.676]. Tratava-se de aplicar a Constituição conciliar sobre a Liturgia, que pedia que o rito do Batismo das crianças fosse adaptado “à situação real dos pequeninos” (*Sacrosanctum concilium*, § 67)

<sup>381</sup> Santo Tomás de Aquino, III, q.71, a.3.

<sup>382</sup> Santo Tomás de Aquino, *ibid.*

+ *Quais são os ritos que eliminam esses dois obstáculos?*

O rito do sopro (com a ordem: *Saia desta criança, espírito impuro, e cede o lugar ao Espírito Santo Paráclito*) e os dois outros exorcismos solenes – que ordenam, ao demônio, não apenas sair, mas de se afastar do futuro batizado – afastam, eficazmente, os maus espíritos.<sup>383</sup>

Os ritos do sal (sobre a língua), da saliva (sobre as narinas e as orelhas), da imposição das mãos (sobre a cabeça) e dos sinais-da-cruz (sobre a testa e sobre o peito) contribuem para tornar receptivo aos Mistérios da salvação.

+ *Que ritos o novo ritual do Batismo suprimiu?*

No novo ritual, o sacerdote não usa a estola roxa para acolher o futuro batizado na porta da igreja. Omite o rito do sopro, os dois outros exorcismos e o rito do sal. Não renova o gesto de Nosso Senhor ao ter curado o surdo-mudo pela saliva, dizendo-lhe *Ephphéta*.

+ *O que significa a acolhida com estola roxa, na entrada da igreja?*

Essa acolhida manifesta que o não-batizado não pode entrar na casa de Deus, sem se purificar de seus pecados. Mas, em nossa era de ecumenismo e de salvação universal, não se quer mais ouvir falar de nada disso.

+ *O que significa o rito do sal?*

O sal, símbolo da sabedoria, vem proteger nossa natureza da corrupção do pecado, dando-lhe o *gosto* pelas realidades sobrenaturais. Mas esse simbolismo requer o espírito de Fé. Os inovadores, pois, eliminaram-no.

---

<sup>383</sup> A unção dos catecúmenos (dada *antes* do Batismo, sobre o peito e entre os ombros, com o óleo dos catecúmenos) é também um rito de combate. O catecúmeno é ungido, como os pugilistas, para estar preparado para a luta contra o demônio (enquanto que a unção feita, sobre a cabeça, *depois* do Batismo e com o Santo Crisma, exprime a consagração do cristão: cristo = ungido). Ver Santo Tomás de Aquino, III, q.66, a.10, ad.2. – No novo ritual, a unção dos catecúmenos não é mais feita entre os ombros; mas somente sobre o peito.

+ *O que significa o Ephpheta que acompanha a imposição de saliva?*

*Ephpheta* significa: *abre-te*. Esse rito ajuda a perceber “o bom odor de Jesus Cristo” e a abrir as orelhas da alma ao ensinamento da Fé (ensinamento recebido pelo ouvido, diz São Paulo, isto é, por um ensinamento exterior)<sup>384</sup>. Mas para os modernistas, as Verdades de Fé provêm, ao contrário, das profundezas da consciência.

+ *Que outras mudanças sofreu o Batismo no novo ritual?*

Em vez de se dirigir, através do padrinho, ao futuro batizado (*N., o que pedes à Igreja de Deus?; N., renuncias a Satanás? N., queres ser batizado?*), o novo ritual dirige as perguntas aos pais (*O que pedis para N. à Igreja de Deus?*).

+ *Esse modo de se dirigir aos pais não é mais conforme à realidade?*

Se o recém-nascido não coloca nenhum ato voluntário ao receber o Batismo, a orientação de sua vontade é, todavia, mudada pelo Sacramento. Sua alma adquire as disposições morais de alguém que se teria afastado, voluntariamente, do pecado, para aderir a Jesus Cristo. Nesse sentido, tudo o que o padrinho diz em nome do afilhado se realiza na alma da criança (do mesmo modo que esta havia *realmente* contraído o *estado* de alguém que se havia afastado de Deus, sem, todavia, ter cometido pessoalmente o *ato* do pecado original). É essa mudança sobrenatural e misteriosa que a Igreja manifesta, ao fazer falar o padrinho em nome do batizado. O novo ritual decaiu dessa visão profundamente sobrenatural para uma visão bem superficial.

+ *Podeis dar um último exemplo das mudanças trazidas ao Batismo?*

No rito tradicional, o sacerdote faz o sinal-da-cruz sobre a testa e sobre o *peito* da criança, dizendo:

“Recebei o sinal-da-cruz sobre a vossa testa + e em vosso coração +. Acolhei a Fé e seus ensinamentos divinos, e vivei de tal maneira que possais, doravante, ser o templo de Deus”

No novo rito, a cruz só está na testa, e o sacerdote declama:

---

<sup>384</sup> *Fides ex auditu* (Rm 10,17).

“N., a comunidade cristã te acolhe com uma grande alegria. Em seu nome, eu te marco com a cruz, que é o sinal de Cristo, nosso Salvador.

E vós, seus pais, vós o(a) marcareis, depois de mim, com este mesmo sinal.”

+ *O que manifesta esse último exemplo?*

Esse último exemplo manifesta sempre a mesma tendência a enfraquecer a expressão das realidades sobrenaturais que o Sacramento produz na alma, para insistir sobre os aspectos superficiais da cerimônia (aqui: a alegria da comunidade que acolhe um novo membro).

+ *O ritual da Extrema Unção foi também desarrumado?*

No rito tradicional da Extrema Unção, os cinco sentidos eram ungidos pelo sacerdote, que pede a Deus, ao mesmo tempo, que se digne a perdoar os pecados cometidos através desses sentidos:

“Por esta Santa Unção e por Sua muito suave Misericórdia, que o Senhor te perdoe os pecados que tu cometeste pela vista (pelo ouvido, pela palavra, etc.)”.

Essa ação simbólica foi destruída no novo rito.

+ *Como o novo rito da Extrema Unção destrói o simbolismo?*

O novo rito se contenta com a unção da testa e das mãos; as palavras sacramentais somente falam do pecado de maneira geral.

+ *Quais outras mudanças sofreu a Extrema Unção no novo ritual?*

O novo ritual tende também a fazer da Extrema Unção uma celebração comunitária. Nele se encontram indicações para a “celebração comum da Extrema Unção em presença de uma grande reunião”.

+ *Essa celebração comum da Extrema Unção é criticável?*

Tais celebrações comuns encorajam a dar esse Sacramento, sem distinguir entre saudáveis e doentes, quando de reuniões da terceira idade, enquanto que somente alguém gravemente doente pode recebê-la validamente.

+ *O que se pode dizer dos novos exorcismos?*

O novo ritual de exorcismos foi estabelecido, primeiro, de modo provisório [*ad interim*] em 1990, depois de modo definitivo em 1998. Foi um dos últimos domínios tocados pela reforma litúrgica.

+ *Por que os inovadores tocaram tão tarde os exorcismos?*

Os inovadores se voltaram tão tarde para os exorcismos, porque era a última de suas preocupações (de modo geral, a influência do diabo é minimizada ou silenciada em toda a nova Liturgia). O episcopado alemão declarou mesmo que era inútil publicar novos exorcismos, já que não se devia mais fazer exorcismos de jeito nenhum!!!<sup>385</sup>

+ *Os novos exorcismos são ruins?*

O padre Gabriel Amorth, exorcista da diocese de Roma, e presidente de honra da Associação Internacional dos Exorcistas, acusa, claramente, os novos exorcismos de serem ineficazes:

“As orações eficazes, orações que tinham doze séculos de existência, foram supressas e substituídas por novas orações, ineficazes (...) Nós todos, exorcistas, tentamos as novas orações do novo Ritual *ad interim* e nos demos conta de que são absolutamente ineficazes.”<sup>386</sup>

+ *Como se pode explicar essa ineficácia dos novos exorcismos?*

O padre Amorth afirma que o mundo demoníaco “colocou as mãos em muitas reformas litúrgicas”. Denuncia também a incompetência das Comissões que prepararam esse novo ritual:

“Nenhum dos membros dessas Comissões jamais fez exorcismo, jamais assistiu a exorcismos, nem jamais teve a menor idéia do que é um exorcismo. Aí está o erro, o

---

<sup>385</sup> Fato reportado pelo padre Gabriel Amorth, entrevistado em *Trinta Dias* (junho de 2001, edição francesa, p.32).

<sup>386</sup> Pe. Gabriel Amorth, em *Trinta Dias, ibid.*, p.31 e 33.

pecado original desse ritual. Nenhum dos que nele colaboraram era especialista em exorcismo.”<sup>387</sup>

*+Não é excessivo acusar de incompetência os autores do novo ritual?*

O padre Amorth prova essa incompetência pelos fatos:

“No ponto 15, fala-se dos malefícios, como os “trabalhos”, e do modo de se comportar quando se está diante deles (...) O ritual romano explicava como era preciso proceder. O novo ritual declara, ao contrário, categoricamente, que é absolutamente proibido fazer exorcismos nesses casos. Absurdo ! Essas feitiçarias são, de longe, as causas mais freqüentes de possessões e de males causados pelo demônio: ao menos 90% dos casos. É como dizer aos exorcistas para não mais praticarem exorcismos !”<sup>388</sup>

*+Há outros fatos que provam essa incompetência?*

O padre Amorth continua:

“O ponto 16 declara, solenemente, que não é preciso fazer exorcismo se não se têm certeza da presença do diabo. É uma obra-prima de incompetência: a certeza de que o demônio está presente em alguém, só se a pode ter, fazendo o exorcismo !”<sup>389</sup>

*+Esse protesto dos exorcistas teve resultado?*

O protesto dos exorcistas somente obteve uma coisa: uma Nota da Congregação para o Culto Divino, precisando que os exorcistas podiam, se desejassem, pedir ao seu Bispo a autorização para utilizar o antigo ritual. Nesse caso, o Bispo deve, por sua vez, pedir autorização à Congregação, que, segundo a Nota, “concede-a sem dificuldades”.

*+ Acham-se, no novo ritual, outras deficiências do mesmo gênero?*

O padre Amorth nota ainda, sobre o novo Livro das Bênçãos:<sup>390</sup>

---

<sup>387</sup> *Ibid.*, p.29.

<sup>388</sup> *Ibid.*, p.29.

<sup>389</sup> *Ibid.*

<sup>390</sup> Promulgado em 31 de maio de 1984, AAS, vol. LXXVI, p.1085-1086.

“Li minuciosamente sua 1200 páginas. E bem, toda referência ao fato de que o Senhor deve nos proteger contra Satã, que os anjos nos protegem dos ataques do demônio, foi, sistematicamente, supressa. Todas as orações para a bênção das casas e das escolas foram supressas. Tudo devia ser bento e protegido; mas, hoje, não há mais proteção contra o demônio. Não existem mais defesas nem orações contra ele.”<sup>391</sup>

+ *Quais são as conseqüências dessas modificações e supressões?*

As conseqüências dessas modificações são visíveis por toda parte: a influência do demônio se faz sentir sempre mais em nossas sociedades.

+ *O que se pode dizer, muito brevemente, do novo rito dos funerais?*

O novo rito dos funerais não diz mais nada sobre a alma, sobre a seriedade do Julgamento, sobre a possibilidade de perdição, nem sobre o Purgatório. Dá a impressão de que o defunto está certamente salvo, já junto de Deus.

+ *O novo rito dos funerais se esquece, pois, da existência do pecado?*

Como todos os outros novos ritos, o dos funerais deixa uma grande liberdade na escolha das orações. O celebrante pode, pois, a seu arbítrio, evocar ou calar o pecado e a culpa – Quanto à palavra “alma”, não figura mais em nenhuma oração. Numa época em que a existência da alma humana é, com freqüência, negada; seria, ao contrário, muito necessário mencioná-la.

#### ***90. Os Sacramentos celebrados conforme os novos ritos são válidos?***

**Os Sacramentos administrados conforme os novos ritos podem, em princípio, serem válidos. Deve-se, entretanto, formular uma dúvida para a Crisma e para a Extrema Unção, que não fossem administradas com o óleo de oliva. Num certo número de outros casos, as más traduções da forma sacramental podem também fazer duvidar da validade dos Sacramentos.**

---

<sup>391</sup> *Ibid.*, p.33.

+ *Por que a Crisma e a Extrema Unção devem ser administradas com o óleo de oliva?*

Do mesmo modo que a palavra “vinho” designa, no sentido primeiro do termo, suco de uva fermentado – mesmo se é empregado de modo secundário para designar o vinho de palma, de arroz, etc. -, do mesmo modo a palavra “óleo” (*oleum*), na Antiguidade, designava, antes de tudo – no sentido próprio – o líquido obtido pela pressão das olivas. Do mesmo modo, pois, que só o vinho de vinha e o pão de trigo são a matéria válida do Sacramento da Eucaristia, só o óleo de oliva é matéria válida da Crisma e da Extrema Unção. Tal era a opinião tradicional e comum dos teólogos.<sup>392</sup>

+ *Essa opinião se baseava unicamente sobre uma razão filológica?*

Essa opinião não se baseava, antes de tudo, na Filologia; mas sobre o fato de que, do mesmo jeito que Cristo empregou o pão de trigo e o vinho de vinha na Última Ceia, assim também, as unções que indicou aos Apóstolos só podiam ser unções com óleo de oliva. Não podia ocorrer ao espírito dos Apóstolos de utilizar outra coisa que não fosse o óleo em sentido próprio – no sentido nobre do termo. O emprego de um outro óleo torna, pois, ao menos duvidosa a validade do Sacramento.

+ *Existem outros argumentos em favor do óleo de oliva?*

Pode-se destacar que, na mesma Quinta-Feira Santa em que instituiu o sacerdócio – o dia também em que tomou pão e vinho para instituir a Eucaristia – Nosso Senhor irrigou com Seu Suor e com Seu Sangue o Jardim das Oliveiras – muito perto de uma prensa de extrair óleo – como que para santificar a matéria com que seriam feitas as Santas Unções. De fato, é também na Quinta-Feira Santa que, a cada ano, os Bispos consagram os Santos Óleos, quando da Missa Crismal.

---

<sup>392</sup> Santo Tomás de Aquino ensina, sobre a Extrema Unção: “No texto de São Tiago, o óleo é fixado como matéria desse Sacramento; ora, somente se fala de óleo, em sentido próprio, para o óleo de oliva. É, pois, esse óleo que é a matéria da Extrema Unção” (Suppl., q.29,a.4).

+ *De onde vem o uso de outros óleos diferentes do de oliva nos Sacramentos?*

Em 03 de dezembro de 1970, um decreto da Congregação dos Ritos autorizou a utilização de outros óleos vegetais na administração dos Sacramentos.<sup>393</sup>

+ *Como a Congregação dos Ritos explicou essa mudança?*

A Congregação dos Ritos não explicou como se tornava, de repente, possível o que sempre se havia considerado como provavelmente inválido.

+ *Não houve então nenhuma explicação sobre essa mudança de óleo?*

Não se deu, sobre esse assunto, nenhuma explicação doutrinal. Invocou-se somente uma razão prática, que Paulo VI retomou dois anos mais tarde na Constituição Apostólica *Sacram unctionem infirmorum*:

“Como o óleo de oliva, cujo emprego era, até o presente, exigido para a validade do Sacramento, falta ou é difícil de achar, em algumas regiões, decretamos, a pedido de muitos Bispos, que se poderá, no futuro, segundo as circunstâncias, utilizar igualmente um outro óleo. Este deverá, todavia, ser extraído de vegetais, como o é o óleo de oliva.”<sup>394</sup>

+ *Essa explicação não resolve a questão?*

Essa explicação prática tende sim a aumentar o problema, pois é evidente que *nunca* foi tão fácil como hoje fazer o óleo de oliva chegar a todos os cantos do mundo.<sup>395</sup> Ora, se, até hoje, apesar das dificuldades de transporte muito maiores, a

---

<sup>393</sup> *Ordo benedicendi olea et conficiendi chrisma*, n.3 & 4. O Novo Código de Direito Canônico (can.847) diz: “Na administração dos Sacramentos em que são empregados os Santos Óleos, o ministro deve utilizar o óleo de oliva ou outros óleos vegetais consagrados ou bentos pelo Bispo, etc.”

<sup>394</sup> DC nº 1625 (1973), p.102.

<sup>395</sup> Santo Tomás, no século XIII, respondia já ao argumento segundo o qual o óleo de oliva não se achava por toda parte: “Embora não seja produzido por toda parte, o óleo de oliva pode facilmente ser transportado para todos os lugares.” (Suppl., q.29, a.4, ad.3)

Igreja sempre se recusou a mudar a matéria do Sacramento, é porque tinha boas razões para isso.

+ *A mudança da forma de alguns Sacramentos – por exemplo, a nova forma da Sagração dos Bispos – não é um motivo para duvidar de sua validade?*

Alguns pretenderam que a modificação da forma da sagração episcopal tornava as novas sagrações inválidas, desde 1968. Mas, na realidade, o novo ritual utiliza uma forma próxima daquele de alguns ritos orientais. Não se pode, pois, de forma séria, colocar sua validade em dúvida; embora a mutilação do rito latino seja muito lamentável.<sup>396</sup>

+ *Existem outras razões para duvidar da validade dos novos Sacramentos?*

É necessário lembrar que a matéria e a forma não bastam para que um Sacramento seja válido. É também necessário que o ministro tenha a *intenção* de dar o Sacramento como a Igreja quer dá-lo.

+ *Um sacerdote que não crê na eficácia dos Sacramentos não pode então administrá-los validamente?*

O problema não é o da *Fé* do ministro; mas de sua *intenção*. Um sacerdote que perdeu a Fé pode ainda dar validamente os Sacramentos se quiser ser, ao menos nisso, um ministro da Igreja (se, pois, tem a intenção geral de fazer *o que a Igreja faz*). Se, por outro lado, recusa-se conscientemente a ser o instrumento de Cristo e da Igreja, o Sacramento não é válido.

+ *Pode-se, realmente, pensar que sacerdotes administrem Sacramentos recusando, conscientemente, fazer o que a Igreja faz?*

Numerosos são, hoje, os sacerdotes que foram, justamente, estimulados, durante seus anos de estudos, contra a noção católica de Sacramento (escarnecida como magia e prestidigitação). Não se pode excluir que, na administração dos Sacramentos, de maneira completamente consciente, *recusem* realizar um sinal produtor de Graça, querendo apenas presidir uma celebração comunitária e executar uma função social.

---

<sup>396</sup> Ver sobre o assunto, o estudo do irmão Pierre Marie O.P., *Sont-ils évêques?*, disponível nas Editions Du Sel (<http://www.seldelaterre.fr>) [nota dos editores franceses].

**91. Podem-se receber os Sacramentos nos novos ritos?**

**Em razão dos defeitos enunciados acima, não se devem receber os Sacramentos nos novos ritos; mas somente nos ritos tradicionais, que são os únicos dignos e certamente válidos. Não é permitido receber os Sacramentos sob uma forma em algo duvidosa. Uma exceção deve, todavia, ser feita, para os últimos Sacramentos, quando, em caso de urgência, seja impossível chamar a tempo um sacerdote fiel à Tradição.**

### **TESTEMUNHO SOBRE OS EXORCISMOS**

Em complemento a este capítulo, este testemunho mostra que as omissões que afetam o novo rito do Batismo não são sem efeito para a alma da criança.<sup>397</sup>

*Os editores franceses*

Numa escola da Fraternidade São Pio X, as professoras constataram, no curso do ano letivo, uma clara melhora no comportamento de três de seus alunos.

O mais velho, da sétima<sup>398</sup>, era muito desagradável, insolente, grosseiro. Devíamos, com frequência, repreendê-lo em aula; mas, sobretudo, no recreio e no refeitório. Ajudava na Missa da escola; mas sem mostrar muita piedade. Seu olhar, às vezes fixo, e malvado, impressionava-nos e algumas ousavam se perguntar se essa criança não estaria possuída.

---

<sup>397</sup> Testemunho publicado na revista *Marchons droit* (Priorado Notre-Dame Du Pointet, B.P.4 - 03110 Broût-Vernet), nº 59 (setembro de 1992), p.30.

<sup>398</sup> No sistema educacional francês as primeiras séries têm maior número que as que lhes seguem. Não há correspondência exata com o sistema brasileiro, por isso traduzimos literalmente. (nota da tradução brasileira).

O segundo, da décima, embora menos insolente e grosseiro, fazia-se notar por um comportamento às vezes estranho.

A mais jovem, de seis anos, mesmo parecendo estimar sua professora, fazia tudo para chateá-la: silêncio desobediente, sujeira nos seus cadernos ou nela; ira surpreendente diante das punições (como torcer seus óculos)...Com freqüência, a professora, vendo tais cadernos, perguntava-lhe: “Você é aplicada?”, e sempre a mesma resposta da criança, olhando insolentemente nos olhos da professora: “Não !..”. Não sabíamos como lidar com ela.

Durante o terceiro trimestre, constatamos uma rápida mudança nessas crianças.

Os meninos ajudavam a Missa com mais piedade, não eram mais insolentes. O mais velho havia perdido seu olhar que nos impressionava. Não o repreendíamos mais no refeitório, onde se tornou um modelo de silêncio e onde estava sempre pronto a nos prestar auxílio.

A menina havia se tornado afetuosa com sua professora, deixando, mesmo, suas brincadeiras, para se aproximar dela, e mesmo lhe obter um afago. A caligrafia melhorou, assim como o estado dos cadernos. Aplicava-se enfim. Havia se tornado mais gentil com seus colegas.

Mesmo sem terem virado crianças-modelo, nem primeiros de turma, tinham mudado. O que teria acontecido? Nosso diretor que nos deu a chave do problema.

Essas crianças haviam sido batizadas no novo rito, sem os exorcismos. Com a permissão dos pais, o padre havia feito, perto da Páscoa, um complemento do Batismo; isto é, havia feito os exorcismos neles ! Banido o demônio, a Graça atuava melhor nessas crianças.

Quantas crianças, hoje, teriam necessidade desse complemento, para que a Graça as ajudasse a lutar melhor contra suas más inclinações !!!

Uma professora.

# **CAPÍTULO X**

## **MONSENHOR MARCEL LEFEBVRE**

### **E A**

## **FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X**

#### ***92. O que é a Fraternidade Sacerdotal São Pio X?***

**A Fraternidade Sacerdotal São Pio X é uma congregação de sacerdotes fundada por Monsenhor Marcel Lefebvre. Erigida, oficialmente, na diocese de Fribourg, na Suíça, em 01 de novembro de 1970, pelo Bispo diocesano, Monsenhor François Charrière, a Fraternidade recebeu, em 18 de fevereiro de 1971, uma carta de elogio do Prefeito da Congregação para o Clero, em Roma, o Cardeal Wright. A Fraternidade foi, pois, reconhecida pelas autoridades competentes; é uma obra da Igreja.**

#### ***+ Qual é a extensão atual da Fraternidade Sacerdotal São Pio X?***

A Fraternidade Sacerdotal São Pio X conta, hoje (dados de 2007), com mais de 450 sacerdotes atuando regularmente em 55 países, em todos os continentes - também com irmãos e seminaristas - e com a ajuda de duas congregações auxiliares de religiosas (irmãs da Fraternidade São Pio X e oblatas da Fraternidade São Pio X). Cerca de vinte congregações amigas trabalham com ela, com o mesmo objetivo.

#### ***+ Quais são essas congregações amigas que trabalham com a Fraternidade Sacerdotal São Pio X?***

Dentre as congregações amigas trabalhando com a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, podem-se citar, na França: os beneditinos de Bellaigue; os capuchinhos de Morgon; os dominicanos de Avrillé; os religiosos da Fraternidade da Transfiguração, em Méridy e os cooperadores de Cristo-Rei, em Caussade. Do lado feminino, podem-se mencionar: as beneditinas de Lamairé; as clarissas de Morgon; as carmelitas de

Eynesse; as religiosas dominicanas de Avrillé; as franciscanas de Lanorgard; as dominicanas professoras, das congregações de Fanjeaux e de Brignoles; as irmãs da Transfiguração (Mérigny); as pequenas servidoras de São João Batista (em Rafflay). – Numerosas comunidades tradicionais existem também fora da França.

**93. *Que fins persegue a Fraternidade Sacerdotal São Pio X?***

**O fim primeiro e principal da Fraternidade é a formação de bons sacerdotes e a santidade dos sacerdotes. Na crise atual da Fé, tem também a missão de conservar íntegra a Fé Católica.**

*+ Há um nexó entre esses dois fins?*

Uma verdadeira reforma da Igreja só é possível através de uma reforma do sacerdócio. Apenas bons e santos sacerdotes poderão, de novo, acender, nos corações dos fiéis, o amor de Deus e o entusiasmo para a Fé. É o estado catastrófico dos seminários oficiais que levou Monsenhor Lefebvre a fundar a Fraternidade. Em quase todos os seminários oficiais, Verdades fundamentais da Fé são negadas e a formação espiritual é muito deficiente. Por vezes mesmo, ensina-se a rebelião contra os ensinamentos da Igreja e se incita ao pecado.

**94. *A supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X foi válida?***

**Foi Monsenhor Pierre Mamie (sucessor de Monsenhor Charrière como Bispo de Fribourg) que assinou, em 06 de maio de 1975, o decreto de supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, enquanto que Monsenhor Lefebvre tinha acabado de ter, em Roma, conversações com os Cardeais Garrone, Wright e Tabera. Monsenhor sempre contestou a validade dessa supressão, tanto por razões de procedimento jurídico, quanto por razões de fundo (pois, foi, na realidade, por sua fidelidade à Fé Católica e à Missa tradicional, que a Fraternidade foi assim supressa).**

+ *Por que Monsenhor Lefebvre contestou o procedimento jurídico que levou à supressão da Fraternidade?*

O Direito Canônico prevê que um Bispo não pode mais suprimir uma congregação religiosa (ou uma sociedade clerical de vida comum) uma vez que esta tenha sido erigida oficialmente na sua diocese.<sup>399</sup> Ora, a Fraternidade São Pio X foi erigida, oficialmente, por Monsenhor Charrière, em 1970. Monsenhor Lefebvre considerava, pois, que o sucessor daquele não tinha mais o direito de a suprimir. Somente Roma – e não o Bispo diocesano – podia fazê-lo.

+ *Esse argumento jurídico é absolutamente decisivo?*

Monsenhor Lefebvre sempre considerou esse argumento jurídico como decisivo – ainda mais porque o Vaticano nunca lho respondeu<sup>400</sup>. Todavia, a resistência do Bispo não se fundava essencialmente sobre argúcias de procedimento jurídico; mas sobre razões de fundo, tocantes à Fé e à Moral. Mesmo caso, pois, se admitisse que a supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X fosse *juridicamente* lícita (alguns o afirmam hoje)<sup>401</sup>, aquelas razões permanecem o que são e a supressão não se torna *justa* só por isso. Pois um julgamento pode muito bem respeitar a formas exteriores do Direito, sendo, ao mesmo tempo, completamente injusto e imoral.

---

<sup>399</sup> O cânon 493 do Código de Direito Canônico de 1917 estabelece esta regra para as congregações religiosas (“*supprimi nequit nisi a Sancta Sede*”). O cânon 674 estende essa regra às sociedades de vida comum sem votos, de cujo gênero é a Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

<sup>400</sup> O Tribunal da Assinatura Apostólica recusou-se a examinar o recurso interposto por Monsenhor Lefebvre

<sup>401</sup> O debate se dá sobre o estatuto preciso sob o qual a Fraternidade Sacerdotal São Pio X foi instituída em Fribourg (sociedade de vida comum ou simples *pia unio*). Ver sobre o assunto a biografia de Monsenhor Marcel Lefebvre por Monsenhor Tissier de Mallerai (*Marcel Lefebvre, une vie*, Étampes, Clovis, 2002, p.508) e, de outra parte, o artigo de Canonicus no *Le Courier de Rome (Si Si No No)* nº286[476], p.3-6.

+A supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X pode ser tida como injusta e imoral?

A supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X é injusta e imoral, não apenas por causa das injustiças e das mentiras pelas quais foi obtida ( os Bispos da França fizeram toda uma campanha contra o que chamavam “o seminário selvagem de Écône”, enquanto que este seminário está perfeitamente nos conformes !); mas, sobretudo, por causa da *finalidade* com a qual foi pronunciada: tratava-se de impor a Missa nova (ecumenista) e os erros de Vaticano II. Era, para eles, necessário impedir que sacerdotes recebessem e transmitissem, a seu redor, a Missa e a teologia católicas. Essa finalidade sendo totalmente ilegítima – e contrária ao bem comum da Igreja – a supressão de Écône o era também.

**95. A suspensão a divinis com que foi punido Monsenhor Lefebvre foi válida?**

**Monsenhor Lefebvre foi punido, em 22 de julho de 1976, com uma suspensão a divinis. Essa suspensão é tão inválida quanto a supressão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, pois Monsenhor Lefebvre nunca foi convocado diante do Tribunal competente e a única razão de sua suspensão foi seu apego à Tradição da Igreja. *Sine culpa nulla poena – se não há culpa, a pena é nula.***

+ O que se chama suspensão a divinis?

A suspensão *a divinis* significa a proibição de exercer o poder de Ordem. Se a suspensão tivesse sido válida, Monsenhor Lefebvre não teria tido mais o direito de celebrar a Missa nem de administrar os Sacramentos.

**96. Assim mesmo, não se deveria obedecer?**

**O Papa e os Bispos receberam de Cristo a autoridade, para proteger e defender a Fé. A regra geral é, seguramente, obedecer-lhes. Mas se eles vêm a usar de sua autoridade contra o próprio fim para que lhes foi conferida – isto é, desejando impor atos pecaminosos ou perigosos para a Fé – não se têm somente o direito; mas também, o dever mesmo de resistir-lhes: “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29).**

+ *É verdadeiramente permitido desobedecer às autoridades da Igreja pela única razão de que se consideram injustas as suas ordens?*

Uma simples injustiça pessoal ou uma medida que se considera imprudente não podem justificar uma recusa de obediência. Mas é totalmente diferente quando a ordem dada vai diretamente contra a Lei de Deus – isto é, quando a Fé ou a Moral estão em causa. Neste caso, a “obediência” não seria virtuosa, mas sim viciosa. Seria, na realidade, uma desobediência – enquanto que a “desobediência” aparente é a verdadeira obediência ( a obediência antes a Deus que aos homens).

+ *Essa doutrina está conforme ao ensinamento dos Papas?*

Leão XIII escreveu na encíclica *Diuturnum illud*:

Só existe uma razão válida para recusar a obediência à autoridade: é o caso de um preceito manifestamente contrário ao direito natural ou divino. Pois aí, quando se trataria de infringir seja a lei moral natural, seja a Vontade de Deus, a ordem e a execução seriam igualmente criminosas. (...) E não seria justo acusar os que agissem assim de desconhecerem o dever de submissão; pois os príncipes cuja vontade está em oposição à Vontade de Deus, ultrapassam nisto os limites de seu poder e invertem a ordem da justiça: a partir desse momento a sua autoridade perde sua força, pois quando não há mais justiça, não há mais autoridade.<sup>402</sup>

+ *Essas palavras do Papa não concernem apenas à autoridade temporal?*

Essas palavras de Leão XIII foram ditas a propósito da autoridade temporal; mas possuem um valor de princípio. Valem, portanto, para qualquer autoridade de maneira generalizada.

**97. *É permitido resistir ao Papa?***

**Quando o Papa abusa de sua função e ocasiona à Igreja graves danos, não se tem apenas o direito; mas mesmo o dever de resistir-lhe.**

---

<sup>402</sup> Leão XIII, encíclica *Diuturnum illud*, 20.06.1881, editions “Questions actuelles”, Paris, I, 140.

+ *Há , na História da Igreja, exemplos de tal resistência ao Papa?*

Na origem da Igreja, São Paulo se opôs a São Pedro que, por medo de desagradar aos judeo-cristãos, não queria mais participar das refeições dos pagãos convertidos. Essa decisão era grave, pois arriscava gerar uma ruptura e podia favorecer a opinião falsa segundo a qual a prática da lei judaica devia ser imposta aos cristãos. São Paulo declarou pois: “Quando Cefas [Pedro] veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque foi repreensível” (Gl 2,11)

+ *O que dizem os Doutores da Igreja de uma tal resistência ao Papa?*

Santo Tomás de Aquino comenta assim a resistência de São Paulo:

“Quando a Fé está em perigo, os prelados devem ser acusados por seus inferiores, mesmo em público. É por isso que Paulo, embora estivesse submetido a Pedro, repreendeu-o publicamente, em razão do risco próximo de escândalo em uma questão de Fé. E como diz o comentário de Santo Agostinho “Pedro deu, ele próprio, um exemplo àqueles que estão constituídos em dignidade para que, se lhes acontecesse de afastarem-se do bom caminho, não tivessem vergonha de serem corrigidos por seus inferiores”.<sup>403</sup>

+ *Outros teólogos ensinam a mesma coisa?*

João de Torquemada afirma, explicitamente, que não é impossível que um Papa “ordene algo de contrário à lei natural ou à lei divina”<sup>404</sup>. Cita, em seu favor, o Papa Inocêncio III (1198-1216), que afirmava que é necessário obedecer ao Papa em todas as coisas, contanto que o Papa não se insurgisse contra a disciplina geral da Igreja, pois então não seria preciso segui-lo, a menos que se tivesse um motivo válido para fazer isso. Diz ainda que seria preciso se opor a um Papa, se este “quisesse empreender algo contra a constituição da Igreja universal, como, por exemplo, depor todos os Bispos ou outra coisa, desse gênero, que introduziria a desordem na Igreja.”<sup>405</sup>

---

<sup>403</sup> Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II,q.33.a.4.

<sup>404</sup> João de Torquemada O.P., *Summa de Ecclesia*, parte I, livro IV, capítulo 11.

<sup>405</sup> João de Torquemada O.P., *Summa de Ecclesia*, livro II, capítulo 106.

+*Podeis citar um outro exemplo?*

Thomas Cajetan – o grande comentador de Santo Tomás de Aquino – escreveu, numa obra consagrada à defesa do Papado:

“É preciso resistir em face de um Papa que desintegrasse a Igreja (...) senão, por que dizer que a autoridade foi dada para edificar e não para destruir ? (2Cor 13,10) Contra um mau uso da autoridade, empregar-se-iam os meios apropriados, não obedecendo ao que fosse mau, não procurando agradar, *não se calando*, repreendendo, convidando as autoridades a fazer as admoestações necessárias, a exemplo de São Paulo e segundo seu preceito.”<sup>406</sup>

+ *Esse ensinamento de resistência ao Papa é peculiar aos dominicanos?*

Francisco Suárez, que é considerado como o maior teólogo jesuíta, ensinou:

“Se o Papa prescrever algo que seja contra os bons costumes, não se deve obedecer-lhe. Se empreende algo que se opõe, com evidência, à justiça ou ao bem comum, é permitido resistir-lhe.”<sup>407</sup>

O mesmo Suárez ensina, ademais, que o Papa se tornaria cismático “se quisesse excomungar toda a Igreja ou se procurasse transformar todas as cerimônias litúrgicas que se fundam em tradições apostólicas”.<sup>408</sup>

---

<sup>406</sup> Thomas Cajetan O.P. *De comparatione auctoritatis papae et concilii*, Angelicum, 1936, nº 412 – Foram os editores franceses que sublinharam em itálico as palavras “*não se calando*” – François de Victoria ensina o mesmo: “Se o Papa, por seus atos e por suas ordens, destrói a Igreja, pode-se resistir-lhe e impedir a execução do que ele ordena” (François de Victoria O.P. *Obras*, BAC, 1960, p.486-487).

<sup>407</sup> Francisco Suárez S.J. *Opera omnia*, Paris, 1856, X, p.321. (*Tractatus de fide dogmática*, disp. 10, sect 6, n.16).

<sup>408</sup> Francisco Suárez S.J. *Tractatus de caritate*, disp.12, sect.1, nº2.

+ *São Roberto Bellarmino falou dessa resistência ao Papa?*

São Roberto Bellarmino tem por lícita, ele também, a resistência a um Papa que causasse dano à Igreja:

“ Tanto quanto está autorizado a resistir a um Papa que comete uma agressão física, do mesmo modo é permitido resistir-lhe, se faz mal às almas ou perturba a sociedade e, com mais forte razão, se procurasse destruir a Igreja. É permitido, digo, opor-se a ele não cumprindo as suas ordens e impedindo que a sua vontade seja realizada.”<sup>409</sup>

+ *Não foi definido que é necessário para a salvação estar submisso ao Romano Pontífice?*

Do mesmo modo que a pertença à Igreja (ao menos por desejo)<sup>410</sup> é necessária para a salvação, também o é a submissão ao Papa (submissão que é precisamente uma das condições de pertença à Igreja). Essa Verdade foi definida por Bonifácio VIII, na Bula *Unam sanctam*.<sup>411</sup> Porém, essa submissão não implica evidentemente uma obediência sem limites. Cajetan explicou em seu comentário da Suma Teológica:

---

<sup>409</sup> São Roberto Bellarmino, *De romano pontífice*, livro II, capítulo 29.

<sup>410</sup> Três condições são necessárias para ser, realmente (= de fato), membro da Igreja: o batismo, a verdadeira Fé e a submissão à autoridade legítima. Mas os que não são *realmente* (= *de fato*) membros da Igreja, podem, no limite, serem salvos por um desejo sobrenatural de pertencer-lhe. Diz-se, então, que são membros *in voto* (pelo voto, pelo desejo). Esse desejo, suscitado na alma pelo Espírito Santo, pode ser *explícito* (em um catecúmeno que se prepara para o Batismo, por exemplo) ou *implícito* (em alguém que não conhece a Igreja Católica). Uma pessoa tendo o que se chama “Batismo de desejo” (isto é, um desejo verdadeiramente sobrenatural do Batismo) é assim membro da Igreja, não de fato (*in re*); mas pela intenção (*in voto*). Diz-se, às vezes, (é um modo de dizer) que pertencem à *alma* da Igreja sem estarem no Seu corpo.

<sup>411</sup> “Declaramos, definimos, dizemos que é absolutamente necessário à salvação, para toda criatura humana, estar submissa ao Romano Pontífice” DS 875.

“Se alguém, por um motivo razoável, tem por suspeita a pessoa do Papa e recusa sua presença e mesmo sua jurisdição, não comete o delito de cisma, nem qualquer outro, *contanto que esteja pronto a aceitar o Papa se este não for suspeito*. É lógico que se tem o direito de evitar o que é daninho e de prevenir os perigos. De fato, pode ser que o Papa governe de modo tirânico, e isso tanto mais é fácil porque é mais poderoso e não teme, sobre esta terra, nenhum castigo da parte de ninguém.”<sup>412</sup>

+ *Alguns Santos não declararam que não podia haver santidade onde houvesse dissentimento com o Papa?*

Alguns Santos, talvez, afirmaram esse piedoso exagero; mas isso continua a ser, de todo modo, opinião pessoal, que é contraditada – nós o vimos – por muitos outros Santos. O que é verdadeiro é que em matéria de submissão ao Papa, a obediência confiante, inteira e filial é a regra *normal* das coisas. Mas o fato de enunciar a regra não significa que nunca haja exceções. Ora, há, atualmente, na Igreja, uma crise completamente excepcional.

+ *A Fraternidade Sacerdotal São Pio X e as congregações amigas podem, pois, considerar-se submissas ao Papa?*

A virtude da obediência é uma montanha entre dois vícios opostos: a insubmissão e o servilismo. Na crise atual, a verdadeira obediência não consiste nem em aceitar os erros reinantes, sob pretexto de que são favorecidos pelos Papas (isso seria servilismo); nem em recusar a autoridade dos Papas, sob o pretexto de que são ruins (atitude daqueles que são chamados “sedevacantistas”). A verdadeira obediência consiste em aceitar a autoridade do Papa enquanto Papa, a rezar por ele e a respeitar a sua pessoa; ao mesmo tempo em que se resiste ativamente às orientações más que deseja dar à Igreja. Essa é a atitude da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e das congregações amigas, que podem, pois, sim, dizerem-se em estado de submissão ao Papa.

---

<sup>412</sup> Thomas Cajetan O.P., *Commentarium in II-II*, 39, 1.

**98. As sagrações episcopais de 1988 não criaram um cisma?<sup>413</sup>**

**O cisma é uma recusa, por princípio, da autoridade do Papa, e não um mero ato de desobediência. Ora, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X admite a autoridade do Papa e seus sacerdotes rezam por ele em cada Missa. As sagrações episcopais, que foram, exteriormente, um ato de desobediência, não ocasionaram, pois, nenhum cisma<sup>414</sup>. Além disso, as razões dadas nas perguntas anteriores justificam plenamente essa aparente desobediência ao Papa.**

*+ Não é contraditório pretender reconhecer a autoridade do Papa, ao mesmo tempo em que se resiste a ele?*

Um homem pode dizer a seu pai: “Vós não agis bem”, sem lhe dizer: “Vós não sois meu pai, não quero ter mais nada a ver convosco”. São duas atitudes completamente distintas. Ora, o cisma somente corresponde à segunda.

*+ O fato de sagrar Bispos sem autorização do Papa não implica automaticamente um cisma?*

Uma sagração episcopal sem autorização do Papa não implica, de si, um cisma. O Cardeal Castillo Lara, doutor em Direito Canônico e Presidente da Comissão Pontifícia para a Interpretação autêntica dos textos legislativos, explicava assim, em 1988:

---

<sup>413</sup> O Decreto da Congregação dos Bispos de 01 de julho de 1988, que impôs as excomunhões nulas sobre Monsenhor Lefebvre, Dom de Castro Mayer e sobre os Bispos sagrados foi, oficialmente, privado de efeitos jurídicos, por um Decreto da mesma Congregação, datado de 21 de janeiro de 2009. Foi o chamado “levantamento das excomunhões”. Para a íntegra da versão oficial em português do Decreto ver: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cbishops/documents/rc\\_con\\_cbishops\\_doc\\_20090121\\_remissione-scomunica\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_doc_20090121_remissione-scomunica_po.html) [nota da tradução brasileira].

<sup>414</sup> Para um estudo **teológico** aprofundado da nulidade plena das excomunhões, ler: <http://www.capela.org.br/Crise/Sisinono/sagracao.htm> E para um estudo **jurídico-canônico**, ver: <http://www.permanencia.org.br/SimSimNaoNao/canonico.pdf> [nota da tradução brasileira].

“O simples fato de consagrar um Bispo sem mandato pontifício não é, em si, uma ação cismática.”<sup>415</sup>

+ *Podeis citar uma outra autoridade?*

O conde Neri Capponi, professor emérito de Direito Canônico na Universidade de Florença, declara, ele também, que uma consagração episcopal contra a vontade do Papa não constitui, esta sozinha, um cisma:

“É preciso fazer mais. Se ele houvesse, por exemplo, estabelecido a sua própria hierarquia, teria sido um ato cismático. O fato é que Monsenhor Lefebvre disse simplesmente: “Eu sagro Bispos, para que meu poder de ordenar sacerdotes continue. Eles não tomam o lugar dos outros Bispos, eu não fundo uma igreja paralela”. É por isso que esse ato não foi cismático.”<sup>416</sup>

+ *Mesmo se não é, de si, cismática, a sagração de Bispos sem a autorização de Roma não é sempre um delito e implica ipso facto a pena de excomunhão?*

Na Igreja latina, o Papa se reserva a decisão das sagrações episcopais, desde o século XI. Para lutar contra o cisma da “igreja patriótica” chinesa, Pio XII tomou, no século XX, a decisão de punir com a excomunhão a sagração de Bispos sem a autorização do Papa. Tão importantes quanto sejam essas leis, estas são leis eclesiásticas, e não leis de instituição divina. Podem, pois, conhecer exceções em casos extraordinários de extrema necessidade espiritual. Pois a suprema lei, na Igreja, é a salvação das almas.<sup>417</sup>

+ *É certo que um caso de necessidade possa assim suspender a aplicação de uma lei?*

O princípio segundo o qual a necessidade pode suspender a aplicação de uma lei positiva decorre do simples bom senso. Quando uma casa está em chamas em uma rua

---

<sup>415</sup> Jornal italiano *La Repubblica*, 07 de outubro de 1988.

<sup>416</sup> *Latin Mass Magazine*, edição de maio-junho de 1993.

<sup>417</sup> *Suprema Lex, salus animarum*. O Novo Código de Direito Canônico mesmo fez, desse adágio tradicional, a sua conclusão (can. 1752).

de mão única, os bombeiros não se preocupam muito mais com o sentido proibido !!! Pois a finalidade prima sobre os meios<sup>418</sup>. Uma lei cessa, pois, de existir, quando fosse diretamente contra a sua finalidade (aqui: a proteção a vidas humanas).

+ *O princípio do estado de necessidade vale também para as leis naturais?*

A lei natural não pode nunca compreender exceção (ela proíbe coisas más *por natureza*, que não podem, pois, nunca se tornarem boas). As leis positivas – inclusive as religiosas – podem, por outro lado, conhecer exceções, como o mostra a Sagrada Escritura.

+ *Encontra-se na Sagrada Escritura casos de necessidade que dispensam do cumprimento de lei?*

O princípio do estado de necessidade aparece várias vezes na Sagrada Escritura. Coagidos pela necessidade, os Macabeus decidiram, assim, usar sua espada no dia de sábado a se deixarem assassinar sem reagirem (1Mc 2,23-41). Nosso Senhor lembra também esse princípio contra os Príncipes dos Sacerdotes que procuravam pegá-lo em contradição. Apresenta-o a eles, mesmo, como uma evidência (Lc 14,5; Mc 2,24-27):

“Quem de vós, se sua mula ou seu boi cai num poço, não o retira dali imediatamente, mesmo em dia de sábado?”

---

<sup>418</sup> Essa expressão não tem nenhum parentesco com a maquiavélica “os fins justificam os meios”. Como se verá adiante, os meios aqui somente cedem à necessidade, porque o descumprimento incidental dessas leis *positivas eclesíásticas* não implica a consecução de nenhum ato intrinsecamente mau. É esclarecedor aqui salientar que a Moral é uma fonte do Direito, logo a *bondade ou maldade* de algo tem necessariamente relação com a sua *justiça ou injustiça*. Na verdade, o objetivo do autor é salientar com sua expressão que o “espírito da lei prevalece sobre sua letra”. Ora, o espírito da lei é exatamente aquilo que exprime a *finalidade* da mesma lei, e a letra da lei é exatamente aquilo que exprime o *meio* pelo qual a lei é posta e pelo qual se procura atingir a sua finalidade de modo geral. Porém, pode haver exceção, notadamente quando do estado de necessidade. Nesta chave é que devemos compreender a escolha da expressão pelo autor do catecismo. [nota da tradução brasileira]

+ *O princípio do estado de necessidade é afirmado por teólogos?*

O princípio do estado de necessidade é notadamente exposto por Santo Tomás de Aquino, que lembra o adágio tradicional: *a necessidade dispensa da lei*.<sup>419</sup>

+ *A crise que devasta, atualmente, a Igreja necessitava, verdadeiramente, da sagração de Bispos sem a autorização do Papa?*

Todo membro da Igreja tem o direito de dela receber a Doutrina e os Sacramentos de que tem necessidade para se salvar. Se, pois, sua hierarquia normal (padre, Bispo, etc.) não cumpre seu dever, o fiel se encontra num estado de necessidade, que lhe permite se dirigir a qualquer sacerdote católico (por causa da necessidade, esse sacerdote recebe então da Igreja, para se ocupar desse fiel, o que se chama *jurisdição de suplência*). Na crise atual, essa jurisdição dá aos sacerdotes tradicionais o poder de batizar, confessar, officiar matrimônios, etc. de fiéis que, normalmente, não dependeriam desses sacerdotes. Mas como durava a crise, e como são necessários Bispos para dar os Sacramentos da Ordem e da Crisma, Monsenhor Lefebvre viu-se<sup>420</sup> também na necessidade de sagrar Bispos católicos para responder às necessidades das almas.

---

<sup>419</sup> *Necessitas legem non habet* – Santo Tomás de Aquino, III, q.80, a.8.

<sup>420</sup> É bom ressaltar que, se Dom Lefebvre permitisse a cessação de ordenações sacerdotais de homens não contaminados pelo neomodernismo reinante em todos os seminários então aprovados pelo Papa [ que, aliás, propagavam todas as novidades conciliares e pós-conciliares ilegítimas e somente ordenam, até hoje, candidatos que a estas aquiesçam], estaria pecando por omissão contra um dever de estado [e aí está a *necessidade* que o *constrangia* a sagrar Bispos que recusassem essas ilegítimas novidades e que tivessem a disposição de *garantir* – diante da omissão do próprio Papa - a ordenação sacerdotal de bons candidatos, os quais, por sua vez, poderiam atender à necessidade de fiéis desamparados e desorientados pela prédica errônea de seus Bispos e padres diocesanos. Necessidade esta que é: recepção i) de Sacramentos legítimos; e ii) da Sã Doutrina íntegra, inviolada, livre dos erros conciliares], ao deixar tanto a pregação da Sã Doutrina, quanto a dispensação de Sacramentos legítimos perderem grande terreno, o que equivaleria à recusa em prover a necessidade de muitos fiéis que pediam justo socorro e, também, à colaboração na obra materialmente neomodernista de auto-demolição da Igreja. O ato de Dom Lefebvre, ademais, garantiu a sobrevivência da possibilidade de os fiéis continuarem a assistir à Missa tradicional, já que, em 1988, para

+ *Monsenhor Lefebvre escapava, ao sagrar esses Bispos, da pena de excomunhão?*

O cânon 1323 §4º do Novo Código de Direito Canônico (que retoma, em substância, o cânon 2205 §2º do Código tradicional) prevê que: “Não é passível de nenhuma pena a pessoa que, quando violou a lei ou um preceito (...), agiu impulsionada pela necessidade ou para evitar um grave inconveniente”. Ora, tal era, evidentemente, o caso de Monsenhor Lefebvre.

+ *Se Monsenhor Lefebvre tivesse se enganado, estimando que houvesse necessidade, sua excomunhão seria válida?*

O Novo Código de Direito Canônico faz escapar à pena de excomunhão, não apenas aquele que se acha num caso *real* de necessidade; mas também aquele que *pensa* estar em um tal caso, sem que essa convicção seja resultado de uma culpa de sua parte (Canon 1323 §7º). Em conseqüência, mesmo caso se recusasse admitir a existência *real* da necessidade, permanecia indiscutível que Monsenhor Lefebvre *pensava*, ele, estar num tal caso, e que, segundo o Novo Código (em vigor no momento das sagrações), não é, pois, passível de nenhuma pena<sup>421</sup>.

+ *As autoridades oficiais admitiram esse argumento da necessidade desenvolvido por Monsenhor Lefebvre?*

As autoridades atuais jamais reconheceram *publicamente* o bem-fundado da argumentação de Monsenhor Lefebvre, uma vez que pretenderam excomungá-lo. Mas, na prática, parecem, com freqüência, não acreditarem, elas mesmas, nessa excomunhão – ou ao menos estarem divididas sobre o assunto. [Nota da Tradução: e isso ficou tanto

---

celebrá-la com a aprovação de João Paulo II, era necessário o compromisso torpe de aceitar a legitimidade da Missa de Paulo VI e todos os ensinamentos do Concílio Vaticano II; isto é, o compromisso de aceitar o erro ao lado da Verdade, inaceitável, pois que – parafraseando o Aquinate - “*Bonum ex integra causa*”. (nota da tradução brasileira).

<sup>421</sup> Para uma discussão mais profunda deste argumento, ver *Le Sel de La terre* nº24, p.50-67. – Sobre a legitimidade das sagrações de 1988, ver o estudo do padre Mura nos números 4, 5,7 e 8 de *Le Sel de La terre*, assim como a brochura do padre François Pivert, *Des sacres de Mgr. Lefebvre...Un schisme?*, Fideliter,1988.

mais evidente depois do Decreto da Congregação dos Bispos, de 21 de janeiro de 2009, que privou o Decreto de 01 de julho de 1988 dos seus efeitos jurídicos].

**99. A Fraternidade Sacerdotal São Pio X tem uma noção falsa da Tradição?**

**Reprova-se, hoje, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X por ter uma noção por demais estática da Tradição. A Roma Conciliar lhe opõe a “Tradição Viva”<sup>422</sup> – o adjetivo “viva” querendo sugerir que a Tradição pode evoluir como qualquer ser animado. Mas está justamente aí o erro modernista do *historicismo*: a Verdade doutrinal nunca poderia ser atingida de modo definitivo, mas seria percebida e expressa de modo diferente no curso dos diferentes séculos. Esse erro foi condenado pelos Papas Pio XII e São Pio X.**

+*Esse erro do historicismo está, verdadeiramente, presente em Roma hoje?*

Monsenhor Lefebvre, com frequência, contava que, quando falava com o Cardeal Ratzinger ou com outras personalidades romanas, e, quando invocava tal condenação trazida por Pio IX, ou tal definição dogmática do Concílio de Trento, escutava seu interlocutor responder-lhe: “Mas, Monsenhor, não vivemos mais no tempo de Pio IX; não estamos mais na época do Concílio de Trento...”.

+*Não é normal que as tradições evoluam de acordo com o tempo?*

É muito necessário distinguir *a* Tradição (com um T maiúsculo) e *as* tradições. A primeira é imutável, enquanto que as segundas podem conhecer uma certa mudança.

---

<sup>422</sup> Assim, por exemplo, João Paulo II, em seu Motu Proprio *Ecclesia Dei*, de 02 de julho de 1988, (excomungando Monsenhor Lefebvre), denuncia, “na raiz” da resistência tradicionalista, “uma noção incompleta e contraditória da Tradição”. Assinala que essa noção seria *incompleta* “porque não leva suficientemente em conta o caráter *vivo* da Tradição, que, como o ensinou claramente o Concílio Vaticano II, manifesta-se na Igreja sob a assistência do Espírito Santo (DS 4822).” Essa noção seria *contraditória* no que se oporia ao Magistério Universal da Igreja. (sobre esta última observação, recapitular as perguntas 19 e 31 deste catecismo).

+ *O que é a Tradição?*

A Tradição (com um T maiúsculo) é a Tradição apostólica; isto é, o Depósito da Fé, que foi confiado, de uma vez por todas, aos Apóstolos e que o Magistério deve transmitir e proteger até ao fim do mundo.<sup>423</sup>

+ *A Tradição é absolutamente imutável ?*

O Depósito Revelado por Deus e transmitido pela Tradição é absolutamente imutável, já que a Revelação se encerrou com a morte do último Apóstolo.<sup>424</sup> Mas esse Depósito imutável é expresso de modo cada vez mais preciso pelo Magistério, que o inventoria e que o classifica, ao mesmo tempo em que o transmite e em que o defende.

+ *Há então uma evolução do ensinamento da Igreja?*<sup>425</sup>

Preferivelmente a evolução (palavra muito ambígua), deve-se falar de *desenvolvimento*. E é necessário precisar que esse desenvolvimento é *homogêneo*; isto é, sem mutação: é somente o desdobramento do que estava incluído desde o princípio e que um tipo de compressão impedia de ser plenamente visível<sup>426</sup>.

+ *Isso não permite dizer que a Tradição seja viva?*

A Tradição é viva no sentido de que o Depósito Revelado deixado pelos Apóstolos não é transmitido somente de modo morto, em escritos; mas também por pessoas *vivas* que têm autoridade para defendê-lo, dar-lhe o devido valor e fazer que

---

<sup>423</sup> Ver a pergunta nº 8 deste catecismo.

<sup>424</sup> Consulta a 21ª proposição condenada pelo Papa São Pio X no Decreto *Lamentabili* (DS 3421).

<sup>425</sup> Para aprofundar o tema, sugerimos a leitura de duas obras-primas sobre o assunto: a primeira do Cardeal Newman, *Essay on the development of Christian Doctrine*. A segunda, do Cardeal Franzelin, o tratado *De Traditione Divina*. Este último existe em francês: <http://www.laportelatine.org/accueil/communic/2008/franzelin/franzelin.php> [nota da tradução brasileira]

<sup>426</sup> Ver a pergunta nº 12 deste catecismo, assim como o estudo de Monsenhor Tissier de Mallerai: "A Tradição viva e combativa" (*Le Sel de La Terre* nº 30, p.16-32).

seja *vivido* pela Fé (é a função do Magistério). Mas, permanece o fato de que esse Depósito é, este mesmo, *imutável*. A Verdade não muda, e nada do que foi uma vez definido pelo Magistério pode, em seguida, ser modificado. A expressão “Tradição viva”, com frequência compreendida como uma Tradição cambiante e evolutiva, é, pois, hoje, particularmente perigosa.

+ *Quais são, na Igreja, as tradições que existem, além da Tradição apostólica?*

Todas as práticas de piedade, regras de institutos de vida consagrada, métodos de apostolado, leis e costumes litúrgicos ou jurídicos que são transmitidos na Igreja sem terem sido diretamente instituídos por Deus, no tempo dos Apóstolos, são tradições eclesiásticas, distintas da Tradição no sentido estrito.

+ *Todas essas tradições eclesiásticas podem, pois, mudar?*

As tradições eclesiásticas não são tão imutáveis quanto a Tradição revelada, e, de fato, lentamente evoluíram no curso do tempo. Mas aquelas são a herança dos Santos e a expressão da sabedoria da Igreja (Ela própria guiada pelo Espírito Santo). Seria, pois, ímpio e muito imprudente trazer brutais mudanças às mesmas sem motivo proporcional.

+ *Não há, todavia, nos “tradicionalistas” um apego excessivo e rígido demais à tradições eclesiásticas, que, apesar de tudo, são humanas?*

Um tal “tradicionalismo” rigorista e exagerado que pretendesse engessar todas as formas exteriores e que recusasse qualquer adaptação às necessidades contemporâneas pode até existir (encontra-se em alguns cismáticos orientais ditos “ortodoxos”). Mas, não foi a atitude nem de São Pio X, nem de Monsenhor Lefebvre, que, ao contrário, souberam unir, intimamente, a fidelidade ao passado da Igreja e a adaptação às necessidades de sua época. Ademais, o combate anti-modernista, que um e outro conduziram (e que conduzem ainda hoje os que levam o nome de “tradicionalistas”), não repousava essencialmente sobre tradições humanas; mas sim sobre a Tradição revelada, objeto da virtude de Fé. A resistência tradicionalista não é, antes de tudo, uma questão de latim, de batina ou de rubricas litúrgicas; mas sim uma questão de Fé.

+ *Como São Pio X conciliou fidelidade ao passado e adaptação às necessidades presentes?*

São Pio X, que condenou tão severamente o modernismo, foi, ao mesmo tempo, um grande Papa reformador: reformou o Breviário e a música da Igreja; foi o primeiro a preparar um Código de Direito Canônico claro e completo, e, com seus dois decretos sobre a Comunhão, eliminou as últimas influências do jansenismo. E aqui só se trata das suas principais reformas. Desde o Concílio de Trento, nenhum pontificado havia, sem dúvida, promovido tantas reformas quanto o de São Pio X !!! Porém, foram reformas inspiradas por um zelo verdadeiramente sobrenatural, sem nenhum desprezo pelo passado, e visando, apenas, a criar melhores condições para a ação da Igreja no mundo moderno, em vista da salvação das almas.

+ *Pode-se, sobre esse tópico, comparar Monsenhor Lefebvre a São Pio X?*

Monsenhor Lefebvre agiu exatamente como São Pio X. Tanto quanto se apegava à Tradição com T maiúsculo (que nos transmite o Depósito da Fé), sabia ser empreendedor e inovador nos métodos de apostolado. Sua biografia fornece múltiplos exemplos disso.<sup>427</sup>

+ *De onde vem essa expressão “Tradição viva” hoje utilizada contra os tradicionalistas?*

A expressão “Tradição viva” vem de um texto de Vaticano II (*Dei Verbum* nº12) e evoca uma tradição evolutiva.<sup>428</sup> Na perspectiva modernista, o papel do Magistério não é o de conservar o Depósito da Revelação; mas o de assegurar a “comunhão” eclesial (tanto no espaço, quanto no tempo). A fidelidade à Tradição não é mais, pois, primeiramente a fidelidade a um Depósito transmitido desde os Apóstolos; mas muito mais a docilidade para com o que o Papa, garante da unidade, diz *hoje*.

---

<sup>427</sup> Ver *Marcel Lefebvre, une vie*, por Monsenhor Tissier de Mallerai, Étampes, Clovis, 2002, notadamente, p.199-202.

<sup>428</sup> Sobre essa noção de “Tradição viva” em *Dei Verbum*, ver *Le Sel de La terre* nº55, p.29-33. (nota dos editores franceses).

+*Encontra-se essa nova noção de “Tradição viva” no ensinamento de Bento XVI?*

A noção de “Tradição viva” está onipresente no ensinamento de Bento XVI. Numa alocução de 26 de abril de 2006, por exemplo, apresenta a Tradição como “a atualização permanente, na força do Espírito, da comunhão [eclesial] original” e explica:

“A Tradição é a comunhão dos fiéis em torno dos pastores legítimos no curso da história; uma comunhão que o Espírito Santo alimenta, assegurando a ligação entre a experiência da fé apostólica, vivida na comunidade original dos discípulos, e a experiência atual de Cristo na Sua Igreja”.<sup>429</sup>

+ *O que se destaca nessa definição de Tradição?*

Sob pretexto de ressaltar o caráter *vivo* da Tradição (“A Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre vivas” disse ainda o Papa), deixa-se de lado o *conteúdo* essencial dessa Tradição: a Verdade Revelada, que é imutável.

+ *O que é necessário responder contra essa nova noção da “Tradição viva”?*

Basta responder com São Paulo:

“Se eu mesmo ou um anjo vindo do céu vos anunciasse um Evangelho diferente do que nós vos pregamos, seja anátema !” (Gl 1,8).

**100. *Não teria sido possível continuar a caminhar com Roma?***

**O simples bom senso indica – e a experiência confirma – que é, atualmente, impossível viver plenamente e defender a Fé Católica, sendo, ao mesmo tempo, aprovado pela Roma Conciliar<sup>430</sup>. Depois das sagrações episcopais de 1988, Roma concedeu a celebração da antiga Liturgia a algumas comunidades; mas estas devem, em contrapartida, reconhecer a Missa Nova como um rito plenamente**

---

<sup>429</sup> ORLF nº18 (02.05.2006), p.12.

<sup>430</sup> **AQUI DEVE SER POSTA A DEFINIÇÃO DA EXPRESSÃO “ROMA CONCILIAR” com a observação que se trata de nota da nossa tradução.**

**legítimo e abster-se de qualquer crítica em relação a Vaticano II. É-lhes preciso aceitar, em particular (ou, ao menos, não criticar) a liberdade religiosa e o ecumenismo. Um tal silêncio constitui, em si, uma cumplicidade culpável.**

+ *Quais são essas comunidades que obtiveram a Liturgia tradicional em troca de seu silêncio sobre os erros de Vaticano II?*

As comunidades que obtiveram a Liturgia tradicional em troca de seu silêncio sobre os erros de Vaticano II são, em particular, a Fraternidade São Pedro (nascida de uma cisão da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, em 1988), o Instituto Cristo-Rei (fundado pelo padre Wach em Gricigliano, perto de Florença); o Mosteiro beneditino do Barroux (cooptado desde 1988); a Fraternidade São Vicente Ferrer, em Chéméré (bruscamente saída do sedevacantismo à cooptação conciliar no momento em que Monsenhor Lefebvre conduzia tratativas com Roma em 1987); o Instituto de Opus Mariae (padre Wladimir); as dominicanas professoras do ramo de Pontcallec (fundado pelo padre Berto) e, enfim, mais recentemente, a Administração Apostólica São João Maria Vianney, em Campos dos Goytacazes, no Brasil (dirigida por Monsenhor Rifan, e cooptada desde 2002). – Essas comunidades são geralmente designadas com o nome global de “comunidades *Ecclesia Dei*”.

+ *Por que todas essas comunidades levam o nome genérico de “comunidades *Ecclesia Dei*”?*

Essas comunidades levam o nome genérico de “Comunidades *Ecclesia Dei*”, pois a maior parte delas dependem da Comissão de mesmo nome, criada em Roma, quando das sagrações episcopais de 1988, para recuperar os desertores da Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

+ *O que manifesta esse nome “*Ecclesia Dei*”?*

As palavras “*Ecclesia Dei*” constituem o título do documento que excomungou Monsenhor Lefebvre: pode-se, pois, dizer que todas essas comunidades foram estabelecidas em cima dessa excomunhão e beneficiam-se assim – mesmo que o neguem - do ato heróico de Monsenhor Lefebvre em 30 de junho de 1988. Se o fundador de Écône não tivesse, primeiro, anunciado (29 de maio de 1987) e depois efetuado (30 de junho de 1988) essas sagrações episcopais, a Roma Conciliar nunca teria outorgado a Liturgia tradicional a todas essas comunidades.

+ *Por que a Roma Conciliar ficou tão incomodada com as sagrações?*

A Roma Conciliar ficou muito incomodada com essas sagrações episcopais porque garantiam a sobrevivência da Tradição. Podia-se pensar, até então, que a reação tradicionalista se extinguiria por si mesma quando não tivesse mais Bispo para ordenar seus sacerdotes. Monsenhor Lefebvre estando já idoso, era apenas uma questão de tempo – e toda a estratégia da Roma Conciliar consistia em tentar ganhar esse tempo. As sagrações de 1988 inverteram a relação de força. Apesar de terem abandonado Monsenhor Lefebvre, as comunidades *Ecclesia Dei* tiveram proveito daquelas. Roma lhes outorgou a Liturgia tradicional para separá-las de Monsenhor Lefebvre.

+ *As comunidades Ecclesia Dei reconhecem que devem sua prosperidade às sagrações de 1988?*

Sendo toleradas apenas na medida em que se separaram ostensivamente dele, as comunidades *Ecclesia Dei* evitam, geralmente, reconhecer o que devem a Monsenhor Lefebvre. Alguns leigos, todavia, têm uma maior liberdade de palavra. Em 2006, o diretor do *Remnant* – jornal do círculo *Ecclesia Dei* nos Estados Unidos – publicamente reconheceu que a Fraternidade Sacerdotal São Pio X era como o contrapeso que permitia às comunidades *Ecclesia Dei* existirem e desenvolverem-se. Por conseguinte, e muito logicamente, declarava não torcer, naquele momento, por um acordo entre a Roma Conciliar e a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, pois esse deslocamento do contrapeso arriscaria enfraquecer todo o movimento tradicionalista.

+ *Todas essas considerações não são por demais humanas?*

É o próprio ao Vaticano II ter substituído a afirmação corajosa da Fé Católica pela tática, pela diplomacia e pelo diálogo (os textos sobre a liberdade religiosa e sobre o ecumenismo são disso a mais clara manifestação). Ao contrário, Monsenhor Lefebvre sempre foi conduzido por considerações de Fé. Só procedeu às sagrações de 1988 para continuar a transmitir a Fé e os Sacramentos católicos. Sempre guardando essa mesma perspectiva, não é proibido constatar que a Fé do fundador de Ecône – que recusava se enfrontar nas astúcias humanas – revelou-se, finalmente, muito mais hábil do que todas as manobras dos diplomatas do Vaticano.

+*As sagrações episcopais de 1988 podem ser, pois, consideradas como uma grande vitória da Tradição católica?*

Sim, as sagrações episcopais de 1988 constituem uma grande vitória da Igreja. Salvaram a Missa tradicional. O progresso lento, mas real, desta, no seio da Igreja é incontestavelmente um fruto seu.

+*Se, pois, a vitória foi conseguida, o que impede, hoje, de se reconciliar com as autoridades romanas?*

As sagrações de 1988 contribuíram para salvar a Tradição católica não somente, ao assegurar a transmissão do Sacramento da Ordem – e, pois, da Missa e dos Sacramentos tradicionais – mas também, ao proteger dos erros conciliares uma pequena parte do rebanho da Igreja. Ora, esses erros conciliares continuam a arruinar a Igreja, e reinam em Roma mesma. Para continuar a se proteger eficazmente, é então necessário manter as necessárias distâncias das autoridades romanas. A vitória definitiva ainda está por vir.

+ *Não se poderia continuar a resistir aos erros conciliares sem, todavia, permanecer assim afastado das autoridades legítimas da Igreja?*

Em tempo de epidemia, a mais elementar prudência exige separar rigorosamente os doentes dos saudáveis. Uma certa comunicação permanece indispensável (para curar esses doentes); mas está limitada o máximo possível e é rodeada por grandes precauções. É igual, na situação atual: não se pode freqüentar de modo habitual as autoridades conciliares sem se expor a contrair os seus erros. O exemplo das comunidades *Ecclesia Dei* é a prova manifesta disso.

+ *Os membros das comunidades Ecclesia Dei verdadeiramente admitiram os erros conciliares ou apenas se calam com relação aos mesmos?*

Sem pretender julgar do foro interno, nem das exceções possíveis, parece que a maior parte dos membros das comunidades *Ecclesia Dei* acabaram, infelizmente, aliás, por aderir aos erros conciliares. Começaram por um silêncio que julgavam prudente. Tiveram que, cada vez mais, dar garantias. Foram submetidos, sem mesmo se darem conta, à pressão psicológica do liberalismo – tanto mais eficaz quanto parecer menos

coercitiva. Acabaram por se proibirem a si mesmos de pensarem diferentemente de como agiam e daquilo que diziam (“por força de não viver como se pensa – disse Paul Bourget – acaba-se por pensar como se vive”). Rapidamente, caíram inteiramente dentro da engrenagem em que haviam, imprudentemente, posto o dedo.

*+Essa aceitação dos erros conciliares é comum a todas as comunidades Ecclesia Dei?*

Há, sem dúvida, nuances; mas, de modo geral, todas as comunidades *Ecclesia Dei* hoje aderem aos erros conciliares. Quando de sua cooptação de julho de 1988, o Barroux havia, publicamente, posto como condição: “Que nenhuma contrapartida doutrinal ou litúrgica seja exigida de nós, e que nenhum silêncio seja imposto *a nossa pregação anti-modernista*”.<sup>431</sup> Ora, desde o mês de outubro seguinte, um monge constatava “uma certa relativização da crítica de *Dignitatis humanae* e de Assis”<sup>432</sup> no seio do Mosteiro. De fato, o Barroux viria mesmo a tentar, publicamente, justificar os

---

<sup>431</sup> Sinal verde para o Mosteiro do Barroux. Declaração de Dom Gérard”, *Présent*, 18 de agosto de 1988.

<sup>432</sup> Carta do padre Joseph Vannier (ex-sub-prior do Barroux) a Dom Gérard, à época prior, 25 de outubro de 1988, *Fideliter* nº67, janeiro-fevereiro de 1989, p.14.

erros de Vaticano II.<sup>433</sup> A Fraternidade São Pedro que pretendia, no início, continuar exatamente o que fazia a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (exceto as sagrações episcopais) sofreu a mesma involução.

+ *As comunidades Ecclesia Dei não permanecem firmes, pelo menos, na Liturgia?*

Longe de resistirem firmemente, todas as comunidades *Ecclesia Dei* mais ou menos aceitaram a nova Liturgia, que evitam, em todo caso, atacar francamente: Dom Gérard (prior do Barroux) teve que concelebrar a Missa nova com o Papa (em 27 de abril de 1995). O padre Wach (superior do Instituto Cristo-Rei) já havia feito o mesmo (21 de dezembro de 1991)<sup>434</sup>. Monsenhor Rifan também concelebrou a Missa nova (08 de setembro de 2004). A Fraternidade São Pedro teve que aceitar o princípio da concelebração da missa crismal (da Quinta-Feira Santa) com os Bispos das dioceses onde está estabelecida (reunião de Rocca di Papa, 08 a 12 de fevereiro de 2000).<sup>435</sup> A Fraternidade São Vicente Ferrer é um pouco mais reservada: propugna “somente” a

---

<sup>433</sup> Desde 1993, o Barroux tenta justificar o Novo *Catecismo* da Igreja Católica (sobre essa má justificação, ver *Le sel de La Terre* nº9, p.175-188); o padre Basile (do mesmo Mosteiro) se empregou em justificar a liberdade religiosa de Vaticano II em uma tese “monumental” de 2960 páginas (ver *Le Sel de La terre* nº30, p.202-207). Ele reconhece que os outros autores que haviam, até então, tentado conciliar *Dignitatis humanae* com a Tradição (o padre Lucien, o padre Harrison, o padre Margerie, o padre De Saint-Laumer, etc.) não tinham sido bem-sucedidos; mas pensa, ele, ter encontrado a solução. Durante vários anos, a tese do padre Basile seria assim apresentada, nos meios *Ecclesia Dei*, como a prova de que é possível conciliar Vaticano II com a Tradição. Infelizmente, um outro monge do Barroux, o padre Jehan, publicou em 2004 um memorial em Direito Canônico, provando que a tese do padre Basile sofre de um vício “fatal”: falsifica radicalmente o ensinamento de Santo Tomás de Aquino sobre a noção do “Direito” (ver *Le Sel de La terre* nº56, p.180-187). – Em vez de pregar o Cristo-Rei, os “cooptados” empregam-se assim em defender Vaticano II em trabalhos que se contradizem uns aos outros e que só fazem aumentar a confusão generalizada.

<sup>434</sup> Fotografia em *Le Sel de La terre* nº21, p.182.

<sup>435</sup> Sobre essa reunião importante de Rocca di Papa, ver o testemunho de Jonathan White em *Le Sel de La terre* nº41, p.226-233.

assistência em hábito de coro e a comunhão, na missa crismal da Quinta-Feira Santa<sup>436</sup>(mas é já aí uma participação litúrgica e, pois, uma aceitação dessa Missa nova).

+ *Em contrapartida a esses compromissos, as comunidades Ecclesia Dei obtêm, ao menos, vastas possibilidades de apostolado?*

A situação é bem diferente conforme o país (e, na França, conforme a diocese); mas a maioria dos Bispos permanece muito restritiva quanto às comunidades *Ecclesia Dei*. Mesmo aqueles que não lhes são hostis demais hesitam em acolhê-las, porque temem as reações do seu clero ou de leigos “engajados”. Roma teme, de sua parte, a reação dos Bispos. A situação das comunidades *Ecclesia Dei* seria de uma extrema fragilidade sem o contrapeso da Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

+ *O que manifesta, em definitivo, essa situação?*

A situação das comunidades *Ecclesia Dei*, que são pressionadas a abandonar, cada vez mais, a doutrina tradicional, e que, todavia, somente são aceitas com muitas restrições nas diferentes dioceses confirma, à evidência, a existência daquele “estado de necessidade” que Monsenhor Lefebvre invocava para justificar as sagrações de 1988. Hoje como naquela época, é impossível, para aqueles que querem defender integralmente a Fé Católica, colaborar com Roma. Porém, esta situação não durará indefinidamente, Nosso Senhor o prometeu: *As portas do inferno não prevalecerão contra Ela* (Mt 16,18).

---

<sup>436</sup> *Sedes sapientiae* nº68, p.3-30. Ver sobre o assunto *Le Sel de La terre* nº32, p.217-219.

## **CONTRACAPA**

Em seu *Catecismo católico da crise na Igreja*, padre Matthias Gaudron começa por fazer a constatação evidente de uma crise profunda de Fé na Igreja, antes mesmo de definir o que é a Fé em si mesma.

Aborda, em seguida, a questão do Magistério e do Concílio Vaticano II, interrogando-se mais particularmente sobre o grau de autoridade deste último. Apresenta e refuta, detalhadamente, os principais erros desse Concílio - notadamente, a sua “liberdade religiosa” e o seu ecumenismo. Detém-se sobre a Missa nova, promulgada por Paulo VI em 1969, sobre alguns ataques ao sacerdócio católico e sobre os novos Sacramentos. Enfim, dedica-se ao tema: Fraternidade Sacerdotal São Pio X e Monsenhor Lefebvre.

Na crise atual, este livro é um verdadeiro compêndio das Verdades atacadas pelos erros modernos. Coloca em plena luz, de um modo particularmente esclarecedor, a posição que deve ser sustentada para se permanecer fiel à Igreja.

A apresentação sob forma de perguntas e respostas tem o mérito de tornar o raciocínio do autor facilmente acessível e de assim permitir, a todos, uma boa compreensão sobre a crise e sobre os seus remédios.